

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

LIGIA GOMES DE MENEZES SILVA

**A VILA DO ESTEVÃO E A DINÂMICA DO TURISMO EM CANOA QUEBRADA –
ARACATI (CEARÁ): CULTURA, TERRITÓRIO E ATIVIDADES ECONÔMICAS**

Rio Claro – São Paulo

2013

LIGIA GOMES DE MENEZES SILVA

**A VILA DO ESTEVÃO E A DINÂMICA DO TURISMO EM CANOA QUEBRADA –
ARACATI (CEARÁ): CULTURA, TERRITÓRIO E ATIVIDADES ECONÔMICAS**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Rio Claro, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Auro Aparecido Mendes

Rio Claro – SP

2013

338.4791 Silva, Lúcia Gomes de Menezes.
S586v A Vila do Estevão e a dinâmica do turismo em Canoa Quebrada/ Lúcia
Gomes de Menezes Silva – Rio Claro, 2013.
215f. : il., gráfs., tabs., mapas

Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Geociências e Ciências Exatas
Orientador: Auro Aparecido Mendes
Co-orientador: Marcelo Santos Marques

1. Turismo. 2. Globalização. 3. Redes. I. Título.

LIGIA GOMES DE MENEZES SILVA

**A VILA DO ESTEVÃO E A DINÂMICA DO TURISMO EM CANOA QUEBRADA –
ARACATI (CEARÁ): CULTURA, TERRITÓRIO E ATIVIDADES ECONÔMICAS**

Tese de Doutorado apresentado ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Rio Claro, como requisito para a obtenção do Título de Doutor em Geografia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Auro Aparecido Mendes – Orientador

Profa. Dra. Silvia Aparecida Guarniere Ortigosa

Profa. Dra. Odaléia Telles Maecondes Machado Queiroz

Prof. Dr. Lélío Galdino Rosa

Profa. Dra. Angelita Matos Souza

Rio Claro, SP ____ de _____ de _____.

Dedico este trabalho ao meu pai, em memória, que sempre nos estimulou a buscar o conhecimento e à minha mãe pela sua dedicação aos seus filhos.

Ao meu esposo, José Maria e aos meus filhos Juliana, Pedro Ivo e Lorena.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, por ter oportunizado minha participação no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista.

À minha família, que me apoiou e compartilhou comigo todos os momentos da realização deste trabalho.

Manifesto minha profunda gratidão à Coordenação do Programa do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista de Rio Claro que me acolheu como doutoranda.

Ao Instituto Federal de Educação Tecnológica do Ceará (IFCE), que oportunizou aos professores desta Instituição de Ensino à realização de mais esta etapa acadêmica.

Aos mestres do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, que disponibilizaram o seu tempo para ministrar aulas para mestrandos e doutorandos em nossa cidade. Meu respeito e admiração pelo zelo e ajuda inestimável do meu orientador Prof. Dr. Auro Mendes.

Aos meus amigos e colegas de trabalho, que trilharam o mesmo caminho de construção e reconstrução da Geografia. Declaro minha gratidão a minha amiga de longas datas, Antonia Cavalcante, que tem acompanhado minha trajetória acadêmica e ao meu amigo e co-orientador Prof. Dr. Marcelo Santos Marques.

À comunidade da Vila do Estevão, em Canoa Quebrada, que contribuiu com importantes informações elucidativas sobre os impactos do turismo socioeconômico e cultural em Canoa Quebrada, assim como pelo acolhimento que me foi dispensado.

RESUMO

A presente tese trata do turismo em Canoa Quebrada: com o objetivo de analisar a dinâmica do turismo em Canoa Quebrada e a preservação da cultura na Vila do Estevão. As possíveis mudanças e transformações socioeconômicas e culturais, advindas de uma rede de interesses econômicos, que se instalou nesse lugar. A escolha do objeto investigativo deveu-se ao questionamento dos nativos sobre as mudanças nas redes socioculturais que exigiram a reorganização do espaço geográfico e, em especial, do espaço sociocultural de Canoa Quebrada. No referencial teórico se destacam vários autores e estudos da Geografia e do Turismo, dentre eles, o geógrafo, Milton Santos e, na área do turismo, Rita de Cássia Cruz, além de outros estudiosos que contribuíram com a construção da base teórica desta tese de doutorado. Foi realizada uma pesquisa empírica, que se desenvolveu mediante a aplicação de entrevistas e observações no espaço físico natural, socioeconômico e cultural, com a população da Vila do Estevão. A pesquisa atingiu o objetivo, pois se percebeu um processo de mudanças ocorridas em Canoa Quebrada, desde que esta área se transformou em um espaço turístico. Os próprios moradores destacaram diversos problemas desencadeados, no lugar, além de outros que não estão associados ao turismo. A população do Estevão, mediante essa realidade, apontou sugestões para minimizar os principais problemas desencadeados e melhorar a vida da população de Canoa Quebrada e da própria Vila.

Palavras-chave: Cultura, Turismo, Globalização, Território, Redes

ABSTRACT

This thesis deals with tourism in Canoa Quebrada: in order to analyze the dynamics of tourism in Canoa Quebrada and the preservation of culture in the town Vila do Estevão. Possible changes and socioeconomic and cultural transformations, resulting in a network of economic interests, who settled in this place. The choice of the object due to the investigative questioning the natives about the changes in the socio-cultural networks that required the reorganization of the geographic space and in particular the sociocultural space of Canoa Quebrada. In theoretical stand several authors and studies of Geography and Tourism, among them, the geographer Milton Santos and in tourism, Rita Cruz, and other scholars who contributed to the construction of the theoretical basis of this thesis doctorate. We also carried out an empirical research that has developed through the application of interviews and observations in space natural, socioeconomic and cultural, with the population of the Vila do Estevão. The survey reached the goal, since it was realized a process of changes in Canoa Quebrada, since this area became a space tourist. The residents themselves have realized several problems triggered, in place, and others that are not associated with tourism. The population of Stephen, by this fact, pointed suggestions to minimize the main problems triggered and improve the lives of people of Canoa Quebrada and the village itself.

Keywords: Culture, Tourism, Globalization, Territory, Networks.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Visão aproximada de Ponta Grossa.....	74
Fotografia 2 - Antiga Vila de Canoa Quebrada.	75
Fotografia 3 - Falésia onde se assenta Canoa Quebrada.....	79
Fotografia 4 - Portal, mega empreendimento turístico. Porto Canoa.....	82
Fotografia 5 - Utilização de jangadas para passeio turístico na costa de...	84
Fotografia 6 - Placa indicativa da APA de Canoa Quebrada e da ARIE do Estevão.....	87
Fotografia 7 - Símbolo de Canoa Quebrada – Lua-Estrela.....	92
Fotografia 8 - Francisco Fernandes Pinto (Chico Elisiário).....	93
Fotografia 9 - Símbolo em calçadas.	94
Fotografia 10 - Falésia viva esculpida com o símbolo de Canoa Quebrada.	95
Fotografia 11- Antigo restaurante de Seu Adolfo de Gerardo Simonetti, 1980.	96
Fotografia 12 - Casa de visitantes de Canoa Quebrada.....	97
Fotografia 13 - Um dos becos de canoa Quebrada	98
Fotografia 14 – Intensa ocupação da falésia.....	99
Fotografia 15 - Construção no sopé da falésia.....	99
Fotografia 16 - Construção sobre as falésias.	100
Fotografia 17 - Caminho aberto na falésia.	101
Fotografia 18 - Mudança de atividade do pescador nativo que agora cuida de	102
Fotografia 19 - Comercialização de produtos na praia de Canoa Quebrada ...	103
Fotografia 20 - Rua Dragão do Mar (<i>Broadway</i>) com piso de areia batida e	105
Fotografia 21 - Rua Dragão do Mar/Broadway. Calçada em pedra portuguesa.	106

Fotografia 22 - Passeio de buggy com turistas na praia de Canoa Quebrada.	107
Fotografia 23 - Casa de taipa coberta com palha.	109
Fotografia 24 - Casa de taipa coberta com telha.	110
Fotografia 25 - Pessoa mais idosa da Vila do Estevão.	114
Fotografia 26 - Moradores da Vila do Estevão, fabricando e concertando.....	119
Fotografia 27 - Atividades ligadas diretamente ao turismo: Passeio de	120
Fotografia 28 - Atividades ligadas diretamente ao turismo: Passeio de	120
Fotografia 29 - Atividades ligadas diretamente ao turismo: Passeio de jangada.	121
Fotografia 30 - Festejo do dia de São Pedro.	128
Fotografia 31 - Comemoração de festa junina na Rua Dragão do Mar -.....	128
Fotografia 32 - A Rua Dragão do Mar com pavimento de areia e	129
Fotografia 33 - A <i>Broadway</i> com calçamento, tomada pelo comércio.	129
Fotografia 34 – Carpinas da Vila do Estevão. Jangada em fabricação.....	142
Fotografia 35 - Carpinas da Vila do Estevão. Finalização da jangada	143
Fotografia 36 - Pequena quantidade de peixe conseguida em uma pescaria.	144
Fotografia 37 - Nativo da Vila do Estevão tecendo rede de pesca.....	145
Fotografia 38 - Uso do <i>manzuá</i> na pesca artesanal da lagosta.	145
Fotografia 39 - Pesca realizada próximo à costa com paquetes.	147
Fotografia 40- Bordado no bastidor	156
Fotografia 41 - Bordado na grade, sendo concluído.	156
Fotografia 42 – Visão à distância da peça de labirinto.....	158
Fotografia 43 - Toalhas de banquete sendo esticada para secar.....	158
Fotografia 44 - labirinto bordado em organdi branco – Capa de almofadas	159
Fotografia 45 - Labirinto bordado em organdi bege. Caminho de mesa	159
Fotografia 46 - Visão panorâmica de Canoa Quebrada com destaque para a intensa	169

Fotografia 47 - Projeção contínua da falésia, no sentido norte sul, onde se localiza a Vila do Estevão.....	170
Fotografia 48 - Degradação ambiental. Destaque para a voçoroca aberta na falésia.....	172
Fotografia 49 - Visão lateral da falésia de Canoa Quebrada no passado.	173
Fotografia 50 - Visão frontal da falésia de Canoa Quebrada no passado.....	173
Fotografia 51- Visão frontal da Falésia de Canoa Quebrada atualmente.	174
Fotografia 52 – Visão da falésia de Canoa Quebrada atualmente.	174
Fotografia 53- Veículo estacionado na falésia/Vila do Estevão.	175
Fotografia 54- Concentração de turistas no topo da duna.....	176
Fotografia 55- Descida do topo da duna para a lagoa.....	176
Fotografia 56- Aplainamento da duna Por do Sol, pela intensa visitação dos	177
Fotografia 57 - Igreja de São Pedro: Destaque para o isolamento da área onde foi construída.	178
Fotografia 58- Aerogeradores de energia localizados na Vila do Estevão.	179
Fotografia 59- Circulação de <i>buggy</i> dentro da Vila do Estevão.	194

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Vias de acesso para o Município de Aracati/Canoa Quebrada.	77
Mapa 2 - Localização do Município de Aracati no Ceará e na América do Sul. .	78
Mapa 3 - Área da APA de Canoa Quebrada (sem escala).	85
Mapa 4 - Localização das comunidades de Canoa Quebrada e Estevão.	108

LISTA DE GRAFICOS

Gráfico 1 - Número de entrevistados por gênero	115
Gráfico 2 - Faixa etária da população feminina	115
Gráfico 3 - Faixa etária da população masculina	116
Gráfico 4 - Ocupação da população feminina.....	117
Gráfico 5 - Atividades desenvolvidas pelas mulheres	118
Gráfico 6 - Ocupação da população masculina.....	118
Gráfico 7 - Atividades desenvolvidas pelos homens.....	119
Gráfico 8 - População residente	122
Gráfico 9 - Tempo de residência.....	123
Gráfico 10 - Origem da população não nativa	124
Gráfico 11 - Família a que pertence a População nativa da Vila do Estevão ...	127
Gráfico 12 - Conceito da população sobre o Turismo	137
Gráfico 13 - Principais problemas de Canoa Quebrada.....	164
Gráfico 14 - Problemas vividos na saúde	165
Gráfico 15 - Problemas de segurança.....	166
Gráfico 16 - Problemas de ordem ambiental	168
Gráfico 17 - Outros problemas vividos pela população.....	168
Gráfico 18 - Sugestões para melhoria de vida.....	188
Gráfico 19 - Sugestões na área social	189
Gráfico 20 - Sugestões na área econômica.....	192
Gráfico 21 - Sugestão na área ambiental	193

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Impactos do turismo em Canoa Quebrada	141
---	------------

SUMÁRIO

TECENDO REDES	16
1 IDENTIFICANDO AS REDES	24
1.1 Procedimentos metodológicos	24
1.2 Globalização e Relações Local/Global	29
1.3 Turismo, uma contribuição geográfica	36
1.4 Geografia Econômica Cultural	43
2 TRAMAS NA REDE	47
2.1 Turismo no Nordeste	58
2.2 Turismo no Ceará.....	67
3 REDES E LABIRINTOS	74
3.1 História de Canoa Quebrada.....	74
3.2 Canoa Quebrada – localização, caracterização e ocupação da área.....	77
3.3 Área de Proteção Ambiental de Canoa Quebrada (APA) e Área de Relevante Interesse Ecológico do Estevão (ARIE).....	84
3.4 Turismo em Canoa Quebrada e as transformações no território	91
4.1 Resultados obtidos.....	114
Tabela 1 - Impactos do turismo em Canoa Quebrada	141
4.3 Canoa Quebrada: estruturas sociais transmutadas.....	164
4.4 Canoa Quebrada: uma associação de ideias	188
Fotografia 59- Circulação de <i>buggy</i> dentro da Vila do Estevão.	194
CONSIDERAÇÕES FINAIS	198
REFERÊNCIAS	203
APÊNDICE A	214

TECENDO REDES

Esta pesquisa foi realizada em Aracati, CE, com o objetivo de analisar a dinâmica do turismo em Canoa Quebrada e a preservação da cultura da Vila do Estevão. Analisaram-se as mudanças socioeconômicas e culturais provocadas pelo turismo em Canoa Quebrada e o nível de satisfação e de insatisfação da comunidade local, em relação às transformações advindas do turismo.

A Vila do Estevão é uma comunidade de pescadores que surgiu em Canoa Quebrada, em 1932, com a chegada da família Estevão. Distinta do núcleo central de Canoa Quebrada, que passou a sofrer fortes influências do turismo, a comunidade da Vila do Estevão, procurou valorizar e manter uma identidade coletiva que resgatasse as suas origens, com a manutenção, principalmente, da tradição cultural e da pesca. Essa ação política de resistência cultural corrobora com o pensamento de Corrêa (2010), referente ao encontro com as populações locais, suas identidades coletivas e representações simbólicas.

O objeto desta investigação foi a comunidade da Vila do Estevão, suas mudanças e transformações socioeconômicas e culturais, advindas de uma rede de interesses econômicos, que se instalou em Canoa Quebrada. Analisou-se a relação estabelecida, entre a população nativa e os visitantes, a satisfação e a insatisfação da comunidade local, quanto às transformações locais e aos danos gerados pelo turismo, nessa localidade.

A escolha por Canoa Quebrada, como *locus* desta investigação científica deveu-se aos conflitos e às contradições ambientais, socioeconômicos e culturais, gerados pela reorganização do espaço, desencadeado pelo turismo introduzido nesta região; por acreditar ser possível repensar a prática negativa desta atividade, de forma a apresentar uma contribuição a essa comunidade receptora e promotora do turismo; por se compreender que os atrativos turísticos estão vinculados a objetos simbólicos, não necessariamente visíveis, e espaços não vividos. Essa dimensão simbólica lhes confere uma característica única, portanto, é de certa forma incomparável com outros territórios turísticos. O ano de 1992 simbolizou a luta de resistência cultural e socioambiental e em 1997, consolida-se o nome de Canoa

Quebrada no calendário comercial do turismo internacional. Esse período se estabeleceu como elemento para delimitar a temporalidade do objeto investigado.

A problemática desta pesquisa encontra-se no questionamento da inserção da localidade de Canoa Quebrada na rota do turismo cearense traçada pelos interesses políticos e econômicos, globalizantes, impondo à Canoa Quebrada a construção de um novo espaço socioeconômico, cultural e ambiental e como os moradores percebem o processo de criação desse novo ambiente.

Pretende-se, com os resultados desta pesquisa, chamar a atenção dos governantes, para a problemática social, que se instalou nessa região, com o advento do turismo voltado para o desenvolvimento econômico. Solicitar providências para a minimização dos danos causados à Canoa Quebrada. Desejou-se também contribuir com o desenvolvimento de um turismo sustentável ¹, que, ao invés de destruir os processos socioambientais, historicamente construídos e mantidos pela população local, ajude a preservá-los, utilizando como prática o turismo de base comunitária e não, o turismo de massa como se vem praticando em Canoa Quebrada.

Nesta pesquisa, durante o processo investigativo, analisou-se a relação entre o turismo praticado em Canoa Quebrada e as mudanças socioeconômicas e culturais que dele decorreram.

Na análise dessa relação e das consequências dos impactos socioeconômicos e culturais para a população nativa da comunidade da Vila do Estevão, as seguintes indagações serviram de fio condutor no processo investigativo: de que forma, estas transformações socioeconômicas e culturais ocorreram em Canoa Quebrada? Quando aconteceu? Quais as principais alterações desencadeadas? Como os moradores têm vivenciado tais mudanças?

As respostas a esses questionamentos desvelaram a história dos moradores da Vila do Estevão e sua compreensão sobre a necessidade de valorização e de preservação de sua cultura e costumes.

¹ É um tipo de turismo em que cada membro e morador tem o poder de colaborar e definir os rumos do turismo no local e tornar as atividades mais justas, equilibradas e sustentáveis. Os visitantes têm a oportunidade de conhecer de perto a cultura e os hábitos da vida de cada morador (QUEIROZ, 2006)

No início deste processo investigativo, levantou-se a hipótese de que o turismo tem causado mudanças na economia e cultura de Canoa Quebrada e que o turismo é praticado sem que se preservem os interesses e os valores da população nativa. Apresentou-se, como objetivo, analisar a relação entre o turismo praticado em Canoa Quebrada/Vila do Estevão e as mudanças socioeconômicas, culturais e físico naturais que lhes são decorrentes.

Nessa perspectiva, a prática do turismo, ao invés de buscar transformar o espaço, deve se ajustar a ele, sem descaracterizar as culturas da comunidade nativas, adequando a gestão à dinâmica da sociedade, visando a preservar a comunidade, minimizando as implicações negativas e fortalecendo suas potencialidades.

A preocupação da mudança dos espaços naturais, das diferentes regiões da superfície da Terra em destinos turísticos e a forma mercantilizada como se desenvolveu, é observada por meio da Geografia, quando analisa questões geoeconômicas, ambiental e sociocultural, como mudanças de valores, crenças e a identidade da população.

Existem diversos tipos de turismo: os que se encaixam na ideia de lazer, em busca de lugares paradisíacos, que promovem o relaxamento e o descanso, o turismo de negócio e eventos, de interesse profissional, e também, os que provocam movimentações de pessoas pelo espaço, que se dá por outras motivações, como o 'turismo religioso', que apresenta uma atitude de fé, relacionada à identidade, a ritos e a valores.

A preservação desses espaços, transformados em atrativo turístico, deveria ter como elementos essenciais, a melhoria das condições básicas humanas e a preservação da natureza, para que cada paraíso ecológico e ambiental permaneça conservado. Essa política poderia garantir retorno, não só ao turista e à população nativa, mas também, ao empreendedor que não vê as condições socioambientais deteriorarem-se em curto prazo. A preservação das condições naturais de um lugar é importante para que a população local, não tenha seus espaços sociais, econômicos e culturais invadidos e para que os gestores e promotores do turismo

sempre contem com uma demanda de visitantes, que garanta o objetivo econômico da atividade turística.

O homem está sempre em busca do lazer, associado ao prazer, daí sua predileção por determinados lugares naturais, que lhe proporcionem a reposição de energia e a satisfação por descobrir e conhecer novos lugares. Essa ação deve se efetivar por meio de uma relação pacífica e harmoniosa entre a atividade turística e o ambiente natural e social. “Normalmente, os espaços se transformam em destinos turísticos, a partir da sua descoberta por pessoas que buscam lugares paradisíacos, favorecedores de maior contato com a natureza” (QUEIROZ, 2006, p. 116).

O empreendimento turístico não deve enveredar por um caminho, pautado em perspectivas econômicas planejadas pelas administrações públicas, privadas ou até mesmo pelos visitantes, sem que sejam levados em conta os interesses das comunidades locais. Assim, corre-se o risco de submeter a população residente, apenas, aos interesses dos que têm, no turismo, uma forma de produção e reprodução espacial, em moldes capitalistas.

Conforme Tomazzoni (2007, p. 17), “[...] as vantagens do turismo como atividade econômica são enfatizadas como estratégias para a propulsão do desenvolvimento, pois é uma das mais amplas e diversificadas cadeias produtivas globais.” Não obstante, as ‘vantagens’ econômicas e imediatas decorrentes do turismo este também pode trazer consequências socioambientais desfavoráveis, impactando negativamente em relação aos recursos naturais e as populações das comunidades locais.

A intensificação da atividade turística, que repercute no ambiente, na vida econômica, social e cultural das áreas receptoras e que gera impactos de qualidade e quantidade diversas, tem colocado o turismo, na atualidade, como tema prioritário na pauta de preocupação de planejadores, acadêmicos e gestores de políticas públicas, com interesse na temática.

Magalhães (2000, p. 3) alerta sobre os aspectos contraditórios contidos na definição das políticas a serem aplicadas para o setor de turismo:

Não se pode negar que a atividade turística movimenta recursos financeiros, emprega mão-de-obra, permite o intercâmbio cultural, promove o embelezamento paisagístico e pode melhorar a qualidade de vida das populações envolvidas. Em contrapartida, a falta de conhecimento de suas consequências danosas, a falta de preocupação com o bem-estar da população residente e com a preservação do ambiente por parte dos administradores, a falta de planejamento e o comportamento capitalista selvagem, podem levar à destruição do potencial natural e cultural de um lugar em curto espaço de tempo.

Segundo Tomazzoni (2007, p. 16), o turismo, assim como outros setores da economia, pode proporcionar às pessoas bem estar social e melhor condição de qualidade de vida. Afirma, ainda, que “[...] o turismo reúne potencialidades e características, cujo aproveitamento contribui para solução de problemas causados pela desigualdade social.”.

A afirmação do autor citado, sobre essa dimensão do turismo, remete às seguintes indagações: - como a atividade turística pode ajudar a solucionar questões sociais? O turismo pode melhorar a cultura local pela aplicação dos lucros advindos dessa atividade, na solução de problemas como o analfabetismo, a fome, a falta de moradia, o desemprego? Acredita-se que, para o turismo produzir os impactos positivos citados, faz-se necessário que se estabeleça uma política pública, que priorize a história, a cultura, as potencialidades e recursos ambientais locais.

O Estado do Ceará tem estruturado o planejamento turístico a partir de uma série de condições existentes: artesanato, culinária, cultura, indústria de moda, paisagem, religiosidade, dentre outros. Apesar da diversidade de ações turísticas, dada às belezas naturais do litoral cearense, o setor de turismo tem avançado sobre a zona de praia, especialmente em Canoa Quebrada e em Jericoaquara. Essas são praias internacionalmente conhecidas, em que o turismo vem se desenvolvendo e influenciando a vida das comunidades nas quais são alterados comportamentos, por meio da introdução de novos hábitos e costumes.

Os hábitos e os costumes mais tradicionais, tais como os relacionados à pesca artesanal, à agricultura e a outras atividades produtivas dos municípios cearenses, predominantemente rurais, como o trabalho artesanal, estão sendo substituídos por ocupações ligadas ao turismo. No lugar da economia tradicional, o turismo rural ou ecoturismo fez surgir outra paisagem, cujo cenário é composto por hotéis fazendas e trilhas ecológicas.

Assim, a descaracterização socioambiental, econômica e cultural, que ocorre em várias áreas litorâneas do Ceará, em particular Canoa Quebrada, é motivo de inquietação, para todos os que se preocupam com o equilíbrio socioambiental das comunidades receptoras do turismo. O conhecimento dessa realidade instigou a opção por esta pesquisa, na qual se analisou a relação, entre o turismo e a degradação socioeconômica e cultural de Canoa Quebrada, alertando para a importância da valorização da natureza, do lugar e de sua história.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, o procedimento metodológico envolveu dois momentos. O primeiro referiu-se à pesquisa bibliográfica, em que se processaram as leituras de autores, principalmente, da Geografia, do turismo e de áreas afins, de forma a embasar os objetivos da pesquisa. Paralelamente, desenvolveu-se uma pesquisa de campo, utilizando como instrumento um roteiro estruturado de entrevistas (Apêndice A), aplicado à população nativa e não nativa da Comunidade da Vila do Estevão. A aplicação desses instrumentos de pesquisa permitiu fazer inferências sobre o convívio entre as comunidades que coabitam Canoa Quebrada.

Foram analisadas as formas de convivência entre os interessados no desenvolvimento turístico da localidade pesquisada e os moradores da Vila do Estevão. Nessa perspectiva, recorreu-se aos pressupostos da fenomenologia e da análise temática, com o objetivo de perceber a prática do turismo em Canoa Quebrada. A fenomenologia mostra a importância dos fenômenos da consciência, os quais devem ser estudados em si mesmos. "O método fenomenológico visa, somente, trazer à luz, de modo cada vez mais diferenciado, o que se mostra dos próprios fatos observados, o que se apresenta, por si mesmo, ao observador e ouvinte" (MARTINS, 1994, p.26).

O método fenomenológico se caracteriza pela ênfase ao 'mundo da vida cotidiana' num retorno à totalidade do mundo vivido. Este método possui uma abordagem que não se apega tão somente às coisas factualmente observáveis, mas visa a "[...] penetrar seu significado e contexto com um refinamento e previsão sempre maiores" (BOSS, 1979, p.3)

Nesta pesquisa, a análise fenomenológica das informações oferecidas pelos entrevistados, permitiu compreender a essência das transformações provocadas pelas modalidades de uso do espaço decorrentes do turismo, assim como a percepção dessas mudanças vivenciadas pelos moradores, permitiram entender como a população vê as políticas de desenvolvimento turístico em Canoa Quebrada, procurando compreender como os moradores da Vila do Estevão veem a atividade turística na comunidade. Por intermédio da análise fenomenológica e temática dos dados coletados na pesquisa realizada com nativos residentes e não nativos, resgataram-se as visões da comunidade em relação ao fenômeno turístico, nesse núcleo praiano do Ceará.

Os impactos socioculturais que o turismo desencadeou na região constituem objeto de análise desta investigação, porque este conhecimento permitiu fazer inferências a respeito das formas de convívio, entre as diferentes culturas que coabitam naquela localidade.

O estudo das repercussões socioeconômicos e culturais do desenvolvimento turístico, sobre as condições de vida dos moradores nativos de uma das mais importantes destinações turísticas do litoral cearense, apontou a interferência do turismo no espaço sociocultural de convivência da população, que exige a atenção dos gestores no sentido de minimizar os efeitos negativos dessa problemática social que se instalou na região, com o advento do turismo.

A abordagem dos conteúdos apresentados nesta tese foi organizada e tematizada em quatro partes, as quais organizam o diálogo estabelecido com o conhecimento sistematizado por estudiosos da Geografia e do turismo. A primeira parte – Identificando as Redes, consiste em fundamentar algumas categorias de análise, apresenta aspectos da globalização, enfatizam as relações local/global, espaço, sociedade, turismo, aspectos econômicos e culturais, com a finalidade de organizar questões no plano teórico, que possam subsidiar a análise dos processos de produção socioeconômico e cultural do Espaço de Canoa Quebrada.

A segunda parte – Tramas da Rede trata da temática do turismo. Inicialmente, faz-se uma abordagem sobre a relevância dessa atividade no momento contemporâneo. Em seguida, analisa-se como esta atividade é desenvolvida no

Brasil, no Nordeste, no Ceará e em Canoa Quebrada. Apresentam-se as estruturas criadas para o desenvolvimento turístico brasileiro e a necessidade de se desenvolver um turismo que fortaleça as condições socioeconômicas e culturais das comunidades locais, por meio da preservação de sua história, da valorização de suas tradições, dos seus costumes e hábitos.

A terceira parte – Redes e Labirintos traz a caracterização e a análise das transformações ocorridas desde a chegada do turismo em Canoa Quebrada, cuja maior parte da população foi obrigada a acatar as mudanças socioeconômicas e culturais introduzidas pela atividade turística, persistindo, entretanto, hábitos, costumes e valores nos antigos moradores.

A quarta parte – Recolhendo as Redes apresenta o resultado da pesquisa realizada junto aos moradores da Vila do Estevão, cujos instrumentos utilizados foram questionários estruturados, conversas informais e observações feitas no espaço pesquisado, posteriormente descrito e analisado para se realizar as inferências relacionadas ao tema e à abordagem.

1 IDENTIFICANDO AS REDES

1.1 Procedimentos metodológicos

Para a realização desta pesquisa, realizou-se uma revisão bibliográfica, pertinente ao espaço geográfico, em que se destacam autores, que fundamentam a abordagem da percepção espacial do turismo, relacionada aos ambientes sociais, econômicos e culturais, de ordem global, regional e local, evidenciando a localidade de Canoa Quebrada, uma das mais importantes destinações turísticas, no litoral do Ceará.

Ao delinear este plano investigativo, tem-se como objetivo analisar as repercussões dos impactos sociais, econômicos e culturais do turismo, sobre as condições de vida dos moradores nativos de Canoa Quebrada, vivenciadas na região, após o estabelecimento do acelerado trânsito de turistas. A ideia foi analisar a relação entre o turismo praticado em Canoa Quebrada e as mudanças socioculturais que dele decorreram, afetando a vida da população nativa.

A partir desse momento, estabeleceu-se um conjunto de indagações para dar conta do plano de pesquisa. Dentre as hipóteses investigativas sobre o modo de operar do turismo em Canoa Quebrada e sobre as profundas transformações locais decorrentes, assinalaram-se as que serviram de fios condutores do processo investigativo:

- Como o turismo desenvolvido na localidade de Canoa Quebrada interferia na vida da população local?
- Como a população reagia aos impactos causados por esta atividade?
- De que forma essas mudanças e transformações socioeconômicas e culturais ocorreram em Canoa Quebrada?
- De que forma os moradores da comunidade do Estevão perceberam as mudanças socioeconômicas e culturais em Canoa Quebrada? Quando isso aconteceu?

- Quais as principais mudanças ocorridas?

Para atingir os objetivos investigativos, na fase da pesquisa, elaborou-se um plano de pesquisa a partir de três momentos distintos: um momento inicial que consistiu em levantar as obras e os autores que forneceram base a esta pesquisa, para posterior leitura (fase exploratória); a seguir passou-se para a construção dos instrumentos de pesquisa levados a campo, para proceder à coleta dos dados e, finalmente, a análise deles. A fase exploratória consubstanciou a primeira e a segunda parte desta pesquisa.

A primeira buscou contextualizar o objeto da pesquisa, tendo em vista, fundamentar algumas categorias de análise. Então, abordaram-se os aspectos da construção da globalização, que se materializam na apropriação do espaço, pelo sistema capitalista, dando ênfase às relações local/globais.

A seguir, adotou-se uma abordagem da Geografia Econômica e Cultural, como fundamentação para análise e tematização dos dados referentes ao universo desta pesquisa recorrendo às reflexões de Roberto Lobato Corrêa, que enriqueceu esta pesquisa com suas abordagens da Geografia Cultural. Outras categorias, também foram abordadas na construção conceitual, principalmente as de espaço, sociedade e turismo, a fim de organizar questões no plano teórico, que podem subsidiar a análise dos processos de produção do espaço turístico de Canoa Quebrada.

No sentido de contextualizar o objeto de estudo, procurou-se compreender a evolução do turismo no Brasil, a dinâmica do processo de apropriação do litoral nordestino, especificamente no Ceará, resgatando as políticas de desenvolvimento turístico, em especial de Canoa Quebrada. Descreveram-se, ainda, as estruturas criadas para o desenvolvimento turístico brasileiro e a necessidade de se desenvolver um turismo que fortaleça as condições socioeconômicas e culturais das comunidades locais, com a preservação de sua história, valorização de suas tradições, seus costumes e hábitos.

Dessa forma, resgatou-se um pouco da história do processo de implementação do turismo brasileiro, nordestino e cearense. Este fato é importante,

para a compreensão da desconstrução do espaço consolidado, pelas populações nativas, da construção do espaço turístico, das transformações impressas, pela atividade turística, especialmente em Canoa Quebrada. Com essa abordagem, procurou-se compreender a atuação da atividade turística no campo socioeconômico e cultural de Canoa Quebrada. Investigaram-se as possíveis atuações do turismo na inserção de novas espacialidades, configuradas na urbanização turística e novas territorialidades, incorporadas no tecido social que conforma o turismo litorâneo.

Ainda, como forma de se alcançar os objetivos desta pesquisa, ressaltou a localização geográfica, os aspectos históricos e socioculturais, de Canoa Quebrada. Analisaram-se os possíveis impactos ocorridos, no lugar, com destaque para a comunidade da Vila do Estevão, que se diferencia, por conservar hábitos, costumes e valores de antigos moradores. A maior parte da população de Canoa Quebrada vive em conformidade com as mudanças sociais, econômicas e culturais introduzidas, pela atividade turística.

Procurou-se identificar e categorizar os agentes sociais produtores do espaço de Canoa Quebrada, recorrendo à pesquisa de campo, que utilizou como instrumentos de pesquisa entrevistas, conversas informais e observações. Dessa forma, visualizaram-se as relações dos sujeitos da pesquisa, entre si e com o meio, que favoreceram a compilação de elementos capazes de subsidiar a construção de uma interpretação da realidade desse espaço.

Por meio das entrevistas a pessoas que fazem a comunidade da Vila do Estevão e de observações *in loco*, realizou-se o trabalho de campo. Inicialmente, realizou-se um pré-teste do instrumento quando se identificaram os respondentes que poderiam agregar informações sobre o passado e o presente de Canoa Quebrada. Esses foram submetidos a seções de entrevistas, passando a atuar como 'informantes privilegiados' da investigação.

A conjugação desses esforços permitiu resgatar a visão de mundo e a importância que os membros da comunidade da Vila do Estevão atribuem a esse espaço conquistado, intrinsecamente às atitudes e ações por eles desencadeadas. Seus depoimentos revelaram a natureza contraditória da atividade turística dessa região. Esses depoimentos esclareceram os momentos em que o turismo é o agente

protagonista e desencadeador de impactos modificadores dos espaços socioculturais e econômico.

Para que os objetivos desta pesquisa fossem alcançados, tomou-se, como método de análise das informações coletadas nas entrevistas a análise fenomenológica e temática das informações prestadas pelos moradores da Vila do Estevão. Partiu-se do pressuposto da necessidade de apreensão da forma, como a comunidade percebe o meio. Assim, foram analisadas, as causas e as consequências de todo o processo de apropriação e modificação do espaço, pela atividade turística.

Para Martins (1992), o método fenomenológico, busca a compreensão do fenômeno interrogado, não se preocupando com explicações e generalizações. O pesquisador não parte de um problema específico, mas conduz sua pesquisa a partir de um questionamento, de uma indagação acerca de um fenômeno, o qual precisa ser situado, ou seja, estar sendo vivenciado pelo sujeito.

Para Masini (1989), o método fenomenológico é centrado no ser humano, especificamente na análise do significado e relevância da experiência humana. O ponto de partida da investigação fenomenológica é a compreensão do viver do próprio homem.

Na trajetória fenomenológica, como nas demais modalidades da pesquisa qualitativa, o pesquisador explicita as suas inquietações e expõe suas experiências vivenciadas sobre o tema estudado. Durante a coleta dos depoimentos, a análise e interpretação assume uma característica fenomenológica: - a *epoché* -, colocando em suspeição tudo o que se conhece e pensa a respeito do fenômeno (SADALA, 1995).

Na construção dos resultados, o pesquisador coloca-se como participante do estudo ao analisar o que significou para ele a trajetória percorrida, o desvelamento desse novo horizonte no qual ele se situa após o desenvolvimento da pesquisa. Como se ele fechasse um círculo hermenêutico: a evolução do seu próprio conhecimento na intersubjetividade com os sujeitos da pesquisa, com os autores trazidos à discussão, com a sua própria experiência, antes e durante o decorrer da investigação, mostrando o movimento contínuo da experiência humana (SADALA,

1995).

Por essa análise fenomenológica, as mudanças socioeconômicas e culturais ocorridas em Canoa Quebrada foram compreendidas como resultado da intervenção da ação turística sobre o espaço humano desse lugar. Os problemas decorrentes dessa atividade, diz respeito, não apenas, a problemas relacionados às questões de ordem social, mas também, de ordem ambiental, que se caracterizam pelo incessante uso de recursos naturais sem possibilidade de reposição.

Os resultados do processo investigativo foram apresentados por meio gráficos, próprios de uma abordagem quantitativa e de uma linguagem descritiva, à luz dos pensamentos dos teóricos consultados, que configura, também, uma abordagem qualitativa.

Para a realização da pesquisa, foi pensada, inicialmente, uma coleta amostral de setenta famílias, garantindo uma margem de erro amostral de 5% e uma confiabilidade de 95%. No entanto, a pesquisa de campo, ao atingir um total de 40 famílias, o que correspondeu a 46.5% de um total de 86 famílias existentes na Vila do Estevão, revelou um quadro de repetição dos dados levantados, o que levou à conclusão da pesquisa de campo.

Dessa forma, a pesquisa realizada na comunidade da Vila do Estevão contou com a participação de quarenta (40) famílias pesquisadas, de um total de oitenta e seis (86) famílias que constituem a população do lugar. Esse total pesquisado representou um percentual de 46.5% das famílias da Vila do Estevão. Este resultado foi conseguido através da utilização do método de amostragem aleatória sistemática e adotou como instrumentos de coletas o roteiro de entrevista estruturado.

Como forma de melhor se apreender a realidade da área deste objeto de estudo, os procedimentos que constituem a produção deste trabalho envolveram um elenco de atividades realizadas. Foram articuladas diversas áreas do saber, pelo caráter sociocultural, e que têm relação com o objeto de estudo desta pesquisa.

1.2 Globalização e Relações Local/Global

Nesta primeira década do século XXI, com a aceleração do processo de globalização, modificaram-se as relações sociais. Atualmente, presencia-se a emergência de uma ‘nova família nuclear’, muitas vezes sazonal, em que pais se deslocam de seus locais de moradia para terem acesso ao trabalho. Do mesmo modo, verifica-se uma nova relação com os lugares, provenientes da reestruturação do espaço. Isso gerou uma nova Geografia Econômica da Globalização. É nesse contexto que se situam os grandes complexos turísticos, como a Disney World, em Orlando, na Flórida.

A partir da globalização, com o desenvolvimento de interconexões crescentes, entre as unidades nacionais do mundo, há um processo de reestruturação do sistema de acumulação e reprodução dos centros capitalistas mundiais. Os setores produtivos e as áreas de serviços são reordenadas a partir de uma ligação por meio das tecnologias da informação, que mantém o mundo interconectado, *on line*, 24 horas por dia. Essa ligação ressignifica o espaço de Canoa Quebrada, redesenhando sua paisagem: de uma praia nativa a um complexo turístico reprodutor do capital.

Desenvolvendo-se sob os padrões de crescimento desigual, que caracterizam a expansão capitalista, a globalização está longe de homogeneizar o panorama economicossocial mundial e de cada nação, individualmente. Ao contrário, isso provoca a fragmentação, pois, constrói um sistema de relação hierarquizado, em benefício de poucos. Nesse ponto, a globalização, ao invés de unir, separa, corrompe, desequilibra, destrói as sociedades (CARLOS, 1979).

Santos (1997, p. 20) define o lugar como “[...] a extensão do acontecer hegemônico ou do acontecer solidário e que se caracteriza por dois gêneros de constituição: uma é a própria configuração territorial; outra é a norma, a organização os regimes de regulação [...]” Consoante à classificação anteriormente apresentada, o lugar pode tomar para si a cultura hegemônica, ou o ‘acontecer solidário’, variando conforme a época e o lugar, isso é, com a natureza dos objetos e a qualidade das ações presentes em cada momento histórico.

Trazendo o processo de globalização para uma análise local, percebeu-se que a solidariedade está desgastada e, de modo específico em Canoa Quebrada, o desequilíbrio economicossocial e a desestabilização cultural estão visualizados na perda da identidade do lugar, a despeito dos esforços que antigos nativos desenvolveram, para preservar a cultura das comunidades locais e fortalecer valores ainda mantidos, contrariando, assim, o mundo da globalização, permitindo, pois a união do lugar.

Do final de século XX ao começo do século XXI, o mundo contemporâneo passou por um processo de 'aceleração histórica' na construção do novo, marcado por importantes mudanças que, quase sempre, provocam reações de medo, diante do inusitado, inerente à dificuldade, para entender os novos conceitos, e dominar as novas estruturas que definem as atuais formas de pensar e agir das sociedades.

Segundo Santos (1997, p.15), “[...] a aceleração contemporânea vive a época dos signos, pois é susceptível à construção de metáforas, porque tomam o lugar das coisas verdadeiras.” Em Canoa Quebrada, o signo se revela na forma de uma lua e uma estrela. Esse símbolo, cuja origem apresenta diferentes versões, representa uma forma criativa de identificação do lugar, a partir de sua ‘descoberta’ pelos primeiros visitantes. Atualmente, esse signo foi apropriado na forma de mercadoria, reduzido à condição de *marketing*, na medida em que passou a ser explorada como símbolo do lugar, em vários produtos de consumo do turismo.

Com a modernização contemporânea, vive-se uma aceleração do tempo e do espaço, impostos por novos ritmos ao deslocamento dos corpos e ao transporte de ideias. Paralelamente, a mundialização do capital e dos rendimentos financeiros, o uso de novos materiais e de novas formas de energia, a expansão demográfica urbana, a explosão do consumo, o crescimento exponencial do número de objetos e, sobretudo, a evolução do conhecimento, provavelmente, causam toda esta contração do tempo e do espaço.

Se no passado, havia um compromisso do presente com a melhoria do futuro, que permitia uma pessoa entrar em uma empresa, fazer carreira e prosperar. Porém, nos dias atuais, isso não ocorre mais, não se permite às pessoas, em sua maioria, ter acesso à cultura e poder ascender socialmente. É como se todos os

bens fossem feitos para serem consumidos e descartados rapidamente, para dar vazão a um novo ciclo produtivo. Nesse sentido, as relações sociais se tornam desgastadas e as relações humanas, efêmeras.

A globalização guarda assimetrias, fruto de um desenvolvimento desigual, mas combinado, pois nem todos os espaços do mundo experimentam um processo histórico de mudanças que lhes permitam viver as transformações sugeridas pelas transformações contemporâneas. Se há espaços que apresentam padrão de vida dos países hegemônicos do capital, existem aqueles que vivem à margem dos benefícios propiciados pela sociedade de consumo. Santos (1997, p.19) chama a atenção para a relação assimétrica do desenvolvimento capitalista:

[...] uma coisa é um sistema de relações em benefício do maior número, baseado nas possibilidades reais de um momento histórico; outra coisa é um sistema de relações hierárquico para perpetuar um sistema dominante sobre outros sistemas, em benefício de alguns. É esta última a situação que impera em todo mundo.

Refletindo sobre essas contradições inerentes à dinâmica capitalista, Santos (1997, p.16) afirma que: “o espaço se globaliza, mas não é mundial [...]. Todos os lugares são mundiais, mas não há espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo são as pessoas e os lugares.” Essa análise é controversa. Tomando-se, por exemplo, o Mercado Comum da América do Norte (NAFTA), capitais e mercadorias circulam sem quaisquer constrangimentos entre as fronteiras do México e dos Estados Unidos. Não obstante, trabalhadores e índios mexicanos são barrados nas fronteiras cercadas de arame farpado.

A despeito dessa discordância, acata-se o pensamento de Santos (1997), ao referir que outra globalização é possível. Essa concepção de mundo requer a discussão de lugar e de espaço e conduz a uma reflexão sobre a tentativa de construção de outro mundo que respeite a diversidade histórica e cultural de cada lugar, que preserve uma relação de equilíbrio socioambiental. Sob a lógica capitalista, essa busca é impossível, porque o capital busca padronizar a sociedade e unificar valores e comportamentos em torno de si e não, unir povos.

Para Benko (1999), a noção de globalização não deixa de ser ambígua. Pode-se utilizá-la para caracterizar a emergência de formas de organização econômica

que abrangem conjuntos maiores, como a divisão internacional do trabalho. Esta afirmação é corroborada por Santos (1997), com destaque de diversos conceitos: o de aceleração contemporânea, que ele explica, como correspondendo a momentos culminantes na história, onde forças concentradas explodiram para criar uma nova realidade.

Segundo o autor anteriormente citado, a aceleração contemporânea impôs novos ritmos e deslocamentos de corpos e ao transporte de ideias, acrescentando novos ritmos à história. O autor ainda procurou colocar a globalização sob dois aspectos: o primeiro é a globalização como um sistema de relações, em benefício de um maior número de pessoas, baseado nas possibilidades reais de um momento histórico; o segundo é um sistema de relações hierárquicas, construído para perpetuar um sistema de dominação sobre outros subsistemas, em benefício de alguns.

Os espaços mundiais tornam-se unificados, em virtude das novas condições técnicas que se impõem à maior parte da humanidade, como uma globalização perversa. A tirania do dinheiro e da informação fornece as bases do sistema ideológico que legitima as ações mais características da época e, ao mesmo tempo, busca conformar, segundo um novo *ethos*, as relações sociais e interpessoais, influenciando o caráter das pessoas.

Essa globalização é visível nas formas de agir dos Estados, das empresas e dos indivíduos, tornando a competitividade uma fonte de novos totalitarismos, isso é, dos 'globalitarismos', a que estamos assistindo e facilmente aceitos, graças ao papel verdadeiramente despótico da informação manipulada que, às vezes, em lugar de esclarecer, confunde. E assim, as pessoas se sentem desamparadas, o que também constitui uma incitação para que adotem, em seus comportamentos diários, práticas que, em alguns decênios anteriores, eram moralmente condenados. Por isso, há um verdadeiro retrocesso quanto à noção de bem público e de solidariedade, pois é emblemático o encolhimento das funções sociais e políticas do Estado e os crescentes agravos à soberania, enquanto se amplia o papel político das empresas, na regulação da vida social.

A comunicação tornou-se mais abrangente alcançando as mais distantes localidades da Terra e permitiu que fosse cunhada a expressão 'aldeia global' que, na verdade, é contrária ao que se dá nas verdadeiras aldeias. Assim, frequentemente, tornou-se mais fácil a comunicação com quem está longe do que com o vizinho. Quando essa comunicação se faz na realidade, ela se dá com a intermediação de objetos. A informação sobre o que acontece não vem da interação entre as pessoas, mas do que é veiculada pela mídia e por meio da *internet*, uma interpretação interessada dos fatos.

Então, a ideia de 'aldeia global', impulsionada pela lógica espaço-tempo contraído pelo capital, permite imaginar a realização do sonho de um mundo, a constituição de um mundo emancipado e fraterno.

Conforme Santos (2008, p. 42), a desterritorialização da humanidade, tida como imperativo da globalização é um mito:

Fala-se, também, de uma humanidade desterritorializada, uma de suas características sendo o desfalecimento das fronteiras como imperativo da globalização, e a essa ideia dever-se-ia uma outra: a existência, já agora de uma cidadania universal. De fato, as fronteiras mudaram de significação, mas nunca estiveram tão vivas, na medida em que o próprio exercício das atividades globalizadas não prescinde de uma ação governamental capaz de torná-las efetivas dentro de um território. A humanidade desterritorializada é apenas um mito.

Os sistemas de objetos e de ações, em conjunto constituem sistemas técnicos, cuja sucessão mostra a história da dinâmica do espaço geográfico que, atualmente, é concebido para atender às necessidades que são previamente planejadas e pensadas para determinados lugares, definindo uma ordem espacial. "É desse modo que eles são mais eficazes que os objetos naturais e constituem as bases materiais para as ações mais representativas do período" (SANTOS, 2006, p.332).

A concepção desse novo espaço, dentro de um espaço não homogêneo, produz diferenças em que a disseminação das ações modernas não é a mesma em todas as partes.

De acordo com Santos (2006, p.333), as modernizações atuais do espaço geográfico se encontram a serviço de um sistema hegemônico, que se reorganiza para gerar, cada vez mais, o lucro:

[...] alguns subespaços, dotados com as modernizações atuais, podem acolher as ações de interesse dos atores hegemônicos'. [...] É assim que se constitui, dentro do conjunto de subespaços, um subsistema hegemônico, graças às relações privilegiadas, que podem ser estabelecidas, entre esses novos objetos. [...] Na escala do globo, o motor implacável de tantas reorganizações, sociais, econômica, políticas e também geográficas, é a mais-valia global, neste mundo belicoso, a mais guerreira de todas as ações.

Para Santos (2006), não há tempo global e, da mesma forma, não há espaço global, mas espaços da globalização, espaços mundializados reunidos por redes que, por serem globais transportam o universal ao local, unindo pontos distantes a uma mesma lógica produtiva.

As redes são globais, mas também são locais e, dessa forma, constituem as condições técnicas do trabalho direto, do mesmo modo que as redes globais asseguram a divisão do trabalho e a cooperação mediante as instâncias, não técnicas do trabalho – a circulação, a distribuição e o consumo.

A ordem trazida pelos vetores da hegemonia cria desordem local, não apenas porque conduz a mudanças funcionais e estruturais, mas sobretudo, porque essa ordem não é portadora de um sentido, pois o objetivo – o mercado global – é uma autoreferência, sua finalidade é a própria mercadoria. “Nesse sentido, a globalização, em seu estágio atual, é perversa para a maioria da humanidade” (SANTOS, 2006, p.334).

Santos (2006, p. 334), ao abordar a ordem universal e a ordem local, lembra o esforço solidário desencadeado pelos diversos atores que compõem a rede:

No meio local, a rede praticamente se integra e dissolve através do trabalho coletivo, implicando um esforço solidário dos diversos atores. Esse trabalho solidário é conflitivo, é, também, copresença num espaço contínuo, criando o cotidiano da contiguidade.

A esse recorte territorial, dá-se o nome de ‘horizontalidade’, para distingui-lo de outro recorte, formado por pontos chamados ‘verticalidade’. Nesse espaço da horizontalidade, alvo de frequentes transformações, uma ordem espacial é permanentemente recriada, onde os objetos se adaptam aos reclamos externos e,

ao mesmo tempo, encontram a cada momento, uma lógica interna própria, localmente constituída, formando, assim, a Lei do mundo e a Lei do Lugar.

São os lugares que oferecem e oportunizam possibilidades para o mundo. Atualmente, esta é uma condição fundamental para os lugares, pois, a competitividade instalada no mundo, solicita que deem respostas às necessidades de produtividade:

[...] os lugares da ação sejam global e previamente escolhidos entre aqueles capazes de atribuir a uma dada produção uma produtividade maior. Neste sentido, o exercício desta ou daquela ação passa a depender da existência, neste ou naquele lugar, das condições locais que garantam eficácia aos respectivos processos. Mas o território termina por ser a grande mediação entre o Mundo e a sociedade nacional e local, já que em sua funcionalização, o 'Mundo' necessita da imediação dos lugares, segundo as virtualidades destes para usos específicos. Num dado momento, o 'Mundo' escolhe alguns lugares e rejeita outros e, nesse movimento, modifica o conjunto dos lugares, o espaço como um todo. É o lugar que oferece ao movimento do mundo, a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar *espaço*, o Mundo depende das virtualidades do lugar. Neste sentido pode-se dizer que, localmente, o espaço territorial age como norma. [...] A ordem global busca impor, a todos os lugares uma única racionalidade. E os lugares respondem ao Mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade (SANTOS 2006, p.337-338).

A ordem global serve-se de uma população esparsa de objetos regidos por essa lei única, que constitui um sistema.

Ordem significa, aqui, interdependência entre elementos que se condicionam mutuamente e cujas interações fazem aparecer modalidades novas de relações com aquilo que, sem o isolar, inscreve seus próprios ritmos de mudanças no curso do mundo. Assim a ordem remete à emergência de um tipo de estruturação da realidade segundo formas geradoras de características irreduzíveis aos efeitos de fatores externos ao mesmo tempo em que permanecem sensíveis a estes (TILAND, 1994, p.27).

A ordem global é 'desterritorializada', no sentido de que separa o centro da ação e a sede da ação. Seu 'espaço' instável e inconstante é formado de pontos, cuja existência funcional é dependente de fatores externos. A ordem local que 'reterritorializa' é o espaço banal, espaço invencível porque reúne, em uma mesma lógica interna, todos os seus elementos: homens, empresas, instituições, formas sociais e jurídicas e formas geográficas. O cotidiano imediato, localmente vivido, traço de união entre todos esses dados, é a garantia da comunicação.

1.3 Turismo, uma contribuição geográfica

Segundo Corrêa e Rosendahl (2010), os primeiros registros da abordagem turística de interesse epistêmico da geografia remetem-se ao século XIX, por Kohl (1841), e trata da força transformadora do meio natural provocada pelo deslocamento de pessoas em direção a um determinado lugar. No início do século XX, registram-se as contribuições dos geógrafos alemães Hettner e Hassert.

Ainda, de acordo com Corrêa e Rosendahl (2010), a obra do geógrafo austríaco Stradner de 1905, ressalta os efeitos positivos do turismo na balança de pagamentos e as diferentes motivações que levavam as pessoas a viajar. A importância que o lazer passa a assumir na sociedade da época é tratada por Ruppert e Maierm (1969) e é considerado tão importante quanto o trabalho, a moradia e a educação, cujas funções são vitais para as sociedades. Originada na epistemologia do espaço, a geografia do turismo assume a condição preeminente de área de estudos específicos:

[...] a produção do conhecimento sobre a abordagem geográfica do turismo tem suas raízes e seu desenvolvimento nas influências epistemológicas que permeiam historicamente a produção do conhecimento geográfico. Em seus primórdios, passou da simples apreciação morfológica ao enfoque genético-funcional, na perspectiva mesmo de entender o fenômeno turístico em sua origem e processo, como fator da transformação da paisagem cultural. (CALLIZO, 1991, p.216).

O enfoque dado pelo geógrafo ao turismo se processou ao longo do movimento construtivo dos espaços geográficos nas transformações pelas quais passaram as sociedades. No início de século XX, era tarefa dos geógrafos explicar os impactos espaciais e analisar as causas geográficas. Posteriormente, o enfoque passou pela interação homem/meio natural na perspectiva de identificar os fluxos, localizar às áreas turísticas, analisar os fatores e efeitos espaciais do turismo, verificar o comportamento de diferentes grupos de turistas na perspectiva das formas de instalações turísticas e processo da organização espacial.

O turismo tem sido visto, somente, em sua determinação econômica, mas, recentemente, outras dimensões vêm sendo abordadas, como o respeito à cultura local e ao planejamento socioambiental. Incorporar os aspectos sociais ao turismo significa estabelecer prioridades, numa escala de valores, que põe em relevo a

preocupação, em se manter envolvido com a comunidade, em estar atento aos valores históricos, socioculturais e ao equilíbrio ambiental.

Dessa forma, a instituição do turismo com base local exige como pressuposto, o envolvimento dos habitantes da localidade no processo, no que diz respeito à história, às tradições e aos costumes. O econômico não deve, portanto, ser o principal elemento de preocupação na relação turismo, sociedade e natureza. O sentimento de pertencimento ao meio e o envolvimento com os valores culturais e dimensão simbólica, presentes na relação dos homens entre si e destes com a natureza, devem estar presentes na atividade turística.

Para Magalhães (2002), o turismo orientado pelos valores culturais reflete o conhecimento de um lugar, de uma época ou de um estilo de vida, pelo valor simbólico representativo de uma coletividade, assim como pela importância das manifestações e das artes populares.

O turismo representa uma das mais importantes formas de reprodução de capital e de captação de divisas no comércio internacional. Apesar de estar frequentemente associado ao desenvolvimento econômico, dificilmente o turismo faz referência ao aspecto social, revelando que não pode ser visto, apenas, como vocação econômica, para que não se torne um elemento impeditivo para o desenvolvimento de certas regiões.

Discutindo o turismo como um fenômeno geográfico, Xavier (2007) destaca que a economia pós-industrial, aquela em que a importância relativa da manufatura é decrescente ao passo que o setor de serviços, da informação, da pesquisa e do conhecimento é crescente, abre espaço para a atividade turística, a partir do momento em que esta “[...] se caracterizou pela predominância das atividades de serviços, além da automação nas indústrias, da informatização dos processos burocráticos e de uma busca incessante da natureza” (XAVIER, 2007, p. 15-16).

Destacam-se duas relações sociopolíticas postas na definição das políticas para o setor. Uma que se volta para a descoberta e valorização de novos espaços, destinados ao turismo e outra, que ‘disponibiliza’ recursos para a exploração mercantil por outros interessados. As relações apresentadas por Xavier (2007)

possuem um conteúdo que expressa a contradição, entre a determinação do mercado e o turismo de base local.

No mundo do turismo, registram-se duas situações opostas. As sociedades que investem e estão, hoje, à procura de novos cenários, e aquelas que disponibilizam seus atrativos, colocando-os à disposição dos grandes investidores globais. Assim hoje, o mundo do turismo enseja uma complexa “rede de relações”, tanto entre as pessoas e os componentes físicos da natureza, como entre os grupos sociais, exigindo uma maior exploração dos recursos disponíveis e outras formas de tratamento das diferentes camadas das sociedades (XAVIER, 2007, p. 54).

Para aqueles que veem o turismo como um fenômeno meramente econômico, vinculado à lógica de reprodução do capital, é necessário a criação de modelos, com base nos valores locais, para o planejamento do turismo. Estes devem se preocupar, em primeiro lugar, com o processo histórico cultural desencadeado pela população, valorizando cenários naturais, costume e hábitos praticados no lugar vivido e estabelecendo o contato com a população. Essa é uma demonstração de respeito manifestada pela atividade turística, em relação às populações nativas e residentes no lugar, com os laços socioculturais e socioambientais, que se instalam e se encontram em constante processo de formação na sociedade. Dessa forma, diante desse novo paradigma, cria-se um turismo de caráter social e de base local.

Segundo Molina (2003), o avanço tecnológico, o crescimento dos meios de transportes e de comunicação, assim como o aumento do tempo livre, colocado à disposição das pessoas, foram as principais causas mais observáveis do crescimento do turismo no final do século XX. Acrescenta, ainda, que além das ‘belezas’ naturais e dos patrimônios historicoculturais, o capital tem avançado nas áreas de atrações técnicas e científicas do ‘turismo pós-moderno’².

Com as novas situações globais, e diante de um novo paradigma, o turismo tende, cada vez mais, a ser marcado pelo deslocamento desnecessário do lugar de residência, pelo mínimo contato com indivíduos da comunidade local, pelo deslocamento da mão de obra produzido pela incorporação de processos automáticos gerados pela alta tecnologia (XAVIER, 2007, p. 56).

Xavier (2007) ressalta, ainda, que o turismo, além da necessidade de lazer, está, muitas vezes, vinculado a construções midiáticas e a trabalhos de *marketing*,

² Período do desenvolvimento do turismo, que teve início em meados dos anos 1980, em que se notaram novas tendências nessa indústria que, gradualmente, o formaram, permeando e constituindo uma nova cultura turística: demanda prestadores de serviços, governo.

com o objetivo de introjetar desejos consumistas, vinculado à mercantilização de patrimônios historicoculturais e paisagens naturais, transformando-os em mais uma mercadoria destinada ao consumo imediato. Bens materiais e bens simbólicos, patrimônios socioculturais, revelam a natureza contraditória do processo de transformação dos valores de uso em valor de mercadorias.

Nessa recente virada do milênio a atividade turística foi profundamente marcada pela ideia do retorno à natureza. Tal situação é, ao mesmo tempo, o resultado do expressivo crescimento das cidades e de uma estratégia do capital. Nas grandes cidades poluídas, congestionadas e violentas, são criadas as necessidades das saídas das pessoas na procura de espaços mais abertos [...]. Tais necessidades correspondem ao alívio do 'estresse urbano'. Porém, em grande parte, essas necessidades são verdadeiramente produzidas pela mídia e pela publicidade. Já a estratégia do capital vem recair sobre a valorização dos atrativos naturais como mercadoria. Portanto o uso do patrimônio turístico tem sido motivo de discussão sobre seus benefícios e suas contradições (XAVIER, 2007, p.57).

Corroborando a tese segundo a qual os bens históricos e culturais e as belezas naturais têm sido reduzidos à forma de mercadoria, Magalhães (2000) apresenta as ideias de 'turismo alternativo' e de 'turismo sustentável', a partir de discussões sobre questões ambientais, quando novas formas de turismo são propostas, embora não se verificasse mudanças nos modelos de massificação e nas ações predatórias dessa atividade:

No final de 1980 e início dos anos 1990, como reflexo da emergência das questões ambientais que começaram a fazer parte das preocupações mundiais por volta da década de 1970, identificou-se uma fase na qual o turismo passa a considerar mais seriamente a preservação do meio ambiente, mesmo porque ele é o "produto" oferecido ao 'cliente'. A partir daí, surge uma nova sensibilidade em relação às comunidades receptoras, e à natureza, mas que não chega a modificar definitivamente os modelos de massificação e a exploração predatória até então [...]. Diante dessas constatações, os países mais experientes começam a propor novas formas de fazer turismo, novas concepções visando o equilíbrio entre a exploração e a conservação, o que vem sendo chamado de Turismo Alternativo e Turismo Sustentável (MAGALHÃES, 2000, p.26).

Na perspectiva desse novo paradigma, Molina (2003) destaca que o turismo de base econômica não está determinado pelos recursos naturais, nem pelo patrimônio histórico e cultural disponíveis na região. Essas perspectivas representam ameaças para as sociedades que 'disponibilizam' seus recursos e com isso, precisam criar modalidades alternativas de turismo. Em contrapartida, na perspectiva de um novo paradigma, surge um novo desafio para os países periféricos. Logo, no mundo, as pessoas terão que competir ressaltando a

autenticidade dos cenários naturais e culturais e, também, a importância do contato com a população de cada lugar, dentro do que se chama 'sentido do lugar'.

Acrescenta-se que as sociedades dos países periféricos deverão procurar modelos com base nos valores locais para o planejamento do turismo. Esse fenômeno tornou-se uma preocupação crescente, tanto pelos geógrafos como estudiosos do turismo, que contribuem de forma significativa, com trabalhos voltados para as questões dos impactos socioambientais.

Na época contemporânea, poucos textos que analisaram tendências futuras do turismo foram selecionados ao longo da década de 1990. Um importante documento foi lançado no Reino Unido, em 1991, com o título *World Travel and Tourism Review – indicators, trends and forecasts*. O volume reuniu mais de cinquenta especialistas internacionais. [...] As projeções foram no geral, acertadas. Por exemplo, nas conclusões de um dos artigos, Robert Bentley, da Organização Mundial do Turismo, preconizou que:

- O turismo seria um dos segmentos em constante expansão na década de 1990;
- Há mais competição entre regiões e países como destinos a serem escolhidos pelos turistas;
- Os consumidores teriam mais conhecimento sobre os destinos e as opções de viagens, e seriam mais exigentes com os produtos e serviços;
- O setor do turismo seria um lugar propício para os avanços tecnológicos, especialmente nas áreas de telecomunicações e de informática;
- O sucesso dependeria de enfoques altamente profissionalizados, tanto no *trade* turístico quanto da política específica dos destinos turísticos (PANOSSO NETO & TRIGO, 2009, p. 19).

De acordo com Panosso Neto e Trigo (2009), J. R. Brent Ritchie, no texto intitulado *New realities, new horizons*, definiu 12 megatendências:

- A questão do meio ambiente;
- A disseminação da democracia pelo planeta;
- O aumento do número de idosos a racionalização de investimentos na economia de mercado;
- A diversidade cultural em um mundo homogêneo;
- O dilema: a tecnologia versus recursos humanos;
- A racionalização de investimentos na economia de mercado;
- A necessidade de diminuir o abismo entre os países do Norte e os países do Sul;
- Novos valores: turismo cultural, educacional e profissional;
- A busca de estabilidade e segurança;
- A ascensão da sociedade baseada no conhecimento;
- O crescimento da importância da cidade;
- As questões de migração em vários pontos do planeta;
- A busca de estabilidade e segurança (RITCHIE *apud* PANOSSO NETO & TRIGO, 2009, p.20).

Na década de 1990, no Brasil, a academia também se mobilizava para produzir discussões sobre as tendências do turismo. Em 1990, a Associação Mundial para Formação em Turismo e Hotelaria (AMFORHT) e a Universidade de São Paulo (USP) organizaram um seminário, em São Paulo, intitulado 'Turismo: Grande Desafio dos Anos 1990', que reuniu vários pesquisadores do turismo. Os assuntos tratados indicavam os interesses acadêmicos latinoamericanos na época, com a divisão que ficou estabelecida para o seminário:

Dimensão do turismo na América Latina e suas limitações de recursos humanos; o turismo na década de 1990; Capacitação de docentes e de gestores na área de turismo; Fatores da demanda turística e valorização da oferta diferencial latino-americana; Dinamismo do setor público e privado para o desenvolvimento do turismo (PANOSSO NETO & TRIGO, 2009, p. 21).

Nos anos de 1990, o setor do turismo foi marcado pela proliferação de estudos sobre as questões ambientais e de sustentabilidade; novas tecnologias; capacitação de profissionais; globalização; diversidade cultural; diferenças entre os hemisférios norte/sul.

Essas discussões representaram avanços para a atividade turística, no que concerne aos aspectos econômicos refletidos na expansão dessa atividade, dentro de um modelo de turismo de massa, em que se priorizam os interesses do mercado. No que diz respeito, aos aspectos de ordem sociocultural, essa é uma abordagem que pouco aparece na pauta de discussão, entre os promotores do turismo.

Panosso Neto e Trigo (2009) fazem referência às análises do setor turístico e do transporte, em que se nota a tendência para o turismo. As análises do turismo na década de 1990 permitiram observar que o turismo se desenvolveu, mas também enfrentou sérias dificuldades.

Panosso Neto e Trigo (2009), ao abordarem as análises e previsões para os anos 1990, ressaltam mudanças e problemas, previstos e detectados: os destinos prioritários apresentam mudanças. "A América do Norte, não será mais um destino prioritário para os viajantes europeus [...]. A Espanha continuará a declinar como destino turístico. [...] A Europa dominará os destinos internacionais" (Panosso Neto e Trigo, 2009, p. 24-25). Os países mais visitados serão França, Itália e Reino Unido. México e China serão importantes destinos turísticos, por causa da situação

de conflito e as regiões da Ásia-Pacífico e África do Sul terão crescimento acentuado.

A indústria de turismo global gerará 100 milhões de empregos em 2010. Os cruzeiros marítimos, turismo de aventura e de saúde deverão crescer significativamente [...]. O turismo espacial se tornará uma realidade em 2001, com o primeiro voo suborbital para turistas, previsto para ser lançado ao preço de US\$ 100 mil por pessoa (PANOSSO NETO & TRIGO, 2009, p. 25).

Apesar das tendências apontarem para problemas na aviação comercial, problemas financeiros com as companhias aéreas, inclusive crescentes perdas de lucratividade, percebe-se que o turismo passa por um crescimento privilegiado ao longo da década. “O setor crescerá no mundo com taxas médias de 5% ao ano e os empregos gerados saltarão de 255 milhões, em 1996, para 385 milhões em 2006” (PANOSSO NETO & TRIGO, 2009, p. 25).

Nos primeiros anos do século XXI, não foram realizados estudos que preparassem o turismo para a década de 2010, pois: “[...] não era possível prever as tendências, devido ao elevado nível de instabilidade global e ao desconhecimento, de como as variáveis econômicas, sociais, culturais e políticas se desenvolveriam nos próximos anos” (PANOSSO NETO & TRIGO, 2009, p. 22).

Essa falta de estudos sobre o turismo, nesse momento em que o mundo enfrenta problemas graves: a economia, a política e a cultura sofreram um encolhimento, muitas dúvidas pairavam sobre a humanidade, dificultando o deslocamento maciço de pessoas, entre regiões.

[...] de todos os assuntos discutidos no século XX, alguns que seguramente estão na agenda deste século são aqueles que envolvem a questão do conhecimento como diferencial altamente competitivo nas novas sociedades e análises dessas sociedades sob a denominação de pós-industriais ou pós-modernas (PANOSSO NETO & TRIGO, 2009, p. 23).

Os novos desafios políticos, econômicos e culturais que se vive neste século XXI e os impactos estabelecidos pela economia da informática e das telecomunicações têm como base a ciência, o conhecimento e o domínio tecnológico. Esse novo mundo causa, às sociedades, importantes mudanças que alterarão o equilíbrio geopolítico, geoeconômico e cultural global, embora a cultura ocidental persista na forma de estruturas administrativas, financeiras e operacionais ao redor do mundo. Aeroportos, hotéis e *shopping centers* de Hong Kong, Dubai,

Fortaleza, São Paulo e Pequim funcionam da mesma maneira. Até mesmo, em outros setores da sociedade, a administração desenvolvida é a mesma, seja no oriente ou no ocidente. O que muda são os aspectos que se podem considerar com relação à cultura:

Nas novas sociedades, o que há de 'novo' (além das tecnologias) para a elaboração de políticas públicas e privadas são os tópicos sociais: a necessidade de uma nova ética para essas sociedades; a preocupação com a justiça social e o meio ambiente; a necessidade de conter a crescente violência urbana e o terrorismo; a preocupação com o bem-estar da população. [...] O representante do Butão disse claramente que seu país está preocupado com os índices da 'Felicidade Nacional Bruta' da população (PANOSSO NETO & TRIGO, 2009, p. 39-40).

Essa deveria ser uma preocupação de todas as nações, pois o que deve importar, de fato, a uma sociedade é o bem estar da população, a satisfação das necessidades, que emanam dos próprios indivíduos, sem a imposição do mercado ou de instituições por ele comandadas.

1.4 Geografia Econômica Cultural

Ao abordar uma temática que relaciona economia, cultura e espaço, numa perspectiva geográfica, pretendeu-se discutir os aspectos socioeconômicos e culturais, resgatando uma reflexão, antes manifestada com menor interesse pela Geografia. As severas críticas, tanto internas como externas, levaram a Geografia a se renovar, incorporando aspectos culturais aos seus conhecimentos, dando origem a uma nova geografia cultural (CORRÊA, 2010).

A retomada da abordagem econômica cultural, pela Geografia, reflete a consciência por parte dos geógrafos, sobretudo daqueles provenientes da geografia econômica, da crescente convergência, entre economia e cultura, a partir da década de 1950. As temáticas, espaço, economia e cultura vêm ganhando destaque na Geografia em discussões e debates internacionais e articulam inúmeras questões, dentre elas o econômico, como campo de manifestação e construção cultural. A produção econômica caracteriza-se, cada vez mais, por traços culturais, enquanto a cultura se torna progressivamente mercantilizada.

“Bens e serviços simbólicos estão presentes, sobretudo a partir de 1990, nas compras, no entretenimento e na alimentação, os quais ganham novos significados. A cultura torna-se, mais, e mais, objeto de consumo” (CORRÊA & ROZENDAHL, 2010, p. 8-9).

As discussões que envolvem a temática econômica, como campo de manifestação e construção cultural, provocou desdobramentos. Corrêa e Rosendahl (2010, p.15-16) entendem que,

Adotar essa perspectiva implica muitos riscos. Trata-se de um terreno bastante movediço, pois, em alguns casos, muitas mediações são necessárias para a análise da dimensão cultural do econômico. Em versão anterior indagava-se sobre os riscos de se tomar a cultura por uma de suas manifestações, isto é, o conhecimento ou a habilidade em administrar recursos.

Muitas definições de cultura foram estabelecidas em atendimento à adoção dessa perspectiva econômica, acrescentando-se, agora, a premissa, insuficientemente explicada em 2003, segundo a qual “a cultura é um fenômeno espacial, portanto sua espacialidade depende de uma análise diacrônica, daquilo que constitui o movimento de sua estrutura, e sincrônica daquilo que se refere à constituição do valor extrínseco” (CORRÊA & ROZENDAHL, 2010, p. 16).

Essas externalidades contemplam a perspectiva econômica, da cultura aberta pela geografia cultural. No Brasil, Corrêa e Rosendahl (1999) estabelecem linhas distintas e complementares de análise que articulam espaço, economia e cultura.

- Os mecanismos que redefinem valores simbólicos, os quais acabam por incorporar valor econômico;
- A produção de imagens reais e virtuais que, portadoras de informação, estabelecem certo consumo seletivo do lugar-paisagem;
- As políticas públicas e os discursos que as sustentam, inventando e reinventando a ‘cultura regional’;
- Os comportamentos que, apoiados em relações culturais, ou em uma de suas manifestações, criam relações econômicas.

A tendência da Geografia Econômica Cultural configura uma área de pesquisa ainda pouco desenvolvida e as preocupações de delimitação do campo de investigação recorrem às explicações inspiradas nas mudanças intrínsecas do funcionamento dos sistemas econômicos e sociais. Barnes (2001) denominou essa tendência de *cultural turn* (virada cultural). O reconhecimento da evolução da

geografia econômica apresenta um consenso, quanto ao período no qual ela se cristalizou, sendo definida no início dos anos 1990.

O caminho escolhido para compreender a dimensão cultural do econômico inspira-se no que Bourdieu considera lógica específica da esfera de produção cultural, isto é, a produção cultural é influenciada pelo econômico, tanto quanto qualquer outro campo da vida social. Neste sentido, a cultura pode assumir o papel de instrumento de legitimação de uma ordem arbitrária que se impõe, seja pela força, seja pela natureza estruturante das funções ideológicas e econômicas. Trata-se, pois, de perceber as relações socioeconômicas como elementos 'naturais' que contribuí para a manutenção das condições de produção e reprodução sociais (CORRÊA e ROSENDHAL, 2010, p. 26).

A dimensão econômica no campo cultural corresponde ao entendimento das práticas culturais, como expressão das condições de reprodução social e como portadora de uma lógica específica. A orientação da dimensão econômica se dá como meio para atingir objetivos de reprodução social, enquanto, na dimensão cultural, o valor é intrínseco aos objetos e artefatos, ou seja, o valor dos objetos e artefatos é aceito como estando em si mesmo (CORRÊA, 2010).

Bourdieu (1993) e Massey (1997) “consideram os valores simbólicos inseridos no campo de negociação e de busca de inserção nos projetos da modernidade como instrumental lógico culturalmente construído.” Assim, Massey (1997) *apud* Corrêa e Rosendhal (2010, p. 27) retoma esse mesmo argumento e para ela,

[...] a prática cultural, ou o não econômico, não é equivalente à racionalidade econômica, mas que o reconhecimento de que a lógica econômica é culturalmente construída e, portanto a expressão do econômico na cultura é uma extensão de situações sociais e políticas concretas.

O interesse, nessa perspectiva, reside na crítica à racionalidade econômica e à premissa de existência de intencionalidade predeterminada e planejada, sem interferência dos elementos culturais.

Assim, conforme Corrêa (2010, p. 29), “distante do local de origem, indivíduos e grupos adotam uma perspectiva de revalorização daquilo que deixaram.” A volta às origens, representa o encontro das pessoas que fizeram as comunidades locais, suas representações sociais e identidades coletivas:

[...] são essas representações que se tornam veículos privilegiados de uma identidade coletiva e que fazem sobreviver mercados culturais concretos. Valoriza-se, assim, o desejo por viver o local e compartilhar a identidade que somente o reencontro, mesmo que virtual, com a comunidade 'abandonada', proporciona. Como espaço singularizado, esta última assume

valor intrínseco. O reencontro com o passado requer a produção de imagens dos lugares; seu consumo, no entanto, somente se realiza num sistema de valores extrínsecos (CORRÊA, 2010, p. 29).

No caso de Canoa Quebrada, surgiu uma comunidade distinta do núcleo central do lugar, a comunidade da Vila do Estevão, que procurou valorizar e manter uma identidade coletiva que resgatasse as suas origens, com a manutenção, principalmente, da tradição cultural e da pesca. Essa ação política de resistência cultural corrobora com o pensamento de Corrêa (2010), referente ao encontro com as populações locais, suas identidades coletivas e representações simbólicas.

No capítulo seguinte apresenta-se um histórico do turismo, em busca de compreender sua evolução no Brasil e a dinâmica do processo de apropriação do litoral nordestino, especificamente no Ceará, resgatando as políticas de desenvolvimento turístico, em especial de Canoa Quebrada.

2 TRAMAS NA REDE

A origem do turismo é tão antiga quanto a própria história da humanidade, mas foi somente no século XX, em meados dos anos 1970, que se projetou como uma atividade das mais importantes do mundo moderno. Essa projeção aconteceu, justamente, em período de crise econômica do capitalismo mundial e de transformações nas forças produtivas capitalistas vivenciadas no final do século XX e início do século XXI, pela via da disseminação da robótica e da microeletrônica no circuito de produção das mercadorias, o que torna extremamente oneroso o investimento em setores produtivos. No Brasil, o turismo tornou-se uma política de governo, sendo apontado como uma das alternativas para a integração das comunidades locais, a estrutura do capitalismo global.

A história do turismo de massa, no mundo globalizado, é recente e remete ao pós-Segunda Guerra Mundial, apesar de se desenvolver como setor organizado, desde os anos de 1840. O turismo, tratado como atividade econômica, é apresentado para o mundo periférico capitalista, pelos defensores da modernização, como passaporte para o desenvolvimento, o que evidencia a existência de uma ideia dominante sobre essa atividade.

Durante o século XX, a industrialização foi portadora da ideia de abundância, configurando-se no núcleo do projeto desenvolvimentista. Acreditou-se que os países 'subdesenvolvidos' ou 'em desenvolvimento' alcançariam os níveis de bem estar econômico e social, quanto mais acelerados fossem os processos específicos de industrialização.

Um balanço histórico, desse processo pode indicar que, de modo geral, a situação da imensa maioria da população dos países periféricos não apresentou mudanças substanciais tendo, inclusive, piorado em alguns casos, ao longo do século XX.

Essa é uma constatação que pode ser argumentada a partir do processo de dependência econômica e tecnológica e endividamento externo, cujos países subdesenvolvidos foram submetidos e apoiados por uma promessa de progresso,

modernização e industrialização. Intensificou, entretanto, o aumento das diferenças regionais, no que se refere ao desenvolvimento, à industrialização e à produtividade. Isso impossibilitou a plena industrialização dos países subdesenvolvidos no âmbito do mercado mundial, no período do capitalismo tardio e do neocolonialismo.

É inegável que a introdução do turismo na periferia, acabou por gerar várias 'ilhas de prosperidade', criando um circuito privilegiado de consumo e produção restrita a poucos focos turísticos: Aruba, no sul do Caribe, Cancun, no México, St. Maarten, conhecida como 'Miami Caribenha', são alguns exemplos. Para os trabalhadores, significa, apenas, a diminuição ou substituição de atividades econômicas tradicionais por outras, direta ou indiretamente turísticas, como guias, garçons, cozinheiros, faxineiro, entre outras.

No Brasil, o cenário de natureza exótica passava a imagem do 'Eldorado' brasileiro que, aos poucos, foi sendo devastado e exterminado culturalmente pelos primeiros povoadores e aventureiros.

A imagem do Brasil como um cartão-postal natural aparece explicitamente nos discursos do poder público, dos capitalistas do setor e dos pesquisadores a serviço do capital. Documentos produzidos por órgãos estatais sempre enfatizam a natureza do país como justificativa da denominada 'vocação' turística [...]. A natureza, que aparece no discurso dos defensores do turismo como a grande "vantagem competitiva" que temos para nos inserirmos no ciclo turístico mundial, adquire papel fundamental para esta forma específica de produção e reprodução espacial em moldes capitalistas. Os elementos naturais – numa palavra, a paisagem – se constituem, é o que dizem, como a matéria-prima do turismo. Um país como o nosso, detentor de um vasto território no qual existem várias formas de relevo, várias características climáticas, deveria priorizar a atividade turística, promovendo de forma planejada, adequada, sua determinação natural (OURIQUES, 2011)³.

Além dos atrativos naturais, os pesquisadores, os políticos e os capitalistas do turismo agregam a esses elementos turísticos, as múltiplas manifestações culturais regionais, que ocorrem pelo Brasil, tratando-as como mercadorias passíveis de serem consumidas. Um exemplo é o da promoção, inclusive internacional, de uma festa típica sertaneja, o artesanato típico de um lugar, o modo de vida de

³ Disponível em: <http://www.ggepsm.ufsc.br/html/index_arquivos/OURIQUES_HR.pdf> Acesso em: agosto de 2011.

determinadas populações regionais, como o cangaço⁴ que foi substituído pela exploração da imagem do nordestino ‘cabra macho’, de acordo com a reportagem ‘Nas pegadas de lampião’ (2005), que sugere “fazer as trilhas do bando de Lampião nos arredores de Serra Talhada, Sertão do Pajeú, no Estado de Pernambuco” como forma de reviver a época do lendário Lampião, Corisco e Maria Bonita (SEABRA, 2001)⁵.

SEABRA (2001), no artigo ‘Turismo sertanejo como alternativa econômica para o semiárido’, apresenta a proposta de desenvolver o turismo sertanejo, como um turismo “exótico com ênfase na cultura regional e na comunidade local”. Ele descreve o meio físico do sertão do Cariri paraibano, sugerindo-o como uma forma de lazer. O autor citado também apresenta uma síntese sobre o ‘elemento humano’ na caatinga, fazendo uma exposição sobre a figura do sertanejo: “[...] é nesse ambiente de terra, rachada e vegetação acinzentada, que vive o sertanejo típico. Vestindo indumentária de couro e alpargatas nos pés, o rude homem sertanejo é um elemento, sempre presente no ambiente da caatinga” (SEABRA, 2001, p.1).

A mulher brasileira, outro elemento explorado, como atrativo turístico para o Brasil, por meio de cartões postais e *folders*, estimulou o turismo sexual, atualmente, praticado pelo turista nacional e internacional, principalmente nas principais capitais litorâneas brasileiras. Esse fato desencadeou um grave quadro de exploração sexual de adolescentes e menores de idade.

Considera-se ultrapassada a noção de que a orla marítima é o reduto do turismo sexual no país. Essa atividade está dispersa e não é possível fazer uma delimitação rígida dos estados e municípios. São notórios, principalmente, em períodos de alta estação, na orla marítima de Fortaleza, turistas acompanhados de garotas que, apesar da pouca idade, descobrem como ganhar dinheiro no circuito turístico sexual local. Essa é uma problemática desencadeada no turismo brasileiro, difícil de ser combatido, uma vez que acontece, principalmente, nas camadas mais pobres da sociedade, como forma de sobrevivência.

⁴ Fenômeno ocorrido no nordeste brasileiro no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, que tem suas origens em questões sociais e políticas fundiárias.

⁵ Disponível em: <<http://www.turismosertanejo.com.br>> Acesso em: março de 2012.

Entretanto, outras problemáticas podem ser observadas, analisando-se três índices internacionais. Segundo Panosso Neto e Trigo (2009), O Produto Interno Bruto (PIB) divulga que o Brasil, em (2010 – 2011), esteve entre as dez maiores economias do mundo, ocupando, atualmente, a sexta posição. No entanto, o Brasil não deveria ocupar o 84º lugar no *ranking* mundial de qualidade de vida, medidos pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Este dado classifica o Brasil, entre os países mais desiguais do mundo, de acordo com o índice que mede a concentração de renda (GINI) e em decorrência dos altos índices de violência e dos problemas de infraestrutura, gera-se um baixo fluxo de turistas estrangeiros no Brasil.

Panosso Neto e Trigo (2009, p. 73) consideram a ampliação da infraestrutura e a estabilidade econômica elementos responsáveis pela elevação dos índices do turismo doméstico e consideram um entrave ao turismo internacional o modelo economicista que se instalou no Brasil:

O turismo doméstico tem apresentado índices mais promissores, graças à ampliação da infraestrutura e à estabilidade econômica dos anos 2006, 2007 e 2008 [...]. Mas o modelo poderia ser mais produtivo. Basta lembrar a crise aérea entre 2006 e 2007 para perceber algumas falhas estruturais do País. Um subproduto desse quadro é a cegueira situacional de ainda encarar o turismo apenas pelo lado econômico ou administrativo, quando há fortes correntes internacionais que procuram vê-lo como fenômeno social, político, cultural, ambiental.

Então, é necessário traçar, no Brasil, uma discussão sobre o modelo de desenvolvimento turístico que está por trás da economia e da sociedade, como um todo. Essa discussão envolve questões como cidadania, meio ambiente, ética, sustentabilidade e a necessidade de uma inclusão maciça da população. Todas essas questões avançam, à proporção que as instituições educacionais preparem os profissionais da área do turismo para atuarem na sociedade com uma sólida formação humanista.

Eventos como o Seminário da Associação Nacional de Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), que realizará a sua X edição de 15 a 18 de outubro de 2013, na Universidade de Caxias do Sul – UCS, e terá como tema “Turismo, Inovação e Criatividade, o Seminário Internacional de Turismo, o Encontro de Turismo com Base Local e o Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL firmaram-se nos últimos cinco anos, e são fundamentais para a discussão sobre o turismo que

queremos: os principais problemas e as possíveis soluções.

Essa abordagem do turismo não deve excluir a população em geral. Ela deve ser considerada em todas as ponderações feitas, a partir da instalação da atividade turística em uma região, uma vez que as relações sociais ali estabelecidas imprimem, no espaço, características próprias, que devem ser respeitadas e conservadas para que se mantenha a história, a cultura e a harmonia do lugar.

Assim, para que esses segmentos da sociedade possam participar com responsabilidade e maior conhecimento, é necessário o acesso à educação e à informação. As comunidades devem ser preparadas para discutir com os diferentes setores e se corresponsabilizarem pelos projetos e políticas.

A responsabilidade por essas questões não é exclusiva dos governos, mas da sociedade organizada como um todo. Empresários, profissionais, organizações não governamentais, sindicatos e comunidade organizada devem participar e se comprometer com os resultados decorrentes dos projetos turísticos. [...] há que se respeitar as comunidades como atores legítimos que devem ser ouvidos. É preciso investimento maciço em educação básica, planejamento coletivo eficiente e canais de comunicação entre empresas/governos/sociedade (PANOSSO NETO & TRIGO, 2009, p. 75).

Conforme dados da Organização Mundial de Turismo, a atividade turística movimenta, anualmente, mais de US\$ 3,5 trilhões, além de ser considerada, por vários órgãos de pesquisa, como um dos ramos de atividade comercial que mais cresce no mundo. Calcula-se que mais de 180 milhões de pessoas vivam, direta ou indiretamente, dessa atividade (SANTOS, 2011)⁶.

Devido a esse crescimento, o turismo vem gerando interesses distintos e, por essa razão, passou a ser segmentado em diferentes modalidades: cultural, religioso, esportivo, infantil, da terceira idade, gastronômico, rural e o ecoturismo. Esse tipo de turismo vem se desenvolvendo, nos últimos anos, principalmente, em países como o Brasil, que possuem diversidade de recursos naturais e uma importante característica: é o país de maior biodiversidade do globo, o que o torna um dos maiores potenciais, para esta nova forma de turismo.

⁶ Disponível em: ><http://www.ultimaarcadenoe.com/artigo5.htm>> Acesso em: 28 de Julho de 2013.

O desenvolvimento do turismo brasileiro teve sua primeira fase nos primeiros anos da década de 1970 e, apesar dos esforços, fracassou e dois problemas contribuíram para isso, segundo Panosso Neto e Trigo (2009, p. 57):

[...] o primeiro foi *estrutural*, causado pela série de desastres econômicos oriundos da crise do petróleo e do aumento das dívidas brasileiras, que causaram inflação e recessão e comprometeram o desenvolvimento nacional, inclusive do setor turístico; o segundo foi *conjuntural*, pois os 'planejadores' não se importaram com a preservação ambiental, com padrões internacionais de qualidade, formação intensiva de profissionais qualificados em todos os níveis, afetando a operação e a gestão dos serviços turísticos.

As várias crises econômicas que afetaram o Brasil, da segunda metade da década de 1970 até meados de 1990, contribuíram, praticamente, para a estagnação do turismo no país, sendo este assinalado até 1995, pelo amadorismo e pela improvisação.

De acordo com Panosso Neto e Trigo (2009), embora houvesse uma discussão sobre a implantação de uma política de desenvolvimento do turismo, o Brasil, até meados da década de 1990, ainda não tinha estabelecido uma política nacional clara para o turismo. Com a criação do Ministério do Turismo e dos Planos Nacionais de Turismo – 2003-2007 e 2007-2010, o turismo passou a ser tratado com mais profissionalismo.

O período de 1990 a 2008 foi de captação de recursos do Banco Interamericano de desenvolvimento (BID), por meio do Programa de Desenvolvimento do Turístico (PRODETUR) I e II, que privilegia os Estados do Norte e do Nordeste. Esses Estados foram levados a criar estruturas administrativas de turismo, que se solidificaram e começaram a criar e implantar programas sérios de turismo em seus territórios.

A partir de 1996, investimentos nacionais e estrangeiros foram aplicados em hotéis, parques temáticos e projetos ligados a entretenimentos; a privatização das telecomunicações e de várias rodovias proporcionou melhorias na infraestrutura; houve o crescimento da formação profissional em todos os níveis (básico, médio e superior).

O país vivenciou mudanças estruturais geradas pela necessidade de ampliação da atividade turística e o nordeste brasileiro passou a ser visto pelos agentes promotores, locais (governos e empresas do setor turístico) e internacionais (BID) como potencialidade em atrativos turísticos e uma real possibilidade de ampliação do setor nessa região, assim como importante geradora de renda para a atividade.

Embora tenha havido uma compreensão da importância do fenômeno turístico, como um possível fator de desenvolvimento e inclusão social, não se percebeu, nas áreas de desenvolvimento turístico no Brasil, um progresso concomitante da sociedade local, provocada pela implementação da atividade turística na região. Infelizmente, as políticas públicas não atendem às exigências da sociedade local, existindo, assim um débito muito grande do setor para com as comunidades receptoras do turismo no Brasil.

Apenas os governos brasileiros, Fernando Henrique Cardoso – 1995 a 2002 - e Luis Inácio Lula da Silva – 2003 a 2010 -, criaram programas de desenvolvimento turístico voltados para o setor social buscando uma maior participação da sociedade.

O Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT) desenvolvido e coordenado pelo Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), que mediante a adoção da metodologia da Organização Mundial de Turismo (OMT) (2001) e adaptado à realidade brasileira, é criado no governo de Fernando Henrique Cardoso e tem como propósito implementar um novo modelo de gestão da atividade turística, simplificado e uniformizado para os Estados e Municípios, de maneira integrada, buscando maior eficiência e eficácia na administração da atividade turística levando em conta um modelo mais participativo.

No entanto, vários empreendimentos voltados para o turismo e legalizados pelo poder público têm desencadeado problemas de ordem natural e social em algumas áreas do país. Com a criação do Ministério do Turismo, no início do primeiro governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva – 2003-2007 – novas políticas foram pensadas, incluindo a problemática social, com investimentos direcionados para este setor ao lado dos investimentos ligados à infraestrutura, financiamento de projetos públicos e particulares.

Na segunda gestão desse mesmo governo – 2007-2010 – foi criado o Programa de Regionalização do Turismo que substituiu o PNMT e descentralizou o Programa Nacional de Turismo (PNT), que procurou corrigir os desvios do PNMT, chamando os atores nacionais locais para assumirem suas responsabilidades.

Sendo esses atores nacionais e locais considerados como agentes promotores e receptores do turismo, deve-se esperar, então, que haja, de fato, uma participação da comunidade local, nas decisões tomadas pela atividade turística e que estas venham em benefício desta comunidade. O fato de se formalizar um programa de governo com o conteúdo de repasse de responsabilidade não significa, necessariamente, que a implantação da atividade turística se dê satisfatoriamente para os seus receptores. Para que isso aconteça, é importante que se constituam grupos e lideranças comunitárias que defendam os interesses da população local.

Os Programas Nacionais de Desenvolvimento Turístico (PNT) 2003-2007 e 2007-2010 tiveram papel importante na consolidação do turismo brasileiro, uma vez que apresentaram mudanças na forma de gestão do turismo. Panosso Neto e Trigo (2009, p. 60) apresentam um cenário de mudanças nas políticas nacionais de turismo com suas implicações territoriais nesse novo contexto:

O PNT 2003-2007 apresentou mudanças na forma de gestão centralizadora do turismo, dando maior importância ao papel dos 26 Estados e do Distrito Federal no turismo, por meio da criação do Fórum Nacional de Secretarias, formado pelos secretários de Estado de turismo, [...] que se caracterizou em uma importante ação para que fossem apontados os problemas e soluções com a explanação das demandas originárias nos Estados e municípios. O PNT 2007-2010 reforçou essa gestão descentralizada e deu maior importância aos Estados federados, na medida em que solicitou a participação do Fórum Nacional de Secretários e Dirigentes Estaduais de Turismo e dos Fóruns e conselhos Estaduais de Turismo.

Para que os vários projetos do Ministério do Turismo, implementados a partir de 2003, obtivessem significativa participação popular e social, como o Programa de Regionalização do Turismo, é necessário preparar a população com educação básica e de qualidade, participação comunitária geral e políticas articuladas de desenvolvimento, inclusive para o turismo, onde houver condições favoráveis ao seu desenvolvimento.

Um exemplo de participação comunitária, na decisão quanto ao tipo de turismo que se pretende, é o da Prainha do Canto Verde, localizada no litoral leste

cearense, aproximadamente a 45 km de Canoa Quebrada. Essa comunidade, esclarecida sobre os possíveis impactos que o turismo de massa pode causar ao meio ambiente natural e social, adotou um turismo de base comunitária, em que a própria comunidade é quem traça os planos do turismo na região.

O povo não é incapaz ou incompetente; é apenas despreparado graças a modelos seculares e sistemáticos de dominação e exclusão. [...] Várias práticas políticas existentes em localidades brasileiras sequer podem ser chamadas de capitalistas; são resquícios do mais antigo compadrismo, nepotismo, manipulação grosseira das pessoas ou desvios de recursos para interesses privados. Várias dessas práticas são impostas por governos, associações, sindicatos ou organizações que se abrigam sobre o discurso “competente” ou pseudolegitimado dos “direitos” adquiridos de forma dúbia ou, até mesmo por usurpação em relação aos direitos maiores e ao bem-estar da comunidade (PANOSSO NETO e TRIGO, 2009, p.77).

Quando não há a participação da comunidade no planejamento de programas voltados para o lugar, prevalecendo o autoritarismo e a imposição, constata-se uma exclusão social, econômica, política e cultural. Logo, surgem os projetos pretensamente, maravilhosos nas áreas do turismo, hotelaria ou entretenimento que, muitas vezes, não trazem benefícios às pessoas do local. Isso pode acarretar a expulsão de pessoas das terras, que são tomadas por classes dominantes locais, negociadas com empreiteiras e revendidas para terceiros, após terem sido legalizadas com o auxílio da justiça local.

Os processos de exclusão provocados pela especulação imobiliária e manipulação jurídica, para transformar áreas protegidas ou terras ocupadas por população carente em projetos dispendiosos de hotéis, marinas, parques privados e loteamentos de todos os tipos, beneficiam alguns poucos. Os moradores nativos são expulsos e muitos desses projetos são predatórios, prejudicando toda uma comunidade e o meio ambiente.

Condomínios, hotéis e *resorts*, chácaras e clubes são construídos de forma inadequada, quando empreendedores do turismo com poder econômico e político tomam, à força, uma área e nela se instalam. O lucro privado se faz em cima da usurpação de um bem público e, muitas vezes, com a destruição da comunidade. Em geral, a legislação municipal também sofre distorções para permitir a construção de edificações em completa desarmonia, com o entorno regional, o que acaba evidenciando a valorização do viés econômico do turismo, em detrimento do

sociocultural e ambiental. Essa inadequibilidade das construções, as demandas da população local e a ausência de políticas públicas para o setor de habitação são evidenciadas por construções disformes que avançam sobre as ruas de Canoa Quebrada.

As perspectivas do mercado assumidas na década de 1990, período de grande impulso da atividade turística, contribuíram significativamente para a construção da visão econômica que perdura ainda hoje e predomina no campo turístico. É evidente que o turismo tem uma importância econômica significativa e que as tendências mercadológicas precisam ser levadas em conta. Todavia, o turismo é também um fenômeno social, político, cultural e ambiental. A Praia do Forte na Bahia, áreas naturais preservadas e algumas recuperações arquitetônicas são alguns exemplos que merecem ser citados.

Em contrapartida, o complexo hoteleiro de Costa do Sauípe, na Bahia, ao norte de Salvador, um dos maiores empreendimentos brasileiros, encontra-se comprometido por apresentar sérios problemas de planejamento. Com baixos índices de ocupação, preços elevados e limitados recursos turísticos são exemplos de como as diretrizes políticas tendenciosas prevalecem sobre questões humanas e ambientais.

Privilegiar, apenas, uma faceta dessa atividade, que se apresenta tão complexa e dinâmica, causa problemas graves para a implantação e o desenvolvimento de um turismo articulado com outras atividades da economia que seja sustentável e duradouro. A maneira individualista e imediatista de pensar o turismo gera projetos e trabalhos superficiais pouco relevantes. No caso de empreendimentos públicos ou privados tornam-se ineficazes ou obsoletos em pouco tempo.

Nesse sentido, os planejadores e o poder público não podem sozinhos, decidir sobre a ocupação dos espaços naturais e socioculturais sem considerar o envolvimento ativo das populações. A preferência por determinados espaços em detrimento de outras, pode, muitas vezes, estar atendendo somente um público seletivo, como os turistas, por exemplo, e estar descaracterizando e comprometendo

o vínculo afetivo, cultural e histórico que as comunidades têm com determinados lugares e paisagens.

Assim, para uma melhor avaliação e intervenção em um espaço é preciso detectar como este está sendo percebido pelos vários sujeitos que nele interage, direta ou indiretamente, identificando-se quais os elementos estão sendo valorizados (valor estético, valor utilitário, valor da paisagem vivida, valor de mercado...).

Menezes demonstra preocupação com a ocupação do espaço pelos planejadores e pelos poderes públicos quando afirma que a paisagem deve ser constituída em sintonia com as demandas das populações locais:

[...] a paisagem deve destinar-se, primeiro aos habitantes, sem detrimento, é claro, da partilha com os de fora. Isso significa que políticas oficiais de preservação e valorização da paisagem que não passem pelo eixo do cotidiano e do trabalho estão, já de início, comprometidas ou são suspeitas (2002, p. 60).

Os projetos turísticos devem ser realizados de maneira estratégica e articulados com a comunidade. O desenvolvimento pleno de um projeto turístico depende de uma sociedade equilibrada e justa; assim, o turismo será possível em uma sociedade mais participativa. Para a construção desse projeto turístico, são fundamentais o capital, o conhecimento e a valorização do homem, para que a vida seja preservada e dignificada. Consoante Yázigi, “não pode haver turismo sadio sem, que antes de tudo, haja uma preocupação com a dignidade do cotidiano das pessoas que habitam o lugar e seus envolvimento com o destino comum”. (2002, p. 9).

Não obstante a necessidade premente de que sejam articuladas políticas direcionadas ao turismo e as demandas oriundas das populações locais, essa disposição não foi percebida em Canoa Quebrada. Não foi possível verificar a construção de um projeto turístico que priorizasse a participação das comunidades e a preservação dos espaços socioculturais e ambientais. Ao contrário, verificaram-se profundas alterações no ambiente físico-natural e nas relações sócio culturais.

2.1 Turismo no Nordeste

Até a criação da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), em 1966, pouco se tinha experimentado em termos de planejamento da atividade turística. Com a criação dessa empresa, pelo Decreto-lei 55/66, definiu-se, pela primeira vez, uma série de dispositivos legais que permitem identificar a gênese de uma política nacional de turismo.

Inicialmente, o papel do EMBRATUR restringiu-se à consolidação do mercado interno e à captação da demanda externa, por meio de campanhas publicitárias. Somente, na década de 1990, a empresa passou a ser a peça fundamental na elaboração de políticas públicas para o setor turístico.

O Brasil, na década de 1970, viveu o chamado ‘milagre econômico’, quando a sociedade passou por transformações econômicas, principalmente, com investimentos em infraestrutura. No período dos anos de 1970, a classe média, motivada pelas campanhas de *marketing*, adquiriu uma cultura de consumo de produtos turísticos, cujas principais áreas de refúgio situavam-se nos arredores dos grandes centros.

Com o passar dos anos e sem o planejamento necessário, algumas dessas áreas apresentaram sinais de forte deterioração, impulsionando essa massa consumidora de lazer, para outras regiões ainda inexploradas, como destaca Rodrigues (2001, p. 149):

Esse movimento, inicialmente identificado nas regiões Sul e Sudeste, a partir da década de 80, se espalha pelo litoral nordestino, facilitado pelas novas rodovias e pelas aerovias, quando o avião se torna um meio de transporte acessível à classe média. Com a crise econômica no início dos anos 80, a atividade turística passa a ser encarada pela classe política como “uma alternativa econômica capaz de soerguer as economias deprimidas dos estados nordestinos e de dinamizar a economia da Amazônia”, com a ‘onda’ do turismo ecológico.

A região nordestina, com cerca de 1.500.000 quilômetros quadrados de área e nove estados litorâneos, totaliza, aproximadamente, 3.300 km de costa, apresentando uma potencialidade natural litorânea, que conjuga dois elementos de atração turística, sol/praias, que passaram a ser explorados pelos governos dos estados nordestinos, com o objetivo de intensificar o uso turístico na região (BNB, PRODETUR – NE, 1995).

O Nordeste começou, então, a ser 'vendido' como 'Novo Caribe', 'Novo Mediterrâneo', 'Nova Flórida', atraindo capital estrangeiro para o setor, sob a forma de investimentos em hotéis e *resorts*, nos moldes dos grandes centros turísticos internacionais.

Duas políticas regionais foram instituídas para o desenvolvimento da atividade turística no nordeste: a política de megaprojetos turísticos e o Programa para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR-NE). A primeira tinha o objetivo de ampliar a infraestrutura hoteleira regional e a segunda, melhorar os aspectos da infraestrutura básica e de acesso e aperfeiçoar o sistema institucional de gestão da atividade. Essa política trouxe significativas transformações ao processo de construção e reconstrução do espaço no litoral nordestino, por meio do (re) ordenamento de territórios para uso do turismo.

Conforme Nicolas (1989), esses programas se inserem em um modelo internacional de desenvolvimento turístico, pois apresentam características de infraestruturas como aeroportos, rodovias, energia elétrica, água, reprodução da força de trabalho empregada nas atividades turísticas, participação do Estado na abertura de crédito, formação de mão de obra e segurança e outras.

Entende-se, assim, que o turismo necessita de condições de atendimento ao visitante, gerando um constante fluxo de pessoas essencial ao seu desenvolvimento, o que é algo aceitável. Entretanto, esse atendimento não deve ser colocado acima dos interesses locais, sob pena de se cometer uma predileção dos interesses turísticos em detrimento dos interesses internos da população. A indução na formação de mão de obra deve respeitar a vontade dos cidadãos, por mais utópico que pareça, pois se deve, sempre, buscar algo próximo do ideal.

Na tentativa de manter o modelo de desenvolvimento turístico estabelecido internacionalmente, o Banco do Nordeste do Brasil (BNB, 1995), órgão financiador de projetos turísticos no nordeste brasileiro, sustenta que:

A indução de investimentos em infraestrutura turística constitui objetivo central do PRODETUR – NE e a estratégia adotada para alcançar esse fim é o provimento de infraestrutura básica e de serviços públicos para áreas em expansão turística, onde a capacidade do estado não acompanhou a demanda por tais serviços (CRUZ, 2001, p. 111),

Foi nesse cenário e sob a influência dos ideais neoliberais que a Política Nacional de Turismo começou a se reestruturar. No início dos anos de 1990, devido à profunda crise instaurada no país, órgãos internacionais como o Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) apontaram a atividade turística como possível redentora para a crise econômica. Durante o governo Fernando Collor de Melo – 1990 a 1992, a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) ganhou o título de Instituto Brasileiro de Turismo e assumiu a Política Nacional de Turismo (PNT), agregando os seguintes objetivos:

- democratizar o acesso ao turismo nacional;
- reduzir as disparidades econômicas regionais mediante a oferta de emprego e melhor distribuição da renda;
- aumentar os fluxos turísticos, a taxa de permanência e o gasto médio do turista estrangeiro no país.

Incorporando esses objetivos à PNT, o EMBRATUR fortaleceu a ideia do potencial da atividade turística, como fator de desenvolvimento regional. No início da década de 1990, o então Presidente da República, Fernando Collor de Melo, idealizou um megaempreendimento de grandes proporções, ao longo do litoral dos estados de Alagoas e Pernambuco. A partir dessa época, deu-se a criação do Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR-NE), criado pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e pelo EMBRATUR, em 29 de novembro de 1991, envolvendo todos os estados nordestinos e a região norte de Minas Gerais, por esta fazer parte da área de jurisdição da SUDENE.

Em meio a todo esse cenário, ocorreu a descentralização na gestão do setor. A EMBRATUR passou a ter um papel fundamental na formulação de políticas públicas, deixando a execução dessas políticas para os governos estaduais e municipais, em parceria com a iniciativa privada.

Em julho de 1992, foi criado o Plano Nacional de Turismo (PLANTUR), que buscou promover o desenvolvimento regional com a formação de polos de turismo integrado. Esses polos seriam implantados, inicialmente, fora do eixo Sul e Sudeste,

visando a equalizar a distribuição geográfica das infraestruturas, uma das principais metas do plano.

No entanto, as questões ligadas à infraestrutura não eram as únicas preocupações do governo federal. O PLANTUR também previa ações no sentido de promover uma verdadeira democratização da atividade, com o fortalecimento e incentivo ao turismo interno e conseqüentemente, um aumento no número de postos de trabalho gerados pelo setor.

A classe política brasileira elaborou um plano de desenvolvimento turístico consistente, mas que pouco saiu do papel. A única ação concreta implementada foi o Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste Brasileiro, o PRODETUR-NE. Reunidos na SUDENE, os governos estaduais do nordeste elaboraram este programa com o apoio do governo federal, que obteve aporte financeiro do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Esse projeto cumpriu uma das principais metas do programa, pois investimentos provenientes do PRODETUR-NE foram destinados à implementação de projetos de infraestrutura básica, como construção e reforma de rodovias, fornecimento de energia elétrica, abastecimento de água e saneamento, além de projetos de infraestrutura voltados para a sustentação do turismo, como a reforma e ampliação de aeroportos e rodoviárias.

O PRODETUR pode ser entendido como:

Uma política de turismo que 'faz às vezes' de uma política urbana, pois se restringe à criação de infraestrutura urbana em localidades consideradas, pelos respectivos estados envolvidos, relevantes para o desenvolvimento do turismo regional (CRUZ, 2001, p. 11).

Ainda, conforme Cruz (2001), para que o PRODETUR atinja outros objetivos, é importante sua articulação com outras políticas, visto que,

[...] outros objetivos do PRODETUR somente podem ser alcançados se articulada essa política de turismo com outras políticas para a atividade (como a política de megaprojetos, por exemplo), pois nenhuma das obras e nenhum dos serviços previstos pelo programa pode assegurar a conquista de tais metas. (CRUZ, 2001, p. 111).

Com condições naturais para o desenvolvimento turístico, o Nordeste brasileiro se define como potencialidade em atrativos fundamentais para o turismo. Com extensas formações areníticas dispostas longitudinalmente ao longo da costa oceânica, encobertas, ou não, pelas marés, as praias geram, sobre esse ambiente, uma cultura de valorização dos elementos sol/praias, potencializando, de forma natural, o litoral da região Nordeste, para o desenvolvimento da atividade turística.

A política do turismo se caracteriza pela atuação do setor público e, no nordeste brasileiro, desenvolvem-se quatro megaprojetos identificados e estudados: Parque das Dunas - Via Costeira em Natal-RN, primeiro megaprojeto turístico nordestino, seguido do projeto Cabo Branco, na Paraíba, do projeto Costa Dourada, em Pernambuco e Alagoas; do Projeto Linha Verde, na Bahia. Esses projetos têm os governos desses estados como principais empreendedores, os quais idealizaram e patrocinaram os megaprojetos, nestes estados nordestinos, por meio de incentivos financeiros e fiscais.

Comandado pelo poder público e com o objetivo de desenvolver o turismo na região Nordeste, os megaempreendimentos definiram um conjunto de ações, que revela uma política de megaprojetos turísticos, entre final dos anos 1970 e início de 1980, influenciada pelo 'modelo Cancun', que consiste na urbanização turística de trechos de costa pouco ou nada urbanizados, com grande concentração de equipamentos.

A implantação dos megaprojetos no litoral nordestino tem, na priorização da infraestrutura hoteleira, outra característica importante, que atende ao modelo de urbanização turística, predominante no litoral nordestino, voltado para a captação de demandas inter-regionais e internacionais.

Segundo Cruz (2001), apesar das políticas nacionais de turismo terem priorizado o setor hoteleiro, a infraestrutura de hospedagem continuou sendo uma das principais deficiências no setor de turismo, o que levou à implantação de megaprojetos turísticos, principalmente no nordeste brasileiro, com o envolvimento do poder público.

A autora citada considera que:

Apesar de as políticas nacionais de turismo (desde a década de 1960) e os incentivos fiscais e financeiros destinados à atividade (desde a década de 1970) terem priorizado o setor hoteleiro bem como privilegiado o Nordeste, a infraestrutura de hospedagem continuou sendo uma das principais deficiências, em termo de infraestrutura turística, da Região. A opção, por parte de alguns estados nordestinos pela implantação de um megaprojeto turístico é condicionada por diversos fatores, entre os quais se destacam a existência de demanda potencial e, ao mesmo tempo, a deficiência infraestrutural turística dos estados e/ou trechos de costa desses estados eleitos para a implantação desses projetos; o envolvimento do poder público estadual com questões relativas ao desenvolvimento do turismo e sua capacidade de articulação política para a viabilização dos empreendimentos (para a captação dos recursos, para a elaboração do projeto, para a escolha da área, para a implantação da infraestrutura básica, de energia, de telefonia e de acesso etc. e a margem de risco deles (CRUZ, 2001, p. 80).

A política de incentivo a megaprojetos hoteleiros, ao mesmo tempo em que promove a modernização dos espaços a serem apropriados pela atividade turística, com a implantação de uma infraestrutura complementar, gera uma divisão territorial, entre o que vai ser explorado pelo turismo, geralmente localizado nas faixas litorâneas, e as áreas reservadas às comunidades locais, cada vez mais reclusas no interior. A relação entre esses territórios vai depender do modelo de uso turístico adotado por cada empreendimento: se turismo de massa, modelo mais amplamente desenvolvido, ou turismo comunitário, que se volta mais para uma prática sustentável do espaço turístico.

Conforme Cruz (2001), os projetos de hotelaria, que vêm se desenvolvendo nos últimos anos no Nordeste brasileiro, têm se caracterizado pela pouca dependência de seus espaços circunvizinhos. Esses projetos são baseados nos modelos de *resort* e *village*, cujos empreendimentos são planejados para serem autossustentáveis, obedecendo a um rígido modelo de gestão, internacionalmente padronizado. É interessante ressaltar que projetos dessa natureza não criam grandes vínculos com o local de sua implantação, uma vez que estão mais preocupados em transpor, para aquela realidade, todos os desejos do turista. Desse modo, ele 'se sente em casa' e ignora o que de diferente aquela região pode oferecer.

Em Canoa Quebrada, constatou-se um quadro semelhante ao exposto, uma vez que empreendimentos majestosos foram impostos a um espaço habitado por comunidades tradicionais.

Segundo Bursztyn (2005), são vários os problemas advindos com a instalação

de megaempreendimentos turísticos em comunidades tradicionais. Impactos socioambientais, econômicos e culturais são facilmente percebidos e acarretam transtornos às populações:

Os problemas sociais provenientes desse tipo de empreendimento são evidentes e merecem a atenção da comunidade acadêmica. Os impactos na vida cotidiana das comunidades do entorno dos empreendimentos turísticos são poucos estudados, porém é possível perceber alguns equívocos, cujas consequências são irreversíveis. A súbita valorização de territórios, antes esquecido pelo mercado imobiliário, está provocando um verdadeiro desastre sociocultural nessas regiões. Sem nenhum trabalho prévio de sensibilização, conscientização e capacitação – e pressionados pela especulação imobiliária – muitos membros de comunidades tradicionais vendem suas terras a preços irrisórios e passam a viver de subempregos vinculados ao turismo ligados ao turismo e às residências secundárias (BURSZTYN, 2005, p. 58).

O não aproveitamento da mão de obra local, nesses empreendimentos, também ganha importância nesse cenário. Como empregar nativos, acostumados com o modo de vida tradicional, em complexos hoteleiros de padrão internacional? Trata-se de pessoas que viviam da pesca artesanal e da lavoura e se veem obrigadas a responder por uma qualidade de serviços padronizada de alto nível. Sem uma capacitação prévia, pescadores e lavradores são lançados em um mercado altamente competitivo e, na maioria dos casos, têm a própria autoestima abalada com o fracasso na obtenção de emprego.

A construção de megaempreendimentos turísticos instalados em áreas litorâneas no nordeste brasileiro é licenciada pelo poder público, por meio de órgãos ambientais, fiscalizadores e responsáveis pela conservação e preservação do meio ambiente. No entanto, a construção desses megaempreendimentos contribuiu para a destruição de ecossistemas marinhos e terrestres e expulsaram ou ameaçaram habitantes que sobreviviam do meio, através da pesca artesanal para subsistência. Podem ser citados, como exemplo, O Aquiraz *Riviera Resort*, localizado na Prainha, litoral do município de Aquiraz, O *Villa Galle*, instalado na praia do Cumbuco, Município de Caucaia, na região metropolitana de Fortaleza-CE e o Porto Canoa, projeto construído no final da década de 1990, no Município de Aracati, em Canoa Quebrada, atualmente, em decadência, devido a má administração.

A capacidade de destruição do espaço seja ele físico natural ou sociocultural, quando da instalação de um megaprojeto turístico, demonstra ser avassalador,

quando não são tomados os devidos cuidados: destroem-se paisagens naturais com a pavimentação de estradas, desmontes de morros e dunas, aterragem de mangues, construção de pontes e destruição de territórios e culturas construídos ao longo de toda uma história.

A questão fundiária vem se configurando como um dos principais problemas provenientes da política de megaprojetos e dela derivam outras inúmeras disfunções sociais.

Como destaca Seabra (2001), durante a implantação do Centro Turístico de Guadalupe, na zona litorânea, ao sul de Pernambuco, não houve qualquer interesse em corrigir os desequilíbrios sociais locais. Segundo o autor citado, a concentração da terra tem influência direta em fatores como a elevada taxa de mortalidade infantil e a baixa expectativa de vida.

Nos municípios próximos ao Centro Turístico de Guadalupe, têm-se “[...] apenas, 9% dos estabelecimentos ocupando 60% das terras, enquanto 76% dos estabelecimentos ocupam 9% da área produtiva” (SEABRA, 2001, p. 44).

Na década de 2000, presenciou-se, em relação às políticas de desenvolvimento turístico, principalmente na Região Nordeste, uma verdadeira aliança com as empresas do ramo da construção civil que, com o apoio do poder público, asseguram ‘a reprodução de elites dominantes’, deixando as populações das pequenas comunidades à margem de todo o benefício gerado pelo turismo.

Segundo Damiani (1997, p. 48) “este é o sentido avassalador do turismo, como negócio, que renova a possibilidade de enriquecimento e apropriação privada de espaços, antes secundários às tramas da capitalização”.

Damiani e Urry (2001) reconhecem as consequências negativas que as políticas de desenvolvimento turístico têm desencadeado no meio local. Os autores citados afirmam, ainda, que:

A proposta de desenvolvimento do PRODETUR-NE, tem como pano de fundo, a modernização / urbanização de territórios que antes não eram explorados pela ‘indústria do turismo’. No entanto, ao privilegiar o grande capital privado, principalmente internacional, vem dificultando o desenvolvimento local, uma vez que a maior parte dos lucros provenientes do turismo não circula pela comunidade. No caso dos empreendimentos

comandados pelo capital internacional, essa situação fica ainda mais clara. Nas Ilhas Maurício, por exemplo, cerca de “90 % das divisas estrangeiras obtidas com o turismo foram repatriadas para companhias baseadas em outros países”. (DAMIANI & URRY, 2001, p. 93).

Nesse sentido, pode-se questionar o significado do turismo para as comunidades que se situam no entorno onde se instala, perguntando-se: o incremento do turismo contribui para melhorar a qualidade de vida dessas comunidades?

Para ilustrar essa discussão, é destacada a Conferência Internacional sobre o Turismo, sediada por Fortaleza em 2011, que reuniu o empresariado desse segmento produtivo e os gestores públicos vinculados à área nacional do turismo. As discussões giraram, principalmente, sobre a temática do turismo, como indutor do desenvolvimento da inclusão social e da integração regional.

A conferência Internacional sobre Turismo contou com a atuação das delegações do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Ministério do Turismo, Organização Mundial do Turismo (OMT) e do Banco do Nordeste, entre outras, além dos governos estaduais, com suas empresas especializadas na promoção do turismo. Exemplos concretos foram passados sobre como se constroem grandes destinos ou se escolhe uma cidade, para sediar eventos. Essa ação despertou importante interesse pelos planejadores governamentais e técnicos do mercado.

Um destaque é dado ao vasto leque de exigências da atividade turística, uma vez que ela seja bem sucedida: infraestrutura capaz de assegurar aos visitantes serviços de limpeza urbana, água tratada, esgotamento sanitário, transportes higienizados, trabalhadores qualificados, bares, serviço de restaurantes e hotelaria condizentes com o nível dos visitantes.

Além de apresentar atrativos, a capital do Ceará e o seu entorno têm a oferecer uma culinária típica e variada; praias onde as águas não atingem temperaturas abaixo de 27 graus; hospitalidade do povo cearense. Também é apontado um extenso elenco de providências administrativas de elevado interesse para a atividade turística, como a fixação do indicativo dos bairros, avenidas, ruas e logradouros; dos destinos turísticos mais procurados; dos serviços de socorro de

urgência e de praças de alimentação. Quanto maior for o volume de informações disponibilizadas, melhor será o retorno, em termos de imagem para o Ceará.

Se a região receptora do turismo deve discutir providências administrativas de serviços, especialmente para visitantes, é porque os poderes públicos não valorizam a população local na oferta desses serviços no seu cotidiano (*REV. INTERFACE*, dez.2006),

Com a preocupação de ofertar os serviços turísticos como limpeza urbana, água tratada, esgotamento sanitário, transportes higienizados, trabalhadores qualificados, bares e bons serviços de restaurantes e hotelarias, prioritariamente, aos visitantes, fica evidenciada a necessidade de conscientização e de investimentos, por parte dos segmentos produtivos e dos gestores públicos vinculados à área do turismo, quanto à necessidade de oferecer a todas as pessoas que desfrutam os vários espaços do lugar, seja em visitas ou em moradia, ambientes saudáveis e bem estruturados.

2.2 Turismo no Ceará

O modelo de turismo concebido, incentivado e financiado pelo governo do Estado do Ceará, nos últimos vinte anos, está inserido no contexto da economia mundializada, com características semelhantes às do modelo mexicano e caribenho, que se traduz pela exclusão social, elitização e privatização de espaços públicos, homogeneização cultural, produção de não lugares vazios de vida comunitária e laços identitários próprios. Este modelo tende a criar e manter formas de apropriação privada de espaços públicos, como praias e mananciais; acentua as desigualdades de renda, numa região pobre e desprovida de investimento para a implementação de uma infraestrutura; ao mesmo tempo em que opera por meio de vultosos gastos públicos, sem uma consulta à sociedade e integração aos interesses e vontades da maioria da população.

Em Canoa Quebrada podem ser vistas várias barracas e restaurantes localizados em áreas de praias. Apesar destas instalações terem a aprovação da comunidade, pois geram empregos para a população local e circunvizinha, ocupam

espaços públicos. Atualmente, esses empreendimentos estão sendo questionados pela justiça por ocuparem áreas consideradas de preservação permanente de acordo com a legislação ambiental.

Foi num contexto de crise do mundo do trabalho e da aplicação de políticas neoliberais, que o Governo de Fernando Collor de Melo (1990 – 1992) implantou, em 1991, o Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR-NE), com o objetivo de incrementar o turismo na região nordeste. De acordo com as políticas liberais disseminadas pelo presidente FHC (1995 – 2002) e o governo do Estado do Ceará, Tasso Jereissati (1995 a 1998 e 1999 a 2002), o Estado passou a investir no turismo e a atrair investimentos comerciais. Nos marcos da política neoliberal, a ideia era explorar as belezas naturais cearenses, ampliar o espaço de realização do capital e, em decorrência, integrar as populações locais, a esfera da circulação das mercadorias.

O Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo do Nordeste (PRODETUR-NE) e o Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo do Ceará (PRODETUR-CE) tiveram sua primeira fase transcorrida entre os anos de 1995 e 2001 e, como área prioritária para a alocação dos investimentos públicos e privados, a Região Turística I do Estado do Ceará, correspondente aos seis municípios litorâneos mais próximos de Fortaleza: Caucaia, São Gonçalo do Amarante, Paraipaba, Paracuru, Trairi e Itapipoca.

O Governo do Estado do Ceará, Tasso Jereissati, em seu primeiro mandato (1995 – 1998), desenvolveu um Plano de Desenvolvimento Sustentável, em que o turismo e o PRODETUR-CE desempenhariam um papel fundamental no desenvolvimento das forças produtivas do Estado do Ceará, que se pretende sustentável. Essa primeira fase foi avaliada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), pelo Banco do Nordeste do Brasil (BNB), em relação ao estudo das concepções dos projetos de infraestrutura, órgãos gestores do PRODETUR-CE, e pela sociedade civil cearense, representada pelo Fórum em Defesa da Zona Costeira do Ceará que, desde 1994, vem monitorando todas as etapas do programa, nessa 1ª fase.

Os recursos utilizados para a implementação do turismo no Ceará são

oriundos dos cofres públicos estaduais, nacionais e internacionais, disponibilizados pelo governo do Ceará, através da Secretaria de Turismo do Estado do Ceará (SETUR), da Companhia de Água e Esgoto do Ceará (CAGECE), da Superintendência Estadual do Meio Ambiente (SEMACE), da Secretaria de Infraestrutura do Estado do Ceará (SEINFRA) e do Departamento Estadual de Estradas e Rodagens (DERT); do Governo Federal, utilizando recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), do Banco do Nordeste do Brasil S.A. (BNB) e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). A aplicação desses recursos públicos, portanto, deparou-se com um resgate histórico de iniquidades sociais impostas secularmente às classes sociais inferiores da estrutura socioeconômica do Brasil.

Como parte do discurso oficial dos Governos Federal e Estadual, o turismo é apontado como grande alternativa econômica para a inserção 'integradora' das populações receptoras do turismo. Afirmava-se que a atividade turística, por sua própria natureza, seria 'preservadora' do meio ambiente. Para o Governo do Estado do Ceará, o PRODETUR "[...] é um programa de obras múltiplas, que visa dotar o litoral do Nordeste do Brasil de uma infraestrutura capaz de possibilitar o desenvolvimento da atividade turística, dentro de uma perspectiva sustentável." (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2009) ⁷.

Apesar da constituição do discurso governamental, podem ser citados vários exemplos que se ajustam à 'perspectiva sustentável' apregoada. Em muitas praias nordestinas, várias áreas de dunas móveis são loteadas para construção de hotéis e residências secundárias, o que tem causado graves problemas socioambientais. No Estado do Ceará, esse fato pode ser observado na região do Porto das Dunas, onde foi construído um complexo turístico, tendo como centro o *Beach Park* e em Canoa Quebrada, por intermédio da construção do empreendimento de Porto Canoa, atualmente em decadência.

A introdução do turismo nas regiões periféricas do mundo favorece a proliferação de 'ilhas de prosperidade', criando um circuito privilegiado de consumo e

⁷ Disponível em:> <http://www.conpam.ce.gov.br/categoria1/prodetur>>. Acesso em: março de 2010.

produção, mas essas benesses restringem-se a poucos, pois as condições de vida das populações nativas pouco se modificaram. De modo geral, a população local, não se beneficiou e não se beneficia com o 'progresso' que o turismo oferece. Para os trabalhadores, significou, apenas, a diminuição e/ou substituição de atividades econômicas tradicionais por outras, como guias, garçons, cozinheiros, faxineiros e outras funções. Isto foi o que se observou em Canoa Quebrada.

Podem ser observadas, em vários locais do mundo periférico, situações causadoras de constrangimentos à população residente, como as canalizações de água e esgoto, que servem a hotéis luxuosos, mas não beneficiam às comunidades pobres da comunidade; a eletricidade que ilumina e aquece o banho dos turistas, porém não chega até as casas dos habitantes locais; o asfalto que passa pelos roteiros turísticos contrasta com as ruelas esburacadas e enlameadas das áreas menos favorecidas. Isso comprova, mais uma vez, o descaso com a população local e a priorização pelo atendimento à atividade turística.

Nesse mesmo espaço de construção do turismo, percebem-se as modificações nas relações sociais, que produz relações de trabalho especificamente capitalistas, através do assalariamento. Embora, o turismo não dispense outras formas de relação de trabalho, como a familiar, a semiescavidão no turismo sexual e o trabalho 'autônomo' como a venda de bugigangas, modalidade bastante praticada na praia de Canoa Quebrada.

Para Yazigi (2006, p.131), "[...] a corrida pelo desenvolvimento do turismo está se tornado uma obsessão nacional." A faixa litorânea do Estado do Ceará, em particular a que corresponde a Canoa Quebrada, encontra-se, praticamente, tomada pela especulação imobiliária para fins turísticos e por interesses privados.

Esse processo tem sido respaldado, ao longo dos anos, pelo discurso oficial dos Governos do Estado do Ceará, ao enfatizar que o turismo é a grande vocação econômica do Estado, atraindo e facilitando a instalação de grandes equipamentos turísticos, por meio incentivos governamentais. Dessa forma, barracas, *resorts* e outros equipamentos turísticos instalados ao longo do litoral cearense, em espaços protegidos pela legislação ambiental, têm gerado conflitos com as comunidades tradicionais, por terem seus espaços vinculados diretamente ao seu modo de vida,

invadidos por esses megaempreendimentos.

As barracas instaladas nas áreas litorâneas, aos poucos, privatizam “faixas de praias, consideradas bem de domínio público” (Lei nº 7.661 de 16/05/1988), impedindo às pessoas de terem acesso e de usufruírem a praia naquele trecho, por não consumirem os produtos ofertados pelas barracas. Os donos de barracas selecionam os clientes, priorizando os turistas, como os principais frequentadores, principalmente, em períodos de alta estação, desrespeitando, assim, o direito dos cidadãos de terem acesso a um bem público.

Os governantes, que deveriam intervir para defender os interesses públicos garantidos por lei, definem-se como defensores de grupos econômicos que atendem aos interesses de poucos, embora prejudiquem o meio ambiente físico e social.

No Estado do Ceará, em 1978, no governo Virgílio Távora, foram destinadas terras para a construção do megaprojeto cidade ‘Nova Atlântida’, em Itapipoca, litoral Oeste, a 147 quilômetros de Fortaleza, cuja construção teve início em 2004, pelo grupo empresarial espanhol ‘Nova Atlântida’.

O andamento da construção deste megaempreendimento cidade ‘Nova Atlântida’ foi, várias vezes, interdito, pois, segundo o Ministério Público Federal, muitas questões barraram este andamento. Investigado pelo Conselho de Atividades Financeiras (COAF), vinculado ao Ministério da Fazenda, o presidente do grupo espanhol ‘Nova Atlântida’, Juan Ripoll Mari foi acusado, em 2007, de lavagem de dinheiro, crime organizado internacional e instalação do megaempreendimento, onde ocupam as terras dos Tremembés, povo indígena que vive em Itapipoca, na área de instalação do projeto ‘Nova Atlântida’.

Outro grupo imobiliário espanhol, o ‘Afirma’, assumiu o comando do megaempreendimento, desde o início de 2008. Orçado em US\$ 15 bilhões, a Cidade ‘Nova Atlântida’ pretende ser o maior empreendimento turístico do Brasil. Está prevista a construção de “13 hotéis cinco estrelas, 14 resorts, seis condomínios residenciais e três campos de golfe, numa área contínua de 12 quilômetros de praia

e 3,1 mil hectares” (GLOBO, 2010) ⁸.

Caso o grupo imobiliário consiga concretizar a construção da ‘Nova Atlântida’ nas Terras Indígenas dos Tremembés, de Buriti e Sítio São José, a implantação desse empreendimento destruirá a interação, entre estes povos indígenas e o seu ambiente. De acordo com os Estudos e Levantamentos Ambientais, Antropológicos e Arqueológicos realizados nas comunidades Buriti e Sítio São José, por Meireles e Marques,

[...] serão promovidos impactos ambientais de elevada magnitude e relacionados diretamente com as atividades de usufruto da comunidade indígena (roçados, caça, acesso ao ecossistema manguezal e ao rio Mundaú para a pesca e a coleta de caranguejos e mariscos) (MEIRELES e MARQUES, 2004, p. 13):

Isso significa suprir o legado cultural do povo Tremembé dessas duas comunidades.

Para Oliveira (2004, p. 25), trata-se do “patrimônio cultural dos povos indígenas do Nordeste, afetados por um processo de territorialização,” que provoca o uso e a apropriação de seus espaços para a prática de atividades contemporâneas como o turismo.

Nas duas comunidades Tremembé, esses povos ainda não conseguiram o reconhecimento das suas Terras Indígenas pelo Estado brasileiro. Parte dos moradores dessas comunidades se organizou com os índios, para reivindicar os direitos territoriais junto ao Estado, frente à ameaça do empreendimento turístico. Outra parte está negando-se a se identificar como índios, pois cedem à cooptação dos salários ofertados pelo ‘Nova Atlântida’, o que provoca conflitos nessas comunidades, até entre familiares. Se eles se identificarem como índios não vão ter mais os empregos da ‘Nova Atlântida’.

Esse é um exemplo nítido de atividade turística com construção de megaempreendimentos, que assume um lado perverso, pois apenas os interesses políticos e econômicos são colocados em primeiro plano em detrimento dos interesses socioculturais da comunidade, onde a atividade turística pretende se instalar. É necessário, por parte dos promotores do turismo, o reconhecimento da

⁸ Disponível em: ><http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=555864>>. Acesso em: 11 de nov. de 2010

existência de uma sociedade que já se encontra instalada e organizada, segundo um processo de construção histórica e relações sociais construídas ao longo do tempo de ocupação, dos espaços geográficos territorialmente definidos, de acordo com o modo de vida das populações já instaladas.

Os interesses das comunidades tradicionais são colocados, como antítese do desenvolvimento. Na formulação de quem se recusa a reconhecer a importância da preservação historicocultural, do espaço geográfico construído a partir de um processo de vivência de uma população, cuja ocupação econômica produtiva se contrapõe à expansão de uma economia de mercado.

Essas comunidades são vistas como empecilhos à implantação desses empreendimentos, uma vez que suas vidas serão afetadas e naturalmente surgirão entre eles posições contrárias e favoráveis às mudanças introduzidas na comunidade. A forma natural, como essas comunidades tradicionais concebem suas vidas, em especial as comunidades litorâneas, como a pesquisada nesta investigação, deverão ser incorporadas aos interesses turísticos como um estilo diferente de vida, a ser conhecida e valorizada pelos visitantes e nunca como entrave a esta atividade.

Estas comunidades tradicionais podem ser inseridas num roteiro de destinos turísticos culturais, de base local e nunca, como um destino turístico de exploração econômica, cujo território deva ser adaptado aos interesses de uma sociedade capitalista e predatória como a que se vive atualmente. Como se verificará a seguir, não adequação dos interesses do turismo as demandas da população local ficaram evidenciadas nos depoimentos coletados junto a comunidade da Vila do Estevão. Para combater as práticas deletérias capitalistas e preservar a identidade local, seus moradores sugerem, por exemplo, "valorizar a cultura do labirinto" e regulamentar a circulação dos "bugueiros que circulam dentro da comunidade".

3 REDES E LABIRINTOS

3.1 História de Canoa Quebrada

A história de Canoa Quebrada é registrada em um espaço que se modifica pela intercessão de inúmeros microespaços, que se configuram e invadem a vida da cidade, que teve origem em uma antiga vila, fundada em 1650, por pescadores. Segundo os estudos de Vasconcelos e Adad (2005), José da Rocha Freire, historiador e poeta já falecido, mais conhecido pelos munícipes como Zé da Melancia, conta em versos, que a designação de Canoa Quebrada, deve-se ao naufrágio de um navio português, que encalhou na enseada, em cujo sítio se encontra edificado o centro do município.

A embarcação lusitana, capitaneada por Francisco Ayres da Cunha, trazia ordens de D. Manuel, rei de Portugal, para fundar novos povoados no litoral do Brasil, mas o navio sofreu um acidente a caminho do Rio Grande do Norte, ao se chocar com uma pedra na Cabeça da 'Ponta Grossa'.⁹



Fotografia 1 - Visão aproximada de Ponta Grossa.
Fonte: www.canoabrasil.com

⁹ Cabo de formação rochosa que adentra no mar, é também conhecida como praia da Ponta Grossa se localiza no Município de Icapuí no Estado do Ceará, quase na fronteira com o Rio Grande do Norte. Hoje, a duna de Ponta Grossa é um dos atrativos turísticos mais visitados da região. Parada final dos passeios de *buggy* que saem geralmente do pólo de lazer de Canoa Quebrada, a praia reúne no seu percurso falésias vermelhas, belas dunas, recifes e antigas vilas de pescadores. Pode ser vista da praia de Canoa Quebrada, há mais ou menos 50 quilômetros. São rochas sedimentares em tons laranja-avermelhados aos reflexos das areias das altas dunas e piscinas naturais que se formam ao longo da praia.

Na narrativa de Zé Melancia, Francisco Ayres percebeu que não dava para prosseguir navegando e procurou uma enseada. Sendo orientado por viandantes,¹⁰ chegou a um povoado com o nome de Aracati. Lá, ele presenteou o barco a um morador. Como os moradores de Aracati não conheciam embarcações desse porte e suas experiências náuticas limitavam-se ao manuseio de canoas¹¹ e jangadas, diziam: “vamos ver a canoa quebrada na beira da praia.” Dessa forma, a narrativa explica como os pescadores nomearam o lugar. Para eles, o barco encalhado era, também, uma canoa.

Naquele mesmo ano, os índios Paiacús e Potiguaras, que habitavam a região do baixo Rio Jaguaribe, resistiam à ocupação da área por outros povos. Vencida a resistência nativa, o local passou a ser povoado por famílias humildes da circunvizinhança e por escravos alforriados, vindos de outras regiões. Naquela época, as condições de vida dos canoenses eram precárias. As pessoas eram muito pobres, viviam em casas muito simples, a maioria de palha e taipa,¹² consoante a fotografia 2, que corresponde ao início do povoado de Canoa Quebrada:



Fotografia 2 - Antiga Vila de Canoa Quebrada.

Fonte: www.canoabrasil.com

A pesca artesanal e o cultivo de alguns vegetais eram as atividades de subsistência para os pescadores e seus familiares. Outros produtos, como o

¹⁰ Pessoa que viaja especialmente a pé. Transeunte.

¹¹ Embarcação comprida, constituída de um só tronco de árvore ou peça de madeira, escavado com ferramentas apropriadas.

¹² Parede de construção rústica, feita de barro molhado, calçado entre paus e cruzados por ripas (ou pequenos paus). Ainda é muito usado para construção de residências no interior do Brasil.

artesanato em tecidos, renda-de-bilro¹³, labirinto¹⁴ e cestaria¹⁵, confeccionados por homens e mulheres, compunham o conjunto das atividades econômicas da comunidade.

Um aspecto relevante, na história de Canoa Quebrada, refere-se à chegada da família Estevão, no ano de 1932. Vinda da colônia de Fontainha se instalou há duzentos metros a leste do núcleo principal de Canoa Quebrada. Seus integrantes deram início a uma organização social procurando sempre preservar, até os dias de atuais, as características originais. Depois de algum tempo, esse núcleo começou a crescer, dando origem à comunidade da Vila do Estevão, tida como um ‘bairro’ de Canoa Quebrada.

Nos primeiros meses do ano de 1968, uma equipe francesa dirigida por Paul Fregosi chegou a Majorlândia, uma das praias do município de Aracati, para filmar ‘Operação Tumulto’¹⁶. Ao chegar a Canoa Quebrada, encontrou Fátima, uma menina que, com o consentimento dos pais, ajudou na filmagem e terminou por ser adotada pelo cineasta francês. Viajou para a Europa, estudou na Inglaterra, França, Espanha e Itália. Depois de alguns anos, retornou para o Ceará e, por intermédio do trabalho na Empresa Cearense de Turismo (EMCETUR) e da Revista de Turismo (TURISFAT), divulgou Canoa Quebrada (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2010).

Por meio deste trabalho na EMCETUR, Fátima enviou muitos folhetos e cartas para a Europa, que falavam sobre Canoa Quebrada. Dessa forma, o canal francês ANTENNE 2, veio ao Ceará e a procurou para fazer filmagens da comunidade, com muitas cenas de pesca, para o filme *Le Grabuge*. Até esse fato,

¹³ Trabalho artesanal do Ceará ligado a figura da rendeira, também conhecida como renda da terra, é uma atividade exercida nas comunidades interioranas e sua produção está distribuída principalmente na faixa litorânea.

¹⁴ Bordado artesanal introduzido no Brasil pelos portugueses, no Ceará, é desenvolvido principalmente nas praias de Aracati, Beberibe e Cascavel, pelas mulheres dos jangadeiros.

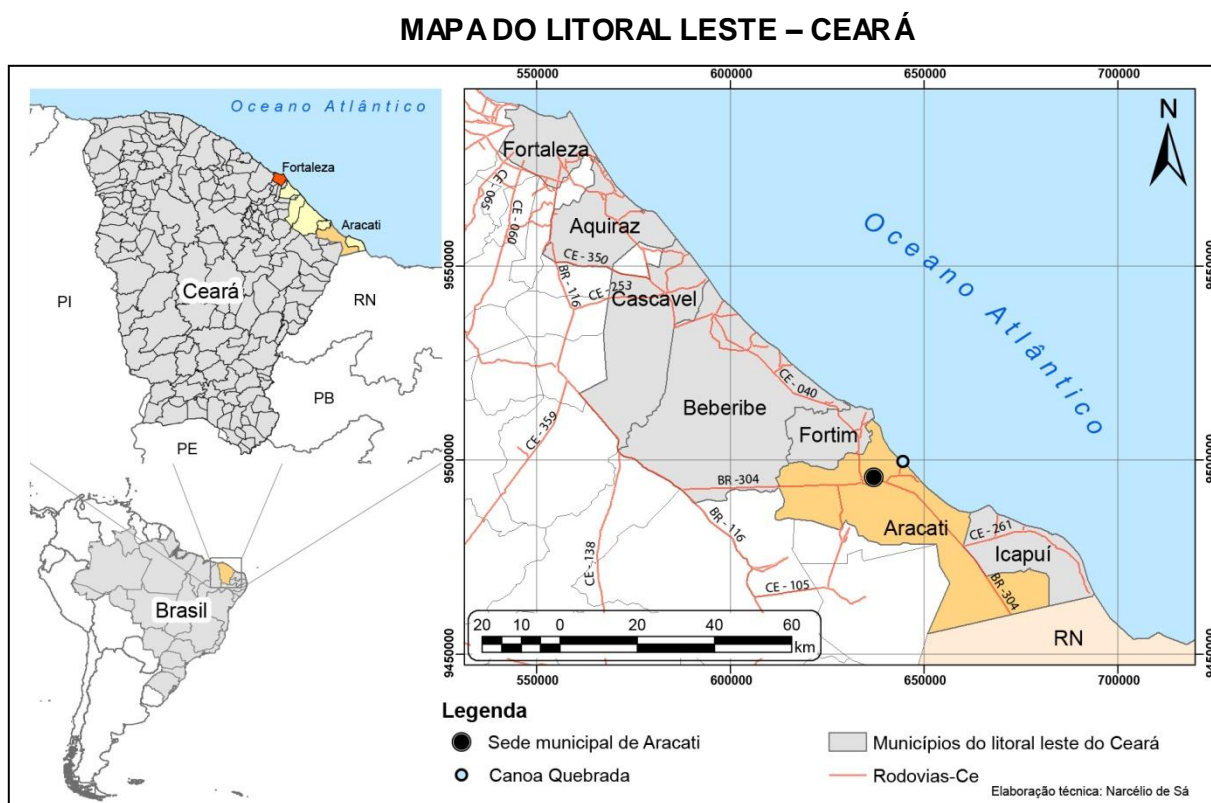
¹⁵ Trabalho artesanal que envolve a construção de vários produtos, tais como: cestas, chapéus e bolsas, etc., com emprego da palha de carnaúba, bambu e cipó.

¹⁶ Primeiro filme estrangeiro a utilizar as belezas de Canoa Quebrada. O cineasta E'douard Luntz, elege o Ceará como cenário para *Le Grabuge*, título original para *Operação Tumulto*. A filmagem teve locação em Fortaleza, Canoa Quebrada e Rio de Janeiro. Consta que ele teria alterado o roteiro original e acarretado a ira dos produtores norte-americanos. Outra versão diz que a produção desagradou os militares brasileiros que comandavam a ditadura implantada no ano de 1964. A película nunca foi exibida em nenhum lugar do mundo. O diretor chegou a ir a Justiça reclamar seus direitos, mas a produtora tomou uma atitude radical: destruiu o filme.

Canoa Quebrada não constava nos mapas oficiais locais. Na Europa, o impacto desse filme foi suficiente para atrair grande número de turistas para Canoa Quebrada e colocá-la nos roteiros turísticos nacionais e internacionais (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2010).

3.2 Canoa Quebrada – localização, caracterização e ocupação da área

Canoa Quebrada tem seus limites territoriais demarcados a partir do perímetro urbano de Majorlândia, outro núcleo praiano a leste, até 1500m a oeste da enseada, totalizando uma faixa urbana de praia de 3 km de extensão, por 1500 metros de largura. Situa-se a 13 km da sede municipal, Aracati e a, aproximadamente, 166 km de Fortaleza. Seu acesso se dá pela rodovia estadual CE- 040, que se liga à rodovia federal BR 304, até alcançar a estrada local CE 371:

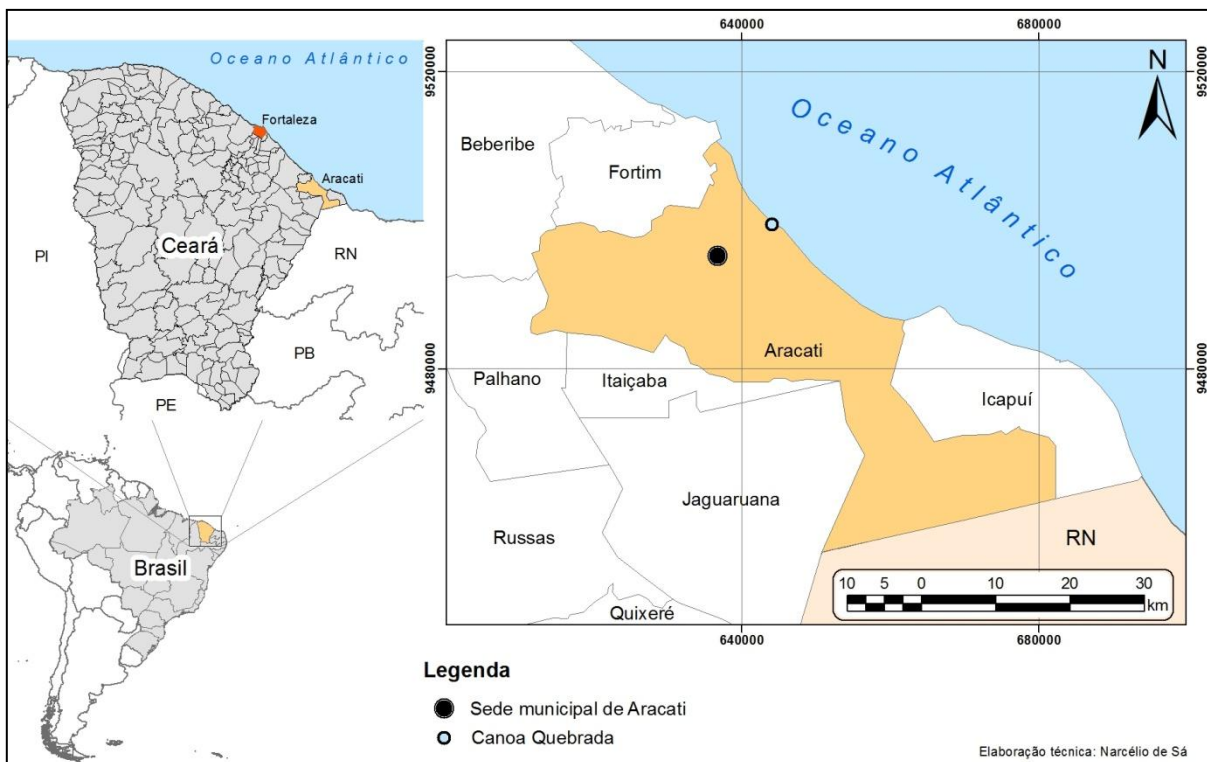


Mapa 1 - Vias de acesso para o Município de Aracati/Canoa Quebrada.
Fonte: IPECE, 2007.

Canoa Quebrada, núcleo praiano, considerado urbano por lei municipal aprovada no ano de 1993 se localiza no Município de Aracati, a nordeste do Estado

do Ceará, em seu litoral leste. Para efeito de ilustração, apresenta-se o mapa de localização e de acesso à região:

MAPA DE LOCALIZAÇÃO



Mapa 2 - Localização do Município de Aracati no Ceará e na América do Sul.
Fonte: IPECE, 2007.

Canoa Quebrada assenta-se sobre uma planície litorânea, entremeada por gigantescas dunas brancas e extensos cordões de falésias ¹⁷ vermelhas de até trinta metros acima do nível do mar. Formada por componentes geoambientais típicos desse trecho do litoral cearense, apresenta diferentes minerais e formações rochosas, que revelam areias coloridas. É entrecortada por belas praias e coqueirais, lagoas e fontes de águas doces. Compreendida entre a rua principal (Dragão do Mar) e a praia, conformada por uma área mais elevada e uma área ao nível do mar, unidas por um relevo íngreme, que permite acessibilidade à praia. A parte mais alta constitui espaço privilegiado quanto à vista para o mar, sendo ocupada, em sua maior parte, por não nativos que se instalaram em Canoa para dedicar-se a negócios voltados ao turismo.

¹⁷ Rampa ou aclave de terrenos que aparecem nas bordas dos planaltos, serras, testemunhos etc. (Guerra, 2006, p. 241).

A faixa compreendida entre as falésias e a praia, que corresponde a zona de intermarés, é ocupada por, aproximadamente, 30 barracas, algumas de grande porte, com padrões arquitetônicos incompatíveis com a paisagem, algumas incrustadas nas falésias. A apropriação do 'espaço praia' pelas barracas tem outro aspecto a ser considerado: sua presença prejudica, ou mesmo, impede o acesso ou trânsito de pessoas, quando a maré está cheia.



Fotografia 3 - Falésia onde se assenta Canoa Quebrada.
Fonte: Silva, 2012.

Até os anos de 1970, o povoado era habitado por aldeões, pescadores e labirinteiras¹⁸, que viviam, sobretudo, da atividade pesqueira. A partir de então, Canoa Quebrada foi 'descoberta' por jovens remanescentes do movimento de contestação, designado movimento *hippie*, que compunha um dos grupos que protestaram contra a ordem mundial capitalista dos tempos da 'guerra fria'.

Eles foram atraídos pelo cenário bucólico, pela bela unidade paisagística natural e por uma população nativa, apresentando costumes simples e vida hospitaleira. Os *hippies* passaram a frequentar a região, num convívio de amizade com os canoenses, transformando o lugar num reduto de 'paz e amor', unindo 'mil culturas'. Esse cenário de integração cultural, que se conformou então, favoreceu o predomínio hegemônico das 'mil culturas mercantis' que, nos dias de atuais invadem e ameaçam a sobrevivência herdada da tradição da comunidade que originou Canoa

¹⁸ Mulheres que fazem uma renda tradicional da região nordeste denominada labirinto.

Quebrada.

Quando o povoado era apenas um reduto de calmaria, as famílias dos pescadores acolheram, em suas casas, os jovens desbravadores de praias. O tratamento cordial e os laços de amizade que se estabeleceram entre os moradores nativos e os jovens visitantes foram essenciais para que os *hippies* continuassem a desfrutar a praia. A oferta de hospedagem e alimentação gratuita, por parte dos nativos, aos visitantes põe em relevo uma relação fundamentada na cordialidade, em oposição à de caráter comercial. Usufruía-se a liberdade não desfrutada em outros lugares, daí a imagem de paraíso.

Nessa época, não havia estrada de asfalto que ligasse Aracatí, sede do município, ao povoado de Canoa Quebrada, nem a outros centros urbanos. O acesso se dava por uma trilha, que obrigava seus frequentadores a realizarem longas caminhadas a pé o que, por sua vez, dificultava o acesso à localidade. Esse isolamento ajudou a preservar as belezas naturais, as características rústicas e as tradições do lugar.

Não obstante, o contato com a ‘civilização’ redundou na alteração das condições de vida nativa: hábitos e valores são ressignificados. Desde então, a comunidade aldeã tem sofrido profundas transformações socioambientais que culminaram no declínio das atividades tradicionais de pesca e do labirinto com a criação de serviços de atendimento ao visitante.

No início da década dos anos 1980, mais precisamente em 1983, a construção de uma estrada carroçável, parte de um projeto do loteamento ‘Paraíso da Canoa’, ligava o povoado à sede do município, o que permitiu a chegada de carros a Canoa Quebrada. Antes da construção dessa estrada, os visitantes desciam dos veículos ao pé da duna e subiam caminhando até o povoado. Essa dificuldade de acesso impedia à entrada de um maior número de turistas e gerava um novo tipo de serviço – o transporte de passageiros em carros de tração que se movimentam sobre dunas.

A abertura da Estrada que liga Canoa Quebrada a Aracati foi um marco na história do turismo, pois facilitou o fluxo de visitantes. Essa estrada, logo que

implantada, foi desviada para o centro do povoado e recebeu a designação de 'Dragão do Mar'¹⁹, também conhecida como *Broadway*, devido à semelhança com a efervescência cultural da famosa Avenida de Nova York, onde os artistas se misturam e acontecem grandes espetáculos musicais, teatros de revista e exposições nas galerias de arte.

A estrada que ligava Canoa Quebrada a Aracati, atravessava parte da praia, até então reservada à prática de nudismo e ao cemitério, alcançando as dunas. Sua construção se constituiu alvo de protestos, denunciada pelos jovens 'descobridores' por sua potencialidade destrutiva sobre a harmônica relação homem-natureza e sobre as condições de vida nativa reinantes no lugarejo. Não admitiam a construção de empreendimentos que ameaçassem a tranquilidade do povoado. Dessa forma, tentaram mobilizar a comunidade para impedir a construção da estrada.

Paradoxalmente, a população nativa não se sentia ameaçada. Pelo contrário, defendia efusivamente a construção da estrada, passando a reivindicá-la. Além da facilidade no deslocamento de pessoas e de mercadorias para a cidade de Aracati, acreditavam que iam obter muitos benefícios advindos da vida moderna como o acesso a energia elétrica e a água potável.

A população local passou a considerar que a melhoria de vida podia advir da estrada, por isso, não aceitou a intervenção daqueles jovens, que tentaram impedir sua construção. Como consequência da demanda turística e, também, da pressão popular, o acesso foi facilitado, com a construção e pavimentação da estrada, sobre o cordão dunar.

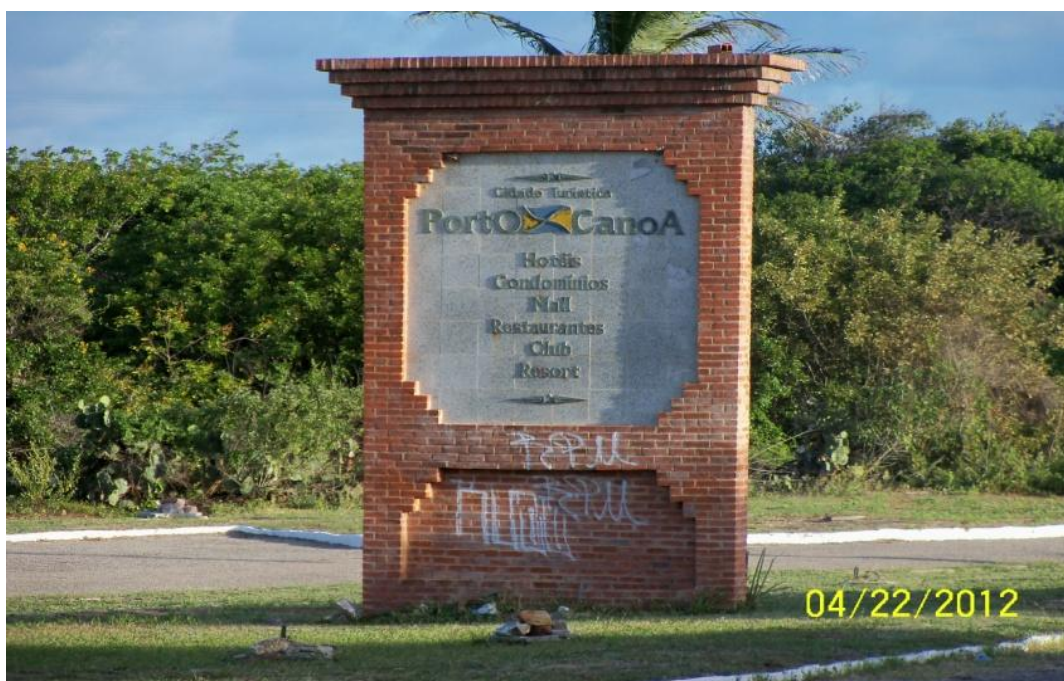
Nas décadas de 1980 e 1990, outros serviços alcançaram Canoa Quebrada. Em 1986, foi instalado um posto telefônico movido a bateria solar. Não sendo mais necessário as pessoas irem para Majorlândia ou Aracati para telefonar. Em 1990, a chegada da energia elétrica pôs fim à utilização do gerador a diesel, à lamparina de querosene, ao lampião a gás e a bateria. A água encanada jorrou, pela primeira vez, em 1991.

A infraestrutura básica estava pronta para o turismo deslançar. Para os

¹⁹ Pescador da região de Aracati que, com sua jangada, deu guarida a fuga de escravos às vésperas da abolição da escravatura.

visitantes *hippies*, todos esses serviços significavam o fim do 'paraíso', daí começaram a abandonar, gradativamente, o povoado (CANOA QUEBRADA, 2011a). A especulação imobiliária passou a se constituir em uma prática corrente, sendo responsável por uma configuração espacial desordenada. Tanto nativos quanto empreendedores que migram para Canoa Quebrada passam a construir e a vender casas e pontos comerciais de forma desenfreada, o que ocasionou o início do processo de loteamento e urbanização acelerado e aleatório da praia.

Com a divulgação de Canoa Quebrada, pela mídia, desencadeou-se o turismo de massa. Foi condicionante, para isso, a construção do mega empreendimento, de capital português, designado *The Great Sea Sade*²⁰. Este empreendimento ocupou ampla área e tornou-se um dos atrativos comerciais, destinado a atender a uma clientela de alto poder aquisitivo. A fotografia 4 ilustra o empreendimento acima citado:



Fotografia 4 - Portal, mega empreendimento turístico. Porto Canoa.
Fonte: Silva, 2012.

Compondo um condomínio fechado, de natureza seletiva e excludente, a inauguração do *Resort*, de rede internacional, tornou-se um dos atrativos da praia, e passou a atrair um turismo bastante variado para Canoa Quebrada, trazendo, em decorrência, a ressignificação das relações sociais de modo a privatizá-las e a

²⁰ *Porto Canoa Resort*

destruição das paisagens naturais. O megaempreendimento passou a atrair pessoas com outra forma de vida e cultura, contribuindo com a perda das características originais da comunidade pesqueira tradicional e aquisição, por parte desta, de características de lugar turístico, o que significa a perda da identidade cultural da população nativa.

A população nativa de Canoa Quebrada passou por um processo de 'reterritorialização' que exigiu a redefinição da identidade de canoense frente aos novos personagens advindos com a especulação imobiliária e ao lugar de sua residência. A transformação da territorialidade dos canoenses foi se dando na medida em que ela passou a interagir com outros grupos de cultura e lugares diferentes.

Se isso não bastasse, a inauguração do *ressort* também provocou danos ambientais, ao ocupar áreas de preservação permanente – as dunas –, acelerando, pois, o processo de erosão. A visão mercadológica das autoridades de então, associada à lógica destrutiva do capital, baseada na busca de ilimitado da elevação da taxa de lucros, levou à concessão de facilidades aos grandes empreendimentos, inclusive com a aprovação de relatórios de impactos ambientais, visivelmente não recomendáveis, em detrimento dos interesses das comunidades locais e do meio ambiente.

Um ícone das transformações sociais, decorrentes da passagem de comunidade pesqueira para turística é a alteração da função e do significado simbólico da jangada ²¹.

A partir da segunda metade dos anos 1970, houve uma diminuição do estoque de lagosta e uma queda de produtividade no setor de pescado. Com a crise no setor pesqueiro, em Canoa Quebrada, os pescadores passam a dedicar parte do tempo, quando não estão pescando, levando turistas a passeios de jangadas, pois é uma atividade rentável, que exige um esforço menor do que o desprendido numa jornada de pesca (CANOA QUEBRADA, 2011b).

²¹ Embarcação de madeira utilizada por pescadores artesanais da região do nordeste brasileiro, sobretudo no litoral do Estado do Ceará e do Rio Grande do Norte.

Assim, a jangada perdeu, em parte, a função original de embarcação de pesca, assumindo uma dimensão divisional dentro do turismo praticado na região. A fotografia 5 ilustra as novas funções desempenhadas pelos canoenses:



Fotografia 5 - Utilização de jangadas para passeio turístico na costa de Canoa Quebrada.
Fonte: Silva, 2012.

O turismo, que deveria ser mais uma atividade econômica, servindo inclusive para potencializar as demais, a pesca e a comercialização de produtos artesanais, tem sido, nesse caso, utilizada para inibir a atividade pesqueira.

3.3 Área de Proteção Ambiental de Canoa Quebrada (APA) e Área de Relevante Interesse Ecológico do Estevão (ARIE)

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) foi instituído por intermédio da Lei nº 9.985, datada de 18 de Julho de 2000 (BRASIL, 2012c) e regulamentado pelo Decreto Nº 4.340, de 22 de agosto de 2002 (BRASIL, 2012d). Consoante a lei as áreas de proteção são

[...] áreas geralmente extensas, com um certo grau de ocupação humana, dotadas de atributos abióticos, bióticos, estéticos e culturais, especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem estar das populações humanas, e tem como objetivo básico, proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade dos usos dos recursos naturais. (BRASIL, 2012b).

A Área de Proteção Ambiental de Canoa Quebrada (APA CQ) foi instituída no dia 02 de junho de 1986, quando o Governo do Estado do Ceará, Gonzaga Mota, desapropriou a Vila do Estevão, uma área de 42,64 hectares, que passou a ser preservada e administrada pela Associação dos Moradores do Estevão (AME). Ela se insere na Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) do Estevão. (DANTAS, 2003):



Mapa 3 - Área da APA de Canoa Quebrada (sem escala).
Fonte: Projeto Canoa / PMA / GAU, março de 2002.

Obs.: A linha vermelha corresponde ao limite proposto na lei de criação da APA. A linha amarela ao limite proposto pela legislação ambiental da APA, que está vigorando desde dezembro de 2002.

A instituição da APA de Canoa Quebrada não se deu sem contradições. Após anos de trabalho de conscientização da comunidade, o que incluiu palestras na Câmara dos Vereadores, em 1989, as autoridades elaboraram o anteprojeto da APA. Em 1997, o Conselho Comunitário de Canoa Quebrada promoveu uma sessão pública da Câmara dos Vereadores de Aracati, no Polo de Lazer de Canoa Quebrada e, mediante pressão da população local, que reivindica providências para preservação da região, em janeiro desse mesmo ano foi apresentada a Lei nº 01/97, que determinou os limites da Área de Preservação Ambiental e Paisagística da Zona Costeira do Município de Aracati.

Essa Lei foi aprovada e promulgada em 16 de dezembro de 1997, pela Câmara dos Vereadores e, posteriormente, o Conselho Comunitário elaborou a sua regulamentação; entre outros capítulos e artigos, criou a ARIE Estevão e o Conselho Deliberativo da APA de Canoa Quebrada, órgão que tem por finalidade fiscalizar e administrar a Unidade de Conservação (UC) junto com o Comitê Gestor da APA.

Finalmente, em 1998, a comunidade conseguiu incluir Canoa Quebrada no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracati, com a observação da Lei 40/98, apresentada e aprovada pela Câmara de Vereadores e sancionada em 20 de março de 1998, foi decretada a APA – CQ.

De acordo com a Lei 40/98, a criação da APA de Canoa Quebrada tem por objetivo:

- a) proteger as comunidades bióticas nativas, as dunas fixas e móveis, as paleodunas, as falésias, as gamboas, as lagoas perenes e intermitentes, os mangues, as formações geológicas de grande potencial paisagístico, os arrecifes e os solos;
- b) proporcionar e desenvolver na população regional uma consciência ecológica e conservacionista através de métodos e técnicas apropriadas ao uso do solo, de maneira a não interferir no funcionamento dos refúgios ecológicos (DANTAS, 2003).

O território da APA de Canoa Quebrada compreende um trecho da faixa litorânea do Município de Aracati, incluindo cinco núcleos urbanos: Canoa Quebrada, Vila do Estevão, Canavieira, Cumbe e Beirada. Os dois primeiros núcleos estão localizados à beira mar e os três últimos em uma área situada por trás das dunas, próximos à Sede Municipal de Aracati, à margem direita do rio Jaguaribe. Além desses núcleos urbanos, a APA – CQ apresenta as mais variadas paisagens de rio, mangues, dunas móveis e fixas, praias, picos, falésias, mananciais e lagoas.

O patrimônio ambiental e paisagístico da APA de Canoa Quebrada está protegido por lei federal, a Lei 40/98 de 20 de março de 1998 (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2013). Compreende uma área de cerca de sete mil hectares, com o perímetro de 38.139,22 metros. Formada por um ecossistema costeiro, a APA – CQ situa-se a 12 km de Aracati e vai desde o complexo turístico Porto Canoa Resort, no limite leste, a foz do Rio Jaguaribe, mais a norte, o que possibilita ao poder público regular a exploração e ocupação da região, pois se localiza numa área de preservação permanente (CANOA BRASIL, 2010b).

Na entrada de Canoa Quebrada, à margem da CE 304, a estrada que dá acesso ao núcleo urbano da cidade e à Vila do Estevão, vê-se uma placa indicativa da APA de Canoa Quebrada e a Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) do Estevão, classificada como categoria de Unidade de Conservação (UC). Elevada a essa condição, é possível preservar as condições socioambientais, estabelecendo

uma relação de equilíbrio entre o homem e a natureza.



Fotografia 6 - Placa indicativa da APA de Canoa Quebrada e da ARIE do Estevão.
Fonte: Silva, 2012.

O grande patrimônio ambiental e paisagístico da APA de Canoa Quebrada, compõe-se basicamente, das unidades geomorfológicas mais notáveis da região, como as planícies litorâneas e fluviais. A área da planície litorânea abrange campos de dunas, superfície de deflação, praias, planícies fluviomarinhas, falésias e tabuleiros. As dunas fixas e móveis, que formam os cordões, são as feições mais marcantes da faixa litorânea da APA. O campo de dunas móveis, que se estende continuamente desde a enseada, entre o complexo turístico, Porto Canoa e o povoado de Canoa Quebrada, até a foz do Rio Jaguaribe, em superfície é a maior faixa de dunas da região de Aracati e abrange a maior parte da APA – CQ.

Atualmente, o campo de dunas, a oeste do núcleo urbano de Canoa Quebrada, onde está localizada a Vila do Estevão, é utilizado pelos turistas em passeio de bugres e a cavalos. A pressão exercida pelo tráfego, principalmente de veículos, resulta na depredação das espécies vegetais fixadoras das dunas e, conseqüentemente, aumento do transporte eólico acelerando, assim, o deslocamento das dunas móveis.

Segundo Dantas (2003), as falésias que têm expressão topográfica, desde Canoa Quebrada até quase Porto Canoa, são recobertas pelas dunas móveis, que ultrapassam 30 metros. Essas falésias estáveis sofrem um processo de abrasão marinha, principalmente na região leste, e são erodidas devido ao adensamento de

construções em Canoa Quebrada, onde concentram e favorecem o escoamento da água da chuva, sem permitir que infiltre, provocando voçorocas ²².

Nas planícies fluviomarinhas são gerados os manguezais, como os do Rio Jaguaribe e seus afluentes, na embocadura. O principal depósito fluviomarinho da foz do Rio Jaguaribe é o mangue que, segundo Dantas (2003), ocupa, principalmente na margem direita, 1.260 hectares. Com apoio do Governo do Estado do Ceará, da prefeitura do Município de Aracati e com recursos do BIRD, o Conselho Comunitário de Canoa Quebrada preparou um Plano de Gestão da APA, com base no princípio de desenvolvimento sustentado. A ideia foi dotar Canoa Quebrada, não apenas, de uma infraestrutura urbana básica, mas de um planejamento de atividades econômicas, o que culminou com um aumento da renda da população local, com a preservação do meio ambiente.

Como Área de Preservação Ambiental, definida por Lei, na APA de Canoa Quebrada, não podiam ser construídas rodovias, projetos de loteamentos ou empreendimentos turísticos. Essas medidas protegiam, parcialmente, Canoa Quebrada, pois infelizmente, nos dias atuais, ainda passa por grandes problemas de especulação imobiliária; havendo, também, exploração de recursos minerais, captura de crustáceos, conchas, bivalves, e o uso de agrotóxicos.

Um aspecto relevante a ser considerado em Canoa Quebrada diz respeito à questão da terra e da luta que é travada pela sua posse. Própria do modo de produção e reprodução capitalista, a especulação imobiliária, em Canoa Quebrada, desenvolve padrões que estabelecem importantes desequilíbrios socioeconômicos, entre a população nativa e a população não nativa, que se estabelece no lugar. É o que se pode constatar com a venda de casas na Vila do Estevão, pelos nativos, a visitantes de outros estados e outros países.

Até 1970, os homens da comunidade de Canoa Quebrada e da Vila do Estevão viviam da pesca artesanal e as mulheres da renda de labirinto. Com a chegada dos primeiros turistas, deu-se a construção de quartos para hospedagem, restaurantes e bares. Foi no período de 1970 a 1980, que se iniciou a especulação

²² Escavação ou rasgão do solo ou de rocha decomposta, ocasionado pelo lençol de escoamento superficial (GUERRA, 2006, p. 637).

imobiliária e a invasão desordenada de terrenos. A nova geração de moradores nativos abandonou a pesca e outras atividades tradicionais, como a agricultura de subsistência, a coleta de vegetais, o bordado e se volta para serviços turísticos (DANTAS, 2003).

Entre meados de 1970 a 1980, a população de Canoa Quebrada conviveu com a desordem urbanística e social em decorrência da atração que exerceu a um grande número de moradores de outros estados e, até, de outros países. Essa mobilidade urbana desencadeou uma rivalidade entre o comércio de Aracati e de Canoa Quebrada e um despeito de outros distritos do município.

A especulação imobiliária em Canoa Quebrada teve início em 1980, quando grileiros, na tentativa de se apropriarem das áreas de falésias e expulsar os moradores da Vila do Estevão, apresentar uma escritura de usucapião que incluía metade de Canoa Quebrada. Em 1984, a população viveu um dos momentos mais conflitantes, quanto à luta pelo espaço. Esses conflitos desencadeados provocaram desequilíbrio no lugar e na população, levando à ruptura de valores. A terra que, antes, possuía apenas valor de uso, passou a ter valor de troca.

Para proteger à comunidade do Estevão dos grileiros, moradores fundaram, em 1986, a Associação de Moradores do Estevão (AME). Por intermédio de sua luta e organização social, conseguiu tombar a área da vila dos pescadores, transformando-a em uma ARIE. Esse sentido de preservação não se verificou na parte central de Canoa Quebrada. Vários moradores cercaram e venderam terrenos, construíram casas e quartos, para atender à nova demanda comercial advinda do turismo. Foi esse fato que causou a desordem urbana. De sua parte, o poder público assistiu a tudo sem nenhuma intervenção.

Como forma de resistência à especulação, uma parte da população instituiu a Associação dos Moradores de Canoa Quebrada. Essa entidade objetivou disciplinar a construção de casas na comunidade, com base no antigo projeto da EMCETUR, estabelecendo algumas restrições. A principal restrição consiste na proibição de construção de casas e de sua comercialização por moradores não nativos. Aos canoenses, só era permitida a edificação de residências para uso da própria família.

Dessa forma, cada família começou a cercar uma área, para garantir sua propriedade (DANTAS, 2003).

Parcela da comunidade burlou as normas propostas pela Associação, construindo casas financiadas por forasteiros, como se fossem para uso próprio, para depois repassá-las para os verdadeiros donos. Em decorrência, cada vez mais novos moradores se fixaram em Canoa Quebrada. Dessa forma, a terra tornou-se um instrumento de acumulação de capital e o preço do solo passou a ser regulado pelo mecanismo do mercado capitalista (DANTAS, 2003).

Em Canoa Quebrada, as áreas livres, existentes entre a estrada e as primeiras casas, próximas à igreja, logo foram ocupadas por dormitórios e por bares e restaurantes para atender ao grande fluxo de turistas. Adotou-se um processo ambicioso e desordenado, contrastando totalmente com as características naturais e paisagísticas da região.

Jovens, não nativos, denunciaram e reivindicaram uma ação governamental, que pudesse disciplinar o crescimento do povoado, que preservasse o meio ambiente e as características rústicas e exóticas do lugar que, de alguma forma, ainda resistem e encantam os novos visitantes, nos dias atuais. Para dar respostas às reivindicações, a EMCETUR elaborou um projeto de preservação, disciplinamento do uso e ocupação do solo para o local, que consistiu na interdição de uma faixa de praia de 9 km de extensão por 1.500 metros de largura, objetivando a manutenção das características naturais da área, proibiu-se a construção de obras que desfigurassem a paisagem local. Nessa época, foi proibida a construção de hotéis e de estradas asfaltadas. Do mesmo modo, foi vetada a circulação de ônibus. Esse projeto não teve continuidade e a luta pela terra acirrava-se, cada vez mais.

Todos esses problemas teriam sido evitados se o Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), dotada de competência que assegura a preservação da área, garantida pela Lei Federal nº 6.513, aprovada em 1977 (BRASIL, 2012a), tivesse definido Canoa Quebrada como Área Especial de Interesse Turístico e mantido as características paisagísticas, através do disciplinamento do uso e ocupação do solo da região, como propôs o projeto de preservação de Canoa Quebrada, apresentado pela EMCETUR.

Outro instrumento capaz de deter a ameaça dos loteamentos em Canoa Quebrada foi a Lei Federal nº 6.766, datado de 1979, que dispõe sobre o parcelamento do solo. Essa lei estabeleceu que o solo urbano só poderá ser loteado por meio de lei municipal. Conforme seu artigo 3º: “Somente será admitido o parcelamento do solo para fins urbanos, em zonas urbanas ou de expansão urbana, assim definida por lei municipal.” (BRASIL, 2012b).

Entretanto, Canoa Quebrada, só se tornou zona urbana em 1993, com a observação da Lei Municipal nº 49²³. Consoante essa lei, os loteamentos que fossem instituídos deveriam ser registrados em cartório, mediante aprovação da Prefeitura de Aracati. Mas, não é o que acontece. Houve uma total falta de conhecimento, quanto às leis existentes na época, ou um total descaso por parte das autoridades competentes, no caso, o governo municipal, com o processo acelerado de ocupação que estava acontecendo em Canoa Quebrada.

3.4 Turismo em Canoa Quebrada e as transformações no território

Canoa Quebrada representa um ícone do turismo de sol e praia no Ceará. “Até 1975, contava com uma média de 200 unidades residenciais, na maior parte de taipa, coberta de palha e uma população estimada de 1.000 habitantes” (Dantas, 2003, p. 83). Após ser redescoberta pela indústria cinematográfica francesa, Canoa Quebrada tornou-se popular, entre os *hippies*, durante os anos de 1970. Na década de 1980, vieram os mochileiros, paulistas, mineiros e turistas de todas as partes do mundo, em busca de aventura e tranquilidade.

Em Canoa Quebrada, ‘esporadicamente’, ocorre no céu, um fenômeno – a junção da lua com uma estrela, que se tornou um símbolo místico da localidade, para aqueles que a visitam. A criação desse novo significado para Canoa Quebrada foi importante, para os primeiros visitantes da Vila, pois eles divulgaram este espaço, como um lugar mágico, cujas belezas naturais pudessem ser substituídas, por um

²³ Conforme a lei citada, Áreas Especiais de Interesse Turístico são trechos contínuos do território nacional, inclusive suas águas territoriais, a serem preservados e valorizados no sentido cultural e natural, e destinados à realização de planos e projetos de desenvolvimento turístico.

significado que desencadeasse contemplação aos olhos daqueles que as vissem, se materializando e ao longo do tempo, atraindo, cada vez mais visitantes. Com a construção das sociedades, em que a “aceleração contemporânea, vive a época dos signos”, Santos (1997), os grupos sociais apresentam características de tendências influenciáveis o que facilita a substituição de reais valores e significados próprios de uma região ou de uma comunidade.

Essa visão astronômica, da Lua e a Estrela nos anos 1970, foi ‘descoberta’ pelos primeiros visitantes. A falta de energia elétrica, os olhares curiosos e ‘embriagados’, por tanta beleza, imprimiram uma simbologia ao lugar, marcado pelo ‘acasalamento’ de uma meia lua e uma estrela. O símbolo associado à lembrança da praia de Canoa Quebrada, a meia lua e a estrela, possui várias interpretações:

Para uns, é o casamento da Lua com a Estrela D'Alva, fenômeno que ocorre em outubro com a ‘aproximação’ aparente dos dois astros. A crença indígena classifica essa ocorrência com o nome *missaré*, que quer dizer “casamento dos céus”. Já outros vêem a Lua representando da polaridade feminina, recebendo em si a estrela de cinco pontas, ou de quinta grandeza, que é o Sol, representando o pólo masculino, numa dialética do firmamento, o local onde os deuses se encontram. O arco da Lua também alude a um ventre feminino, que nutre uma Estrela-feto. Essa interpretação liga-se à idéia de procriação, fertilidade e amor. A Estrela é, ainda, a imagem do homem, ou microcosmo, e simboliza também os cinco sentidos (CANOA BRASIL, 2010).



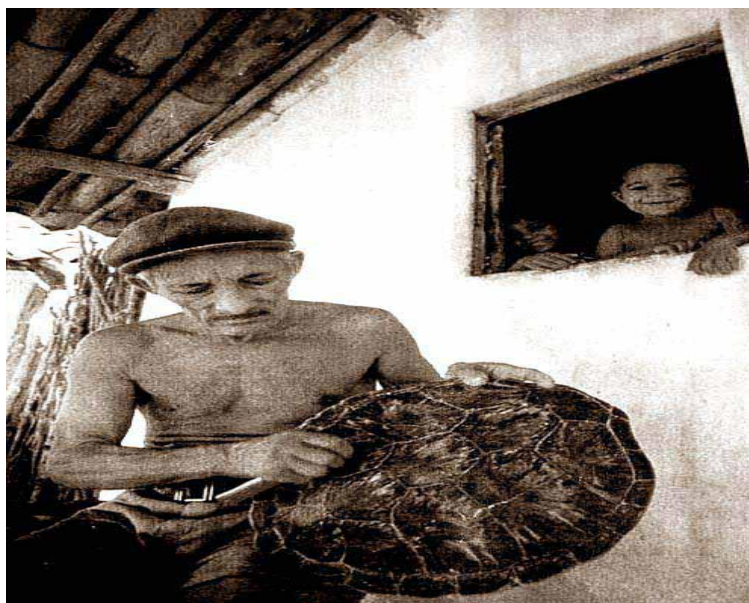
Fotografia 7 - Símbolo de Canoa Quebrada – Lua-Estrela.
Fonte: www.canoabrasil.com

As décadas de 1960 e 1970, em Canoa Quebrada, compreendem épocas de muita magia e encanto. A beleza natural ainda bastante primitiva e a praia ofereciam muita liberdade e hospitalidade. Embalados, por essa misteriosa magia, surgiram artistas de todos os tipos e de todos os lugares do mundo, vivendo da música e do

artesanato. Pintores como Niciano e Potola, nativos da região, se dedicavam a pintar as belezas naturais do lugar.

Atualmente, ainda se veem; em Canoa Quebrada; pinturas em telas que identificam o lugar, sendo vendidas na praia, durante o dia e a noite na *Broadway*. Canoa Quebrada era a musa inspiradora que acolhia os artesãos, os forasteiros, que se deslumbravam com a natureza e a magia desse antigo e pitoresco vilarejo de pescadores.

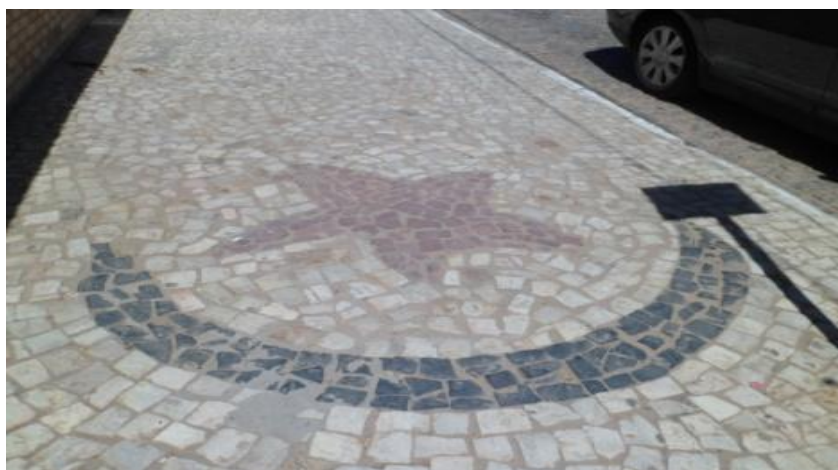
Naquela época existia em Canoa Quebrada um grande artista, o nativo Francisco Fernandes Pinto, conhecido como Chico Eliziário ou Chico Artesão. Esse artista, ao contemplar o céu, com sua aguçada sensibilidade, percebeu a atração que o fenômeno astrológico, a junção da meia lua e da estrela, exercia sobre a população nativa. Então, ele foi o primeiro artesão a recriar essa imagem em brincos, pingentes, pulseiras e anéis, em casco de tartaruga. Desse modo, Chico Eliziário passou a confeccionar colares e anéis para vender aos turistas, com o desenho do fenômeno que vira acontecer no céu de Canoa Quebrada.



Fotografia 8 - Francisco Fernandes Pinto (Chico Eliziário).
Primeiro nativo a fazer artesanatos com a Lua e a estrela.
Fonte: www.fortalezabea.com (Gerardo Simonett).

Assim o símbolo de Canoa Quebrada tornou-se uma meia lua e uma estrela. A Lua e a Estrela se consolidaram em desenhos, colares, bordados, brincos, bolsas e camisetas, entre outros produtos confeccionados na vila de pescadores.

Atualmente, o símbolo também pode ser visto desenhado nas calçadas da *Broadway*. Os pescadores e os turistas estabeleceram que o desenho da Lua e da Estrela seria sempre em branco sobre o vermelho, pois, o vermelho simboliza as falésias. Pintadas de branco, a lua e a estrela, rapidamente, se espalharam pelo mundo como símbolo de Canoa Quebrada.



Fotografia 9 - Símbolo em calçadas.
Fonte: Silva, 2012.

Para Corrêa e Rosendahl,

[...] uma das bases que pode dar mais consistência e eficácia ao poder simbólico da identidade são os referenciais concretos aos quais ela faz referência ao ser construída. [...] o símbolo necessita sempre de algum referente concreto para se realizar (1999, p. 178).

Em Canoa Quebrada, as formas de manifestação do símbolo a lua e a estrela, criado para o lugar, podem ser vistos grafados em peças de vestuários, acidentes geográficos, peças artesanais e muitos outros.

Outra versão, explica que Maria de Fátima Freire da Silva, ao receber um casal do Oriente, vindo do Paquistão, levou-o, ao artesão e escultor, Chico Eliziário. Naquele tempo, como não era proibido, o artesão criava peças artesanais em casco de tartaruga e chifre de boi, para satisfazer a vontade dos visitantes que desejavam uma lembrança de Canoa Quebrada. O paquistânês desejou guardar um lembrança de Canoa Quebrada, desenhando uma meia lua e a estrela que foi esculpida no casco de tartaruga por Chico Eliziário. Após, a realização deste trabalho, o artesão ficou sensibilizado e achou que aquele seria o símbolo apropriado para Canoa Quebrada.

Segundo essa versão, este símbolo chegou a Canoa Quebrada, por meio do casal paquistanês ao solicitar que Chico Eliziário fizesse um par de anéis. O anel com a Lua-Estrela foi logo desejado por outras pessoas, logo se tornou uma espécie de talismã. Os turistas começaram a encomendar novos adornos, além de camisetas pintadas e bordadas em labirinto, com a lua e a estrela, o que veio a se tornar o símbolo de Canoa Quebrada. (CANOA QUEBRADA, 2011a).

O símbolo de Canoa Quebrada é encontrado em vários produtos no comércio local, embora chame mais à atenção, quando é visto nas falésias, tornando-se um atrativo turístico, cujo significado místico, surgido do imaginário da população, representa uma manifestação da forma criativa de identificação do lugar.



Fotografia 10 - Falésia viva esculpida com o símbolo de Canoa Quebrada.
Fonte: www.canoabrasil.com

No passado, Canoa Quebrada, era, apenas, uma pequena aldeia de pescadores, de beleza primitiva. Essa paisagem atraiu os primeiros mochileiros que chegavam com suas barracas de acampar; enquanto, os *hippes* eram recebidos gratuitamente, nas casas dos nativos. Adolfo Alves dos Santos, conhecido por Seu Adolfo, era um desses nativos, que acolhia os turistas e lhes oferecia iguarias caseiras, que se transformou no famoso 'prato feito' do Seu Adolfo.



Fotografia 11- Antigo restaurante de Seu Adolfo de Gerardo Simonetti, 1980.
Fonte: www.canoabrasil.com.

Muitos desses turistas voltaram definitivamente, para se estabelecer em Canoa Quebrada. Essa convivência fez surgir fortes laços de amizade, entre nativos e visitantes, o que deixava os nativos orgulhosos, pois valorizava Canoa Quebrada e deixava os estrangeiros deslumbrados com a vista paradisíaca do lugar. Outros elementos vão se incorporando à identidade do lugar, com profundas mudanças no cotidiano, sendo possível fazer uma diferenciação entre os moradores do povoado. Dessa maneira, passou a existir o nativo e o não nativo, o nativo e o gringo, o nativo e o paulista, coexistindo em um mesmo território.

O contato inicial desses visitantes, no cotidiano dos nativos de Canoa Quebrada, não teve um caráter de dominação, no sentido de se moldar a cultura local, de impor hábitos e valores. Os estrangeiros desfrutavam a mesma alimentação consumida pelos canoenses e suas residências, adaptando-se ao estilo rústico dos moradores do lugar.

Mesmo sem intenção, entretanto, a mudança nos costumes da comunidade foi gradual e se intensificou com a convivência permanente, entre visitantes e nativos. A prática do nudismo e o uso da maconha foram assimilados pelos nativos. Para as famílias aracatienses, esse paraíso não passava de um reduto de marginais. Então, criou-se uma imagem negativa do povoado, para o restante do Município e do Estado. Essa nova realidade gerou conflito de valores. A partir do início dos anos 1980, houve um aumento significativo no fluxo de pessoas em Canoa Quebrada que passou a exigir uma nova estrutura. A hospedagem saiu das casas, para dormitórios isolados, com preços de diárias diferenciados:



Fotografia 12 - Casa de visitantes de Canoa Quebrada
Fonte: www.fortalezabeachs.com

Dessa forma, a comunidade passou a crescer desordenadamente, com a construção de quartos e dormitórios extras nas casas dos nativos, para hospedar turistas. Por sua vez, os novos visitantes exigiam conforto, comodidade e pagavam pelo que usufruíam, enquanto os *hippes* não. As relações entre os nativos e os visitantes se transformam e se mercantilizam. A partir desse novo fluxo turístico, os visitantes não chegavam para ficar muito tempo, nem criavam vínculos com o lugar, mas vinham, apenas, para admirá-lo e fotografá-lo. Disseminou-se, assim, uma condição de indiferença e de ‘não-lugar’.

Vê-se, portanto, a descaracterização do patrimônio físico e cultural de Canoa Quebrada, destruindo a memória do lugar que, para Paz (1994, p.111) “afeta, não apenas o passado, como também o futuro. Para mim, a memória é a forma mais alta da Imaginação Humana, não apenas capacidade automática de recordar. Se a memória se dissolve, o homem se dissolve”.

Antes do surgimento das atividades turísticas em Canoa Quebrada, havia um vínculo, uma afetividade, um significado atribuído ao lugar, pelos residentes e visitantes, pelos atrativos da paisagem e a cultura local. Adquiriu-se, depois, uma significação de ‘não-lugar’, para a maioria dos visitantes, visto que, para os novos visitantes, não se criaram laços e a indiferença regeu as relações entre as pessoas e o lugar.

O patrimônio ambiental, que também faz parte do legado cultural, é um meio de promover a identificação do povo com o lugar. É imprescindível, portanto, a preservação desse bem, para a preservação da memória do lugar que é um

elemento essencial da identidade e da memória individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades atuais.

A memória evoca o passado para rever o presente e garantir a identidade. Em sua dimensão coletiva, estão gravados os bens culturais: dos monumentos aos depoimentos das pessoas, de lembranças, fotografias, vídeos, livros objetos e demais registros, que buscam tornar memoráveis os acontecimentos de uma localidade. Utilizar o patrimônio cultural como atrativo turístico é uma maneira de não só ajudar a manter a economia, como também ajudar a recuperar a memória e preservar a identidade local (LE GOFF, 1996).

Ainda, para Le Goff (1996, p. 476 - 477), a memória permanece “[...] onde cresce a história que, por sua vez, a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.

Estabelecimentos comerciais como hotéis, restaurantes, pousadas e lojas, levaram Canoa Quebrada a uma ocupação desordenada. Surgiram novas ruas, becos estreitos e sinuosos, que não conferiram padrão de ordenamento urbanístico a Canoa Quebrada. Aconteceu, portanto, uma descaracterização do lugar e de sua paisagem original.



Fotografia 13 - Um dos becos de canoa Quebrada
Fonte: Silva, 2012.

Os empreendimentos comerciais invadiram as praias e ocuparam as falésias. Aproveitando-se dos recursos naturais e de sua capacidade natural de atração turística, comerciantes ergueram seus empreendimentos privados, ficando suas bases no topo e sopé das dunas e das falésias.



Fotografia 14 – Intensa ocupação da falésia.

Fonte: Silva, 2012.



Fotografia 15 - Construção no sopé da falésia.

Fonte: Silva, 2012.

O topo das falésias também não foi poupado. Sobre elas também foram erigidas mansões que contribuíram para a privatização do espaço urbano e para a degradação dos recursos naturais. Sua ocupação desequilibrou os vários

ecossistemas naturais aí existentes - ao que tudo indica -, desencadeando profundas alterações socioambientais.



Fotografia 16 - Construção sobre as falésias.
Fonte: Silva, 2012.



Fotografia 17 - Construção no topo e no sopé da falésia
Fonte: Silva, 2012.

Essas alterações ocorreram de forma crescente, facilitadas pela abertura de caminhos sobre as falésias, que ligavam o núcleo urbano de Canoa Quebrada à praia. Esses cortes nas falésias contribuíram para a aceleração do surgimento de

voçorocas, sulcos erosivos sobre as falésias, assim como as mudanças na rede de drenagem, porquanto, nos períodos de chuvas, esses caminhos foram alargados, aprofundados e funcionaram como canais de escoamento pluvial, tornando as falésias mais susceptíveis à destruição, pondo em risco os próprios empreendimentos mercantis localizados no topo e na base das falésias:



Fotografia 17 - Caminho aberto na falésia.
Fonte: Silva, 2012

Vê-se, portanto, que as consequências da expansão do turismo são grandes causando alterações na dinâmica da comunidade receptora, acarretando mudanças nos usos e costumes, na divisão social do trabalho, no relacionamento interpessoal, familiar e, muitas vezes, com os próprios turistas (BARRETO, 2000).

Entre essas alterações, é importante ressaltar o aumento de brasileiros e estrangeiros que se fixaram em Canoa Quebrada, para exercerem atividades comerciais, remodelando o perfil da população do lugar.

Com o aumento do turismo e do desenvolvimento do comércio local, grande parte dos pescadores nativos abandonou a pesca, em função da promessa do turismo ter maior lucratividade e menor esforço físico. Dessa forma, grande parte da força de trabalho da população local é transferida do setor pesqueiro para os setores ligados aos serviços.

Os usos e costumes mais tradicionais, relacionados à pesca, foram substituídos por ocupações ligadas às atividades mercantis, em que a maior parte

dos estabelecimentos comerciais instalados pertenciam a forasteiros, o que contribuiu para que os nativos perdessem a autonomia econômica e se inserissem no mercado de trabalho, vendendo barato sua força de trabalho ao setor comercial.

O comércio instalado na região produziu impactos sobre o desenvolvimento da atividade pesqueira, outrora exercidas pela população residente em toda a extensão de Canoa Quebrada. A fotografia 19 ilustra um típico pescador nativo trabalhando em uma barraca de praia, para atender à demanda turística:



Fotografia 18 - Mudança de atividade do pescador nativo que agora cuida de barraca de praia.

Fonte: Canoabrasil.com – 2010

A lógica do capitalismo, que se baseia na generalização da produção de mercadorias e em que tudo se transforma em mercadoria, se instalou em Canoa Quebrada. No mesmo espaço praiano, há pessoas nativas e não nativas atuando na condição de vendedores ambulantes. Os camelôs comercializam uma grande variedade de mercadorias: roupas de praia, óculos, brincos, colares e, até, produtos comestíveis. A fotografia 20 ilustra o exercício dessas atividades comerciais:



Fotografia 19 - Comercialização de produtos na praia de Canoa Quebrada
Fonte: Canoabrasil.com - 2010.

O desenvolvimento do turismo econômico ocorreu quando o capital passou a nortear as relações sociais. Aconteceu, então, uma rápida transformação na relação entre os canoenses e os visitantes, pois o comportamento dos turistas mudou. Se antes eles tentavam manter ou preservar os hábitos nativos, a partir do momento em que passaram a consumir o espaço, como produto turístico, introduziram novos costumes, desconsiderando as tradições culturais da população local. Assim, as mudanças ocorrem em dimensões do núcleo de Canoa Quebrada.

Inserida no contexto da sociedade capitalista, a atividade turística se impõe em Canoa Quebrada, visando a objetivos econômicos, uma maior preservação do espaço turístico, e não, do espaço natural e social. Dessa forma, a antiga e pacata aldeia de pescadores, místico paraíso *hippie*, já não é mais uma simples organização social, que desenvolve uma harmônica relação entre nativo e visitante. Canoa Quebrada tornou-se portal de entrada do turismo no Ceará e inseriu-se na rota do turismo cearense, compondo o novo mapa, traçado pelos interesses políticos e econômicos globalizantes de dominação do Estado, com novas estruturas socioeconômicas, de modo a atender aos novos arranjos nas fronteiras do turismo, globalizando, assim, o lugar.

A construção de um novo espaço, em Canoa Quebrada, a partir da globalização, se efetiva a partir do desenvolvimento de interconexões crescentes entre as unidades internacionais, correspondendo a um processo de reestruturação do sistema de acumulação e reprodução dos centros capitalistas mundiais.

Nos dias atuais, com acesso asfaltado, eletricidade, *cyber* café, pousadas e restaurantes, Canoa Quebrada é conhecida, nacional e internacionalmente e um dos mais importantes destinos turísticos de todo o Estado do Ceará. É famosa por seu reduto de belezas naturais e por suas noites agitadas na rua principal, Rua Dragão do Mar, hoje, conhecida como *Broadway*.

A evidência da diversidade cultural torna-se cada vez mais explícita, quando se penetra na *Broadway*. Nesta rua, principal corredor de Canoa Quebrada, tem-se a sensação de se viver em vários lugares ao mesmo tempo. Como se várias cidades participassem daquele microterritório, marcado pela polifonia de vozes, sons e ritmos, que se misturam aos vários grupos, que se formam ao longo da rua. Forasteiros transmudados em nativos, visitantes, que rapidamente vão ‘mudando de cor’, ‘tingindo’ o branco da pele, pela força do sol, artesãos de vários lugares.

A transmutação dessa região praiana, em um espaço do turismo nacional e internacional, trouxe um número cada vez mais elevado de empreendimentos comerciais como hotéis, pousadas e restaurantes administrados por não nativos – brasileiros e estrangeiros, principalmente argentinos, italianos, portugueses, holandeses, franceses e alemães.

Essa nova realidade ‘quebrou’ a harmonia paisagística da ‘velha’ Aldeia de pescadores, a *Broadway* tornou-se sua principal rua, atraindo para si um conjunto de atividades comerciais. Durante o dia se oferecem passeios de *buggy* e de quadriciclo, alugam-se aparelhos de *kitesurf*, *parapente* e vendem-se artesanatos locais, misturados a outros produtos, aplicam-se tatuagens. À noite os bares e as boates misturam os ritmos musicais do forró, do dance, do *rock*, do axé e do *reggae* simbolizando a miscelânea cultural. Essa junção de microrrealidades é destacada por Vasconcelos e Adad (2005, p. 98):

Tem-se uma infinita microtemporalidade que derrama seus fluídos pelas ruas e becos da cidade. Um burburinho sacode a sua principal passagem com toque de urbanidade. A diferença desfilando nesse microterritório de multiplicidade. Fragmentos do mundo cuja marca é posta pela diversidade cultural deslizando em turbilhões de gente no percurso da *Broadway*.

O nome *Broadway* foi escolhido, entre pessoas cultural e intimamente ligadas à Canoa Quebrada e consolidado pelos visitantes ao longo dos anos, devido às comédias alegres, divertidas e uma enorme espontaneidade, misturada ao folclore canoense. Quando não havia energia elétrica, a rua era totalmente coberta por areia, havia poucos estabelecimentos comerciais e, pela Rua Dragão do Mar, quase todas as pessoas andavam descalças. Os nativos, juntamente com personagens alegóricos, artistas, estilistas, forasteiros, visitantes, iluminavam as noitadas ditando modas e estilos.



Fotografia 20 - Rua Dragão do Mar (*Broadway*) com piso de areia batida e poucos comércios.

Fonte: www.canoabrasil.com 1984.

Um *mix* do comércio e do entretenimento local, em especial, um dos principais pontos de encontro da praia, em 2003, a Rua Dragão do Mar, ganhou um belo calçadão de pedras portuguesas, como ilustra a fotografia 22, a seguir:



Fotografia 21 - Rua Dragão do Mar/Broadway. Calçadão em pedra portuguesa.
Fonte: www.canoabrasil.com

Essa rua sintetiza uma Canoa extemporânea, continental e, acima de tudo, marginal, porque nela se vivenciam comportamentos, não vividos pela comunidade nativa, que causam problemas sociais, como a introdução e proliferação de drogas e disseminação da prostituição na região. Verificaram-se profundas mudanças nos usos e costumes cotidianos das camadas mais jovens da população, impactados pela proliferação de drogas, pela miséria e pela disseminação da prostituição²⁴. Isso foi revelado pela matéria publicada em página virtual, dedicada ao turismo de Canoa Quebrada, chamando a atenção para a relação entre a droga, a prostituição e os 'gringos':

No meio de tudo isso, associações criadas na comunidade resistem em não perder seus filhos para a marginalidade também trazida pelo turismo. Com medo de ter filhos viciados em drogas ou prostituindo-se (resultado da velha ilusão do 'gringo-encantado'), mães de famílias em situação de risco recorrem aos projetos sócio-culturais. Levam os filhos e vão junto. (NOTÍCIA – CANOA QUEBRADA ALÉM DO MAR, 2009).

Canoa Quebrada confere expressão fenomênica à construção teórica de Rodrigues (1996), em 'Turismo e Geografia', segundo o qual, o turismo é incontestavelmente, um fenômeno econômico, político, social e cultural dos mais expressivos, que se evidenciaram nas sociedades ditas pós-industriais. Essa atividade turística tornou-se o principal vetor econômico de Canoa Quebrada, intervindo, de várias maneiras, nas condições socioambientais do lugar. Esse

²⁴ Canoa Quebrada é considerada a "ilha do prazer" ou a '*Moulin Rouge*' brasileira, em alusão ao famoso local de prostituição e espetáculos artísticos da Paris do século XX. (NOTÍCIA – CANOA QUEBRADA ALÉM DO MAR, 2009).

quadro desencadeou um processo de degradação e expressou as várias formas da invasão da cultura mercantil, sobre a cultura da população originária da comunidade aldeã, materializando-se sob as diversas faces sociais do trabalho precário, da prostituição infantil, da droga e da marginalidade.

Outra atração de Canoa são os passeios de *buggy* realizados ao longo do litoral, para quem quer conhecer as belezas naturais, com suas praias desertas, lagoas, dunas, coqueirais e falésias multicoloridas com diferentes formatos. Do mesmo modo, podem-se apreciar aldeias nativas e observar a ação de pescadores e sua habilidade no manuseio das jangadas.



Fotografia 22 - Passeio de buggy com turistas na praia de Canoa Quebrada.
Fonte: canoabrasil.com, 2010.

Frequentada por brasileiros e muitos estrangeiros, durante todo o ano, o núcleo urbano de Canoa Quebrada apresenta um relativo desenvolvimento econômico e tem como base de sustentação a atividade turística da região. A comprovação é o aeroporto internacional que foi construído no Município de Aracati, para melhor atender à atividade turística e a outras demandas econômicas, como a produção de camarão de cativeiro, importante produto da região.

Com uma população de aproximadamente 3.500 habitantes, entre nativos, brasileiros e estrangeiros radicados, principalmente, europeus, muitos deles italianos, que se dedicam aos serviços turísticos, Canoa Quebrada apresenta diferentes perfis raciais, principalmente numa faixa etária mais jovem, resultado da miscigenação de nativos com povos visitantes que se fixaram na região. (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACATI, 2010). É comum encontrar em Canoa

Quebrada jovens de pele clara, cabelos loiros, olhos azuis, correspondentes a um tipo europeu, associado ao achatado formato do nariz, herança do nativo de Canoa Quebrada. A miscigenação presente ganha uma dimensão simbólica, materializando as complexas relações sociais que se desenvolveram a partir da hegemonização do turismo econômico.

3.5 Redes Locais X Outras Redes

3.5.1 Vila do Estevão

No litoral de Aracati, na praia de Canoa Quebrada, aproximadamente, duzentos e cinquenta metros, a leste, deste o núcleo urbano, está localizada a Vila do Estevão. Essa aldeia parece perdida no tempo, por manter simplicidade, especificidades naturais e traços culturais tradicionais. Habitada, predominantemente, por uma população de pescadores nativos, a Vila recebeu este nome por causa de um pescador - Estevão Pereira da Silva -, que chegou a Canoa Quebrada em 1932 e se instalou, com sua família, próximo a essa localidade. Até os dias atuais, a vila é habitada, principalmente, pela família Estevão e seus descendentes que tentam manter os valores e as tradições do lugar.



Atualmente, a pequena comunidade da Vila dos Estevão é composta por 76 residências que acomodam 86 famílias e conta com uma população total de 307 habitantes, entre nativos e não nativos, que residem em condições precárias e, ainda, possuem hábitos de vida muito simples (PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACATI, 2010). Com a comunidade bastante organizada, a Associação dos Moradores do Estevão lutou contra a expansão urbana, com o objetivo de preservar a paisagem local. Essa expansão urbana só foi finalizada, quando a vila dos pescadores, em 1986, foi tombada como Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE), evitando a especulação imobiliária no local. A partir daí a comunidade do Estevão passou a ter o domínio e a posse das terras da Vila.

A maioria das casas que os moradores habitavam era de taipas cobertas com palhas. Atualmente, se usam tijolos e telhas na construção e reformas em algumas casas. A taipa e a palha, características de antigas e rústicas moradias, faziam com que os moradores suportassem o calor e o forte vento, que sopra de janeiro a julho. A distribuição espacial dessas residências ocorreu de forma espontânea, sem definição de vias e quadras, conforme as fotografias a seguir.



Fotografia 23 - Casa de taipa coberta com palha.
Fonte: Silva, 2012.



Fotografia 24 - Casa de taipa coberta com telha.
Fonte: Silva, 2012

A pequena comunidade da Vila do Estevão buscou preservar as características rústicas e os traços da cultura tradicional de Canoa Quebrada, como a pesca artesanal. Eles resistiram à demanda turística, dominante nesse núcleo praiano, embora a despeito de alguns moradores alugarem quartos e casas para os turistas.

Na Vila do Estevão, apesar de existir um elevado processo de degradação ambiental, mesmo assim, ocorre à preservação da paisagem, pois os moradores procuram cuidar do meio ambiente, da preservação da unidade social da comunidade. A Vila do Estevão deve, portanto, ser vista como importante espaço, que potencializa a proposta de um turismo sustentável. Nos lugares turísticos, o problema da especulação imobiliária é um perigo para a degradação do meio ambiente. Em Canoa Quebrada, esse fato é muito evidente.

A Vila do Estevão foi objeto de disputa, entre especuladores de terras e promotores do turismo. Esse problema se deu desde os anos de 1980. O primeiro conflito aconteceu em 1986, quando a comunidade lutou contra o primeiro especulador imobiliário da região. Os conflitos foram tão intensos, que houve a intervenção do Governo do Estado, para evitar que a Vila do Estevão desaparecesse e desse lugar a mais um megaempreendimento imobiliário no litoral cearense.

Ainda em 1986, a pequena faixa de praia, que abrigava à comunidade do Estevão foi desapropriada pelos poderes públicos, em benefício da comunidade, ficando para as lideranças do lugar, a tarefa da administração. Desde então, alguns projetos passaram a ser realizados visando ao fortalecimento da cultura local. Em 1992, foi instituído o Projeto *Recicriança*²⁵, que teve por objetivos a preservação cultural e a ação contra a degradação do meio ambiente. Esse esforço comunitário foi destaque em publicação virtual intitulada 'Todo dia, uma verdadeira rede social é jogada no mar da comunidade de Canoa Quebrada, em Aracati'.

O nomadismo, que deu origem ao símbolo da lua e da estrela a enfeitarem as falésias e os *souvenires*, é verificado em cada turista que vem e vai. Mas a comunidade fica, com muitas de suas mulheres "barrigudas" com filhos de pais não-nômades, mas anônimos, dando a nova cara mestiça, bronzeada desde que nasce. Mas a rede social fisga tudo, de meninos com consciência ambiental a meninas esclarecidas de que não precisam sair de Canoa com o "gringo" para serem felizes, passando por artistas dos malabares, do contorcionismo, do teatro, da música, do cinema. Reciclam papéis e tecidos para reciclar a mente (NOTÍCIA – Canoa Quebrada Além do Mar, 2009).

Como forma de preservar o espaço da Vila do Estevão, a aldeia que, desde 1998, faz parte da Área de Preservação Ambiental, foi transformada em Área de Relevante Interesse Ecológico. A ARIE indica o cuidado com o meio ambiente, a preservação da unidade social da comunidade, o que deve implicar numa atenção especial à preservação, não só da paisagem, cercada de falésias e dunas, como também, da cultura da comunidade. No ano de 2005, o governo do Estado do Ceará concedeu o título de propriedade das terras à Associação dos Moradores do Estevão, assegurando-lhe a posse à coletividade.

Como parte dos esforços para a preservação cultural, a comunidade da Vila do Estevão vem desenvolvendo práticas para fortalecer os valores prevalecentes entre os antigos aldeãos. Eles promovem regatas de jangadas; estimulam os próprios filhos a construir embarcações nativas em miniaturas; incentivam práticas da capoeira e do maculelê; aproveitam-se da arte da confecção de bonecas; ministram aulas de educação sexual; exercitam atividades circenses; organizam oficinas de pintura e de teatro; preparam desfiles de moda, com roupas de retalhos e

²⁵ O Projeto *Recicriança* foi instituído em meio a luta de resistência cultural e socioambiental. Por se constituírem em datas relevantes, no contexto do conflito entre a cultura de resistência local e o turismo de mercado, o período compreendido entre os anos de 1992 e 1997 (quando é filmado *Bella Dona*), é aqui estabelecido para delimitar a temporalidade do objeto investigativo.

bolsas de material reciclado. Tudo isso, para evitar que as crianças sejam ‘encantadas’ pelo fetiche ‘príncipe encantado’, como aconteceu no passado as ‘garotas coca-cola’²⁶ da capital cearense. Conscientes de que a subsistência mais imediata dos moradores está relacionada diretamente à preservação do meio ambiente, também se ministram aulas de educação ambiental e de preservação das paisagens naturais, sobretudo, das falésias²⁷, que ocorrem no Centro Comunitário da Vila do Estevão.

Conforme exposto, existiram vários conflitos ambientais, sociais, econômicos e políticos entre Canoa Quebrada e Vila do Estevão. Foram estes conflitos em contradições salientadas, que chamaram a atenção para a realização desta pesquisa. Por tratar-se de uma área, cuja população nativa apresenta importantes mudanças culturais e economicossociais, introduzidas com o desencadeamento da atividade turística na região, esta localidade foi eleita como *lócus* para a execução desta investigação científica. O ano de 1992 simbolizou a luta de resistência cultural e socioambiental, quando foi criado o *Projeto Recicriança* e, em 1997, consolida-se o nome de Canoa Quebrada no calendário comercial do turismo internacional. Nesse ano, aconteceu a filmagem de *Bella Donna*²⁸. Esse período se estabeleceu como elemento para delimitar a temporalidade do objeto investigado

²⁶ Durante a Segunda Guerra Mundial, dada à presença do exército norte-americano nas Terras Alencarinas, as moçoilas da cidade de Fortaleza viveram a ilusão de se casar com um soldado *yanke* e assim alcançar a ascensão social.

²⁷ Formas de relevo litorâneo abruptas ou escarpadas. Representa o trabalho do mar, como também, dos outros tipos de erosão na topografia costeira. (GUERRA, 2006, p. 265).

²⁸ Filme brasileiro e estadunidense, dirigido por Fábio Barreto e com roteiro baseado no romance Riacho Doce de José Lins do Rego.

4 RECOLHENDO AS REDES

Neste subtítulo é apresentado o resultado da pesquisa realizada junto aos moradores de Canoa Quebrada, realizada com a aplicação de roteiro estruturado de entrevistas, cujo objetivo foi avaliar a relação entre o turismo praticado em Canoa Quebrada e as mudanças socioeconômicas e culturais que lhes são decorrentes.

O Universo de pessoas pesquisadas foi de 40 famílias e envolveu homens e mulheres nativos e não nativos de Canoa Quebrada, residentes na Vila do Estevão, com uma faixa etária entre 19 a 94 anos de idade. A pesquisa foi realizada na Vila do Estevão, visitando-se residências, em cada uma das quais se entrevistou um dos membros da família, ou em locais de trabalho, em respeito à disponibilidade do entrevistado. Os resultados são apresentados por meio de gráficos e por um relato descritivo, pelo qual se apresentam os resultados advindos dos depoimentos de membros da comunidade.

A pesquisa realizada em Canoa Quebrada, junto aos moradores da Vila do Estevão, utilizou como instrumento a entrevista estruturada, que possibilitou o levantamento dos dados a partir de uma abordagem qualitativa. Os itens que permitiram a análise quantitativa dos dados foram relacionados às variáveis; gênero, idade, ocupação, tempo de moradia da população pesquisada e se o turismo tem sido bom ou ruim para Canoa Quebrada.

Para a obtenção dos dados qualitativos, foram feitas perguntas abertas e fechadas, e dez entrevistados demonstraram, principalmente nas respostas às perguntas abertas, ter um conhecimento mais amplo sobre Canoa Quebrada e, por isso, forneceram informações significativas para esta pesquisa. No entanto, os dados obtidos por meio das perguntas fechadas também foram valiosos.

As pessoas idosas, como o senhor que se vê na fotografia 26, relataram, com lucidez, fatos ocorridos há, aproximadamente, 80 anos. Esses relatos trouxeram uma contribuição importante a esta pesquisa.



Fotografia 25 - Pessoa mais idosa da Vila do Estevão.
Fonte: Silva (2012)

Chaveiro (2008, p.85) explicita que os turistas transformam um lugar e sua potencialidade em negócio para lazer e turismo, adequando a cultura local à demanda por consumo.

Dessa forma, um lugar turístico tem a sua população local transformada em 'a outra', aquela que, muitas vezes, impede, incomoda o turismo, tornando-se estranha em seu próprio lugar. O lugar, portanto, tanto manifesta como oculta a realidade. (ALMEIDA, 1998).

4.1 Resultados obtidos

No que diz respeito ao gênero, a pesquisa com uma amostra composta por quarenta (40) famílias revelou vinte e três (23) moradores do gênero feminino, que correspondeu a 57% dos entrevistados e dezessete (17) do gênero masculino, o que representa 43% da amostra. Este dado, certamente, foi o responsável pelo equilíbrio das informações, na percepção das mulheres e dos homens, quanto às mudanças provocadas, pela atividade turística, em Canoa Quebrada:

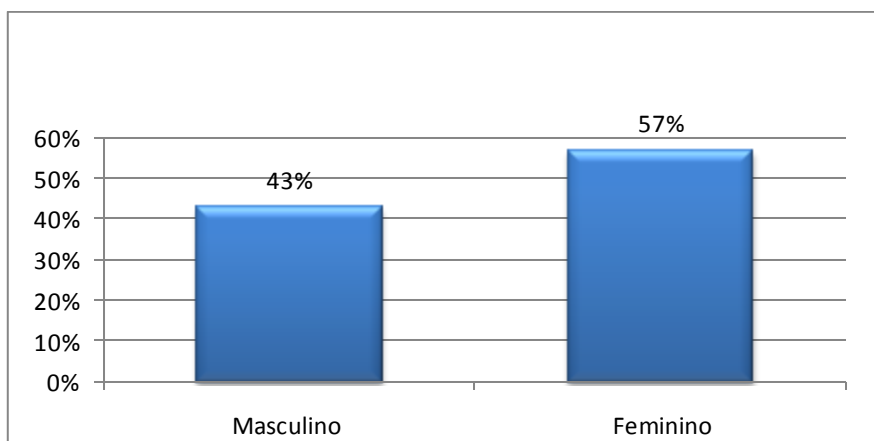


Gráfico 1 - Número de entrevistados por gênero

A análise dos dados referentes à idade dos moradores da Vila do Estevão permitiu observar a faixa etária de dezenove (19) e mais de setenta anos da população feminina e masculina.

Entre a população feminina, verificaram-se duas faixas etárias de maior ocorrência do número de mulheres. A faixa de 51 a 60 anos de idade, com 35% do total de mulheres e a de 41 a 50 anos de idade, com 26% do total de mulheres pesquisadas. O fato desta pesquisa ter mostrado, entre as mulheres pesquisadas, a ocorrência de idades numa faixa mais adulta (41 a 60 anos), como mostra o gráfico 2, tem um significado importante, em relação à coleta dos dados, no que se refere ao passado de Canoa Quebrada, principalmente, àqueles dados que tratam do bordado do labirinto, pois esta era uma ocupação preponderantemente das mulheres.

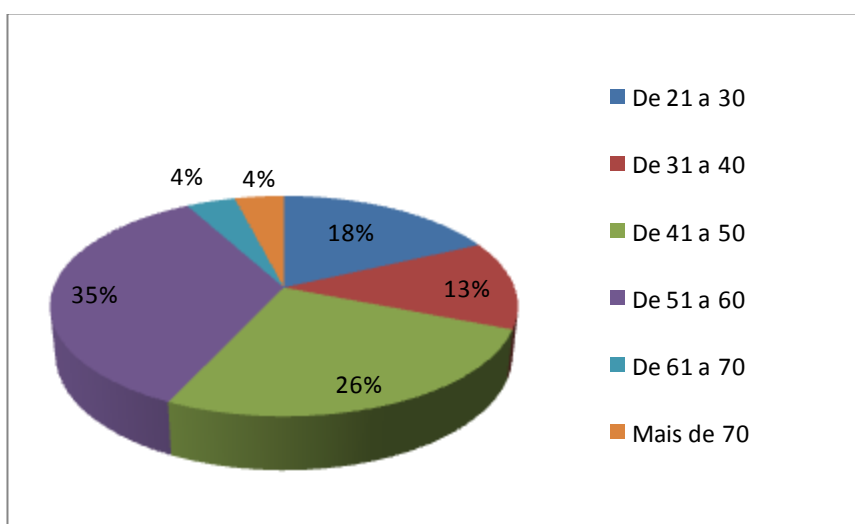


Gráfico 2 - Faixa etária da população feminina

A análise dos dados relativos à idade da população masculina da Vila do Estevão também mostrou, entre os homens, uma concentração maior de idades nas faixas etária de 31 a 40 anos, o que representou 29% dos homens pesquisados e de 41 a 50 anos, correspondendo a 23% do mesmo grupo. Esses dados totalizaram 51% do universo de homens entrevistados (gráfico 3).

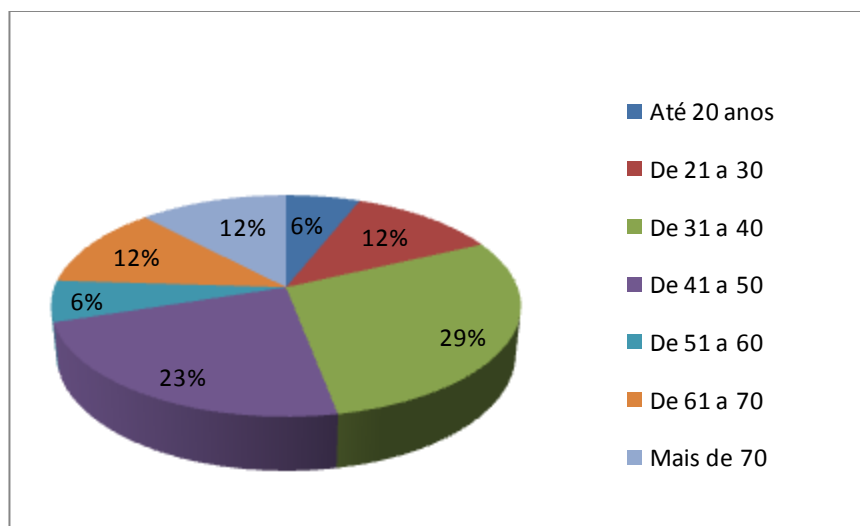


Gráfico 3 - Faixa etária da população masculina

É preciso ressaltar que os homens na faixa de idade de 31 a 50 anos constituíram o grupo que mais contribuiu com informações sobre a atividade da pesca, ocorrida em Canoa Quebrada.

Quanto à análise da ocupação dos moradores da Vila do Estevão, esta se revelou como importante elemento na indicação de mudanças ocorridas ao longo de um processo de transformação do espaço socioeconômico e cultural de Canoa Quebrada, a partir da intervenção do turismo na região.

As atividades com as quais os homens e as mulheres se ocupam são bastante diversificadas e diferenciadas das praticadas no passado, quando homens e mulheres se ocupavam de tarefas bastante homogêneas: a pesca, desenvolvida pelos homens, o trabalho doméstico e o bordado de labirinto, praticados pelas mulheres. Nos gráficos 4 e 5, visualizam-se as diferentes ocupações das mulheres da Vila do Estevão atualmente.

Apesar do turismo, na percepção dos entrevistados, ter possibilitado aos moradores de Canoa Quebrada, mais trabalho, os dados mostraram que apenas 2% das mulheres realizam atividades ligadas diretamente ao turismo, ou seja, ocupam postos de trabalho com vínculo empregatício e a maioria delas se ocupa, indiretamente, com atividades ligadas a esse setor, uma vez que o trabalho que executam se dá no campo da informalidade, embora motivado pelo turismo. Assim, 48% praticam pequenos comércios na praia, ou na *Broadway*. Ainda neste contexto, uma parcela das mulheres da Vila do Estevão, 37%, se dedica, apenas, a uma atividade, além do trabalho doméstico, enquanto 13% delas têm mais de uma ocupação, atuando, também, na condição de agente de saúde, educadora ambiental, professora, marisqueira, estudante, lavadeira:

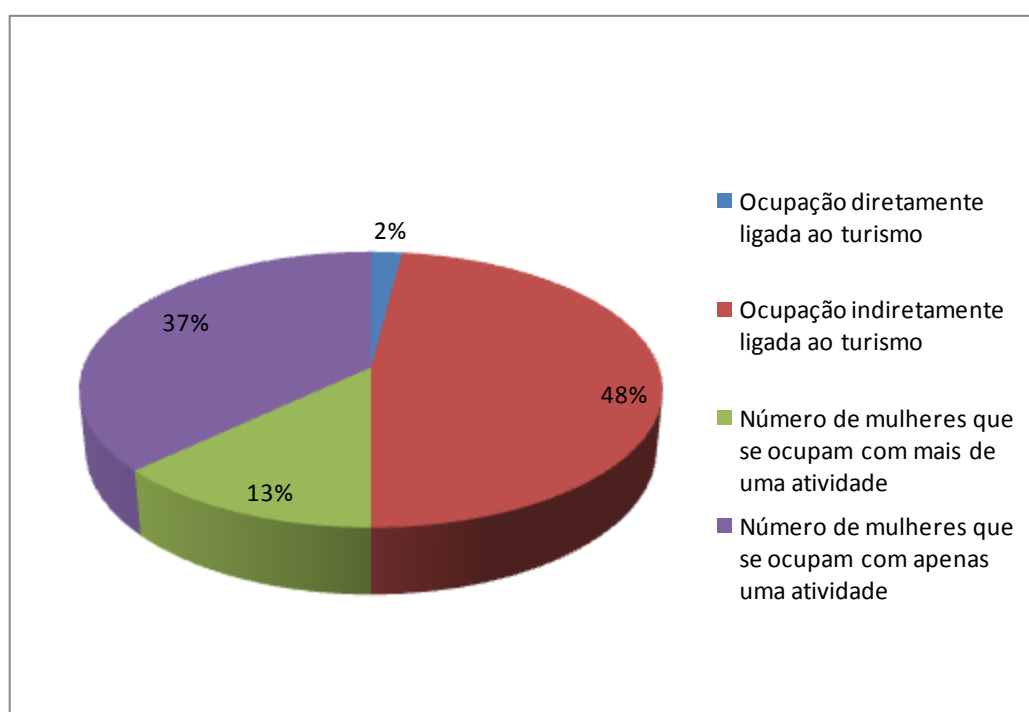


Gráfico 4 - Ocupação da população feminina

Para os moradores da Vila do Estevão, 48% da população de Canoa Quebrada, está relacionada, indiretamente, ao turismo, porque foram desencadeadas a partir dessa atividade.

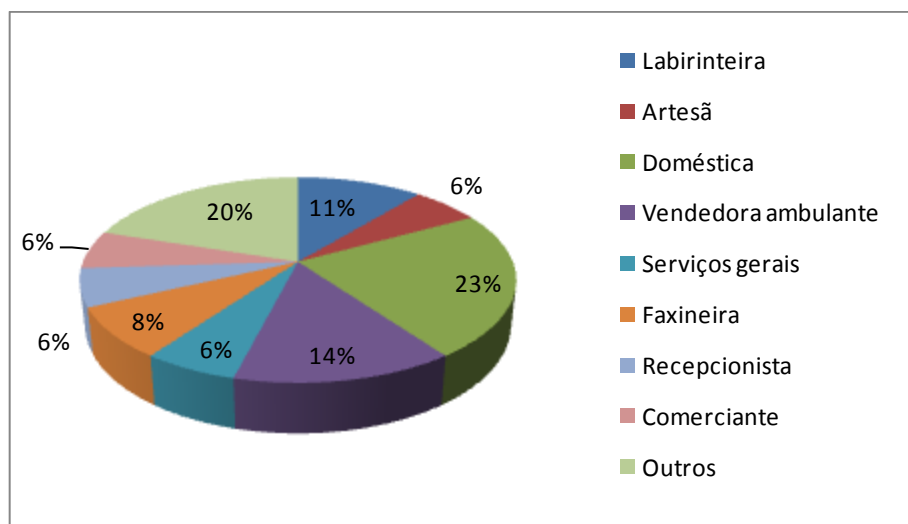


Gráfico 5 - Atividades desenvolvidas pelas mulheres

Quanto ao gênero masculino, suas ocupações também se dividem, entre as que estão relacionadas, direta ou indiretamente, ao turismo. Assim como ocorre com as mulheres, são poucos os homens que se ocupam com atividades ligadas diretamente ao turismo. Apenas 6%, desenvolvem atividades como guias mirins, passeios de jangada, passeios de *buggys* e de animais com os turistas.

Dos homens pesquisados, 44% exercem atividades que não estão ligadas diretamente ao turismo, como os pequenos comércios dos vendedores ambulantes praticados na praia e na Rua Dragão do Mar:

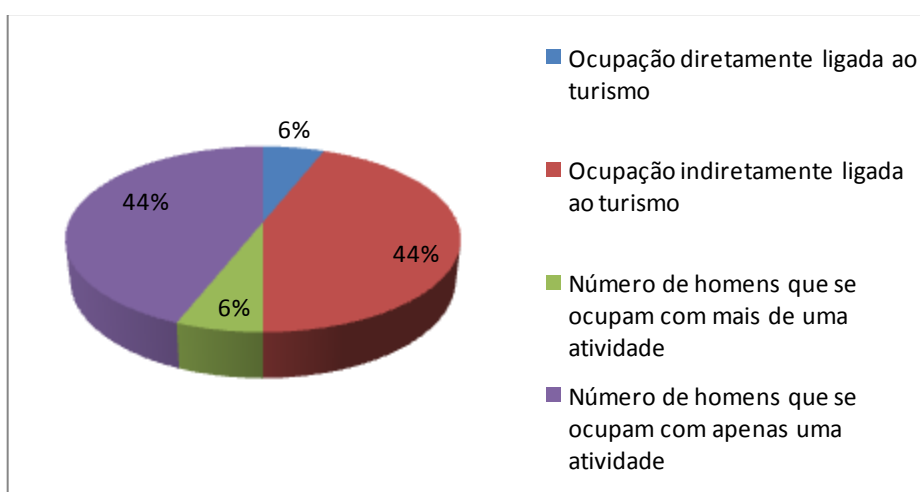


Gráfico 6 - Ocupação da população masculina.

Entre as atividades desenvolvidas pelos componentes do gênero masculino se destacou a pesca, o concerto e a fabricação de jangadas, visualizados na

fotografia 26, revelando a incidência de atividades tradicionais entre a população local.



Fotografia 26 - Moradores da Vila do Estevão, fabricando e concertando jangadas.
Fonte: Silva, 2012.

Na atividade pesqueira, destacam-se os pescadores ativos e os aposentados. Entre os ativos, existem aqueles que têm a pesca como única fonte de sobrevivência e exercem essa atividade comercialmente; há, ainda, os que desenvolvem a pesca, para a própria alimentação, além de outras atividades. Assim, esse setor absorve 45% da população dos homens entrevistados. A partir da observação do cotidiano da comunidade da Vila do Estevão, percebeu-se que alguns moradores pescam esporadicamente 'no seco', sendo este um tipo de pesca feita à beira do mar com rede ou anzol, e, apenas, para alimentar a família naquele dia.

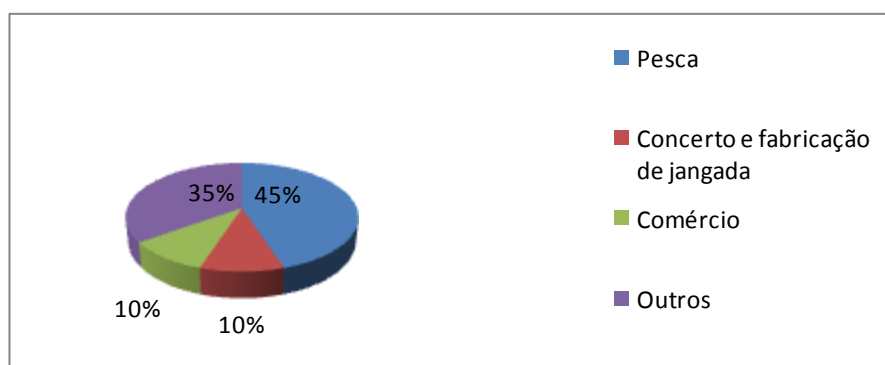


Gráfico 7 - Atividades desenvolvidas pelos homens

Também, outras atividades são praticadas pela população masculina da Vila do Estevão, como ajudante de pedreiro, garçom, artesão, educador ambiental e produtor de cinema. Há os que atuam com o comércio. Dentre as outras atividades,

aparecem aquelas ligadas diretamente ao turismo, como passeio de *buggy*, de jangada e no lombo de animais:



Fotografia 27 - Atividades ligadas diretamente ao turismo: Passeio de Jumento.

Fonte: <http://canoabrasil.com>

Segundo os moradores da Vila do Estevão, 70% da população ocupada, direta ou indiretamente com o turismo em Canoa Quebrada é de fora. São donos de barracas de praia, de restaurantes, de hotéis ou pousadas e, ainda, há pessoas que atendem ao público em balcões, ou que trabalham como garçons. Até parte dos bugueiros, pessoas que fazem passeios turísticos na praia com os visitantes, são de cidades vizinhas.



Fotografia 28 - Atividades ligadas diretamente ao turismo: Passeio de *Buggy*.

Fonte: <http://turismobrasil.gov.br>

Os moradores de Canoa Quebrada, que trabalham diretamente com o turismo, são principalmente os que fazem passeios de jangada com os turistas, ou

seja, aqueles que são, ou que foram pescadores e têm, portanto, uma intimidade com o mar:



Fotografia 29 - Atividades ligadas diretamente ao turismo: Passeio de jangada.
Fonte: <http://turismobrasil.gov.br>

No universo de dezessete moradores do gênero masculino pesquisados na Vila do Estevão, em que 6% têm mais de uma fonte de renda, 44% se ocupam, apenas, com uma atividade de trabalho, e apenas 6% destas estão ligadas diretamente ao turismo. Isto mostra que o turismo em Canoa Quebrada possibilitou principalmente a geração de emprego e renda de forma indireta, já que a empregabilidade neste setor é muito restrita, tanto da população masculina, quanto da feminina.

O fato de apenas uma pequena parcela da população estar ligada diretamente ao turismo mostra que as mudanças ocorridas nas atividades de trabalho em Canoa Quebrada, não possibilitaram maior aproveitamento da mão de obra local. Prova disso são as inúmeras atividades desenvolvidas pela população feminina de Canoa Quebrada que está à margem do turismo ou que dele dependem.

Na pesquisa foi encontrada, na Vila do Estevão, uma população residente, que se divide entre moradores nativos e não nativos. Os primeiros compõem a maioria da população, alcançando a ordem de 70%. Alguns ainda habitam o lugar desde a chegada da família Estevão, em 1932. A população não nativa, 30% dos

moradores, chegou à Vila a partir dos anos de 1970. Alguns passaram a conviver nesta comunidade mais recentemente, como mostram os dados do gráfico 8.

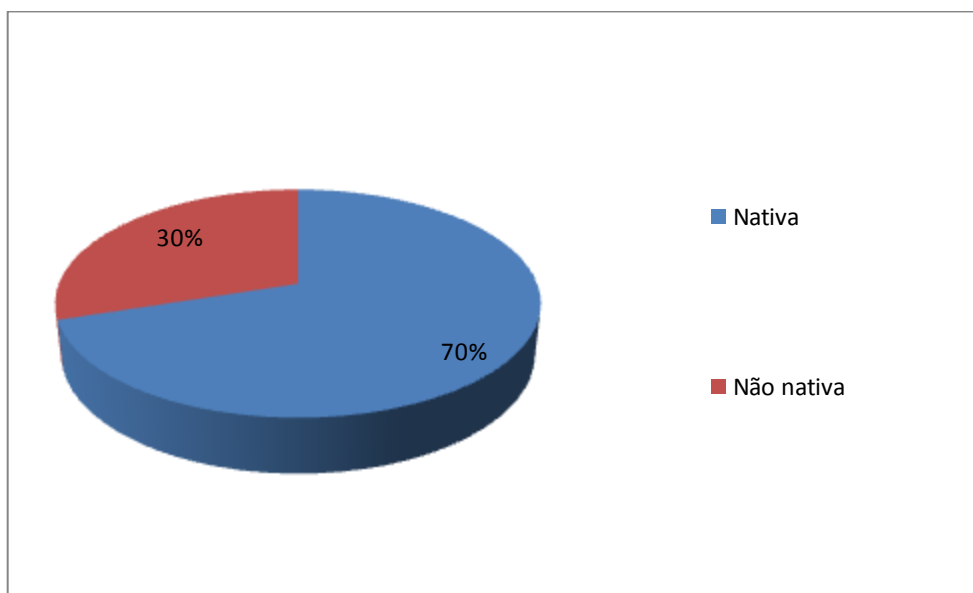


Gráfico 8 - População residente

Apesar de Canoa Quebrada não apresentar os mesmos atrativos do passado, uma natureza rústica e uma população simples e hospitaleira, ainda assim, continua despertando o interesse de algumas pessoas pelo lugar.

Quando a análise recaiu sobre o tempo de residência dos moradores, verificou-se que poucas pessoas se fixaram na Vila do Estevão nos últimos dez anos. No gráfico 9, as legendas representam o tempo de residência dos moradores, destacando os períodos de 1 a 5 anos e de 6 a 10 anos.

Essa permanência pode ter como causa explicativa as normas estabelecidas pela Associação dos Moradores do Estevão (AME), que regulamentou a permanência de novos moradores nessa comunidade. Os terrenos da Vila do Estevão só podem ser adquiridos por moradores da comunidade, as casas não podem ser vendidas e só devem ser repassadas para membros da família. Quando um morador desobedece às regras estabelecidas pela comunidade, são expulsos sem direito de a ela retornar. Se não fosse essa regulamentação da ocupação da Vila do Estevão, muito provavelmente o quadro de novos residentes seria diferente, pois segundo os moradores, ainda atualmente, os visitantes manifestam interesse em adquirir uma moradia na Vila do Estevão.

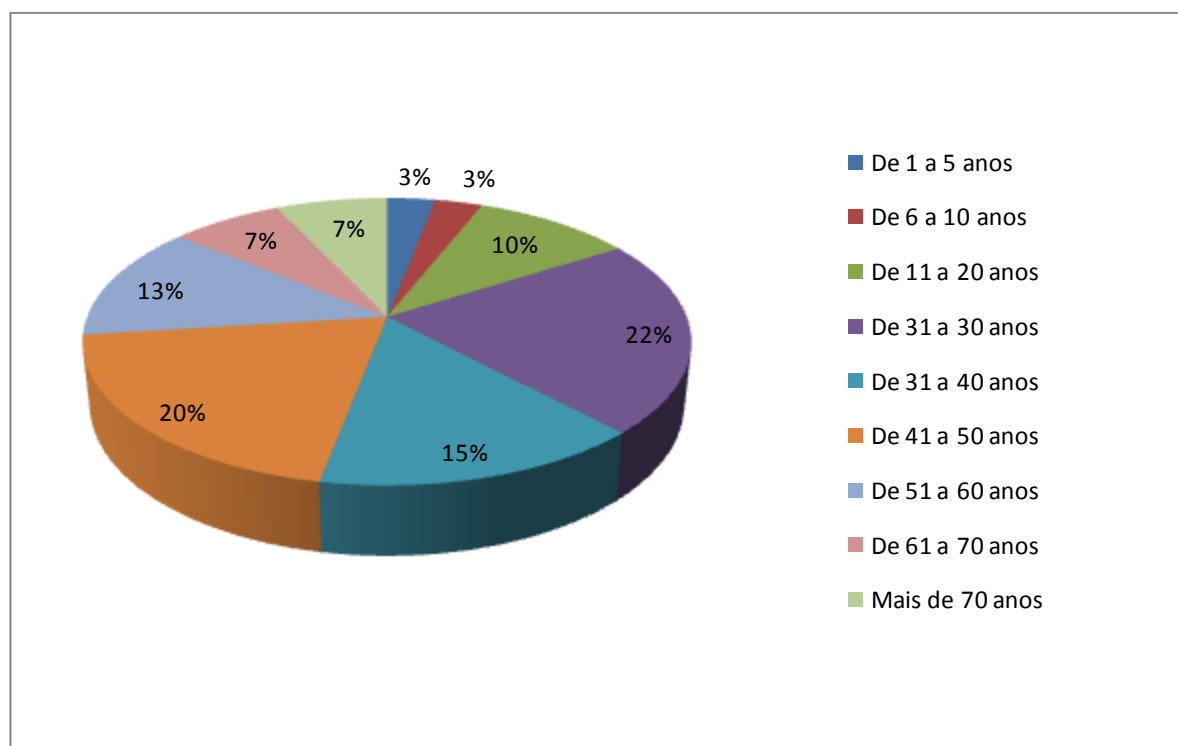


Gráfico 9 - Tempo de residência

Entre as pessoas que habitam a Vila do Estevão, mas que não são nativas, perceberam-se diferentes origens. Fortaleza, capital do Ceará, é a cidade que contribuiu com o maior número de residentes não nativos. Observaram-se também moradores oriundos de cidades vizinhas de Canoa Quebrada, como Aracati, Icapui e Fortim e de outras capitais do nordeste como Recife e João Pessoa. Há presença de pessoas oriundas da região sudeste, de São Paulo e do Rio de Janeiro. Ainda é possível verificar a presença de imigrantes de outros países, como do Uruguai. Também podem ser identificados em Canoa Quebrada e Vila do Estevão, argentinos, franceses e italianos, que residem, principalmente, no núcleo de Canoa Quebrada.

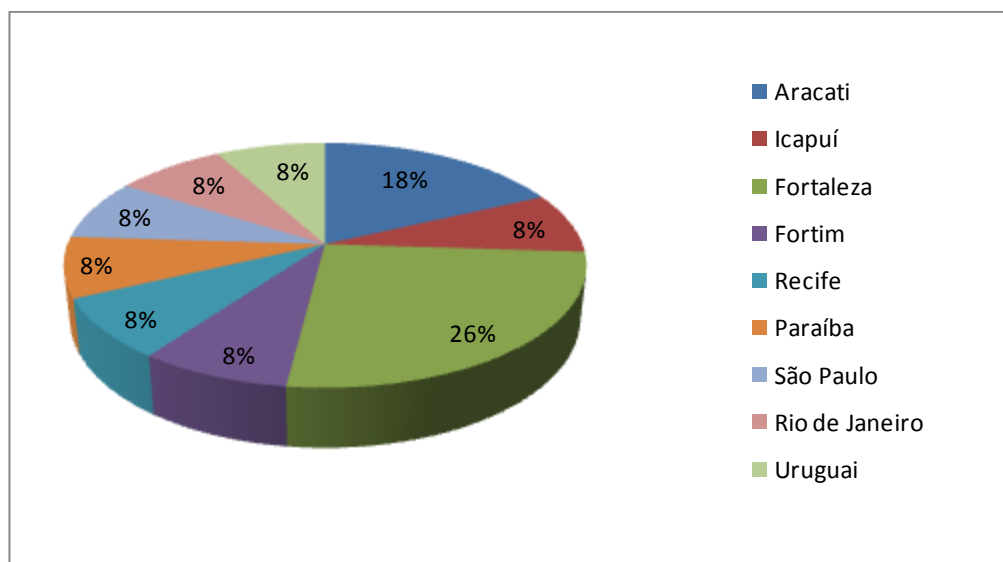


Gráfico 10 - Origem da população não nativa

Essas diferentes origens regionais, nacional e internacional contribuíram com as mudanças socioeconômicas e culturais ocorridas em Canoa Quebrada. Na verdade, essa diversidade cultural pode acarretar a perda da identidade cultural do lugar, em decorrência da desterritorialização do espaço.

As principais motivações que levaram os atuais moradores de Canoa Quebrada, oriundos de outros Estados brasileiros e de outros países, a viverem nessas comunidades foram as geográficas, tanto físicas como socioculturais, a beleza natural, a hospitalidade do nativo, a tranquilidade do lugar, retratadas na simplicidade da vida dos moradores e traduzidas em alguns hábitos sociais, observados nos atos de solidariedade na comunidade.

Notou-se, entretanto, na fala dos moradores não nativos, o desencanto quanto à falta de tranquilidade e hospitalidade, que se viveu há vinte ou trinta anos, em Canoa Quebrada. Aqui a interlocutora se diz decepcionada quanto à receptividade ao visitante. Ela destaca o elevado custo de vida, a exploração aos estrangeiros e disseminação do uso de droga, que é utilizada como 'moeda de troca'.

No começo queriam saber tudo, se tinha dinheiro se não tinha. Cobram exorbitantemente as coisas. Quando cheguei aqui me falaram que não ia poder alugar uma casa que não fosse por menos de R\$ 1.000,00. [...] No começo achavam que éramos gringos e tínhamos muito dinheiro, a cobiça é muito dinheiro que a gente trás para aqui. [...] E tem outras coisas, tem muita droga, aquilo que tem valor é a droga, a droga é a moeda de troca aqui, não

tem outra coisa. Aqui, tem que se viver com droga, pelo que sinto. Hoje, eu moro melhor porque já me adaptei. No começo pra mim era muito, muito, muito chocante, inclusive até medo dava. [...] Já me assaltaram duas vezes a casa. Na Vila do Estevão foi a primeira vez que morei sem problemas [...]. Uma vez aluguei uma casa por quinhentos reais, passaram quinze dias, a dona da casa fez um contato dizendo vá embora porque aluguei a casa por mais. [...] O peixe tá muito caro. Quando cheguei aqui paguei um peixe para fazer, de tamanho razoável, quinze reais [...]. É mais fácil comer um peixe na capital do que aqui. Já pedi para as pessoas que estão próximas da pescaria que tragam o peixe para mim que eu pago. Mas eles não trazem. Não tem peixe. Os pescadores estão agora fazendo passeio de jangada. [ENTREVISTADA 4]²⁹.

Uma das nativas da Vila do Estevão tem outra compreensão sobre a relação entre nativos e não nativos. Sua fala remete à relação de identidade, quando afirma que “[...] o turista não reconhece muitos nativos porque não há uma preocupação com a identidade nativa”. [ENTREVISTADA 21].

O confronto de percepções entre o depoimento da não nativa e da nativa revela diferentes perspectivas. Na fala da primeira entrevistada, observou-se certo descontentamento com o lugar e a mudança no tratamento que os nativos do núcleo de Canoa Quebrada dispensam, atualmente, àquelas pessoas que desejam se fixar no local.

Notou-se, aos poucos, que a maneira hospitaleira e amigável como eram recebidos os visitantes em Canoa Quebrada está, cada vez, menos praticada e, aos poucos, se estabeleceu uma relação pautada em interesses capitalistas em que as relações entre nativos e não nativos se transformaram e se mercantilizaram. O testemunho da nativa remete a um alerta: o visitante, também, nem sempre respeita as condições naturais do lugar, nem o modo de vida da população na qual ele deseja se inserir.

No caso específico de Canoa Quebrada e, mais especificamente, da Vila do Estevão, é necessário que o morador não nativo compreenda a diferença sociocultural existente entre ele e a comunidade nativa. Cabe, portanto, aos visitantes respeitar o modo de vida da população local e não exigir que os nativos se moldem aos hábitos e costumes trazidos por eles.

²⁹ Para preservar a identidade da depoente adotou-se a nomenclatura “ENTREVISTADA (O)”, seguida de um número identificador para diferenciá-la dos demais informantes. Doravante, essa postura será estendida a todos os demais interlocutores.

Como disse uma das interlocutoras: “– se venho morar em uma área de praia, não posso reclamar se a areia entra na minha casa. Se eu fiz opção de conviver, entre pescadores, não posso reclamar da sua rudeza” [ENTREVISTADA 20].

Essa é uma conduta inteligente e respeitosa com a qual se deve conviver em um espaço, no entanto, sem dele se apropriar. A adaptação do nativo e do não nativo ao novo convívio é importante para minimizar os impactos socioeconômicos e culturais, pois inevitavelmente serão produzidos na nova relação, que deverá se estabelecer entre eles.

Apesar dos esforços que a comunidade da Vila do Estevão tem feito para preservar as tradições, a cultura e os hábitos do lugar, o modo de vida de Canoa Quebrada tem se alterado: “– muitos jovens querem se comparar ao turista”. [ENTREVISTADA 17].

Essa é uma constatação a que se chegou, a partir de afirmações de vários moradores e percebida na conduta dos mais jovens. Esses jovens buscam um relacionamento com os turistas que lhes possibilite uma relação mais estável e os levem para fora do país ou para outro estado brasileiro.

A partir desta observação faz-se necessário que o poder público, municipal e estadual, tome medidas no sentido de conter a saída desses jovens de Canoa Quebrada. Novas perspectivas de vida devem ser oferecidas a eles. A oferta de educação de qualidade, maiores oportunidades de trabalho, condições dignas de sobrevivência e o fortalecimento das atividades tradicionais devem manter estes jovens em seu lugar de origem.

Com relação à população nativa, em Canoa Quebrada, no espaço em que se consagrou como Vila do Estevão, o grupo de nativos que predomina é o da família Estevão. De acordo com os dados levantados, 93% dos moradores nativos desse território pertencem a essa família, enquanto apenas 7% pertencem a outros grupos familiares.

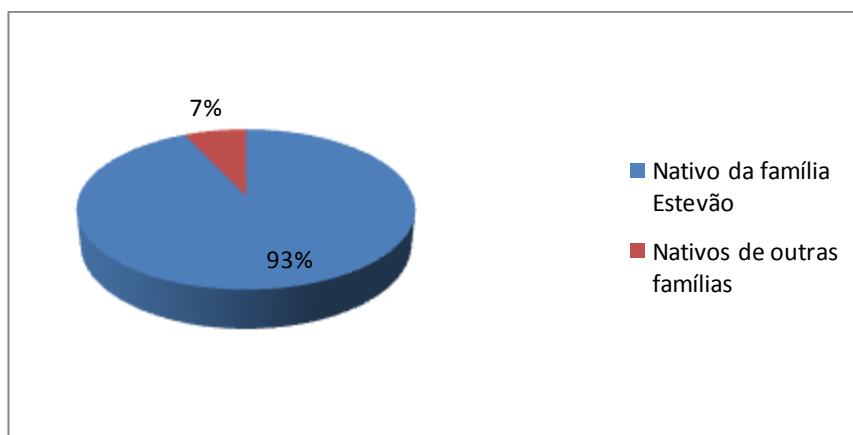


Gráfico 11 - Família a que pertence a População nativa da Vila do Estevão

É importante ressaltar, nessa população nativa, a presença do sentimento de preservação do espaço por ela habitado, a Vila do Estevão, e os laços mantidos por esse grupo familiar que povoa esse território há quase um século. É o que se verifica na fala¹ de uma das depoentes, ao expressar com orgulho a conquista do espaço e a valorização da família. “- Canoa Quebrada/ Vila do Estevão [...] é o lugar onde me identifico como moradora, o lugar onde nasci e me criei e de onde não pretendo sair. [...] A Vila do Estevão representa, para mim, a luta pela preservação da comunidade” [ENTREVISTADA 24]. Na página anterior, no depoimento da entrevistada 17, constata-se que as posturas dos jovens se contrapõem aos depoimentos da entrevistada 24 ao se verificar a vontade de permanecerem no lugar.

Esse sentimento comunitário e familiar, associado à ideia de preservação do lugar, gerou uma identidade sociocultural e ambiental na Vila do Estevão que encanta aos visitantes que com eles se identificam. Tenta-se manter esse sentimento de identidade, a partir de festividades como as comemorações em homenagem a São Pedro, padroeiro dos pescadores, e as outras festas juninas.



Fotografia 30 - Festejo do dia de São Pedro.
Fonte: www.canoabrasil.com 2010



Fotografia 31 - Comemoração de festa junina na Rua Dragão do Mar - anos 1980.
Fonte: www.canoabrasil.com 2010.

A análise do passado, do presente e das relações, entre a Vila do Estevão e Canoa Quebrada, permitiu constatar a transformação de um espaço primitivo em um espaço urbano. No primeiro, as pessoas viviam da subsistência da pesca e no segundo os valores do moderno mundo mercantil se sobrepuseram à cultura, à hospitalidade e à simplicidade dos moradores de Canoa Quebrada e da Vila do Estevão.

Dessa forma, as pessoas tornaram-se mais individualistas, se isolaram em suas próprias casas, pouco se cumprimentam e até compartilham amizades virtuais nas redes sociais. O companheirismo, a amizade, a simplicidade, as tradições, a cultura, a hospitalidade e a união que existia entre os moradores, aos poucos, se diluem com a chegada da energia elétrica, da televisão, da internet e da *Broadway* – espaço multicultural que exerce atração aos visitantes e aos nativos, principalmente, aos jovens, que vão em busca de diversão. As transformações verificadas na Rua

Dragão do Mar são testemunhas da metamorfose vivida:



Fotografia 32 - A Rua Dragão do Mar com pavimento de areia e pouco Comércio. 1984.

Fonte: <http://www.canoabrasil.com> 2010



Fotografia 33 - A *Broadway* com calçamento, tomada pelo comércio.

Fonte: Silva 2012

A paisagem primitiva de Canoa Quebrada, ainda é lembrada pelos moradores mais antigos, tanto nativos quanto não nativos, da Vila do Estevão, que vivenciaram uma harmonia ambiental e sociocultural em Canoa Quebrada, apesar de, no passado, as pessoas terem convivido com difíceis condições de sobrevivência, como falta de energia, de saneamento básico, de transporte, dificuldade de acesso a outros lugares.

Para os moradores que guardam as reminiscências do passado, morar em Canoa Quebrada, antes da chegada do turismo, era melhor, do ponto de vista da segurança, da sobrevivência da pesca, da criação dos filhos, da amizade entre as pessoas e das condições naturais. Antigamente, se vivia sem medos, sem sobressaltos, se tinha certeza da sobrevivência, por meio da pesca, da coleta de frutos, do cultivo de alguns vegetais e da criação de animais.

Houve muitas mudanças em Canoa Quebrada. O lugar “- era bem diferente de hoje” [ENTREVISTADA 15]. Essa constatação reflete o sentimento de muitos moradores da Vila do Estevão. Mudou o compartilhamento do principal alimento da população, o peixe. O convívio familiar e amigável que ocorria nas calçadas, nas conversas em noites de lua cheia, o companheirismo e a familiaridade vivenciados nos longos passeios que se fazia, a pé, para Quixaba, Majorlândia e Aracati, cidades próximas de Canoa Quebrada, quando iam em busca de lazer nas festas, em casas de amigos, animadas por sanfonas, instrumentos de sopro, como mazurca, que desencadeavam ritmos como valsas e xotes, deram lugar à nova relação dos homens com o lugar.

Atualmente, a vida mudou muito, pois se tem mais acesso a vários serviços, como banco, educação, saúde, transporte, saneamento, energia, que apesar de não apresentarem boa qualidade, melhoraram e facilitaram a vida da população. O turismo trouxe mais trabalho para as pessoas de Canoa Quebrada, da Vila do Estevão e de cidades vizinhas, assim com a oferta de serviços melhorou as condições de vida das pessoas.

Apesar das melhorias nas condições de vida da população, atualmente, a comunidade se ressentida da falta de união entre os moradores, desde que se iniciou a venda das terras de Canoa Quebrada para pessoas de fora. Isso despertou a ‘ganância’ e a concorrência entre os moradores, que cercaram e venderam terrenos para os visitantes e especuladores imobiliários.

Na Vila do Estevão, a posse da terra aconteceu de forma diferente, de como ocorreu em Canoa Quebrada. Os moradores da Vila do Estevão, ao se tornarem donos das terras, proibiram a venda e a transferência de terrenos e casas para qualquer pessoa que não habitasse ali. Isso aconteceu porque muitos tinham interesses em adquirir terras para vendê-las aos aventureiros, ou aos especuladores imobiliários, a exemplo do que aconteceu em Canoa Quebrada.

As relações, entre Canoa Quebrada e a Vila do Estevão ocorreram de forma harmoniosa, antes desse pequeno território se tornar conhecido nacional e internacionalmente, constituindo uma história de solidariedade. Mas foram alteradas no momento da construção de um novo espaço turístico. Atualmente, ainda se

percebem alguns desgastes nas relações, mas para alguns moradores, isso é coisa do passado.

Com a proibição da aquisição de casas ou terrenos na Vila do Estevão, criou-se um descontentamento na população do núcleo de Canoa Quebrada. Esse fato gerou certa animosidade entre essas duas comunidades. Os depoimentos dos entrevistados deixaram clara a ruptura:

- Muitos moradores de Canoa Quebrada não gostam dos moradores da Vila do Estevão. [ENTREVISTADA 7];
- Açam que o Estevão é “favelado”, “selvagem”, “índio”. [ENTREVISTADA 35];
- Os moradores do Estevão se sentem rejeitados [ENTREVISTADA 18];
- As pessoas de Canoa Quebrada não querem se misturar. [ENTREVISTADA 33].

Esses depoimentos evidenciam que, em Canoa Quebrada, a relação entre as pessoas, antes da intensificação dos interesses do turismo, se dava de forma mais harmoniosa. Os interesses capitalistas pelas terras e pelas belezas naturais do lugar romperam com essa harmonia, ao introduzirem novas formas de vida, de trabalho, de lazer e de novas culturas. Atualmente, as relações sociais, econômicas e culturais são retomadas, por meio do convívio de crianças e jovens nas escolas e, também, nos projetos de Educação Ambiental, desenvolvidos na Vila do Estevão, pelo *Projeto Recicriança*. Isso também ocorre nos ambientes de trabalho, pois muitos jovens e adultos do Estevão trabalham em Canoa Quebrada e convivem com as mais variadas culturas introduzidas pelo turismo.

Essa intervenção talvez possa explicar as falas que se remetem ao predomínio do sentimento de amizade e de harmonia entre as comunidades da Vila do Estevão e de Canoa Quebrada:

- Há uma relação de amizade. [ENTREVISTADA 15];
- Vivem bem, em harmonia. [ENTREVISTADA 5];
- Não há problemas nas relações. [ENTREVISTADA 11];
- Hoje, não existe mais rixa, todos são unidos. [ENTREVISTADA 22].

Há, ainda, aqueles que percebem, nas relações de disputa entre os dois espaços, uma realidade vivenciada no passado, mas a relativizam. Outros afirmam que houve melhorias no convívio entre as duas comunidades:

- Está menos. [ENTREVISTADA 9];
- Para muitas pessoas, ainda há uma divisão e diferenças. [ENTREVISTADA 21];
- Algumas pessoas se relacionam bem, outras não. [ENTREVISTADA 13];
- Havia mais desunião no passado, por parte dos moradores que brigava disputa de terra [ENTREVISTADA 31].

Uma parcela da comunidade da Vila do Estevão, já se relaciona melhor com a população de Canoa Quebrada, pois casamentos aconteceram entre eles. Dessa forma, uma parcela da população do Estevão coloca as dificuldades apresentadas pela população mais antiga, como um problema que se distancia. É o caso de um dos interlocutores quando afirmou que: “- houve já muito preconceito, quando cheguei aqui. A rivalidade era enorme. Eu sou casado com uma nativa, moro na Vila dos Estevão e trabalho em Canoa. Eu vivo os dois espaços” [ENTREVISTADO 4].

E sua esposa continua:

- Na verdade como o Estevão é uma área preservada, vivia mais o ‘mundinho’ daqui. As mulheres viviam mais do labirinto, e os homens mais da pesca. Ai, as pessoas, lá de Canoa chamava as pessoas daqui de índio, que falavam diferente, que não sabiam de nada, sempre assim... E as pessoas daqui não gostam. [...] Aqui é uma área preservada. Tipo, eu, eu sou nativa daqui e tenho direito a um terreno, eu tenho um terreno aqui, eu não comprei, é meu. Mas não se pode fazer tudo, como lá em Canoa pode, de mandar fazer pousada. aqui só pode pra morar. Por isso tinha essa rivalidade. Hoje, se tiver é muito pouco [ENTREVISTADA 4a]

Com a chegada do turismo em Canoa Quebrada, ocorreram divergências, quanto ao modo de agir da população, sobre este espaço. A população do núcleo de Canoa Quebrada abriu mão da preservação do lugar, enquanto a Vila do Estevão lutou pela preservação, não fazendo concessões, aos especuladores e aos visitantes, quanto ao uso e a ocupação do espaço de Canoa Quebrada/Vila do Estevão. Por isto, as relações estabelecidas, entre a comunidade de Canoa Quebrada e da Vila do Estevão se alteraram provocando um custo social para a população.

Ao analisar-se o passado de Canoa Quebrada e da Vila do Estevão e a sua relação com o presente, verifica-se que há um sentimento saudosista, manifestado, sobretudo, pela população mais antiga, que ressalta a ocorrência de uma vida pacata, simples, com poucas casas de taipa, uma grande união, entre os moradores e a inexistência de pessoas de fora. Resgatam uma época em que, para eles, se vivia melhor. Houve muitas mudanças, algumas para melhor e outras para pior. Entre as transformações que se processaram negativamente, é destacada a diminuição da atividade pesqueira e a falta de segurança trazida pela droga. Entre os aspectos positivos, assinalaram as oportunidades de trabalho.

Para um dos depoentes, as mudanças que ocorreram com o advento da vida moderna em Canoa Quebrada trouxeram alterações negativas no que concerne ao estilo de vida, hábitos e costumes dos nativos:

- Depende da visão de cada um. Tem pessoas que ter um calção de marca, ter uma televisão é uma melhora. Para mim eu vejo em condições de vida. Um exemplo bem simples. Antigamente, as pessoas, o próprio nativo vivia de maneira diferente. Uma grande percentagem dos nativos, principalmente crianças tinham que aprender a pescar e isso naturalmente para a vida, para a vida física era saudável, porque eles iam para a praia, tomavam banho, aprendiam a nadar, faziam esforço físico. Era uma coisa saudável, para o corpo deles. Hoje em, dia não. A maioria dos nativos são *bugueiros*. E a própria condição de vida. Tem mais recursos, muita bebida, que antes tinha, mais era menos. Muitos de meus amigos, durante o dia, estão trabalhando na praia e à noite estão bebendo. Isso, eu não considero que foi uma mudança para melhor. Para eles talvez sim [ENTREVISTADO 37].

Para a população da Vila do Estevão, além dos destaques apresentados, outros aspectos são importantes, quando se referem ao antes e ao hoje. Canoa Quebrada cresceu muito e, junto com esse crescimento, vieram os problemas. Por unanimidade, a droga (questão de saúde pública) foi o principal fator apontado pelos moradores da Vila do Estevão, que atinge, principalmente, os jovens. Para alguns, ela foi introduzida pelos turistas.

Na compreensão de um dos entrevistados, “- [...] as pessoas de fora estão bem de vida, cresceram, os nativos não” [ENTREVISTADA 11]. Essa posição é corroborada por outra depoente: “- os estrangeiros têm mais intervenção no lugar. Muitos, no início, apoiaram a comunidade. Hoje se preocupam mais com eles” [ENTREVISTADA 32].

As pessoas da Vila do Estevão e Canoa Quebrada, segundo o depoimento da entrevistada “- ainda lutam com os poderosos pela sobrevivência. O nativo, atualmente, é visto como ameaça para os grandes empresários, principalmente, nós que moramos na vila do Estevão” [ENTREVISTADA 22].

Constatou-se, junto aos moradores da Vila do Estevão, o quanto foi importante o trabalho de conscientização da população, realizado no ano de 1977, no sentido da preservação da Vila, quando essa foi transformada em ARIE. Atualmente, a população tem a dimensão da importância de se manter as terras nas mãos dos nativos. Assim, pode-se tentar garantir a identidade do lugar e a permanência daqueles que querem continuar residindo na Vila.

Para os mais jovens, parece não ter havido mudanças significativas, pois eles não viveram realidades diferentes das que vivenciam nos dias atuais. Só conhecem o estilo de vida passado, por meio de relatos feitos por seus familiares. Entretanto, as falas dos moradores mais idosos não deixam dúvidas, quanto às mudanças ocorridas, principalmente, em Canoa Quebrada, no que concerne a estrutura urbana, ao modo de vida da população e na sua relação com a natureza. De acordo com uma moradora, “Canoa, hoje, é quase uma cidade e as pessoas também se comportam como tal. No Estevão, prevalece a simplicidade das pessoas” [ENTREVISTADA 22].

E é esta simplicidade e a beleza da praia, o que mais chama a atenção dos visitantes em Canoa Quebrada, sendo a praia o principal atrativo. Consoante uma das entrevistadas, “- a praia de Canoa Quebrada é de uma beleza incomparável” [ENTREVISTADA 39]. Essa faixa do litoral cearense impressiona os visitantes pelas suas águas límpidas e pelas várias piscinas naturais que se formam na praia, com o movimento das marés e, também, pela sua extensão, que permite longas caminhadas. A paisagem ainda é composta por extensas falésias e dunas, que ocorrem ao longo do litoral.

Outros elementos foram apontados como atrativo turístico em Canoa Quebrada. A mistura de pessoas oriundas de vários lugares, com culturas diferentes. Mesmo antes da intensificação do turismo, a figura do mochileiro, que chegava de diversas partes do Brasil e do mundo, já exportava a imagem da praia

de Canoa Quebrada. Esse fato atraiu mais e mais visitante. Muitos se fixaram, ocupando-se com atividades comerciais, principalmente, nos ramos de alimentação e de hotelaria.

Estes elementos atuaram como atrativos turísticos em Canoa Quebrada, e contribuíram para o crescimento populacional e o aumento da quantidade de domicílios nesta localidade. Associados às novas atividades econômicas e à reconfiguração das características urbanas definiram novas relações espaciais, socioeconômicas e ambientais, culminando em uma expansão desordenada do espaço de Canoa Quebrada. As novas construções reproduziram modelos típicos da cidade, algumas geminadas e com alto adensamento, organizadas em quadras descontínuas, ruas e becos desencontrados.

No núcleo urbano de Canoa Quebrada surgiram áreas distintas que Milton Santos (1981, p. 173) vincula essa relação de classes à própria divisão do espaço: “Existem duas ou diversas cidades dentro da cidade. Este fenômeno é o resultado da oposição entre níveis de vida e entre setores de atividade econômica, isto é, entre classes sociais.” Reforçando a relação antagônica de classes, em sua dimensão espacial, esse autor afirma que: “as diferentes paisagens urbanas correspondem a classes sociais diferentes” (SANTOS 1981, p. 173).

Quanto a esse tipo de configuração apresentada pelo espaço redefinido por classes, Santos (1981 p. 195) afirma que: “com a distribuição segundo o nível das rendas, combina-se uma organização de espaço, segundo o nível cultural e o grau de integração do cidadão [...]”

Apesar da reorganização do espaço de Canoa Quebrada, para a população da Vila do Estevão, Canoa Quebrada significa o lugar em que as raízes foram estabelecidas pelas relações familiares, cuja construção do lar não passa, apenas, por uma família, mas por todas aquelas que foram se estabelecendo, a partir de um núcleo familiar, como é o caso da família Estevão.

Percebeu-se, pelas falas dos entrevistados, um sentimento de valorização da terra natal, principalmente, quando se referem à Vila do Estevão, que é preservado pelas relações familiares, pela conquista do espaço em que moram, pela

tranquilidade e pela paz que o lugar oferece. Não manifestam, portanto, o desejo de se mudarem para outra cidade. Canoa Quebrada, para uma das interlocutoras, é “[...] um lugar seguro e cheio de vida, onde pretendo criar meus filhos [...] um lugar que me identifico como moradora, onde nasci e me criei” [ENTREVISTADA 22]. Entre os mais jovens, há o sonho de conseguir uma chance de relacionamento, com os turistas e irem morar em outro lugar, até mesmo fora do país.

Canoa Quebrada ainda é vista como um lugar bom para morar, hospitaleiro e habitado por pessoas boas. Essas características são reafirmadas por quem a visita e com quem os nativos estabelecem relações de amizade e simpatia. É um lugar que abriga pessoas de várias partes do mundo, com suas histórias de vida. A conjugação de novos conhecimentos acabou contribuindo com o enriquecimento da diversidade sociocultural da cidade. Canoa Quebrada significa, portanto, diversidade cultural. Segundo um dos depoentes, Canoa Quebrada significa: “[...] um referencial de tranquilidade, a esquina do mundo.” [ENTREVISTADO 5], pois abriga pessoas de todas as nacionalidades.

O turismo tem trazido resultados contraditórios para Canoa Quebrada, uma vez que ocorreram muitas mudanças que estão associadas ao desenvolvimento turístico neste lugar. A comunidade acolhe bem o turista, mas fez observações em relação à chegada do turismo na região.

Quando foi perguntado aos moradores da Vila do Estevão se o turismo tem sido bom ou ruim para Canoa Quebrada, percebeu-se que muitos consideram que ele tem sido importante para a região, como mostra o gráfico 12, a seguir.

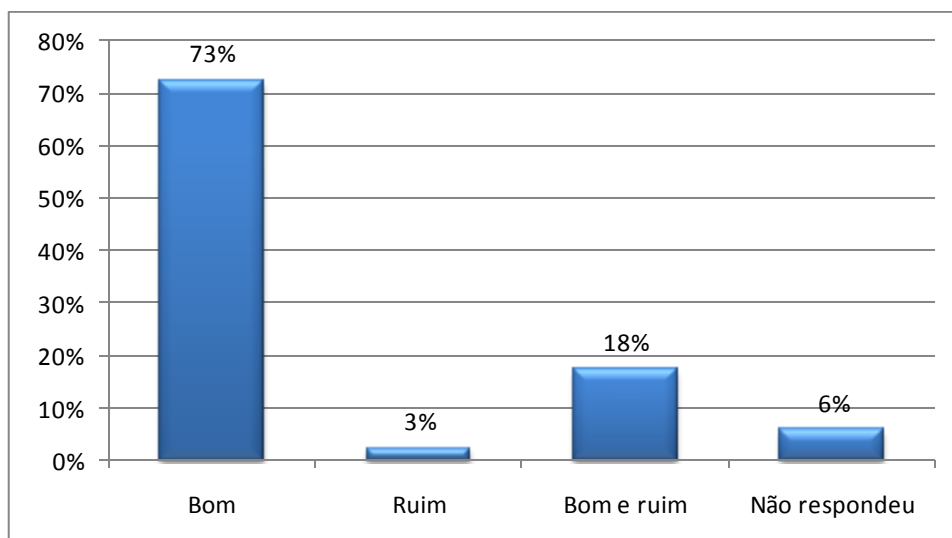


Gráfico 12 - Conceito da população sobre o Turismo

Dentre os pesquisados, 73% dos moradores da Vila do Estevão percebem o turismo como algo bom que aconteceu em Canoa Quebrada, uma vez que trouxe trabalho, emprego e melhorou a vida das pessoas. Mas, ao mesmo tempo, foi qualificado como 'bom e ruim', ou simplesmente 'ruim', por 21% dos entrevistados. 3% dos moradores pesquisados o consideram como ruim, principalmente, por aqueles que migraram para Canoa Quebrada, em busca de uma natureza pouco explorada, um lugar de refúgio e de paz. Para 18% dos pesquisados, o turismo tem sido 'bom e ruim', pois assim como traz crescimento para o lugar, também ocasiona mazelas.

Segundo um dos entrevistados, que não é nativo, mas que já mora em Canoa Quebrada há vinte e cinco anos,

- Canoa Quebrada é hoje o segundo polo turístico do Ceará. Só perde para Fortaleza. Por estar a 165 km de Fortaleza, tem o turismo que se chama de 'bate e volta', que é o turismo que chega às dez horas da manhã e retorna às quatro da tarde. Canoa vive o turismo de 'bate e volta' e o turismo de final de semana. Na alta temporada este movimento duplica. Canoa Quebrada tem em média cem pousadas e tem dias que não cabe mais de gente (ENTREVISTADO 33).

Esse fluxo turístico trouxe muitos benefícios para a população, uma vez que possibilitou o desenvolvimento de grandes e de pequenos comércios em Canoa Quebrada. Segundo um dos interlocutores, o turismo foi bom, pois, "- [...] as pessoas conseguem vender tudo aquilo que oferecem na praia e em cima (na Broadway)"

[ENTREVISTADO 12]. Segundo esse mesmo depoente, o desenvolvimento do advento do turismo foi bom para os canoenses, uma vez que “- fez com que o lugar crescesse, é uma fonte de renda [...] Traz gente legal e dinheiro.” Em sua perspectiva,

[...] Fez convênio com o SEBRAE³⁰, para qualificar mão-de-obra. [...] Melhorou a comunicação das pessoas. [...] As pessoas falam melhor, aprenderam a falar com o turista. [...] Adquiriram cultura nova, mais conhecimento e mais educação. [...] Os jovens já se comunicam mais com as pessoas. [...] Eles fazem cursos em Aracati e aprendem a se comunicar com o turista [ENTREVISTADO 12].

Ouriques (2006), ao abordar o sentido do desenvolvimento turístico nas periferias do capitalismo, lembra como as comunidades são persuadidas a aceitarem a introdução da atividade turística em suas regiões:

Com muita freqüência, é apresentada a maneira mais adequada de promoção do desenvolvimento do turismo, posto que a notável expansão desta atividade em escala mundial acaba atraindo lugares da periferia que lidam com problemas relativos ao crescimento. Melhor dizendo, com males relativos à carência desse crescimento!

Assistimos assim, nas zonas periféricas, à competição entre regiões e lugares para que sejam receptoras dos grandes projetos e empreendimentos turísticos. Mas essa prática não seria possível se já não fosse socialmente aceita a crença, tornada verdade, de que o turismo se configura como uma grande fonte de oportunidades de emprego para as populações locais. Ao mesmo tempo, atribui-se ao turismo a capacidade de incrementar as receitas municipais. Tendo, portanto, impacto positivo sobre a distribuição de renda, já que cidades com mais arrecadação de impostos teoricamente têm mais recursos para investir nos meios de consumo coletivo. Por fim, é difundida também a idéia de que o turismo é uma atividade econômica não poluidora, capaz de promover um desenvolvimento ecologicamente sustentável (OURIQUES, 2006)³¹.

O destaque dado pelo autor à promoção da atividade turística em regiões periféricas mostra o quanto Canoa Quebrada se insere no modelo de expansão do turismo, criado para atender em escala global, os interesses desta atividade.

Outro fato citado pelos moradores da Vila do Estevão, que identificou o turismo como algo bom para a comunidade, é que alguns turistas que a visitam e estabelecem com ela uma relação mais próxima, retornam à Vila, com o propósito de ajudar à comunidade. De acordo com um dos pesquisados, “- [...] eles ensinam a

³⁰ Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas e Médias Empresas.

³¹ Disponívelm: <<http://www.espaçoadêmico.com.br/061/61ouriques.htm>> Acesso em 10 de agosto de 2013.

aproveitar o lixo orgânico, ensinam técnicas de cultivo, ajudam com dinheiro, conversam com a comunidade sobre as suas principais necessidades e oferecem dinheiro às lideranças, em benefício da comunidade” [ENTREVISTADO 12].

Esta convivência estabelecida, entre nativos e visitantes contribuiu para que elementos de outras culturas, aos poucos fossem se incorporando à cultura local. Estas novas relações acarretaram mudanças no estilo de vida da comunidade local e uma melhor adaptação dos visitantes, aos costumes e às tradições dos pescadores.

No início da “descoberta” da Vila de Canoa Quebrada, as mudanças culturais provocadas pela relação amigável, entre os nativos e os visitantes se deram de forma lenta e gradual, pois os visitantes não impuseram à comunidade seus costumes. Aos poucos, com a intensificação do turismo, exigiu-se mais estrutura do lugar. As relações entre nativos e visitantes se alteraram e aos poucos se mercantilizaram. As mudanças na Vila se tornaram cada vez mais agressivas e com o passar do tempo, provocaram transformações significativas na vida dos moradores.

A população da Vila do Estevão também ressalta o lado negativo do turismo, e vê na droga o principal problema. Uma das depoentes definiu o turismo como um acontecimento ruim para Canoa Quebrada, pois na visão dela, “- [...] a comunidade perdeu boa parte de sua identidade cultural e socioambiental” [ENTREVISTADA 21].

Os que consideram que o turismo tem sido, ao mesmo tempo, ‘bom e ruim’ para Canoa Quebrada, dentre outros aspectos, associam o lado ruim ao elevado custo de vida que se instalou no lugar, atingindo os turistas e os nativos, da mesma forma. Os altos preços cobrados pelos produtos, por conta da demanda turística atingem, principalmente, àqueles que têm um baixo poder aquisitivo, tornando, assim, o custo de vida mais elevado para a maior parte da população local. Como se expressa um dos interlocutores: “- o ruim é que o preço é igual para todo mundo. [...] Em Canoa, hoje se compra um quilo de feijão por R\$ 6,00 e o mesmo preço que eu pago o dono do restaurante também paga” [ENTREVISTADO 18].

Para outro depoente, “- Canoa Quebrada já perdeu muito do seu atrativo turístico” [ENTREVISTADO 37]. A rusticidade do lugar, a paisagem natural litorânea, a simplicidade da vila de pescadores e a hospitalidade dos nativos foram alteradas. Em contrapartida, surgiu uma paisagem urbanizada: “- [...] pessoas de muito dinheiro, construíram pousadas, a grande maioria de fora. Um ou outro é do lugar e as pessoas se modernizaram.” [ENTREVISTADO 37].

Com a divulgação do lugar, teve início o turismo de massa que é direcionado para certos pontos. “- vão para barraca x, pousada y e termina não gerando renda, em geral, para o pequeno. Não distribui a renda dentro de Canoa Quebrada. É um recurso mais monopolizado” [ENTREVISTADO 37].

Ouriques (2006), em seu artigo: O desenvolvimento do turismo nas periferias do capitalismo destaca o poder dos mecanismos ideológicos para a disseminação dos aspectos positivos da atividade turística, ao considerar que:

Diante das desigualdades regionais, em muitas localidades brasileiras o turismo acaba se tornando o objeto do desejo, disseminado socialmente por poderosos mecanismos ideológicos, notadamente os meios de comunicação. Tal disseminação, inicialmente, é feita tanto pelo meio político quanto pelo meio empresarial. Posteriormente, quando a ideologia do desenvolvimento turístico está arraigada, até mesmo o mais humilde dos cidadãos passa a acreditar que o turismo é uma atividade benéfica, a verdadeira “salvação da lavoura”, a “tábua de salvação” dos naufragados pelas vicissitudes econômicas locais (OURIQUES, 2006)³².

A tabela 1 a seguir apresenta um quadro resumo dos principais impactos, positivos e negativos, desencadeados pelo turismo em Canoa Quebrada:

³² Disponível em: <<http://www.espaçoacadêmico.com.br/061/61ouriques.htm>> Acesso em 10 de agosto de 2013.

Tabela 1 - Impactos do turismo em Canoa Quebrada

Impactos positivos	Impactos Negativos
<p>Mais trabalho para a população</p> <p>Modernização do lugar</p> <p>Crescimento do comércio local</p> <p>Diversificação cultural</p> <p>Socialização da população nativa</p> <p>Mais conhecimento para a população</p>	<p>Droga e prostituição</p> <p>Especulação imobiliária</p> <p>Perda da identidade cultural</p> <p>Insegurança</p> <p>Problemas ambientais</p> <p>Diminuição da solidariedade</p> <p>Desinteresse pela atividade pesqueira</p> <p>Alteração da configuração espacial</p> <p>Elevação do custo de vida da população</p> <p>Surgimento de novas classes sociais</p> <p>Expansão desordenada do lugar</p> <p>Maior consumo de bebidas alcoólicas.</p>

Fonte: Silva (2013)

Em Canoa Quebrada, vários foram os impactos provocados pelo turismo, podendo ser destacados os que potencializaram o lugar, assim como os que acarretaram as fragilidades na região. A partir da identificação dos impactos citados na tabela acima, é importante buscar oportunidades de superação dos problemas ocasionados pela atividade turística, assim como oportunizar a toda população residente de Canoa Quebrada, nativa e não nativa, o acesso aos benefícios introduzidos por esta atividade.

A pesca é uma das atividades produtivas mais antigas da humanidade, presente no Brasil desde o período colonial. Atualmente, representa um importante papel sociocultural. No nordeste brasileiro, é realizada artesanalmente, por meio da jangada, importante apetrecho da atividade pesqueira, que, durante muito tempo, conduziu o pescador ao mar, cumprindo uma função social. A Secretária Executiva Nacional do Conselho Nacional dos Pescadores, em entrevista concedida ao Instituto Humanista Unisinos (IHU) *On-line*, definiu a pesca artesanal como:

[...] Pesca desenvolvida pela própria comunidade, onde os conhecimentos são passados de pai para filho, de geração em geração, reunindo conhecimentos ancestrais e tradicionais. Nesse sentido, a pesca artesanal não é só uma profissão, mas também um jeito de viver e de se relacionar com a natureza; ela é um modo de vida, um trabalho livre, autônomo e coletivo. Os pescadores têm um jeito tradicional de viver e de lidar com a natureza; eles têm histórias e raízes profundas (UNISINOS, 2012).

Existiu, no passado, um momento em que a atividade da pesca foi bastante favorável. As jangadas, na sua maioria, eram grandes e conduziam quatro ou cinco pescadores. Eles passavam poucos dias no mar, pois, logo conseguiam uma boa pescaria e cedo retornavam para casa.

Em Canoa Quebrada, os recursos pesqueiros marítimos, costeiros e continentais constituem importante fonte de renda, geração de trabalho e alimento. Vinculada à cultura local, a jangada, durante muito tempo, era feita de 'piúba' (*Apeiba tibourhou*), madeira grande e grossa, vinda do Amazonas para Fortaleza. De lá era transportada até Aracati, de onde seguia de balsa a vela para Canoa Quebrada. Usava-se, então, a madeira para o fabrico das embarcações:

Aqui tinha os 'carpinas' que faziam as latadas, na praia, de palha de coqueiro para trabalhar em baixo, fazendo as embarcações. [...] Depois a pesca da lagosta foi 'fracassando' e deixaram de fazer as embarcações. Também ficou difícil se conseguir a madeira. Ninguém comprou mais e então inventaram uma embarcação, a jangada de isopor e tábua que é a que vigora aqui [ENTREVISTADO 15].

As fotografias 34 e 35 ilustram o trabalho efetuado pelos carpinas da Vila do Estevão:



Fotografia 34 – Carpinas da Vila do Estevão. Jangada em fabricação.
Fonte: Silva, 2012.



Fotografia 35 - Carpinas da Vila do Estevão. Finalização da jangada
Fonte: Silva, 2012.

Um dos pesquisados, que é pescador aposentado, discorreu, com entusiasmo, sobre a pesca que se praticava no passado. Quando se referiu ao presente, lamentou que entre os jovens, não haja mais, a mesma disposição para a realização do trabalho pesqueiro. Ele reconheceu o esforço que o trabalho com a pesca exigia, mas a paixão pelo mar era tanta que superava todas as dificuldades:

O mesmo sentimento de amor pela pesca foi percebido nos testemunhos de outros pescadores:

Gosto de pescar, a arte de pescar não tem preço [ENTREVISTADO 26]; Comecei a pescar aos oito anos de idade até os sessenta. Pescava peixe com anzol e lagosta com gererê, embarcado em jangada. Antigamente pescava muito, vinha muito lagostim. Precisava de dois homens para puxar o gererê e colocar dentro da jangada. [...] não se dormia no mar, enchia o surrão e voltava pra se dormir em casa. [ENTREVISTADO 24].

Os pescadores aposentados reconhecem as dificuldades, da pesca nos dias atuais. Suas respostas remetem à redução da quantidade de pescadores, ao desvio de função dos pescadores, à pesca predatória e às consequências sociais advindas da crise do pescado:

- A pesca era bem diferente, da que se pratica hoje. O pescador passando três, ou quatro dias no mar e não pesca quase nada. [ENTREVISTADO 25];
- A pesca predatória. [...] A pesca que a quantidade de pescador e de pescado é menor [ENTREVISTADO 24];
- A pesca que para comer peixe em Canoa e na Vila do Estevão é preciso comprar. [ENTREVISTADO 40];

- A pesca que os filhos de pescadores não pescam mais. [ENTREVISTADO 29];
- O pescador que pescava peixe, hoje pesca gente para passear [ENTREVISTADA 15].

Retratando as dificuldades vivenciadas pelos trabalhadores que, atualmente, vivem da pesca, assim relata um dos entrevistados: “- eles pegavam boa produção de lagosta, em canto que tinha boa produção. Iam, que nem hoje, de sete horas da manhã já iam saindo na jangada, quando dava de nove pra dez horas, já estavam de volta pra casa” [ENTREVISTADO 25]. Diferente de hoje, que passam mais dias no mar, localizando pontos de ocorrências de cardumes que lhes possibilitem uma melhor produção, o que nem sempre acontece.

A fotografia 36 ilustra a crise do pescado na região de Canoa Quebrada:



Fotografia 36 - Pequena quantidade de peixe conseguida em uma pescaria.
Fonte: Silva, 2012.

A pesca artesanal, que ainda se pratica em Canoa Quebrada, é a pesca de linha e anzol, ou anzolim, como eles denominam. Há, ainda, a pesca de rede, aparelho flexível, construído principalmente, com panos de rede de pescar, geralmente de fibras, relativamente delgadas e com malhas de tamanho menor, em conformidade com a dimensão dos peixes ou mariscos que se pretendem pescar:



Fotografia 37 - Nativo da Vila do Estevão tecendo rede de pesca.
Fonte: Silva (2012).

Para a pesca da lagosta, é utilizado o *manzuá* – engradado de varas, espécie de covo, onde o peixe entra por uma abertura e, não encontrando saída, fica aprisionado. A utilização desses apetrechos é indicada para a pesca, pois contribui com a preservação das populações de pescado, como o peixe e a lagosta, principais produtos da pesca artesanal praticada na costa de Canoa Quebrada:



Fotografia 38 - Uso do *manzuá* na pesca artesanal da lagosta.
Fonte: <http://diáriodonordeste.com.br> 2008.

Durante muito tempo, em Canoa Quebrada, a pesca artesanal foi a principal atividade de sobrevivência da população, garantindo farta produtividade,

assegurando à comunidade uma base alimentar diária de peixe, assim como sua comercialização. Na comunidade de pescadores de Canoa Quebrada, esse costume de tirar o sustento da pesca prevaleceu até o surgimento de outros interesses econômicos que aí se instalaram.

Os principais produtos da atividade pesqueira, em Canoa Quebrada, sempre foram a lagosta e o peixe, entretanto, a pesca mais intensa era a do peixe. Este sempre foi o produto da atividade pesqueira que mais atendeu à necessidade alimentar da população. Quando é época da pesca da lagosta, a do peixe diminui. Mas, na época do defeso, a pesca da lagosta é suspensa, se intensificando a pesca do peixe.

A pesca em Canoa Quebrada, no passado satisfazia plenamente às necessidades básicas da população. Era realizada em jangadas de porte médio e grande o que possibilitavam a realização da pesca em áreas do mar mais distantes da praia. Na maioria das vezes, era praticada por membros da mesma família, com sua própria jangada, o que lhes conferia certo *status*.

Também se pescava em regime de parceria. Este sistema divide a produção da pesca entre os donos das embarcações e os pescadores. Atualmente, poucos são os pescadores que pescam com suas próprias jangadas. Muitos deles pescam em regime de parceria. Além disso, quase já não se pesca em áreas mais afastadas da costa, mas próximo à linha de praia, devido o porte das embarcações.

Com a retração da atividade pesqueira, parte da pesca tem sido realizada com pequenas embarcações, denominadas de paquetes, que pescam bem próximas à costa e conduz, apenas, um pescador. Essas embarcações, geralmente, são de propriedade de quem as utiliza. Quando a pesca é feita em áreas mais distantes, utiliza-se a jangada, embarcação maior, que conduz dois ou três pescadores.



Fotografia 39 - Pesca realizada próximo à costa com paquetes.
Fonte: Silva, 2012.

Apesar da retração da pesca em Canoa Quebrada, ainda há pessoas que, atualmente, vivem dessa atividade e se orgulham de tê-la como ocupação. O pescado é para a própria subsistência. Quando necessitam, vendem o peixe para comprar outros produtos de consumo diário. Nesse sentido, se expressa um dos interlocutores: “- sou pescador, com muito orgulho, criei todos os meus filhos, trabalhando na pesca e vou continuar trabalhando até quando Deus quiser. [...] O mar nem sempre é generoso com o pescador, mas trabalhar com a pesca não tem preço” [ENTREVISTADO 31].

Pelas palavras de uma das entrevistadas, tem-se a confirmação daquilo que parece absurdo para um lugar onde se viveu uma pesca abundante: “Hoje, se consome pouco peixe. Faz três semanas que não se come peixe na minha casa. Meus filhos, que às vezes pescam, estão trabalhando em construção. Eu só como peixe, quando compro e, mesmo assim, tá difícil. Não se encontra”. [ENTREVISTADA 7]. Outro depoente acrescentou: “- [...] antigamente, só se pescava com anzol e se pegava duzentos, trezentos, quatrocentos quilos de peixe. Mas hoje, vão pro mar e, muitas vezes, não conseguem pescar um único peixe” [ENTREVISTADO 29].

Os depoimentos que se seguem reforçam a ideia de crise predominante no setor pesqueiro e seus impactos sobre o modo de vida dos canoenses: “O peixe está muito difícil, tanto para pescar como para comprar” [ENTREVISTADO 34]. Do

mesmo modo: “comi outros tipos de peixes quando cheguei aqui, como cangulo e bonito. Hoje, até a lagosta diminuiu, mas não deixou de existir a pesca, simplesmente não é mais a única opção para os moradores” [ENTREVISTADA 4].

A pesca artesanal não é uma modalidade que ocorre especificamente no litoral cearense, nem no nordeste brasileiro. É uma prática comum, em todo o território nacional. No entanto, não é fácil definir o tamanho de uma comunidade pesqueira artesanal, em que se verifica um quadro de vulnerabilidade de perspectiva social, uma vez que a pesca passou a ser financiada pelo capital rentista, que também financia pescas predatórias, em nome da produtividade e do lucro desmedido.

Segundo a secretária executiva do Conselho Nacional dos Pescadores: “no Brasil, o governo sempre tenta negar o número de pescadores, o valor e a importância econômica deles. De todo modo, a estimativa é de que haja mais de 1,5 milhões de trabalhadores envolvidos diretamente com a pesca”. (UNISINOS, 2012).

De acordo com a mesma secretária, as ações governamentais têm se voltado contra a preservação do meio ambiente e contra os próprios pescadores, criminalizando-os:

Na tentativa de desregular a legislação que protege as comunidades pesqueiras, temos informações de que o Ministério atuou tentando influenciar na revisão do Código Florestal, no sentido de identificar os ‘apicuns’, que são áreas dos ecossistemas de manguezais importantes para a reprodução das espécies. O Ministério atuou para que essas áreas não fossem classificadas como áreas do ecossistema manguezal e para que deixassem de ser áreas de proteção permanente, o que facilitaria a exploração e a atividade de carcinicultura no local. O Ministério também tem feito legislações para intervir no processo de regulamentação da privatização das águas e para criminalizar os pescadores, afirmando que há pessoas que não trabalham realmente com a pesca (UNISINOS, 2012).

A divulgação de ações desencadeadas, por parte do governo, que desfavorecem os interesses socioambientais, deve ser reprovada pela sociedade brasileira, principalmente, porque parte de um Ministério criado para defender os interesses dessas comunidades pesqueiras.

Apresentando uma crítica ao fato de os interesses do capital vir prevalecendo sobre os interesses das comunidades locais, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), por intermédio de seu Núcleo de Educação Ambiental do Ceará (2008, p.17), assevera que:

Ao longo da história da atividade pesqueira no Brasil a implementação de políticas públicas se deu muito mais voltada para o fomento da produção em um contexto estritamente desenvolvimentista, com ênfase no viés econômico, do que na perspectiva da sustentabilidade socioambiental.

Verificam-se, então, por intermédio de diálogos estabelecidos com os moradores da Vila do Estevão, como eles percebem as mudanças nas relações de trabalho dos pescadores canoenses:

- Hoje a concorrência é muito grande [ENTREVISTADO 36];
- Tem muita embarcação de fora que vem pescar no mar de Canoa. Vem embarcação do Rio Grande do Sul, do Pantanal e desse mundo afora [ENTREVISTADO 31];
- O pescador não tem ajuda pra pescar. De vez em quando aparece alguma coisa, mas é muito pouco [ENTREVISTADO 26].

A pesca, tanto do peixe como da lagosta, que sempre representou uma importante fonte de renda e de alimentação para a população de Canoa Quebrada, atualmente vive uma crise no setor. A retração sofrida no pescado se deve, diretamente, à pesca predatória e ao excessivo esforço na captura e indiretamente, ao avanço da atividade turística na região e decorrente o desinteresse da população mais jovem pela pesca.

Diante do desinteresse de boa parcela da população nativa, em desenvolver a atividade da pesca, em Canoa Quebrada, a jangada, passou a ser vista, como mais um atrativo turístico, uma vez que passou, também, a ser utilizada para passeios turísticos com os visitantes. Isto gerou um novo uso desta embarcação, que sempre teve um significado socioeconômico e cultural para as populações litorâneas do nordeste brasileiro e em especial para o litoral de Aracati.

As mudanças que têm sido observadas, quanto ao uso da jangada em Canoa Quebrada, podem levar a uma total transformação cultural, das comunidades tradicionais, haja vista que a presença do turismo tem influenciado outros modos de vida e instigado a população a outros meios de sobrevivência. É difícil imaginar que a jangada, um artefato que simboliza a cultura e a tradição da sobrevivência, dessa parcela da população cearense, um dia, possa ser utilizada para outros fins e não

para a pesca.

Assim descreveu uma das entrevistadas: “- A pesca era mais farta, tinha muita lagosta. [...] Quando as embarcações chegavam à praia, com o pescado, os compradores já estavam esperando para comprar” [ENTREVISTADA 27]. Outro morador reafirmou a mesma ideia: “- [...] o peixe que se pescava, antigamente, se vendia ao marchante de Aracati, que vinha comprar aqui. [...] O peixe rendia muito dinheiro. [...] Hoje, a lagosta é difícil, o peixe é difícil” [ENTREVISTADO 24]. “- O pescador passa três ou quatro dias, no mar e quando volta não traz nada”, acrescentou outro pescador” [ENTREVISTADO 30].

Percebeu-se na fala dos moradores da Vila do Estevão, um desabafo em relação à atual condição da pesca em Canoa Quebrada: “- Hoje a pesca está acabada. [...] O lagostim que eles traz não tem mais valor, é muito pequeno. É um crime, pesca o miúdo e como é que vai ter mais? A lagosta tá pouca, o peixe tá pouco” [ENTREVISTADO 29].

Outros pesquisados também se queixaram da pesca predatória, efetuada por intermédio do mergulho e, mais ainda, da efetuada por compressor, como é o caso dos testemunhos que se seguem:

- [...] pessoas de outras praias pescam aqui com compressor, pois é a praia que dá mais lagosta. Antigamente, se pegava muito peixe e lagostim. Agora, de uns anos para cá, a pesca diminuiu muito, porque é muita embarcação e a pesca, agora é mais com o compressor [ENTREVISTADO 37];

- Antigamente, os barcos pescavam mais com *manzuá*. Depois que inventaram a pesca de mergulho, a produção de lagosta afastou. É uma raridade uma embarcação com 30 ou 40 *manzuás* que pega 10, 12, ou 15 lagostim. Antes era uma beleza, cada embarcação trazia 3, 4, 5 e até 6 surrão. Só lagosta escolhida, só da grande. A lagosta de tamanho médio não se trazia nenhuma pro ‘seco’. Lá mesmo, tirava do *manzuá* ou do jereré e soltava de volta pro mar. A lagosta *ovada* ninguém trazia pro ‘seco’, soltava. Hoje, o compressor pega a lagosta média, a *ovada* e traz pro seco. Aí, como é que pode ficar mais nada? Acaba com tudo [ENTREVISTADO 25].

Em Canoa Quebrada, a despeito da conscientização da comunidade pesqueira quanto ao uso da pesca predatória, ainda há pesca da lagosta com compressor. Os entrevistados destacaram que essa prática é desenvolvida, principalmente, por pescadores de fora e, em menor escala, por pescadores locais.

A pesca com compressor, no nordeste brasileiro, em especial a pesca da lagosta, utiliza o aparelho simples de mergulho, composto de uma máscara, um par de nadadeiras, uma válvula simples de controle de ar e uma mangueira ligada a um bujão de gás de cozinha. O botijão recebe ar comprimido de um compressor conectado ao motor da embarcação, através de uma correia.

A pesca da lagosta de mergulho pode, embora em menor escala, ser realizada pela prática do mergulho livre ou 'no peito' (apneia), em que o pescador utiliza, apenas, uma máscara, um par de nadadeiras e um tubo bucal, para respirar na superfície chamado '*snokeer*'. Esse tipo de pesca teve início no Rio Grande do Norte, aproximadamente em 1966, quando já existia a pesca de covos (*manzuá*), desde 1955. Também há a pesca de rede de espera (*caçoeira*), iniciada, também, nos anos de 1960 e começo dos anos de 1970. Os motivos da introdução da pesca de compressor foram o desejo ilimitado de lucros e a própria escassez da lagosta. Nessa época, deu-se a necessidade de procurá-la em águas mais profundas, em imitação aos mergulhadores profissionais.

A pesca de compressor, ou de mergulho livre, direcionada para a lagosta, durante os últimos 40 anos, tem provocado problemas de diversas ordens, especialmente sobre os recursos naturais e sobre o próprio pescador. Dentre esses problemas, citam-se a sobrepesca³³ da lagosta, os acidentes, as doenças, mortes de pescadores, as relações de trabalho tempestuosas, os conflitos gerados no mar e na terra e as consequências para o meio ambiente.

O pescador consciente se sente prejudicado, pela pesca feita com o compressor, pois seus praticantes colocam armadilhas, *manzuás*, nos pontos de pesca da lagosta e sugam o pescado, arrastando produtos de diferentes proporções. Então, vem o mergulhador e retira o pescado aprisionado. De sua parte, o pescador consciente vai a ponto de captura e encontra o *manzuá* vazio. Em decorrência, volta para casa sem a pesca. Esse fato gera uma desmotivação à pesca.

A discussão acerca da redução do número de pescadores em Canoa Quebrada, como consequência da pesca predatória e da diminuição do pescado,

³³ Em ciências pesqueiras, chama-se sobrepesca à situação em que a atividade pesqueira de uma espécie em uma região deixa de ser sustentável, ou seja, quanto mais esforço de pesca se utiliza, menores serão os rendimentos, seja do ponto de vista biológico, seja econômico (NADAL, 1996, p. 104)

tem ressonância na fala de outro dos entrevistados, quando afirma, com muita convicção, que:

- [...] no passado a pesca era muito diferente de hoje. Era mais farta, tinha mais peixe, muito marisco e principalmente lagosta. O pescador ia pro mar e trazia muito peixe. Hoje não traz quase nada, a pesca está fraca. Os mais velhos estão morrendo e os mais jovens não querem mais pescar, pois a pesca está perdendo o seu valor. Isto acontece porque, hoje, tem a rede e o mergulhador que antes não tinha. A pesca era na linha, no *anzolin*. O mergulhador que vai pegar a lagosta desce com um compressor e lá eles *escacaveiam* tudo. Tiram a lagosta enterrada na areia, no fundo do mar, da *ovada* à *desovada*. O IBAMA falou que a lagosta *ovada* ninguém deve pescar. Se pegar é pra soltar pra reprodução. Mas o mergulhador não respeita e pesca tudo. Os mergulhadores tanto são de Canoa, como são de outras praias. Os que são de fora passam de semana no mar. Os que são daqui fazem o *manzuá* para pescar o lagostim e os mergulhadores de fora roubam o lagostim dos *manzuás* dos pescadores da Vila, quebram o material de pesca, soltam as cordas e os pescadores menores voltam sem nada. [ENTREVISTADA 7] .

A pesca predatória ou ilegal é aquela que retira do meio ambiente aquático, uma carga de pescado maior do que ele consegue repor, levando a consequências desastrosas, limitando a produtividade pesqueira. Esse tipo de pesca é praticado em áreas previamente marcadas, nos oceanos e é realizada com o uso de explosivos ou substâncias que, em contato com a água, produzem efeito semelhante a elementos tóxicos. Outros meios de pesca predatória, proibidos pelas autoridades competentes são:

- com bomba;
- da lagosta com redes;
- seletiva com descarte;
- com rede de malha fina;
- de camarão com rede de arrasto;
- com cloro, água sanitária ou venenos;
- da lagosta com compressor ou pesca de mergulho.

Entre os pescadores de Canoa Quebrada, também é praticada a pesca predatória. Para sanar esse problema, a comunidade, recebeu orientações, de educação ambiental, de órgãos governamentais. Também, projetos pedagógicos foram criados, para atuarem com crianças e jovens, com o objetivo de preservar o meio ambiente.

Outra irregularidade na pesca desenvolvida em Canoa Quebrada é a pesca em época proibida (defeso). O IBAMA proíbe, durante um período no ano, o exercício da pesca da sardinha, da lagosta, do camarão e do caranguejo. Nesse período, ocorre a reprodução desses animais. A pesca da lagosta, realizada nessa época, captura as fêmeas ovadas e compromete a reposição. O período do defeso foi estabelecido, justamente, para permitir a reprodução de espécies marinhas, no caso de Canoa Quebrada, a reprodução da lagosta.

A pesca ilegal tem provocado efeitos negativos na atividade de pesca em Canoa Quebrada, pois provoca a diminuição do pescado, redundando no desinteresse da população pela pesca e na redução do número de pescadores na região. Esses efeitos são verificados por meio do depoimento dos moradores da Vila do Estevão:

- A pesca fracassou muito de uns anos pra cá. Hoje, a lagosta é difícil. O mergulhador pega toda a lagosta, a pequena, a média e a grande e pescam também durante o defeso. [...] a pesca tá muito desvalorizada, numa semana pode não pescar nada. Em três meses já tirei R\$ 28,00 na pesca [ENTREVISTADO 26];

- É mais fácil ganhar o dinheiro com o turismo. Uma pessoa trabalha na barraca de praia ou na pousada, já recebe o dinheiro daquele dia e no final da tarde, volta para casa com algumas compras [ENTREVISTADA 34].

A vida simples que os pescadores levavam e o conhecimento que demonstraram ter das espécies, do ciclo de produção dos peixes, faziam com que eles utilizassem técnicas menos agressivas, como a pesca de linha, e o *manzuá*, o que contribuía para a preservação das espécies marinhas na costa litorânea.

Compreende-se, nestas falas, que a pesca em Canoa Quebrada passou, até a atualidade por mudanças, que acarretaram uma redução significativa da atividade pesqueira. Essas transformações foram percebidas pela comunidade, pela forma de entusiasmo pela pesca e no nível de conscientização dos pescadores, quanto à necessidade de respeitar o período do defeso. Se no passado, predominavam práticas que possibilitavam a captura dos animais sem que ameaçassem o equilíbrio dos ecossistemas marinhos e a alimentação de gerações futuras, atualmente, as ações ocorrem em desrespeito aos limites impostos pela natureza.

Muitos entrevistados observaram, também, a alteração no comportamento

dos jovens, em relação à pesca:

- Os jovens tinham uma vida de venda e despacho do peixe para os frigoríficos e muitos pescavam. Hoje, o jovem pesca menos [ENTREVISTADA 8];
- O filho de pescador é incentivado à pesca, mas não tem interesse. Se sentem obrigados a ter outras atividades. Da pesca não conseguem tirar o sustento [ENTREVISTADO 37];
- Querem mexer com computador e outras coisas moderna [ENTREVISTADO 22];
- Hoje, o jovem, tem mais estudo e quer um emprego melhor [ENTREVISTADA 11].

No Brasil, a pesca tem apresentado retração, devido a inúmeros fatores, dentre eles, a poluição dos portos, a utilização de venenos nos rios e mares e a diminuição dos manguezais – formações litorâneas importantes para o equilíbrio da vida marinha, com ocorrência nas praias de Aracati. Certamente, esses fatores influenciaram na retração da pesca em Canoa Quebrada, com a propagação de seus efeitos pela continuidade dos mares. Entretanto, existem razões específicas que levam à diminuição da pesca em Canoa Quebrada.

A população pesquisada da Vila do Estevão apontou como principais fatores de diminuição da pesca, em Canoa Quebrada, a atividade predatória, a redução do número de pescadores e as novas ofertas de trabalho e renda que surgiram na região em função da mudança da vocação do lugar – de área pesqueira para turística. Dessa forma, os interesses da grande parcela de canoenses foram desviados para a atividade turística.

Segundo os moradores da Vila do Estevão, a redução do número de pescadores em Canoa Quebrada, é devido a fatores, como, a reorientação da mão-de-obra para a atividade turística, o desinteresse e a desmotivação da comunidade de pescadores, em continuar exercendo a atividade da pesca desenvolvida pôr seus antepassados. A desmotivação da comunidade pesqueira de Canoa Quebrada por continuar com o trabalho da pesca se deu devido à diminuição do pescado, que tem como causa o esforço da pesca – muitas embarcações de pesca na costa, a baixa produção e, conseqüentemente, o baixo retorno financeiro.

Um dos depoentes, em suas considerações sobre a pesca, fez uma avaliação dessa baixa produtividade do pescado: “- hoje, a pesca é apenas 5% do

que se pescava antes. O pescador prefere trabalhar com passeio de jangada. Ele trabalha das dez às quatro horas da tarde e lucra \$ 50,00. Trabalha menos e é menos dispendioso que a pesca” [ENTREVISTADO 33].

Então, a pesca está, cada vez mais, comprometida e o número de pescadores, cada vez menor. Um dos pescadores entrevistados teve dificuldade para apontar quantos pescadores da Vila do Estevão têm na pesca a sua principal ocupação. Finalmente, ele contabilizou, aproximadamente, dez pescadores [ENTREVISTADO 36]. No núcleo urbano de Canoa Quebrada, existem menos ainda. Para outro depoente, “- [...] lá, tem poucos pescadores, os mais velhos já morreram e os novatos, não querem mais pescar; pescam mais é pouco” [ENTREVISTADA 21].

4.2 Entre labirintos: caminhos e descaminhos

Outra atividade que teve importante destaque econômico e cultural em Canoa Quebrada foi o bordado do labirinto. Esse bordado recebeu este nome pelo emaranhado dos pontos, que lembram um caminho de saída difícil, sinuoso, intrincado. Essa denominação foi atribuída a este bordado, aqui, no Ceará e em outros estados do nordeste.

A confecção das peças de labirinto, segundo as *labirinteiras* da Vila do Estevão, têm as seguintes etapas:

Primeiro risca o desenho no tecido, depois desfia com três ou quatro fios e depois corta com a gilete. Em seguida, põe na grade e enche com linha fina. Depois, torce com linha grossa, perfila (caseia) com linha fina. E, no fim, lava e bota na goma e coloca na grade para estirar [ENTREVISTADA 5].

Em comunidades onde a confecção do labirinto ainda é bastante dinâmica, as labirinteiras trabalham em grupo. As várias etapas de trabalho são divididas entre elas: umas especializando-se em riscar, outras em encher, outras, ainda, em torcer... As fotografias 42 e 43 mostram as labirinteiras, de Canoa Quebrada e da Vila do Estevão, trabalhando no bordado do labirinto.

Essa ação coletiva é registrada por meio do depoimento de uma das

entrevistadas: “- lembro que quando a peça era muito grande, como toalhas de mesa e coxa de cama, as pessoas da família se juntavam e faziam serão para terminar a peça. As pessoas se ajudavam para terminar aquela peça e quando terminavam iam ajudar a outra pessoa” [ENTREVISTADA 15]. Era um trabalho de solidariedade mútua e todos se ajudavam, quando a peça solicitava um tempo maior na sua elaboração. Mesmo os homens, quando não estavam trabalhando em outra atividade, ou não iam para o mar, ajudavam as mulheres a tecer o labirinto.



Fotografia 40- Bordado no bastidor
Fonte: www.turismobrasil.com



Fotografia 41 - Bordado na grade, sendo concluído.
Fonte: www.turismobrasil.com.

Especula-se que o labirinto, assim como outras rendas conhecidas atualmente, como a renda bilro, ou de almofada, como é conhecida no Ceará, foram criadas na Europa, nos séculos XV e XVI. De acordo com informações obtidas no SEBRAE-CE (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2010), essas rendas modernas surgiram em Flandres, (área que se encontra entre a fronteira da Bélgica e da França) e na Itália, desde então se espalharam pelo mundo.

No Brasil, o labirinto chegou ainda no período colonial, com os jesuítas portugueses. No nordeste brasileiro, foi introduzido com a criação da capitania da capitania de Pernambuco onde se tornou bastante popular. De lá, sua prática foi disseminada alcançando às vilas do Ceará e do Rio Grande do Norte. As vilas do Ceará: eram Vila Viçosa Real (hoje Viçosa do Ceará); Vila Nova de Soure (hoje Caucaia); Montemoro Novo (atual cidade de Baturité) e Vila de Arronches (onde hoje se localiza Parangaba), além de Messejana. Nessas localidades, os jesuítas ensinavam aos índios a prática de fazer renda, acabando por tornar a confecção do labirinto uma atividade artesanal de tradição cultural, desenvolvida no nordeste brasileiro, principalmente, no Ceará, na Paraíba e no Rio Grande do Norte.

O labirinto foi introduzido no Ceará, em meados do século XIX, principalmente, nas regiões litorâneas de Beberibe, Aracati, Icapui e Aquiraz. Também chegou ao interior, em algumas localidades ribeirinhas do Rio Jaguaribe. Atualmente, é encontrado, principalmente nas praias de Jericoacoara, Prainha e Canoa Quebrada, em que o cotidiano foi tomado pela presença do turismo. Segundo o SEBRAE-CE (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2010), o Ceará é o Estado do Nordeste com maior número de municípios em que se confeccionam rendas e bordados de labirinto.

No passado, o labirinto era trabalhado, preferencialmente, em tecido branco, principalmente na confecção de roupas femininas, na ornamentação religiosa, como toalhas de altar e paramentos sacerdotais. A evolução do uso das diferentes aplicações em blusas, vestidos infantis, jogos de cama e mesa, toalhas de mão e panos de cozinha, entre outros, ainda faz parte do conjunto produtivo das

labirinteiras. As fotografias a seguir mostram a confecção de toalhas de banquete em uma de suas etapas: Na grade sendo esticada para secar:



Fotografia 42 – Visão à distância da peça de labirinto.
Fonte: <http://www.revistabrasil.org>



Fotografia 43 - Toalhas de banquete sendo esticada para secar.
Fonte: <http://www.revistabrasil.org>

Uma inovação é a variação de cores, usadas no bordado. No passado, as peças eram confeccionadas, prioritariamente nos tecidos de cor branca. Atualmente, as peças podem ser encontradas nas cores, amarela, azul bege, laranja, verde e vermelha. As várias peças são encontradas nas casas das

labirinteiras e, também, exibidas em poucas lojas de bordados na Rua Dragão do Mar, a Broadway de Canoa Quebrada.



Fotografia 44 - labirinto bordado em organdi branco – Capa de almofadas
Fonte: www.litjesanatos.com

No passado, as peças confeccionadas pelas labirinteiras de Canoa Quebrada, eram toalhas de banquete, coxas de cama grande, de até quatro metros, toalhas e centros de mesa, panos de bandeja. Nos dias atuais, a confecção se volta para as peças menores, vestidos e detalhes para calças compridas e shorts, todas bordadas em tecidos de linho, cambraia de linho e bramante. Atualmente, em substituição à cambraia de linho, tecido mais caro e mais utilizado no passado e que valorizava mais o bordado, as labirinteiras estão utilizando, na confecção de peças como, pano de bandeja e caminho de mesa, o organdi, ilustrado na fotografia 47, pois este tecido barateia as peças bordadas em labirinto.



Fotografia 45 - Labirinto bordado em organdi bege. Caminho de mesa
Fonte: <http://olharaprendiz.com.br/projeto/labirinto>

O bordado do labirinto era praticado por mulheres e filhas de pescadores e, em alguns casos, de lavradores que buscavam no labirinto uma complementação da renda família. Atualmente, algumas comunidades litorâneas, antes, grandes produtoras desse artesanato, vivem o declínio do labirinto. É o caso de Canoa Quebrada que, segundo testemunho das labirinteiras: “- hoje o labirinto não tem mais valor monetário” [ENTREVISTADA 11], pois pelo trabalho que elas executam não são bem remuneradas. “- [...] no passado, famílias inteiras trabalhavam com o labirinto, vendiam mais e tinham muita encomenda. O trabalho era mais valorizado” [ENTREVISTADA 13]. “- É um bordado trabalhoso, feito em várias etapas, levando muitos dias e até meses para fazer. Não vale mais a pena” [ENTREVISTADA 17], disse uma das entrevistadas, em tom de desabafo.

Apesar dos moradores da Vila do Estevão reconhecerem a desvalorização do labirinto, por parte dos consumidores, esses produtos artesanais ainda chamam à atenção, embora não sejam cotados pelo seu justo valor, pois ao trabalho de meses, paga-se como se fosse de um ou dois dias. Pouco valor é dado, portanto, a uma atividade cuja cultura é secular.

A produção do labirinto era feita por encomenda e as labirinteiras também confeccionavam para armazenar. “- As encomendas eram de Aracati e as pessoas vinham buscar aqui” [ENTREVISTADA 8]. Além das encomendas, as bordadeiras também confeccionavam peças para atender a compradores de Fortaleza e turistas de São Paulo, Rio de Janeiro e até do exterior, como da França, que vinham comprar na porta das labirinteiras. Segundo testemunho de uma das interlocutoras: “- Os turistas deixavam mais dinheiro e os compradores do local compravam mais barato para revender” [ENTREVISTADA 19].

A comercialização do labirinto em Canoa Quebrada, já não se dá mais dessa forma. “- muitas pessoas deixou (*sic.*) de fazer labirinto porque a visão não dava mais. [...] O comprador sumiu e a venda do labirinto agora é feita a uma ou outra pessoa que aparece para comprar. [...] Não vale mais a pena” (ENTREVISTADA 9), acrescentou a depoente, pois o comprador não quer pagar o preço que é cobrado pelas bordadeiras ou porque apareceram ocupações mais rentáveis e menos trabalhosas.

A diminuição da venda do labirinto gerou uma perda na qualidade do bordado. Enquanto, no passado se utilizava a cambraia de linho, para produzir peças grandes; como toalha de banquete que, atualmente só é produzida por encomenda, com a desvalorização da trama do labirinto, o bordado pode ser encontrado, até em tecido de sacos de aniagem, com malhas muito graúdas, o que desvaloriza o bordado original, pois quanto melhor o tecido e menor a malha do labirinto, mais delicado é o bordado. “- Antigamente, se faziam peças grandes, toalhas de banquete e chá” [ENTREVISTADA 17], em torno das quais as mulheres, e até homens, se juntavam para realizar tal tarefa. Redonda, no município de Aracati, é a localidade da região onde a tradição do labirinto está mais presente.

A participação desse artesanato na economia cearense corrobora a importância cultural que a prática do labirinto tem no Estado do Ceará. Não obstante, a produção do labirinto ocupa, na atualidade, papel secundário na economia do Estado, sendo um complemento da renda familiar, tendo em vista, o fato de que a comercialização não é contínua.

Diante da desvalorização econômica e cultural que o bordado do labirinto de Canoa Quebrada sofreu, com a perda da mão de obra feminina para a atividade turística, e a má remuneração do trabalho do labirinto, há o comprometimento da profissão. Na visão das bordadeiras mais antigas, devido à falta de interesse da comunidade em continuar com a tradição, a perda da qualidade das peças, a diminuição da procura do produto pelos visitantes e comerciantes, percebeu-se, uma progressiva perda da cultura e da tradição na arte do labirinto: “- No passado, as mulheres faziam muito labirinto e vendiam para fora, as pessoas se ajudavam, compartilhavam o trabalho e, no final, rendia para todas. [...] As que não tinham condição de comprar o tecido, trabalhavam para as outras” [ENTREVISTADA 7].

No núcleo de Canoa Quebrada, duas ou três labirinteiras, as mais antigas, ainda fazem um trabalho primoroso, delicado, de boa qualidade e de forma tradicional, como se fazia no passado. Foi o que se observou ao se analisar o tecido utilizado e o zelo com que elas confeccionam as peças. Uma das canoenses testemunhou em alusão à crise da economia do labirinto: “- [...] a magia está acabando, os turistas, muitas vezes, não compram, porque não acham variedade e não gostam do tecido. Além disso, não há novas ideias de uso”. [ENTREVISTADA

14].

A falta de interesse da população mais jovem, em continuar com a tradição do bordado de labirinto também é justificada pelo incremento do turismo em Canoa Quebrada, que fez com que as pessoas se interessassem mais pelo trabalho nas pousadas e restaurantes. Apesar disso, a técnica utilizada pelas labirinteiras, ainda é utilizada, nas regiões em que se mantém a tradição artesanal, a partir dos conhecimentos básicos tradicionais transmitidos, ao longo de gerações, passando de mãe para filha:

-Já vivi do labirinto. Fui *labirinteira* com a minha mãe e vendia o labirinto para uma pessoa certa, sob encomenda, ou então trabalhava para outra pessoa. [...] Hoje, pouca gente borda labirinto, dá muito trabalho, é muito demorado e as pessoas não pagam um valor melhor [ENTREVISTADA 10].

No passado, o aprendizado do labirinto era estimulado desde a infância, com o aprendiz observando as mulheres mais experientes na confecção do artesanato. Primeiro, o aprendiz aventurava-se em peças mais simples, até chegar, às mais complexas, por volta dos vinte anos de idade. Na atualidade, os pais não colocam os filhos para trabalharem no labirinto, pois a lei proíbe. Uma de nossas interlocutoras disse que começou a fazer labirinto aos oito anos de idade [ENTREVISTADA 16], quando ainda não havia energia elétrica e trabalhavam à luz de lamparinas.

Antigamente, as mulheres faziam dez, doze, quinze, ou até mesmo vinte peças de labirinto e vendiam em Aracati, algumas vezes, em Mossoró. Atualmente, com o movimento intenso de pessoas de fora em Canoa Quebrada, as mulheres que ainda se ocupam com este artesanato, não saem mais para vender, pois encontram compradores no próprio lugar. O bordado de labirinto, devido à baixa oferta, passou a ter pouca procura. As mulheres buscam novas atividades de trabalho e agora exercem funções junto aos empreendimentos turísticos, nas barracas de praia, nas pousadas, hotéis, nos bares e restaurantes.

É lamentável a perda de um trabalho artesanal, como o bordado do labirinto, que durante muito tempo teve importante significado na vida socioeconômica e cultural de Canoa Quebrada. Ele também constituiu uma identidade para o Estado do Ceará e para o nordeste brasileiro, inspirando até, uma composição musical do saudoso Luiz Gonzaga, às rendeiras do Ceará: “Olé mulher rendeira, olé mulher

renda, tu me ensina a fazer renda que eu te ensino a namorar.” Percebe-se, também, na fala dos moradores da Vila do Estevão, essa lamentável perda cultural, como relata: “- hoje, quase não se fala mais nessa obra belíssima e de referência para a nossa comunidade” [ENTREVISTADA 22].

Apesar de mulheres idosas ainda se dedicarem à elaboração do labirinto, comparando-se à produção do passado, representa muito pouco. Essa queda de produção é percebida pelas labirinteiras: “- [...] é uma arte muito apreciada por turistas nacionais e estrangeiros, mas pouco valorizada financeiramente” [ENTREVISTADA 4].

Há aquelas que sonham lutam para manter sua arte e a tradição, mas sentem que esbarram na resistência dos mais jovens que se negam ao aprendizado, uma vez que as mulheres de Canoa Quebrada não dependem mais desse trabalho para sobreviver:

- era pra ter um grupo que ensinasse os mais jovens. Mais, quem sabe fazer não tem condições de ensinar, porque não tem mais uma visão boa de tanto trabalhar com lamparina. Também não há interesse por parte dos mais jovens em apreender [ENTREVISTADA 4].

Atualmente, na Vila do Estevão, o Projeto Recicriança tenta estimular os jovens a continuarem a arte do labirinto, mantendo, diariamente, uma pessoa à disposição daqueles que possam se interessar por aprender o bordado. Uma das entrevistadas afiançou, enquanto, habilidosamente, bordava em um bastidor uma pequena peça, que “- [...] quase não há interessados em aprender”. [ENTREVISTADA 18]. Uma jovem que também trabalha no projeto argumentou: - “O ganho é pouco, e o labirinto ficou desvalorizado”.

Outras ofertas de trabalho, que dão retorno financeiro mais rápido para as mulheres, principalmente, para as mais jovens, também contribuem para que elas não se interessem por essa atividade artesanal secular. Isso constitui uma preocupação para os moradores da Vila do Estevão, à proporção que Canoa Quebrada, aos poucos, perde suas tradições e sofre a introdução de novas culturas.

4.3 Canoa Quebrada: estruturas sociais transmutadas

Quando solicitados a apontar quais os principais problemas enfrentados pela população de Canoa Quebrada, 37%, dos entrevistados assinalaram a saúde pública como o setor mais problemático. A droga é o principal desafio a ser enfrentado pelo poder público, pois foi considerada como um problema de saúde pública. A segurança foi apontada por 25% dos entrevistados como um dos principais problemas. É uma preocupação para a população, assim como o é a prostituição, que foi assinalada por 16% da população. Também 4% apontaram problemas na área ambiental e para as questões relacionadas à especulação imobiliária. Outros 4% apontaram problemas na área ambiental e para as questões relacionadas à especulação imobiliária.

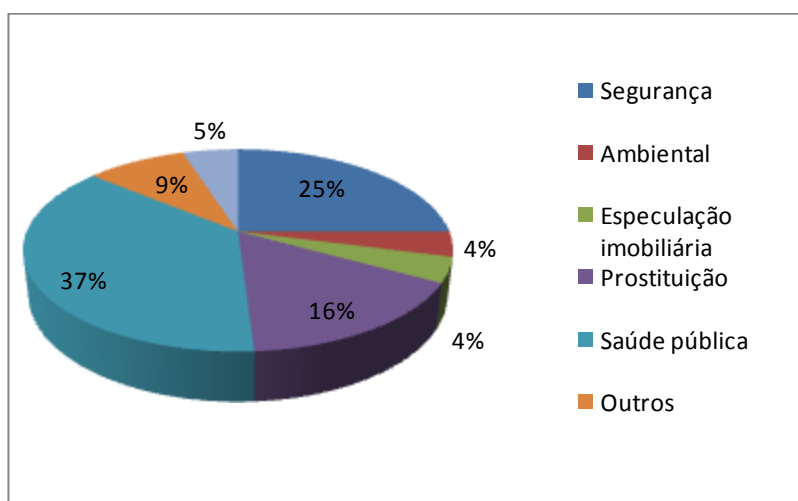


Gráfico 13 - Principais problemas de Canoa Quebrada

No setor de saúde, o uso de drogas, como a maconha, a cocaína e, principalmente, o *crack* é o problema mais grave com o qual a população de Canoa Quebrada se depara atualmente. A proliferação de seu uso foi apontada por 57% da população pesquisada. A falta de assistência médica foi lembrada por 23% dos entrevistados, enquanto 20% veem a falta de saneamento básico como um problema grave.

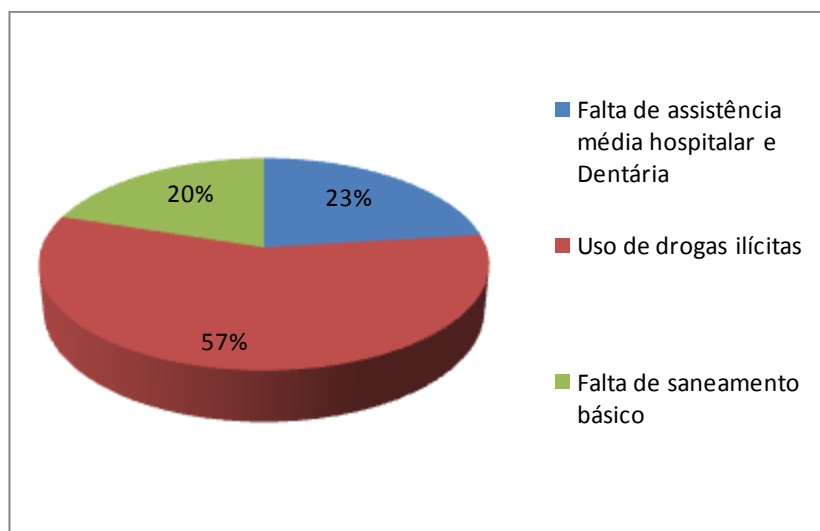


Gráfico 14 - Problemas vividos na saúde

O consumo de drogas, a prostituição e a especulação imobiliária foram lembrados como consequências ruins do turismo, sendo que a droga, na opinião dos moradores da Vila do Estevão, é o que de pior veio com o turismo para Canoa Quebrada. Esse problema foi apontado por 98% dos pesquisados como um impacto negativo do turismo, seguido da prostituição e da especulação imobiliária.

A maconha, no início do turismo em Canoa Quebrada, trouxe problemas para a comunidade, através de visitantes usuários, que conduziam a droga em suas bagagens. Atualmente, ao aderirem ao uso dessa e de outras drogas mais pesadas, como a cocaína e o *crak*, a população jovem, tanto de Canoa Quebrada como da Vila do Estevão, tem sido motivo de preocupação constante para as famílias.

O uso das drogas, além de gerar um problema de saúde, também desencadeia a delinquência. Verifica-se que, cada vez mais, jovens se tornam dependentes e recorrem a roubos e até assaltos seguidos de mortes, para alimentar seus vícios. “- [...] o turismo trouxe gente ruim e maus costumes, como a droga, roubo e prostituição” [ENTREVISTADO 28]. Isso tem desencadeado problemas de segurança para a população, gerados por roubos, crimes, assaltos e a falta de segurança, como mostra o gráfico 15, a seguir

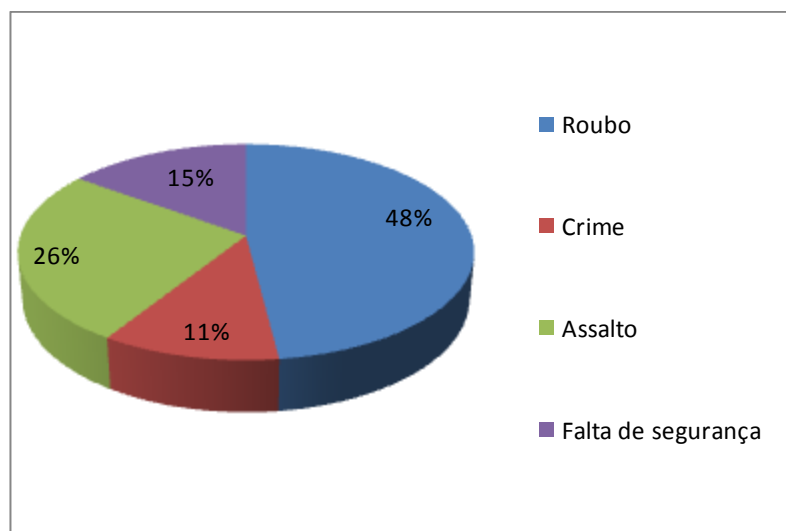


Gráfico 15 - Problemas de segurança

Os dados coletados junto à comunidade da Vila do Estevão mostraram que o roubo, apontado por 48% das pessoas pesquisadas, e os assaltos, por 26%, têm sido uma constante ameaça à população. Segundo os entrevistados, esses atos criminosos são praticados, principalmente, por pessoas que chegam de cidades vizinhas e até de Fortaleza, mas também já são desencadeados por moradores do próprio lugar. A prática de assaltos, às vezes seguidos de mortes, direcionados principalmente aos turistas, aparece entre os crimes cometidos em Canoa Quebrada, de acordo com as informações fornecidas por 11% dos entrevistados. Essa situação criminosa acarretou uma falta de segurança para a população, o que foi denunciado por 15% dos entrevistados.

Segundo a comunidade pesquisada, a prostituição é percebida, tanto em mulheres como em homens. Em Canoa Quebrada, na *Broadway* é fácil encontrar homens, inclusive mais velhos, acompanhados até por mais de uma mulher, circulando na praia, nos bares e se hospedando em pousadas. De acordo com um dos interlocutores, “[...] em Canoa Quebrada não tem a prostituição propriamente dita, mas mulheres que ficam nos barzinhos se insinuando e se vendendo. A maioria delas é de fora, de Fortaleza e Mossoró. Daqui do lugar tem poucas, umas cinco ou seis” [ENTREVISTADO 33].

Esses fatos apontados pela comunidade da Vila do Estevão, como elementos ruins, decorrentes da ação turística em Canoa Quebrada, deveriam ser motivo de preocupação para os promotores do turismo, pois seu impacto negativo pode causar

danos à comunidade e comprometer o próprio desenvolvimento do turismo, além de impactar sobre o equilíbrio da vida socioambiental na região. Faz-se necessário, portanto, que os promotores do turismo tenham todos os cuidados para minimizar os possíveis impactos negativos, advindos dessa atividade. Isso pode ser feito por intermédio de informações passadas ao turista, sobre as condições socioculturais e ambientais que serão encontradas no lugar.

Assim, como há uma preocupação por parte dos receptores do turismo em preparar a população para receber o turista, como foi citado por alguns entrevistados nesta pesquisa, também deve haver uma reciprocidade no sentido de o turista se aproximar da cultura local. Esse é um sinal de respeito que o turista deve ter em relação à população receptora, procurando conhecê-la, para não lhe impor novos hábitos e valores. Consoante testemunho de um dos pesquisados:

- [...] o ideal seria se o turismo praticado em Canoa Quebrada oportunizasse ao turista conhecer as diferentes formas de se viver no lugar, não a que escraviza as pessoas, fazendo com que elas passem a trabalhar intensamente. Que o turista pudesse conhecer a essência do lugar que visita, enfim, praticar um turismo cultural, um turismo diferente do que se pratica atualmente em Canoa Quebrada. Um turismo que só usa o lugar. Um turismo de exploração e transformação do espaço socioeconômico, cultural e físico-natural [ENTREVISTADO 37].

A causa dos impactos negativos do turismo na forma que é atualmente praticado em Canoa Quebrada, não seria atribuída ao turista, individualmente, mas à estrutura do turismo e à forma como ele se organiza. Consoante um dos interlocutores: “- [...] o turismo seria bom para Canoa Quebrada, se apresentasse uma organização diferente da que apresenta atualmente. Um turismo que valorize e respeite o lugar e as pessoas, na forma de ser, de pensar e de se organizar da população” [ENTREVISTADO 25]. Essas preocupações deveriam acontecer pelo bem do turismo, do turista e da comunidade receptora. Mas, em Canoa Quebrada, o turismo ao invés de construir, destruiu as estruturas sociais do lugar, por esta razão foi analisado como uma atividade negativa. Ouriques (2012)³⁴ destaca que em regiões periféricas, a introdução da atividade turística tem efeito desestabilizador, de destruição das economias preexistentes. Este é um efeito observado em Canoa Quebrada, destacado nesta pesquisa, ao nos referirmos às transformações

³⁴ Disponível em: ><http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307325404004>. Acesso em: >05 de Agosto de 2013.

socioeconômicas ocorridas nesta localidade com chegada do turismo.

Outro aspecto levantado pelos moradores e que aparece entre os principais problemas de Canoa Quebrada e da Vila do Estevão, foi a questão ambiental, apontada por 4% da população entrevistada. Eles destacaram a degradação do meio ambiente e a poluição sonora, como impactos decorrentes da especulação imobiliária e da atividade turística:

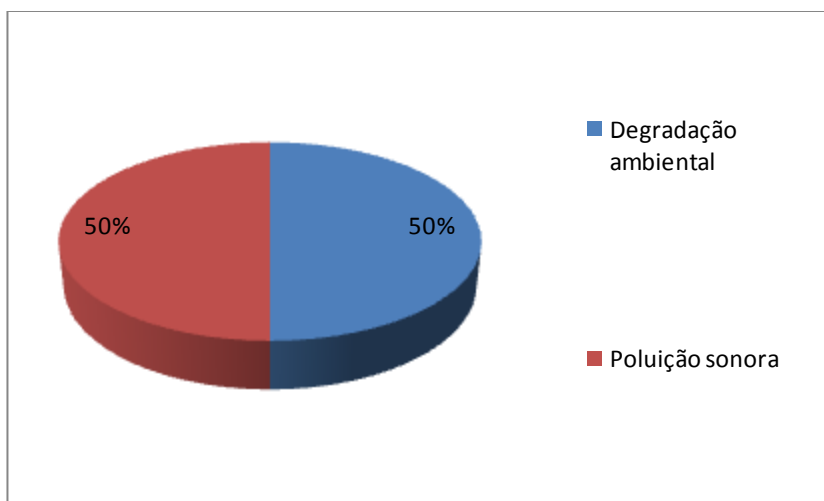


Gráfico 16 - Problemas de ordem ambiental

A especulação imobiliária também foi apontada, pelos entrevistados, como algo ruim desencadeado pelo turismo em Canoa Quebrada, sendo responsável por importantes mudanças ocorridas no meio ambiente, percebidas pelos moradores da Vila do Estevão e relatadas durante as entrevistas.

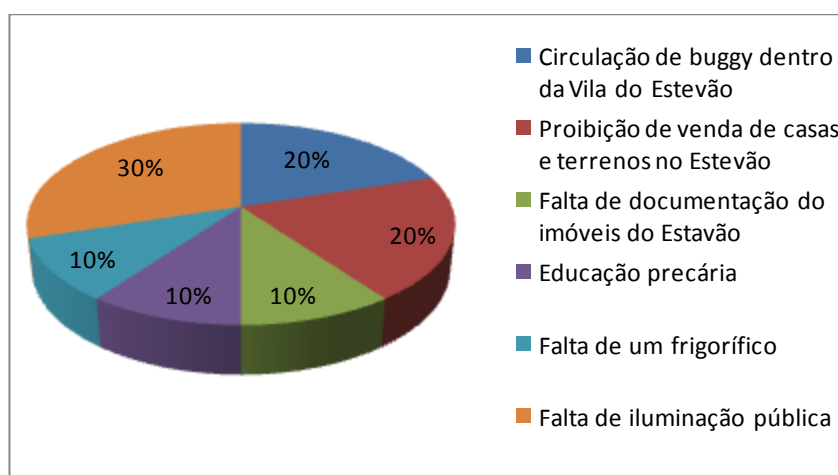


Gráfico 17 - Outros problemas vividos pela população

Não há nenhuma dúvida, para os moradores da Vila do Estevão, quanto às mudanças ocorridas no meio ambiente físico natural de Canoa Quebrada. A pesquisa mostrou que, nesse espaço, as mudanças ocorreram, principalmente, nas falésias e nas dunas. A Vila de Canoa Quebrada, que se localizava no interior da falésia desapareceu e surgiu, em seu lugar, um núcleo urbano. Atualmente, Canoa Quebrada ocupa toda a falésia, desde as áreas mais íngremes, a leste, onde são atingidas pelas marés altas, até as dunas, que as recobrem, a oeste.



Fotografia 46 - Visão panorâmica de Canoa Quebrada com destaque para a intensa ocupação e destruição da falésia
Fonte: Silva, 2012.

A intensa ocupação da falésia provocou uma grande destruição de partes dessa formação geológica. Na praia, surgiram inúmeras barracas, restaurantes e pousadas. Embora, bastante degradada pela movimentação de carros e de pessoas, a porção da falésia onde se localiza a Vila do Estevão, apresenta um melhor estado de conservação do que a porção da falésia, onde se assenta o núcleo urbano de Canoa Quebrada, devido à criação da ARIE e ao trabalho de conscientização que foi desenvolvido com a comunidade do lugar.



Fotografia 47 - Projeção contínua da falésia, no sentido norte sul, onde se localiza a Vila do Estevão.

Fonte: Silva, 2012.

Na Vila do Estevão, os moradores tentam impedir algumas práticas do turismo local, como a circulação dos *buggys* e carros particulares, que fazem passeios turísticos sobre as dunas. Os nativos da Vila tentam impedir o fluxo de carros que por ali circulam, interrompendo a passagem dos carros, para proteger as crianças, demais pessoas e preservar o lugar.

Para os moradores da Vila do Estevão, as alterações ocorridas em Canoa Quebrada são visualizadas, principalmente, na diminuição das falésias, tanto em altura como em extensão. Essas mudanças foram decorrentes, segundo os entrevistados, da própria ação da natureza. Essa ação se dá pela propagação do movimento das marés, num processo de abrasão marinha e pela lixiviação das águas das chuvas, que causa a erosão das falésias. Na observação de um dos interlocutores:

- [...] a falésia era muito pra lá, o mar veio crescendo e mudou a falésia. [...] A enxurrada da chuva quebrou a falésia. [...]. Como Canoa é uma descida ajuda a carregar a falésia. [...] A falésia, quando chove cai tudo. Já houve acidente com pessoas na falésia que caiu quando escreviam nelas [ENTREVISTADA 5].

Esse depoimento é corroborado pelo testemunho de outro entrevistado, quando destacou: “- [...] a falésia era mais próxima do mar e hoje está mais

distante”. [ENTREVISTADO 38]. Essa observação se baseia no avanço do mar e no recuo da falésia, em decorrência do fenômeno de abrasão marinha. Antes de o mar avançar, a falésia adentrava mais em direção a ele, as águas batiam diretamente em sua escarpa, tanto é que “se praticava a pesca de anzol de cima da falésia” [ENTREVISTADA 18].

Não obstante, os entrevistados também observaram outros elementos responsáveis pela degradação ambiental. O progresso foi um deles. Para um dos nativos, “- [...] a falésia sofreu erosão com o escoamento das águas das chuvas e com todo o progresso que houve, ela gastou” [ENTREVISTADO 33]. Em sua percepção, “- [...] a construção de muitas casas e o calçamento feito em Canoa Quebrada prejudicou a falésia, com a água das chuvas muito grande” [ENTREVISTADO 33]. O progresso a que se refere o depoente, diz respeito à modernização de Canoa Quebrada que, de vila de pescadores, transformou-se em um aglomerado urbano de intenso fluxo turístico e de grande exploração físico-natural.

A ação das chuvas, sobre as falésias de Canoa Quebrada, apontada como uma das causas da degradação dessas formações areníticas foi relatada pelos depoentes ao declararem que:

- [...] a maré cresceu, mas a chuva contribuiu [ENTREVISTADA 1];
- A falésia mudou pela ação da maré e da chuva [ENTREVISTADA 2];
- As chuvas abriram as falésias [ENTREVISTADA 12];
- [...] Diminuição das falésias por conta da chuva [ENTREVISTADO 26];
- O maior problema da natureza é a destruição das falésias com o escoamento das águas das chuvas [ENTREVISTADO 27];
- As falésias eram mais altas, com as chuvas abriu buraco nelas [ENTREVISTADO 34];
- [...] Quando chove que a água desce para a praia quebra toda a falésia [ENTREVISTADO 36];
- Quando chove a água derruba as falésias [ENTREVISTADO 38].

Na verdade, a ocorrência das chuvas provocou uma aceleração no processo de desagregação de suas partículas, que teve início com a ocupação desenfreada destas formações geológicas. A circulação de carros e de pessoas sobre as falésias,

a insistência do visitante em registrar sua passagem pelo lugar, escrevendo nomes e mensagens nas rochas, a retirada de areia para a construção de casas, estradas e aterros, provocam um progressivo desmoronamento das paredes íngremes dessa frágil formação litorânea e a formação de imensas voçorocas que, alargadas pelo processo de degradação, acarretaram problemas para a comunidade do Estevão como mostra a fotografia 48.



Fotografia 48 - Degradação ambiental. Destaque para a voçoroca aberta na falésia. Fonte: Silva, (2012).

Do universo dos entrevistados, 85% ressaltaram mudanças ocorridas no meio ambiente, de Canoa Quebrada. Desses, 72,5% mencionaram as falésias como principal componente ambiental afetado expressando em seus relatos que,

- [...] o mar e a falésia já tiveram bem mais distante [ENTREVISTADA 1];
- As falésias eram maiores e o mar mais recuado [ENTREVISTADA 6];
- Quanto mais o mar avança, mais as falésias são degradadas [ENTREVISTADA 17];
- O mar está se aproximando delas. Nos Esteves, antigamente se avistava a falésia longe, elas eram bem distantes [ENTREVISTADA 15];
- O mar comeu mais ou menos quarenta ou cinquenta metros. Nos anos 1960 e 1970, tudo era bem distante [ENTREVISTADO 26];
- Antes, para tomar banho na praia se caminhava uns quinhentos metros. [ENTREVISTADO 32];
- Hoje, a praia está a mais ou menos cinquenta metros de distância por conta do mar, da chuva e da circulação dos carros [ENTREVISTADA 10].

Foi a degradação provocada por estes fatores que permitiu comparar a conservação da falésia do passado com a degradação da falésia atual, como mostram as fotografias 49, 50, 51, 52.



Fotografia 49 - Visão lateral da falésia de Canoa Quebrada no passado.
Fonte: Desconhecida, 1999.



Fotografia 50 - Visão frontal da falésia de Canoa Quebrada no passado
Fonte: Desconhecida, 1999.



Fotografia 51- Visão frontal da Falésia de Canoa Quebrada atualmente.
Fonte: www.portalcanoa.com



Fotografia 52 – Visão da falésia de Canoa Quebrada atualmente.
Fonte: Silva, 2012.

Assim, o lugar transformou-se para atender ao desejo do turista.

Para Almeida,

O lugar assim inventado para e pelo turismo transforma-se no 'outro', aquele desejado e esperado pelos turistas. Eles visitam, aceitam o proposto pelo receptivo, dele participam e, quando retornam aos seus lugares, é com o sentimento de terem conhecido um novo lugar, uma nova cultura. Será mesmo? Os agentes locais assumem a função de construtores do objeto turístico na ânsia de agregar valor turístico aos lugares, aos bens imateriais e aos comportamentos locais, captando os desejos e as fantasias dos visitantes e gerando uma cultura turística (2003, p. 15).

Na percepção de um dos nativos, com as mudanças que ocorreram no meio ambiente de Canoa Quebrada, "- [...] boa parte do ecossistema litorâneo está ameaçado. Por exemplo: As falésias, em dez anos, estão quase ameaçadas de

extinção, por excesso de veículos trafegando e estacionando em cima delas” [ENTREVISTADO 21]. Esse entrevistado teve sua fala complementada por outro canoense que demonstrou descontentamento, ao relatar: “- [...] nossas falésias, dunas, áreas da APA, são invadidas pelo fluxo de veículos dentro da comunidade, causando desconforto para os moradores” [ENTREVISTADO 22].

Não obstante o fluxo de veículos sobre as falésias há quem perceba a existência de uma maior consciência preservacionista: “- [...] teve uma melhora no cuidado com o meio ambiente, depois da conscientização dos moradores e diminuiu o número de pessoas que faziam atividades ilegais, como o símbolo que é feito nas falésias que depredam” [ENTREVISTADO 32].



Fotografia 53- Veículo estacionado na falésia/Vila do Estevão.
Fonte: Silva, 2012.

As informações dos entrevistados também referiram os impactos sobre as formações dunares. As dunas de Canoa Quebrada também sofreram importantes e progressivas mudanças ao longo dos últimos trinta anos.

Localizadas sobre as falésias, as dunas sofrem uma intensa ação dos ventos, que as movimentam com a mesma velocidade quer se deslocam. A vegetação que nelas podia ser vista no passado, atualmente, se encontra soterrada por grandes volumes de massa arenítica arrastada pelos fortes ventos que, aos poucos, foram cobrindo a vegetação dunar. Os ventos fortes e a ação predatória do homem modificaram a geomorfologia e alteraram a cobertura vegetal dos cordões dunares

da região. Com uma fisiografia rebaixada e, de certa forma, aplainadas pela intensa ocupação, as dunas de Canoa Quebrada perderam as riquezas faunísticas e florísticas que integravam a vida desse ecossistema litorâneo.



Fotografia 54- Concentração de turistas no topo da duna

Fonte: Silva, 2012



Fotografia 55- Descida do topo da duna para a lagoa.

Fonte: www.portalcanoaquebrada.com.br

As alterações sofridas pelas dunas foram ressaltadas pelos entrevistados, ao declararem que:

- [...] as dunas eram mais altas, tinham muito mato e foi enterrada pelo morro [ENTREVISTADA 5];

- Antigamente, não se morava no morro, não. Houve a retirada das plantas [...] era tudo verde. [...] As dunas estão sem mato. Antes tinha frutas como murici, caju, que se usava para se fazer suco e planta que se usava para fazer remédio. Foi tudo coberto pela areia [ENTREVISTADA 14].

As dunas foram modificadas pela frequente visitação dos turistas, como é o caso da duna do 'Por do Sol', ponto de atração turística de Canoa Quebrada:



Fotografia 56- Aplainamento da duna Por do Sol, pela intensa visitação dos Turistas e trânsito de buggy.
Fonte: Silva, 2012.

De acordo com os relatos da população, quando as falésias eram mais extensas e se projetavam em direção ao mar, as casas de taipa da Vila do Estevão se localizavam apenas nas falésias, não havia casas sobre as dunas. Com o recuo da falésia, provocado pelo avanço do mar, as casas foram sendo abandonadas e novas residências foram sendo construídas, cada vez mais próximo das dunas, ou sobre elas.

As dunas que se prolongaram em direção à Canoa Quebrada foram ocupadas, quando os nativos e antigos moradores de Canoa Quebrada venderam as próprias casas e terrenos para os visitantes e especuladores imobiliários. Os nativos foram morar na região das dunas. Em decorrência, “- [...] com o aumento das casas, as dunas foram desaparecendo”. [ENTREVISTADO 27].

Da antiga Igreja de São Pedro, sobraram, apenas, ruínas, atualmente cobertas pelo mar. Outra igreja, com o mesmo nome, foi edificada em uma área isolada, entre a Vila do Estevão e o núcleo de Canoa Quebrada. Atualmente, a Igreja está inserida em uma área urbanizada e bastante movimentada pelo turismo.



Fotografia 57 - Igreja de São Pedro: Destaque para o isolamento da área onde foi construída.
Fonte: www.canoabrasil.com

Das dunas também foram retiradas areia, para preencher a imensa voçoroca que surgiu na falésia, que chegou a isolar a Vila do Estevão do núcleo de Canoa Quebrada, no decurso do ano de 2009. Essas e outras ações foram se somando e as dunas altas e extensas foram desaparecendo. Como testemunhou um dos nativos: “- [...] antigamente se tirava madeira no mato para construir casas. Hoje, não se tira mais. Antigamente tinha muitos animais silvestres. Pássaros, como sabiá, cabeça vermelha, juriti, rolinha, tapacom e corrupeção.” [ENTREVISTADA 9]. Do mesmo modo, outro nativo lembrou que “- [...] com o desmatamento, os pássaros foram afugentados. [...] “Hoje ainda tem alguns pássaros, mas é menos.” [ENTREVISTADO 39].

A instalação dos aerogeradores de energia na Vila do Estevão, compreendeu outro aspecto percebido como elemento de perturbação da paisagem natural de Canoa Quebrada.



Fotografia 58- Aerogeradores de energia localizados na Vila do Estevão.
Fonte: Silva, 2011

Embora os aerogeradores sejam considerados produtores de energia limpa, a expansão dos campos eólicos, no Brasil, têm sido feita com a exclusão e expulsão de comunidades tradicionais, com uso de violência, do impedimento do acesso dos pescadores às áreas por eles habitadas e da desapropriação dos territórios dos pescadores que tentam resistir.

Contrariando a vontade dos moradores da Vila do Estevão, há dois ou três anos, tratores começaram a desmatar e a abrir estrada sobre uma das dunas mais altas da vila do Estevão, para transportar as hélices e as turbinas dos aerogeradores, que chegavam a Canoa Quebrada. Embora tenham questionado veementemente a instalação do campo eólico na região, por meio de protestos e mobilização da comunidade, a população nativa não conseguiu impedir que fossem erguidas as torres das usinas eólicas e propôs que as mesmas fossem instaladas numa área que ficasse distante da comunidade e não alterasse tanto o meio ambiente.

Apesar do apelo feito pela comunidade, o entrevistado reconhece que o contexto da resistência é difícil:

- Não se pôde impedir a instalação dos cataventos, pois, tinha muita gente poderosa envolvida, muito dinheiro em jogo. [...] Além do mais é tudo concessionado com grupos estrangeiros que vão explorar a região. Gerar e

vender a energia. Uma energia que eles chamam de limpa, mas não é limpa, pois, provoca alteração no meio ambiente. [...] o meio ambiente sofreu uma alteração muito grande. Colocaram cinco ou seis usinas eólicas e foi um custo muito alto para o meio ambiente. Construíram uma estrada sobre as dunas para gerar um beneficiamento que a comunidade desconhece [ENTREVISTADO 37].

Entretanto, os moradores reconheceram os impactos negativos que estes aerogeradores trouxeram para a comunidade e deixaram claro o descontentamento gerado, com a instalação das usinas eólicas na região.

O depoimento de outro morador refere-se à licença das autoridades públicas frente aos impactos socioambientais oriundos da montagem do parque de energia eólica: “- [...] os cataventos, as autoridades permitiu (*sic.*) [...] à revelia da população, que sequer foi consultada sobre a sua instalação e informada acerca das reais necessidades desta nessa região” [ENTREVISTADO 17], assim como dos impactos positivo e negativos que ela traria para a comunidade.

Outros entrevistados identificaram os impactos negativos que os aerogeradores trouxeram para a comunidade, observando que “- [...] os cataventos foram uma agressão à natureza. Desmataram e rebaixaram as dunas provocando alterações na paisagem natural e no ecossistema da praia” (ENTREVISTADA 10), e que “- [...] tudo que se sabe sobre eles é que faz barulho à noite com a mudança do vento, e incomoda para dormir,” reclamou outro depoente (ENTREVISTADO 25).

Até o momento atual, a comunidade da Vila do Estevão não sabe quais os reais motivos que levaram à instalação dessa usina eólica nesta área. Para os moradores da Vila do Estevão, “- [...] talvez a energia aí gerada vá para algum interior de Aracati” [ENTREVISTADO 37], porém, a Vila vive às escuras, durante a noite.

Outro morador chamou a atenção para o desmatamento de uma área de restinga que ocorre logo atrás da maior duna de Canoa Quebrada. Essa duna dificultou, durante muito tempo, o acesso para Canoa Quebrada, mas os mochileiros a escalavam para ter acesso à vila de pescadores. Atualmente, serve de atrativo turístico para a contemplação do por do sol:

- Outra coisa que as pessoas não vêm é que no futuro o desmatamento da restinga que tem atrás da duna pode comprometer o equilíbrio deste

ecossistema. Antigamente, quando se entrava nela era só mata virgem. Com o loteamento esta área foi desmatada até o pé da duna e vendida a um grupo estrangeiro que já anuncia a venda de terrenos e apresentam também uma proposta de construir um condomínio fechado. Não se sabe como é que legalmente isto acontece dentro de uma APA, como é a de Canoa Quebrada. [ENTREVISTADO 37].

O mesmo entrevistado mostra-se preocupado com a introdução das usinas eólicas e a degradação das dunas, pois, “- [...] ninguém sabe, no futuro, o que pode acarretar. As pessoas fazem as coisas e não sabe (*sic.*) o que vai acontecer.” [ENTREVISTADO 37]. Essa observação evidencia a falta de respeito, por parte dos empreendedores do turismo. Esse entrevistado se sente desrespeitado na sua condição de morador de um lugar que tem como forma de organização e de preservação do espaço a criação da ARIE.

As palavras de Barreto (2000, p.48) são favoráveis a esse entrevistado, ao afirmar que “o legado cultural, assim transformado em produto para o consumo, perde seu significado. A cultura deixa de ser importante por si mesma e passa a ser importante por suas implicações econômicas,” daí porque é preciso adotar estratégias de preservação da cultura e do ambiente local.

O conjunto das informações coletadas junto aos moradores da Vila do Estevão permitiu perceber o nível de conscientização que eles demonstraram ter sobre a importância da preservação da cultura e do meio ambiente e as informações que eles têm sobre os ecossistemas de Canoa Quebrada. A fala de um nativo põe em evidência essa consciência socioambiental: “- [...] o que se diz é que as dunas, uma das ‘responsabilidade’ delas é alimentar o lençol freático e armazenar água”. [ENTREVISTADO 31]. Logo, a destruição delas pode acarretar problemas socioambientais no futuro, pois poderá comprometer o abastecimento de água das comunidades de Canoa Quebrada e da Vila do Estevão.

Do exposto, uma questão que se impõe é como a praia de Canoa Quebrada, que tem sofrido alterações contínuas em sua paisagem e passou, ao longo dos últimos anos, a ter problemas ambientais e sociais tão graves, destaca-se tanto ainda no cenário turístico do Estado, mantendo até hoje sua fama e, como é muitas vezes ressaltado, seu encanto e magia. Sua ainda atual fama é confirmada pelo Guia Brasil 2003 publicação do Guia 4 Rodas, que traz uma lista com as melhores praias de agito do país. A praia de Canoa Quebrada ocupa o oitavo lugar da lista. Na

premiação da revista Viagem e Turismo ocorrido em outubro de 2002, que listou os melhores do turismo nacional e internacional, a praia de Canoa Quebrada apareceu em sexto lugar na categoria melhor praia do país.

Como se pode observar, apesar dos aspectos negativos que assolam Canoa Quebrada, alguns elementos ainda atraem e encantam turistas de todo país e do mundo. Supõe-se que, pelas classificações recebidas nas duas listas citadas anteriormente, um desses principais elementos que distingue Canoa Quebrada de outras praias seja o “agito”, a movimentação noturna, o encontro, como se pode observar na descrição da praia divulgada por um *site* da *internet*:

Praia lendária e de beleza exuberante. Exemplo da perfeita fusão entre o estrangeiro e os nativos do lugar, marcantes por sua hospitalidade e alegria de viver [...] Canoa ferve de agitação todas as noites, na rua de terra batida, jocosamente apelidada de *Broadway*. (www.portocanoa.com.br).

Acredita-se também que outro elemento que a destaca de seu entorno fundamenta-se na constante e massificada divulgação por parte de empresas e instituições ligadas ao turismo que ainda sustentam o ideário da eterna magia da praia e da liberdade iniciada e pregada pelos *hippies* dos anos 60/70, como se pode verificar em algumas dessas propagandas:

Descoberta nos anos 60 [...], Canoa sofreu um choque de cultura que resultou no sentimento de liberdade que impera até hoje. (www.portocanoa.com.br).

[...] Canoa é privilegiada por oferecer deslumbrantes auroras e espetaculares pores-do-sol. Não ficam atrás também as noites de lua, quando o mar torna-se um verdadeiro espelho de luz prateada, com seu clarão cósmico iluminando almas e mentes. Nestas horas, contemplar o mundo ou caminhar pela areia da praia é como assumir a beleza anônima do ser [...] (Ceará Guia de Praias / SETUR, 1997).

[...] Tendo como símbolo uma estrela e uma lua esculpidas na falésia vermelha, Canoa Quebrada é cercada de uma atmosfera de magia e deslumbramento. (www.touristicmachine.com.br).

De praia quase deserta nos anos 70, Canoa Quebrada é hoje conhecida internacionalmente, irradiando beleza durante o dia, magia quando a noite chega e reunindo gente de bem com a vida, num permanente culto ao prazer. A ordem permanente é esquecer o tempo e curtir o lugar intensamente. (Jornal Diário do Nordeste. Matéria: POUSSADA TROPICÁLIA, A primeira de Canoa Quebrada. 10/01/2003).

Canoa Quebrada é um lugar mágico, que impressiona a todos os visitantes com sua atmosfera animada e beleza paradisíaca [...]. Mesmo se transformando de aldeia de pescadores para um lugar turístico, Canoa Quebrada nunca perdeu seu encanto e sedução. Assistir ao pôr-do-sol do alto das dunas locais pode ser a experiência mais romântica da vida de alguém [...]. (www.terra.com.br/ceara).

Em suas noites agitadas pelo som do Forró e do *Reggae*, encontram-se turistas de todo o planeta para curtir a linguagem universal da liberdade. (Site www.citybrazil.com.br).

Outro aspecto sempre apontado pelos meios de divulgação, turistas e novos moradores de Canoa refere-se à hospitalidade da comunidade e sua alegria: “Conhecida em todo o mundo pela beleza de suas dunas de areia colorida e pela magia de seu pôr-do-sol, Canoa atrai viajantes de todo o mundo, que lá encontram um povo alegre e hospitaleiro”. (Site www.citybrazil.com.br).

Do exposto, pode-se aferir que o que é divulgado e vendido da praia de Canoa Quebrada para os turistas atualmente vai muito além da paisagem e do ideário da natureza intocada e rusticidade do lugar, visto que outros componentes têm sido agregados com vistas a diferenciá-la das demais praias e, dessa forma, valorizá-la: a agitada vida noturna, a população hospitaleira e, principalmente, o mito de liberdade e eterna magia, qualidades conferidas ao núcleo pelos primeiros visitantes do povoado.

Quanto às políticas públicas, desencadeadas pelo município de Aracati e pelo Estado do Ceará, a comunidade do Estevão, avalia que essas instâncias governamentais não oferecem a Canoa Quebrada o que ela mais precisa para a segurança e o bem estar da população: um atendimento regular à saúde,

fiscalização mais intensa, quanto à frequência de jovens, menores de idade às boates na Rua Dragão do Mar, que funciona até a madrugada.

É imprescindível que se lute pelo fortalecimento do conceito do turismo como “momento de encontro de alteridades, onde é possível a troca de experiências socioculturais e do enriquecimento pessoal [...], ou seja, o turismo acontecendo enquanto fenômeno sociocultural e não apenas como atividade econômica” (FRATUCCI, 2000, p. 130).

As políticas públicas na área da saúde em Canoa Quebrada se resumem ao precário atendimento médico e odontológico. Uma vez por semana, um clínico geral faz o atendimento à população; quinzenalmente tem atendimento ginecológico e mensalmente a cidade recebe um dentista que, na maioria das vezes, não consegue atender às pessoas agendadas. Além disso, a população conta com a presença de um enfermeiro, no único posto de saúde da cidade, para distribuir à medicação, quando tem, e atender a pequenas ocorrências. Os casos mais graves acabam sendo encaminhados para Fortaleza.

Segundo um dos pesquisados, “- [...] há uma policlínica em Aracati, sem nenhum instrumento médico, para atender à população, que vivencia a carência de profissionais da área da saúde.” [ENTREVISTADO 31]. Também, é feito o atendimento nas campanhas nacionais de vacinação e no programa de saúde da família, que faz o acompanhamento materno-infantil a domicílio. Esses são os únicos atendimentos na área da saúde que funcionam bem.

Entre os visitantes de Canoa Quebrada, um médico criou laços de amizade com a população da Vila do Estevão, tornando-se morador e médico da comunidade. Uma vez por semana, ele atende à população da Vila do Estevão, além de Quixaba, Majorlândia e Aracati. O atendimento é feito a várias comunidades, com condições precárias, o que o torna ineficaz. Esse serviço não satisfaz à população de Canoa Quebrada, que tem cerca de 3.500 habitantes e apresenta grande fluxo de turistas, que se intensifica, tanto nos finais de semana quanto nos períodos de alta estação.

Ainda na área da saúde, a população conta com o Programa de Saúde da Família (PSF), cuja origem, no Brasil, remonta à criação do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS), surgido em 1991, como parte do processo de reforma do setor da saúde. Esse programa tinha por meta aumentar a acessibilidade ao sistema de saúde e incrementar as ações de prevenção e promoção da saúde.

A origem do PSF no Brasil ocorreu no ano de 1994, como um programa proposto pelo governo federal aos municípios, para implementar a atenção primária à saúde. Atualmente, o Programa de Saúde da Família é conhecido como 'Estratégia da Saúde da Família' (ESF), por não se tratar mais, apenas, de um 'programa', mas de uma reorientação do modelo assistencial, operacionalizada mediante a implantação de equipes multiprofissionais em unidades básicas de saúde.

As equipes atuam com ações de promoção da saúde, prevenção, recuperação, reabilitação de doenças e agravos mais frequentes e na manutenção da saúde da comunidade. Uma das estratégias do ESF é que os agentes comunitários de saúde trabalhem junto à comunidade no acompanhamento a gestante, no parto, nas campanhas de vacinação e na manutenção da saúde da comunidade.

Outras ações públicas que seriam importantes para a saúde da população, são saneamento básico e a coleta de lixo, mas tem pouca representatividade nas ações municipais. A instalação da rede de esgoto, iniciada no núcleo de Canoa Quebrada, não foi concluída, ficando a população à mercê da vontade dos políticos, que assumem a administração do município, a cada quatro anos, sem que avancem na política de saneamento. Não há um trabalho efetivo da vigilância sanitária nos estabelecimentos comerciais, como pousadas, restaurantes, padarias, dentre outros estabelecimentos.

O abastecimento de água em Canoa Quebrada é feito pela Companhia de Água e Esgoto do Estado do Ceará (CAGECE), utilizando cinco poços, todos localizados na Vila do Estevão. Segundo os entrevistados, nunca houve problemas de falta de água, graças a um importante aquífero que há na região e tem como principal fonte mantenedora, os cordões de dunas que ocorrem nessa área.

Ainda, com relação ao saneamento básico, é importante ressaltar que a coleta de lixo é precária, em Canoa Quebrada, pois ocorre mediante instalação de poucos coletores nas vias e ambientes públicos. Na Vila do Estevão, a comunidade quase sempre se organiza em mutirão, para fazer a limpeza pública, pois é feita, apenas, a coleta do lixo retirado de dentro das residências e disponibilizados na rua, devidamente acondicionado.

As políticas públicas, tanto municipais como estaduais, representam pouco na vida dos canoenses e quase nada foi feito. Na percepção de um dos nativos, “- Canoa Quebrada está mais desenvolvida por conta dos empresários” [ENTREVISTADO 28]. Para melhor atender à demanda do turismo, os donos de restaurantes, pousadas e barracas de praias investiram em alguns serviços, pois essa é uma atividade que muito lhes favorece.

Na visão crítica desses moradores: “- a Vila do Estevão vive um total abandono por parte da atual gestão municipal. Não temos iluminação pública e escola em funcionamento. O único órgão estadual que atua aqui na Vila do Estevão é a SEMACE³⁵, através de licenças ambientais e taxas” [ENTREVISTADO 28]. Ainda, com relação à atuação dos órgãos de meio ambiente estaduais, denunciou que a “SEMACE, só aparece aqui quando alguém faz uma denúncia” [ENTREVISTADO 28].

A segurança, outro serviço que deve ser disponibilizado para a população, pelo estado e pelo município, foi citada pela comunidade, como um dos que mais precisa de atenção dos poderes públicos. Para os entrevistados da Vila do Estevão, o Policiamento Municipal de Turismo (PMTUR) tem como objetivo dar segurança à população, em especial aos turistas. O Ronda, agrupamento militar da polícia civil estadual, que atua em Canoa Quebrada, não tem sido competente para inibir a violência. Essa é a opinião de das moradoras de Canoa Quebrada: “- [...] mesmo com essa polícia, aumentou o número de assaltos e furtos a turistas e moradores, pois, não existe um efetivo policial em Canoa Quebrada” [ENTREVISTADA 40].

Um dos entrevistados declarou que “- [...] a cidade recebe reforço maior, quando ocorre um caso mais urgente e mais grave” [ENTREVISTADA 3].

³⁵ Secretaria de Meio Ambiente do Ceará.

Reafirmando a fraca estrutura do policiamento em Canoa Quebrada, outro morador acrescentou que “- [...] pouco policiamento tem, apenas, três policiais que faz (*sic.*) rodízio para atender Quixaba, Majorlândia, cidades vizinhas e até Icapuí” [ENTREVISTADO 33].

Na instância municipal, os moradores entrevistados não percebem atuação de políticas públicas, efetivamente, em Canoa Quebrada. De acordo com um entrevistado “- [...] o município oferece o básico e, às vezes, nem isso” [ENTREVISTADO 32]. Essa opinião é corroborada por outro morador, ao relatar que: “Na seara municipal não vejo nada de importante acontecendo”. [ENTREVISTADA 21].

Entretanto, os moradores reconhecem a importância de uma fiscalização mais frequente, quanto à participação de jovens menores de idade em boates e outros ambientes, que são proibidos a eles. Uma nativa reconhece que: “- O município ainda não oferece o que a praia turística precisa para segurança e bem estar da população. Fiscalização na rota dos menores em boates e outros deveriam ser mais freqüentes” [ENTREVISTADA 22].

No setor de educação, os moradores entrevistados não fizeram muitas avaliações. Destacaram um polo de lazer em Canoa Quebrada, onde os jovens praticam atividade física, nas modalidades esportivas como *voleibol*, *basquetebol*, futebol e capoeira, que segundo depoimentos funcionam de forma muito desorganizada. Uma das pesquisadas ressaltou a necessidade de melhorias físicas e culturais nas escolas. Ela afirmou que “- [...] as escolas precisam melhorar a parte física e é necessário incentivar a cultura local” [ENTREVISTADA 20].

Outro depoente aproveita a oportunidade para fazer um apelo às autoridades públicas: “- Canoa merece um olhar mais cuidadoso, pois, é a praia turística mais visitada, durante todo o ano. O Estado vem participando, apenas, em eventos como ‘férias no Ceará’. E Canoa não é, apenas, só isso. Espera-se mais do Estado” [ENTREVISTADO 14].

Em uma cidade como Canoa Quebrada, em que o turismo tem na natureza seu principal atrativo, é importante que o poder público compreenda o significado do

fortalecimento da educação, inclusive a ambiental e da valorização da cultura, como forma de preservar a identidade do lugar.

4.4 Canoa Quebrada: uma associação de ideias

Foi solicitado aos moradores da Vila do Estevão que sugerissem medidas que pudessem ser feitas para melhorar a vida da população de Canoa Quebrada. Diante dos problemas identificados, a população da Vila do Estevão sugeriu caminhos que foram organizados no gráfico 18, a seguir. 73% dos entrevistados clamam pela intervenção pública nas áreas sociais, 8% na área do meio ambiente e 7% no ordenamento do espaço urbano.

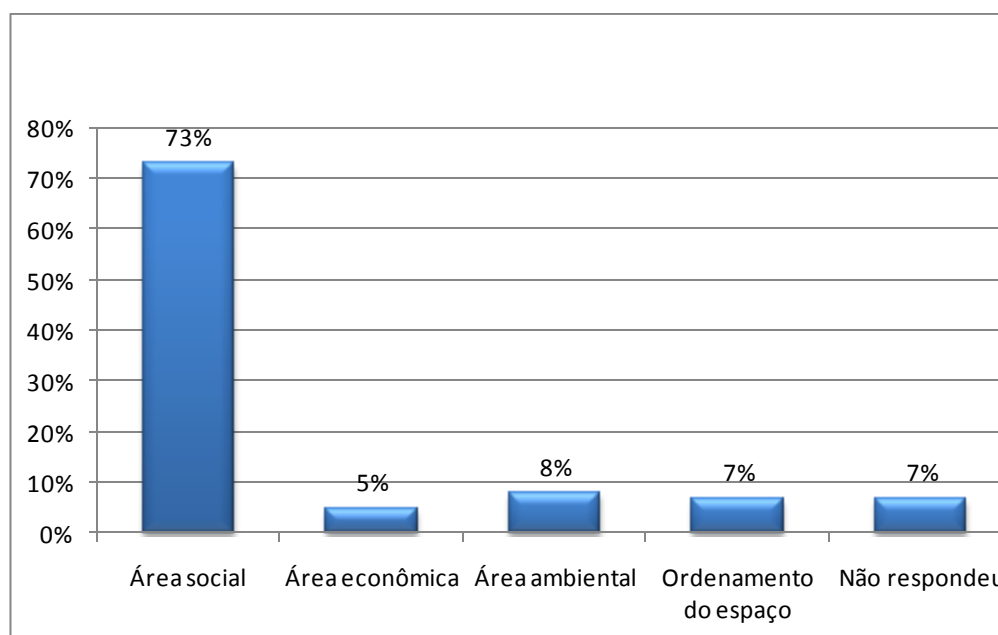


Gráfico 18 - Sugestões para melhoria de vida

A população de Canoa Quebrada vem pleiteando intervenções nas áreas de educação (construção de creches e escolas), cultura, esporte, lazer, segurança, saúde, infraestrutura, saneamento básico (coleta e transporte do lixo). Também reivindica transformações de ordem econômica e ambiental:

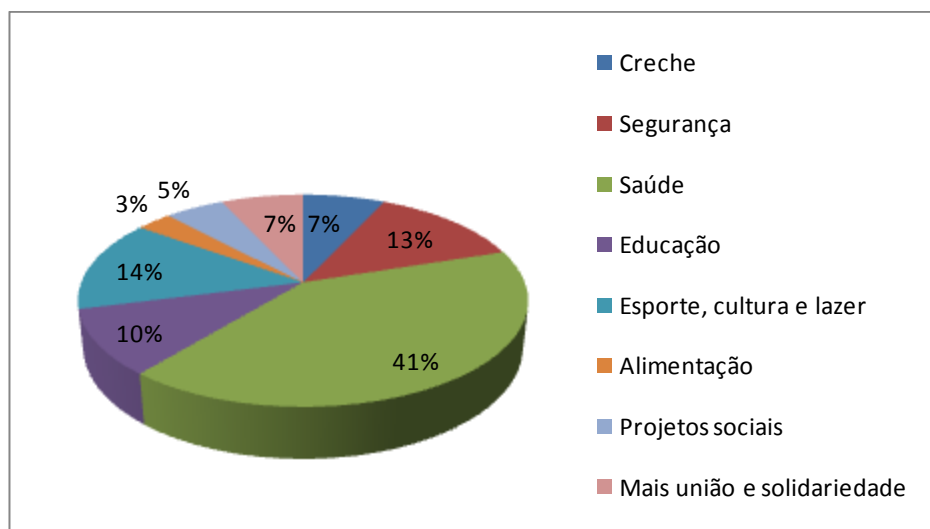


Gráfico 19 - Sugestões na área social

Para facilitar a vida das mães que trabalham fora de casa e não têm com quem deixar seus filhos, foi sugerida, por 7% da população pesquisada, a construção de uma creche. A maneira que as mães encontraram para contornar o problema é contratar uma pessoa para tomar conta de seus filhos nos dias que estão fora de casa. Isso se torna oneroso para elas, pois o valor da diária que recebem pelos serviços prestados no núcleo de Canoa Quebrada é muito baixo. A população pesquisada lembrou que essa é uma necessidade premente da comunidade da Vila do Estevão. Essa é uma sugestão que permite ao poder público contribuir nesse setor, em atendimento às demandas da sociedade.

Com relação à segurança, a comunidade apontou a criação de um posto de policiamento para que se possa garantir a segurança, tanto para a população local como para o turista. Percebe-se, entre a população do Estevão, uma preocupação também, com a segurança do visitante, pois segundo os entrevistados eles sofrem agressões, assaltos e até roubo seguido de morte, delitos praticados, também, contra os moradores. Isso se verifica nos relatos da população pesquisada: “[...] aqui tem assaltos aos gringos” [ENTREVISTADO 28]. “[...] tem roubo, a gente convive com a agressividade” [ENTREVISTADA 9]. “[...] ocorre crime, assalto” [ENTREVISTADA 14]. “[...] falta boa segurança” [ENTREVISTADO 17]. “é preciso dar um jeito na insegurança. Teve um tempo que o nativo, ninguém mexia com ele. Hoje, não, até os nativos não têm segurança, assim como os turistas”

[ENTREVISTADO 20]. “é preciso criar um posto de policiamento” [ENTREVISTADO 26].

Para a saúde, foi sugerida a construção de um hospital, pois o contingente populacional de Canoa Quebrada é grande o suficiente e a localidade tem uma arrecadação importante para o Município de Aracati, por meio da atividade turística, o que também justifica o investimento. A comunidade anseia por um melhor atendimento médico hospitalar, por um posto de saúde mais bem equipado, com a presença regular de médicos e a distribuição de medicação.

Dada a disseminação do uso da droga, o atendimento à saúde deve incluir, também, o atendimento aos dependentes químicos, com a criação de um centro de apoio a esses dependentes, pois é alto o número de pessoas que se drogam em Canoa Quebrada, o que tem provocado sérios problemas para as famílias.

Ainda, no que diz respeito à saúde, foi sugerido pelos moradores da Vila do Estevão, maior atenção por parte da administração pública para a limpeza da cidade, no recolhimento do lixo, inclusive, uso de lixeiras de melhor qualidade, tanto no núcleo de Canoa Quebrada como na Vila do Estevão. Nesse sentido, os depoentes ressaltaram: “em Canoa Quebrada a sujeira é muito grande” [ENTREVISTADA 13]. “Saneamento... pagam-se impostos e não tem os serviços” [ENTREVISTADA 11]. “é preciso mais limpeza” [ENTREVISTADO 39]. “O lixo, passa 4 ou 5 dias para ser recolhido. Fica muito lixo exposto. As pessoas se juntam para apanhar o lixo, para manter a Vila do Estevão limpa. Passa o carro, mas tem o lixo na beira da estrada, nas falésias”. [ENTREVISTADO 35]. Para eles, com os impostos que são pagos, deve-se ter acesso a melhores serviços públicos.

Na Vila, atualmente, existe uma escola de educação infantil, cujas atividades foram suspensas por motivo de má administração. O projeto ‘Criança de Luz’, uma Organização Não Governamental (ONG) tomou para si a educação das crianças da Vila do Estevão, na primeira fase da educação infantil. No núcleo de Canoa Quebrada, o ensino só funciona até o Ensino Fundamental. Muitos jovens deixam de estudar por ter que se deslocar para a cidade de Aracati, para cursar o Ensino Médio. Para melhorar a condição de vida do nativo, foi lembrada também, pelos entrevistados, a melhoria na qualidade da educação. Na percepção da população da

Vila do Estevão, a educação que é desenvolvida em Canoa Quebrada, não é de boa qualidade. Para um dos interlocutores, “a educação é fraca, portanto, deve ser melhorada” [ENTREVISTADA 2].

Além da preocupação com a educação formal e com o ensino regular, a população, sugeriu, também, uma formação para o trabalho, com a oferta de cursos profissionalizantes, como os de costureira, culinária, padeiro, cabeleireiro, manicora e técnico em informática. Ressaltaram, ainda, a importância de desenvolver a cultura, o esporte e o lazer, utilizando as escolas, as ONGs, o centro comunitário e o movimento cultural. Esses compõem setores pouco assistidos, mas de extrema importância para ocupar crianças e jovens, mantendo-os, assim, afastados das drogas.

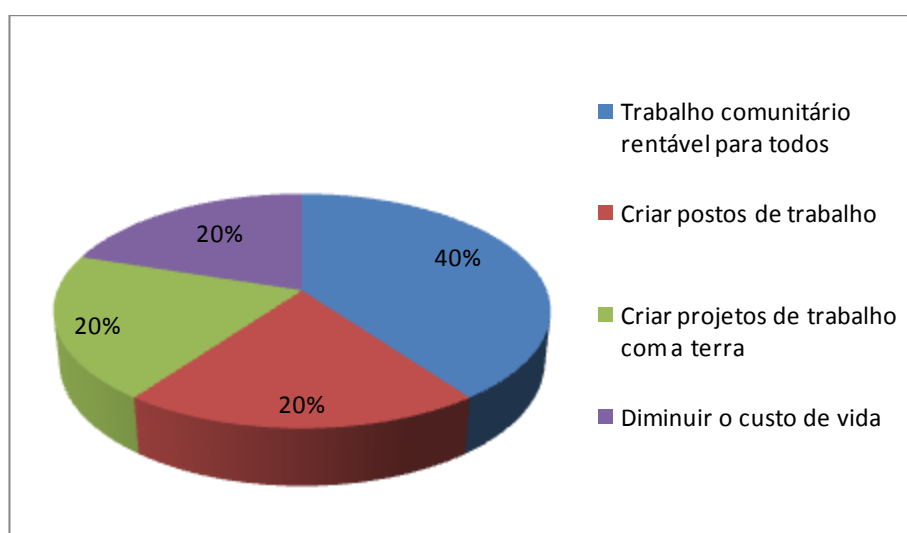
Para as pessoas idosas, foi sugerida a criação de um espaço onde elas possam se reunir e praticar atividades de entretenimentos, como jogos e a realização de cursos. Também foi apontada a necessidade de criação de uma escola para alfabetizar os adultos que não tiveram oportunidade de estudar na idade certa.

No setor cultural, foi lembrada a criação de um espaço onde se pudessem expor as peças de artesanatos que são produzidas na Vila do Estevão e criar um centro das labirinteiras: “- [...] deveria ter um lugar onde as labirinteiras, as pessoas que ainda fazem o labirinto se reunissem. [...] Um lugar delas, inclusive aqui no Estevão” [ENTREVISTADA 4]. “- Seria importante, também, para valorizar a cultura, pois, não há apoio à cultura local”. [ENTREVISTADA 16].

Complementando a ideia dessa entrevistada, que sugeriu um lugar para as labirinteiras, outro depoente apontou a necessidade de “- [...] fazer na comunidade do Estevão, um espaço que se assemelhe a uma oca, todo de palha de Carnaúba, onde, num determinado local, colocaria a mulher que faz o labirinto. Em outros as que fazem cestas de palhas e os vários trabalhos artesanais que são produzidos na Vila, expondo-os à venda. Os bugueiros que circulam dentro da comunidade, deveriam parar com os turistas, para que eles deixassem rendimento para a Vila.” [ENTREVISTADO 35].

Esse seria um projeto cultural, pois, possibilitaria aos turistas conhecerem um pouco mais do que é produzido artesanalmente, na comunidade do Estevão, trazendo renda para a população e, ao mesmo tempo, colocando a Vila do Estevão no roteiro de visitação do turismo em Canoa Quebrada. Esse projeto poderia integrar os *bugueiros*, disciplinando a circulação desses veículos dentro da Vila, uma vez que os poderes públicos não têm conseguido impedir que eles trafeguem por dentro da Vila para terem acesso às dunas.

Na  rea econômica, as sugestões indicaram, principalmente, a criação de novos postos de trabalho e uma maior valorização do trabalho comunitário que gere renda para toda a comunidade. Este foi o posicionamento de 40% dos entrevistados, como mostra o gráfico 20. Percebeu-se, também, o anseio da comunidade em cultivar a terra. Nesse sentido, 20% dos moradores entrevistados sugeriram a criação de projetos que fossem desenvolvidos pela comunidade, de forma a contribuir com a diminuição do custo de vida da população.



Gráfico 20 - Sugestões na área econômica

Nas colocações dos moradores da Vila do Estevão nota-se a importância atribuída às relações socioeconômicas e culturais, que prezem pelos interesses coletivos da população. Essa é uma forma de vida herdada dos primeiros moradores de Canoa Quebrada e da Vila do Estevão, quando ainda eram vilas eminentemente de pescadores.

Outra preocupação da população da Vila é quanto à questão ambiental. Dos entrevistados, 8% destacaram medidas a serem desencadeadas na área ambiental, 56% se detiveram à preservação do meio ambiente e 22% sugeriram manter a Área de Proteção Permanente (APP), de Canoa Quebrada. Eles ainda afirmam a necessidade de melhorar a educação para o meio ambiente, como mostra o gráfico 21, a seguir:

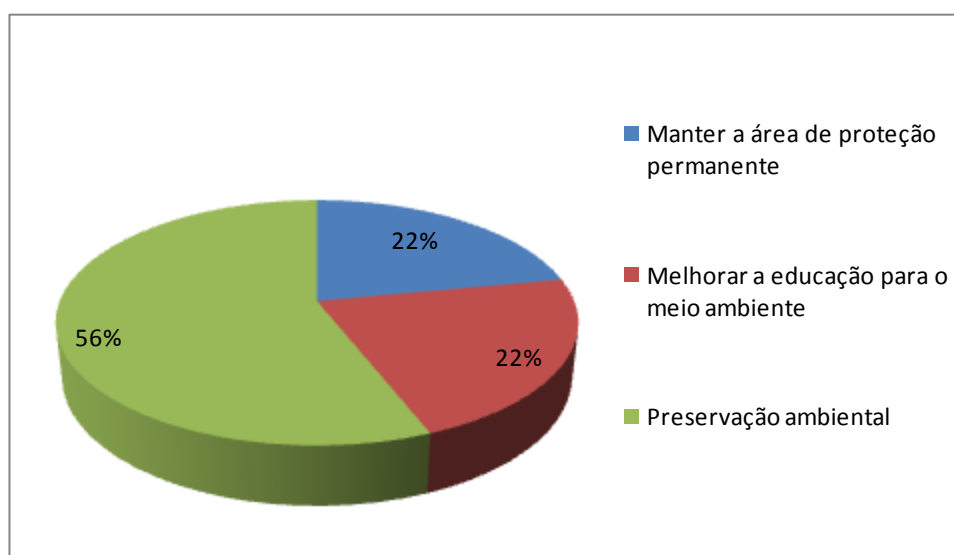


Gráfico 21 - Sugestão na área ambiental

Como forma de preservação do meio ambiente e manutenção da APP, os moradores da comunidade do Estevão, sugeriram maior controle, por parte do poder público competente, quanto à circulação dos carros, que trafegam dentro da Vila, tanto de carros particulares que estacionam sobre as falésias como dos *buggys*, que conduzem os turistas pelas estreitas e emaranhadas ruas tracejadas nas dunas e falésias, sobre as quais se situa a Vila do Estevão:



Fotografia 59- Circulação de *buggy* dentro da Vila do Estevão.
Fonte: Silva, 2012

Essa circulação de carros na Vila é uma preocupação constante para os moradores, porque coloca em risco a segurança da comunidade, principalmente, das crianças e das pessoas idosas, que transitam pelas ruas. É necessário, pois, um ordenamento do espaço da Vila do Estevão, que leve em consideração as medidas sugeridas pelos moradores nativos.

A princípio, foi sugerido pela população da Vila do Estevão, que seja proibido, ali, o tráfego de *buggy*, que sejam colocadas placas de sinalização e orientação aos motoristas e à população. A circulação desses veículos, além de colocar em risco a vida das pessoas, tira a tranquilidade dos moradores. Como nostalgicamente sugeriu uma das moradoras: “- [...] que tivesse a tranquilidade de antes. Os *bugueiros* deixando de circular dentro da vila” [ENTREVISTADA 15].

Consoante 22% dos moradores entrevistados da Vila do Estevão, a educação voltada para o meio ambiente deveria ser prioridade para os poderes públicos. Ainda, como sugestão, para Canoa Quebrada, os entrevistados apontaram a construção de abrigos nos pontos de paradas de transportes coletivos, que eles costumam utilizar para se deslocarem às localidades vizinhas, pois ficam expostos ao sol e à chuva, quando têm que esperar uma condução.

A população nativa de Canoa Quebrada esteve, durante muito tempo, unida em torno de uma solidariedade que se manifestava em momentos importantes de

sua vida, como a luta pela própria sobrevivência. As atividades da pesca e do labirinto, principalmente, foram desenvolvidas com atos de muita solidariedade no cumprimento da função social e econômica que lhe foi reservada. A comunidade da Vila do Estevão, nos momentos em que se viu ameaçada pela disputa da posse da terra, também se uniu para defender o seu espaço de moradia.

Atualmente, com as mudanças de valores ocorridas em Canoa Quebrada, a comunidade da Vila do Estevão vive a necessidade de resgatar essa solidariedade, já vivida, para discutir problemas comuns da comunidade. Isso é sentido na fala, de uma de suas moradoras, ao sugerir que deve haver “- [...] mais união entre as pessoas, para se evitar problemas, por exemplo, como a droga, e que haja uma discussão na comunidade” [ENTREVISTADA16]. Os moradores sugeriram o resgate da união da população para a defesa da comunidade: “- Canoa evoluiu muito rápido, faltou a união da população. Mesmo com o progresso, deve-se manter a área de proteção permanente” [ENTREVISTADO 32].

Outra nativa, ao sugerir medidas que devem ser desenvolvidas em Canoa Quebrada, se manifestou da seguinte forma: “uma comunidade só terá seus problemas resolvidos, quando todos estiverem unidos [...]. É necessário as associações se unirem com a sociedade em geral” [ENTREVISTADA 20].

Outra depoente deixou claro, também, que a população da Vila do Estevão sente falta de ações de solidariedade e de compartilhamento na comunidade, ao sugerir que: “- [...] a comunidade deve se juntar e cada um fazer uma parte do serviço, vender para fora e que o resultado servisse para todos” [ENTREVISTADA 14].

No mesmo sentido, outra das interlocutoras sugeriu “- [...] a união e a solidariedade, entre as pessoas de Canoa Quebrada” [ENTREVISTADO 27]. Essa é uma proposta de quem se preocupa com a preservação da cultura do lugar e com a possibilidade da geração de renda para a comunidade.

Outras sugestões foram dadas em relação aos aspectos econômicos e sociais, para a Vila do Estevão, como a criação de um supermercado, de uma frutaria, de postos de trabalho, de trabalho comunitário rentável para todos, de

redução do custo de vida e de projetos que permitam, ao nativo, trabalhar com a terra, como o cultivo de hortaliças e de plantas medicinais. Também sugeriram a defesa da área de proteção permanente de Canoa Quebrada e uma educação voltada para o meio ambiente, sempre no sentido de se priorizar a preservação dos recursos naturais e, só depois, os interesses econômicos.

Diante das informações e dos posicionamentos dos entrevistados sobre a evolução do turismo em Canoa Quebrada e sobre os danos à memória e à cultura local, ressalta-se a necessidade de reflexão a respeito da transformação cultural e da mudança de valores, ocasionadas pelo mercado turístico, e suas implicações nos espaços relacionais e na autoafirmação identitária da comunidade.

Percebeu-se pelas falas dos entrevistados, que as populações nativas de Canoa Quebrada tentam manter sua cultura de acordo com padrões estéticos originais, reagindo às forças de mercado turístico, ou aliando-se a ele na constituição de um produto cultural, em busca da modernização do seu espaço. Esse conflito é compreensível, visto que a cultura é dinâmica e os lugares se globalizam na medida em que o mundo se globaliza em sua totalidade (LIMA, 2013).

Os moradores da Vila do Estevão deixaram claro o desejo de preservar sua cultura, daí porque, coletivamente, o local foi definido como Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE), com a finalidade de preservar a cultura e o meio ambiente. Essa construção coletiva da cultura, segundo Meneses (2004), resulta da junção de culturas antigas e novas e de formas antigas e atuais de solucionar problemas cotidianos.

Meneses (2004) enfatiza a importância da reflexão sobre as formas de interpretação da cultura como patrimônio para uso turístico, permitindo problematizar o passado, contribuir com o conhecimento e fazer dessa reflexão, instrumento de inclusão social.

Ainda segundo Meneses (2004, p.55), a cultura produz “um significado para as coisas que as pessoas veem e buscam usufruir prazerosamente nas suas vivências como turistas.” Nessa perspectiva, é preciso que haja um planejamento turístico que explore, de maneira sustentável, um atrativo cultural, recorrendo a uma intervenção

prática e reflexiva, que favoreça a democratização do conhecimento sobre o patrimônio cultural da comunidade e a forma correta de utilizá-lo, de forma racional.

Não é pretensão deste trabalho somente apontar os efeitos negativos do turismo, que geram impactos à cultura da comunidade de Canoa Quebrada, nem condenar a modernização advinda da atividade turística, visto que isso é inevitável, em qualquer sociedade, mesmo as mais tradicionais. O que se desejou, com esta pesquisa, foi apontar os impactos socioculturais e socioambientais que a atividade turística tem desencadeado em Canoa Quebrada, destacando a necessidade de se combater o mau uso e a apropriação indevida dos elementos simbólicos e identitários disponíveis nessa comunidade, introduzindo novos valores, contrários à cultura dos nativos, pois somente estes conhecem o verdadeiro valor desse legado cultural, de ordem simbólica, imaterial que só pode ser captado, pelos não nativos, por meio de representações.

A preservação da memória coletiva, da cultura local surge do desejo de afirmação da própria identidade, do resgate da solidariedade e da busca por recuperar, cada vez mais, o seu passado. Além disso, leva a comunidade ao conhecimento de seu patrimônio, conhecimento esse que conduz à valorização (LIMA, 2013).

Viu-se, portanto, que o turismo precisa ser praticado com base na preservação da cultura e não, na sua exploração comercial, permitindo que a comunidade se engaje no processo de recuperação da memória coletiva, de reconstrução da sua história e da verificação das fontes, fortalecendo os seus sentidos e conexão com o espaço vivido, sua identidade cultural, portanto um turismo de base local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se, a partir dos resultados desta pesquisa realizada na Vila do Estevão, que o turismo tem sido importante para Canoa Quebrada, pois tem proporcionado, principalmente, trabalho à comunidade local e das adjacências. Entretanto, a discussão das questões, que envolvem a atuação da atividade turística sobre o espaço físico natural, econômico, social e cultural, deixou dúvidas, quanto aos aspectos positivos que esta atividade produz para as comunidades receptoras do turismo, em especial para Canoa Quebrada.

A população percebe, no turismo, aspectos negativos, que vão desde mudanças provocadas no ambiente físico natural, até as ocorridas nos setores econômicos e socioculturais de Canoa Quebrada, uma vez que o turismo, desenvolvido nesta localidade, é pensado a partir da racionalidade da economia. Para os entrevistados, essa atividade tem causado e disseminado vários problemas na comunidade, sendo a droga, o mais preocupante.

Constatou-se, também, que poucas são as pessoas de Canoa Quebrada, que se envolvem diretamente com as atividades turísticas, que se restringem às atividades desenvolvidas como guias mirins, e organizadores de passeios, com os turistas, em jangadas, em *buggys* sobre dunas e falésias e em animais, pela orla marítima.

Entre a população feminina, a atividade mais predominante é a de recepcionista, que está diretamente ligada ao turismo. Vê-se, porém, que poucas são as pessoas de Canoa Quebrada, que se envolvem diretamente com a atividade turística e têm nela a sua principal fonte de renda.

A população de Canoa Quebrada compreende que o turismo trouxe benefícios para os moradores da região, como um acontecimento importante para essa localidade, pois, trouxe trabalho, emprego e melhoria da qualidade de vida das pessoas. Entretanto, a população que se ocupa com essas novas atividades econômicas, apresenta um padrão de vida que não se alterou significativamente. Por exemplo, os homens e as mulheres que agora trabalham na atividade turística

continuam residindo em áreas e residências precárias. O turismo em Canoa Quebrada, não foi capaz de reduzir as distâncias entre o padrão de vida da população nativa e da população de residentes não nativos, estrangeiros e brasileiros, de outras regiões do país, que participaram do processo de desenvolvimento turístico nesta região.

Canoa Quebrada foi, em toda a sua extensão, uma comunidade pesqueira tradicional, porém perdeu essa característica, ao longo dos últimos quarenta anos, devido aos projetos turísticos instalados, que ameaçaram a identidade do lugar. A vida dos pescadores foi impactada e sua atividade principal, a pesca, sofreu várias alterações.

A introdução da atividade turística em Canoa Quebrada provocou a desestruturação da economia pré-existente. Houve um processo de decadência e mesmo de desaparecimento das atividades econômicas tradicionais a partir do advento do turismo. As comunidades que sempre viveram da pesca, grande parte destas, abandonaram seu sustento tradicional. Mas, esse abandono não se deu pela própria escolha da comunidade. De um lado se deu pela concorrência promovida pela pesca industrial e por outro, pelo desinteresse da comunidade mais jovem pela pesca, diante da promessa do turismo, em proporcionar melhores condições de vida para a população.

Outro elemento que contribuiu para a decadência das atividades econômicas tradicionais em Canoa Quebrada foi a aquisição dos terrenos e a expulsão dos pescadores e suas famílias da orla marítima, promovido pelas atividades imobiliárias especulativas, ligadas direta ou indiretamente ao turismo.

OURIQUES, (2006), discute em seu texto – o desenvolvimento do turismo na periferia capitalista, a defesa, de pesquisadores do turismo, do resgate da cultura local de comunidades tradicionais:

Os pesquisadores do turismo, nos mais variados textos, livros e eventos de discussão acadêmica (encontros nacionais, seminários, congressos...) pautam-se pela seguinte cantilena: efetuar “inventários” de patrimônios naturais, culturais e históricos; levantar potencialidades e defender possibilidades de aproveitamento dos recursos paisagísticos e naturais para o desenvolvimento da atividade turística. Os pesquisadores clamam pelo “resgate” das tradições locais; pela recriação de festas “tradicionais”; pelo

aproveitamento dos “recursos ociosos” dos meios rural e urbano, mesmo das municipalidades mais singelas do ponto de vista populacional (OURIQUES, 2006)³⁶

A pesca artesanal, principal ocupação das comunidades da antiga vila de pescadores de Canoa Quebrada e da Vila do Estevão, atualmente, é praticada, como principal atividade econômica por uma pequena parcela da população e tem contribuído com a queda do consumo de peixe na comunidade. Isso levou à mudança nos hábitos alimentares e na forma de vida da população, que antes era pautada em modos de sobrevivência simples e deu lugar a um espaço em que as estruturas urbanas e a modernização se sobrepõem.

O labirinto, bordado elaborado, no passado, pelas mulheres e as filhas de pescadores, atualmente é feito por mulheres idosas e por filhas de antigos pescadores. É uma atividade tradicional de Canoa Quebrada, que também se encontra ameaçada de desaparecer. A diminuição da elaboração do labirinto tem como principal causa o desinteresse da população mais jovem em praticá-lo e a desvalorização que o bordado tem sofrido no mercado. Isso torna inviável a produção e a manutenção dessa prática artesanal que, no passado, desempenhou importante papel econômico e cultural na região.

A transformação da Vila de pescadores de Canoa Quebrada, em um espaço turístico, motivou a população a desenvolver novas práticas econômicas, sociais e culturais. Logo, os depoimentos da comunidade da Vila do Estevão, quanto às melhorias que essa atividade trouxe para o lugar, enquanto novas práticas não foram eficientes para manter a qualidade de vida que se tinha no passado, visto que a diluição das boas relações sociais que se praticava na região, a perda da importante função social da pesca e da intensa elaboração artesanal e, ainda, a degradação do meio ambiente litorâneo.

Assim sendo conclui-se que as mudanças provocadas pelo turismo em Canoa Quebrada trouxeram perdas para os habitantes, principalmente, para a população da antiga vila de pescadores de Canoa Quebrada, em que o turismo se faz mais presente. A Vila do Estevão, apesar das pressões sofridas pela prática de um

³⁶ Disponível em: <<http://www.espaçoacadêmico.com.br/061/61ouriques.htm>> Acesso em 10 de agosto de 2013.

turismo que não transcende a esfera econômica, ainda mantém, com muito esforço, um espaço que se organiza, segundo os interesses da comunidade pesqueira, embora se percebam importantes mudanças, também, nessa localidade.

As pessoas mais idosas e os visitantes dos anos de 1970 e 1980 sentem saudade de quando Canoa Quebrada era uma simples vila de pescadores de beleza rústica e um tranquilo lugar em que se vivia da pesca e do labirinto. A população mais jovem, envolta pelas estruturas urbanas e condições de vida facilitada por uma sociedade mais moderna, preferem as formas de vida atuais.

Constatou-se, também, que o modelo de turismo, que se desenvolveu no mundo, o turismo como atividade econômica, é o mesmo que se pratica em Canoa Quebrada. Não se percebeu, nessa atividade, uma preocupação dos promotores do turismo com a preservação do ambiente natural e sociocultural da região, ainda que esses elementos tenham sido os que mais atraíram visitantes para o lugar. A atividade turística desencadeada em Canoa Quebrada, espaço com potencialidades turísticas naturais, foi transformado e adaptado aos interesses do turismo, em que os interesses econômicos globais se sobrepõem aos interesses locais.

O turismo em Canoa Quebrada, como observa Ouriques (2006)³⁷,

[...] se inscreve no contexto maior da transformação mercantil de todos os aspectos da vida social. O turismo aparece assim como um veículo da mercantilização de tudo, desde um lugar ao sol até a transformação do folclore em espetáculo programado para os turistas. Afinal de contas, já existem muitos lugares à beira-mar privatizados, nas quais o acesso é exclusivo. Em algumas praias nas periferias do mundo, inclusive, não é sequer permitido o acesso dos “nativos”. Ao mesmo tempo, esses “nativos” são objetos de fotografias quando dançam suas danças típicas, quando praticam seus “rituais bárbaros” ou se vestem de “forma primitiva”.

Todos esses elementos reforçam a necessidade de se desenvolver um turismo adequado às condições locais, sejam elas físiconaturais, econômicas e socioculturais, que venham a corrigir os problemas desencadeados pelo atual modelo de desenvolvimento turístico, como os que foram constatados em Canoa Quebrada.

Os vários problemas ambientais de natureza física, social e cultural detectados pelos moradores da Vila do Estevão, no espaço de Canoa Quebrada,

³⁷ Disponível em: <<http://www.espaçoacadêmico.com.br/061/61ouriques.htm>> Acesso em 10 de agosto de 2013.

tiveram origem com a chegada do turismo na região. Então, é necessário que o poder público, os promotores do turismo e grupos de pessoas comprometidas com as causas sociais e ambientais estabeleçam, metas e ações que contribuam com o desenvolvimento de um turismo que respeite as condições naturais, sociais e culturais das comunidades receptoras do turismo.

Para tentar solucionar os problemas instalados na comunidade e evitá-los no futuro, sugere-se que se estabeleçam diálogos, entre os promotores do turismo e a população local, para que a comunidade seja envolvida em projetos turísticos, propostos para Canoa Quebrada.

Considerando a importância que a educação tem, no processo de formação do homem e na capacidade de transformação da sociedade, recomenda-se aos atores sociais do turismo, desenvolver programas de orientação aos turistas que usufruem os espaços visitados, como forma de lazer ou outros, informando e tornando os turistas conhecedores do meio ambiente visitado, minimizando, assim, os impactos que a atividade turística provocou sobre os espaços.

Vale ressaltar que as reflexões resultantes neste trabalho não se esgotam nesta análise. A pesquisa realizada e a interpretação das informações coletadas permitiram apreender, delinear e identificar as relações sociais, os comportamentos, os sentimentos e os valores, que seguramente, têm um papel importante e, em muitos casos, decisivo na formação de juízo de valor, de atitudes e de ações dos diversos agentes sociais sobre o espaço de Canoa Quebrada.

Finalmente, acrescenta-se que a concretização de um verdadeiro turismo sustentável só será possível quando se buscar estabelecer outras relações sociais, entre os seres humanos, em que os direitos humanos, a cidadania, a solidariedade e a ética sejam respeitados e cumpridos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda de. Refletindo sobre o lugar turístico no global. *In*: CORIOLANO, Luzia Neide M. T. (org.). **Turismo com ética**. p.122–131. UECE. Fortaleza, 1998.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. [org.]. **Paradigmas do Turismo**. Goiânia, Alternativa, 2003.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- ARROYO, Monica (org.). **Da totalidade ao lugar**. Edusp, São Paulo: 2008.
- ARROYO, Monica (org.). **Espaço & método**. Nobel, São Paulo: 1985
- ARROYO, Monica (org.). **Metamorfose do espaço habitado**. Hucitec, São Paulo: 1988.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papius, 1994.
- BANCO DO NOREDESTE DO BRASIL S/A. **Departamento de projetos integrados e de infraestrutura**. Depri. Prodetur-NE, abr./1995.
- BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades do planejamento. Papius. Campinas, 2000.
- BASTIDE, Roger (org.). **Usos e sentidos do termo estrutura**. São Paulo: Edusp/Herder. 1971.
- BATISTA, Sandra Cunha e Guerra, Antonio Teixeira. **A questão ambiental**: diferentes abordagens. Bertrand Brasil LTDA, Rio de Janeiro: 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BENKO, Georges. **Economia espaço e globalização**: na aurora de século XXI. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. Hucitec, São Paulo: 1999.
- BOSS, M. **Na noite passada eu sonhei**. São Paulo: Summus, 1979.
- BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Trad. Josely Vianna Baptista. Bauru: EDUSC, 2002.
- BRASIL, República Federativa do. Banco Nacional de Desenvolvimento Social. *In*: **Caracterização, análise e sugestões para adensamento das políticas de apoio a APLS implementadas nos Estados**. BNDES, 2009.

BRASIL. Presidência da República. Áreas Especiais e de Locais de Interesse Turístico. Lei no 6.513\77. Brasília: Senado Federal, 20 de dezembro de 1977.

BRASILa. Presidência da República. Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. **Lei nº 9.985 de 18 de julho de 2000**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9985.htm> Acesso em: outubro de 2012.

BRASILb. Presidência da República. Parcelamento do Solo Urbano, Lei no 6.766, de 19 de dezembro de 1979. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6766.htm> Acesso em: janeiro de 2013a.

BRASILc. Presidência da República. Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. **Decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4340.htm> Acesso em: outubro de 2012.

BRUSZTYN, Ivan. **Políticas públicas de turismo visando a inclusão social**. [Rio de Janeiro] 2005. VII.110 p.29,7cm (COPPE/UFRJ, m.Sc., Engenharia de Produção,. Tese – Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE, 2005.

CALIZZO, Javier Soneiro. **Aproximación a la geografía del turismo**. Madri: Síntese, 1991.

CANOA BRASILb. Disponível em:<<http://www.canoabrasil.com/rio-jaguaribe.html>> Acesso em: abril de 2010..

CANOA BRASILa. Disponível em:<<http://canoabrasil.com>> Acesso em: março 2010.

CANOA QUEBRADAa. Disponível em: <canoaquebrada.com/cultura/kakos.htm>. Acesso em: Dezembro de 2011.

CANOA QUEBRADAb. Disponível em: <<http://www.canoaquebrada.com.br>> Acesso em: dezembro de 2011.

CARLOS, A. F. **Reflexões sobre o espaço geográfico**.1979. Dissertação (Mestrado em Geografia (Geografia Humana). Universidade de São Paulo – USP. FFLCH. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/afani.htm>. Acesso em: 15 de novembro de 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole**. São Paulo: Contexto, 2003.

CEARÁ. Governo do Estado do. **Rede hoteleira do interior do Estado do Ceará**. Fortaleza: SETUR, 2010.

CEARA. **Números da atividade turística** 2009. Fortaleza, SETUR, 2010.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. A cultura como patrimônio e a vida como cultura: disputas de sentidos na Cidade de Goiás – um patrimônio da humanidade. **Revista OLAM, Ciência e Tecnologia**, ano 8, vol. 8 , n. 1. Rio Claro: p. 122 – 136, 2008.

CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982.

CIRINO, Carlos Alberto Marinho. **Pescadores em terra: o caso de Canoa Quebrada**. O imaginário no processo de transformação de uma colônia de pescadores do litoral cearense. Fortaleza, 96p. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, 1990.

CLAVAL, Paul. **Espaço e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

CLAVAL, Paul. **Espaço e Poder**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

CORIOLOANO, L N. (Org.) **O Turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: FUNECE, 2003.

CORIOLOANO, L N. **O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza**. São Paulo: Annablume, 2006.

CORIOLOANO, L N. **Turismo e geografia: Abordagens Críticas**. Fortaleza: EDUECE, 2005.

CORIOLOANO, L N. Turismo e organização espacial em Fortaleza. *In: Espaço Aberto - Geografia: temas para discussão*, 1. AGB. Fortaleza, Fortaleza: 1989.

CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (Org). **Temas e caminhos da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Economia, cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

COSTA, Rogério Haesbeart da. **O Mito da desterritorialização: do Fim dos Territórios à Multiterritorialidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

COSTA, Rogério Haesbeart da. **Territórios alternativos**. 2 ed., São Paulo: Contexto, 2006.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. A Geografia do turismo no Brasil: uma abordagem centrada na Região Nordeste. *In* LIMA, L C. **Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico**. Fortaleza: UECE, 1998.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Geografia do turismo**. Os Pseudo-Lugares do Turismo. São Paulo: Roca, 2007.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2001. – (Coleção Turismo).

DAMIANI, Amélia Luíza. **Turismo e lazer em espaços urbanos**. São Paulo: Hucitec, 1997. (Col. Geografia. Teoria e Realidade, vol. 42).

DANTAS, Shirley Carvalho. **Turismo, produção e apropriação do espaço e percepção ambiental**: o caso de Canoa Quebrada, Aracati, Ceará. Universidade Federal do Ceará – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente. PRODEMA. 2003.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1985.

DUMAZEDIER, Joffre. **A Revolução cultural do tempo livre**. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1994.

DURHAM, Eunice Ribeiro, CARDOSO, Rute C. L.(org.). **A aventura antropológica**: Teoria e Pesquisa. Paz e Terra, Rio de Janeiro: 1986.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. Tradução de Maria Isaura Ferreira de Queiroz. São Paulo: Nacional, 1971.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Tradução de Vera Ribeiro e revisão técnica de Andrés Daher. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

EMBRATUR /SUDENE. **Programa de ação para o desenvolvimento do turismo no Nordeste**. Recife: PRODETUR; SUDENE, 1992.

ECOTURISMO e DESENVOLVIMENTO, Disponível em: Disponível em:><http://www.ultimaarcadenoe.com/artigo5.htm>> Acesso em: 28 de Julho de 2013.

FERREIRA, Conceição Coêlho, SIMÕES, Natércia Neves. **A evolução do pensamento geográfico**. Lisboa: Codex/Gradiva, 1986.

FONTELES, José Omar. **Turismo e impactos socioambientais**. São Paulo: Aleph, 2004.

FRATUCCI, Aguinaldo César. Os Lugares Turísticos: territórios do fenômeno turístico. *In.*: **Revista GEOgraphia** – Ano II – Nº 4,. p. 121–133, Niterói, 2000.

FRÉMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Tradução de Antonio Gonçalves, Revisão de Antonio Gama Mendes. Coimbra: Livraria Almeida, 1980.

GERTZ, Clifford. **O Saber Local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução de Vera Neto Jocelyne. Petrópolis: Vozes, 2009.

GIRÃO, Raimundo. **Evolução Histórica Cearense**. Fortaleza, BNB. 1986.

GIRÃO, Raimundo. **Fortaleza e a Crônica Histórica**. Fortaleza. Edição UFC – 1989.

GIRÃO, Valdeci Carneiro. Da Conquista à Implantação dos Primeiros Núcleos Urbanos na Capitania do Siará Grande. *IN*; Souza, SIMONE (org.) **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1996.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de fazer pesquisa**: como Fazer Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GOTTIDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. **Artesanato cearense**. Disponível em: <<http://www.ceara.gov.br/?secretaria=Secretaria%20da%20Cultura&endereco=http://www.secult.ce.gov.br/>> Acesso em: 02/04/2010.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. **PRODETUR**. Disponível em: <<http://www.conpam.ce.gov.br/categoria1/prodetur>>. Acesso em: março de 2010.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ. Secretaria do Meio Ambiente do Estado do Ceará – SEMACE. **Canoa Quebrada** Disponível em: <<http://www.semace.ce.gov.br/2010/12/area-de-protecao-ambiental-de-canoa-quebrada/>> Acesso em; janeiro de 2013

GUERRA, A. T. Novo **Dicionário geológico-geomorfológico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

GUERRA, A. T. Processos Erosivos nas Encostas. *In: Geomorfologia - Exercícios, Técnicas e Aplicações*. Orgs. S.B. Cunha e A.J.T. Guerra. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2.ed. 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARNECKE, Marta. **Os conceitos elementares do materialismo histórico**. São Paulo: Global, 1983.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. Tradução: Carlos Szlak. Annablume, São Espaços de Esperança. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Loyola, Paulo: 2009.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. Tradução: Carlos Szlak. Annablume, São Paulo: 2005. (Coleção Geografia e Adjacências).

IBAMA, Superintendência no Estado do Ceará. Núcleo de Educação Ambiental – **O cenário da pesca da lagosta no Ceará: uma visão compartilhada**. 2008.

KAPLAN, David e MANNERS Robert A. **Teoria da cultura**. Tradução de Zahar Editores. Rio de Janeiro: 1975.

LANG, Alice Beatriz de S.G. (org). **Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica**. São Paulo: CERU, 1992.

LARAIA, Roque de Barros. **Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LE GOFF, J. **História e memória**. 4. ed. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 1996.

LEFEBVRE, Henri. **A Vida Cotidiana do Mundo moderno**. Tradução de Alcides João. Aticva, São Paulo: 1991.

LIMA, Luiz Cruz; SILVA Ângela M. F. **O local globalizado pelo turismo**: Jeri e Canoa no século XX. Fortaleza: EDUECE, 2004.

LIMA, Luana Nunes Martins de. **A apropriação da cultura pelo turismo**: a revalorização e a resignificação das identidades culturais. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2013.

LUCHIARI, M. T. D. Urbanização Turística: um novo nexu entre o Lugar e o mundo. *In*: Luiz Cruz Lima (org.). **Da cidade ao campo**: a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza-CE: UECE. 1998

MAGALHÃES, Claudia Ferreira. **Organização do espaço turístico de municípios mineiros**: uma proposta metodológica. 2000. Dissertação. (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade e Lakatos, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas.2003.

MARTINS, G.A.**Epistemologia da pesquisa em administração**. Tese (Livre Docência), Faculdade de Economia e Administração, Universidade de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994.

MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico do currículo**: educação como poésis. São Paulo: Cortez, 1992.

MASINI, E. F. S. O enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. *In*: FAZENDA, I. **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**. Tradução Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. Hucitec-Abrasco, São Paulo/Rio de Janeiro: 1996.

MOLINA, Sergio. **O Pós-Turismo**. Tradução Roberto Spelling. São Paulo: Aleph, 2003.

MORAES, Antonio Carlos, COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia crítica**: a valorização do espaço. São Paulo: editora HUCITEC, 1984.

MORAIS, PINHEIRO e CAVALCANTE. Dinâmica Costeira. *In*: ELIAS, Denise (org.). **O novo espaço da produção globalizada**. Fortaleza: FUNECE, 2002.

MUNIZ, Túlio de Souza. **O Ouro do Mar**. Do surgimento da indústria da pesca da lagosta no Brasil à condição do pescador artesanal na História do tempo presente (1955-2000).**Uma narrativa sociohistórico marítima**. Dissertação de Mestrado em História Social – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 2005.

NASCIMENTO, Cláudia Regina Tavares do. **A participação dos residentes no processo de produção do território turístico em Canoa Quebrada-CE**. Mossoró: UERN, 2012.

NADAL, Egea J. A. **Esfuerzo y captura: Tecnología e sobreexploración de recursos marinhos vivos**. El colégio México. México, D.F. 1996.

NICOLAS, Daniel .H. (org.) **Teoria y praxis del espacio turístico**. México: Universidad Autónoma, Metropolitana – Xochomilco, 1989.

NICOLAS, Daniel .H. Elementos para un análisis sociogeográfico del turismo. *In*: Rodrigues, Adyr A. Balastri. **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 39-53.

NOTÍCIA. **Canoa Quebrada além do mar**. Disponível em: <<http://www.canoaturismo.com.br/?pg=noticia-canoa-quebrada&id=2>> Acesso em: março de 2009.

NOTÍCIA. **Embate Ganha Apoio Político**. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=555864>> Acesso em: 11 de Nov. de 2010.

OLIVEIRA, Alexandre Magno de. **A rede de empreendimentos turísticos e sistema de informação: contexto e desafio em Paraty-RJ**. 2002b. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Instituto de Geociências, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO, 2001. Disponível em:<<http://www.revistaturismo.com.br>>. Acesso em: 07 de Janeiro de 2012.

OURIQUES, Helton Ricardo. **A expansão do Turismo no Brasil e o mito do desenvolvimento**. Disponível em:<http://www.ggepsm.ufsc.br/html/index_arquivos/OURIQUES_HR.pdf> Acesso em:>agosto de 2011.

OURIQUES, Helton Ricardo. **O turismo internacional na economia-mundo capitalista: elementos para uma crítica**. ActaScientiarum. Human and Social Sciences, vol. 34, número 2, Julio-diciembre, 2012, PP. 147-157. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, Brasil. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307325404004>> Acesso em:>05 de Agosto de 2013.

OURIQUES, Helton Ricardo. **O desenvolvimento do turismo nas periferias do capitalismo**. Revista Eletrônica Espaço Acadêmico, Maringá, v. Ano V, n.n. 61, p. 0106,2006. Disponível em:<<http://www.espaçoadêmico.com.br/061/61ouriques.htm>> Acesso em 10 de agosto de 2013.

PANOSSO NETO, Alexandre; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Cenários do Turismo no Contexto da Globalização**. Série Turismo. Aleph, São Paulo: 2009.

PAZ, O. **Tiempo nublado**. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

PONTES, B. M. S. *et al.* **Diagnóstico ambiental e socioeconômico do litoral oriental do Rio Grande do Norte**. Natal: SFP/Fundação Idec/Programa Estadual de Gerenciamento costeiro, 1994, mimeo.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACATI. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracati - PDDU**. Aracati: 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACATI. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracati – PDDU**. Programa de Saúde da Família, 2010.

QUEIROZ, Odaléia Telles. (org.). **Turismo e Meio Ambiente**: temas emergentes. Alínea, Campinas: 2006.

QUEIROZ, Odaléia Telles. Atividades Turísticas e Recursos Naturais. *In*: QUEIROZ, Odaléia Telles (org). **Turismo e ambiente**: temas emergentes. Campinas, São Paulo: Alínea, 2006.

RECICRIANÇA. Disponível em:<<http://www.canoaquebrada.com/cultura/recicrianca/index.htm>> Acesso em: março de 2009.

REV. INTERFACE.Turismo. 10-n.20-jul.-dez.2006.

RODRIGUES, Adyr A. Balastrieri. (org.). **Turismo e Geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996.

RODRIGUES, Adyr A. **Balastrieri.Turismo e Espaço**: rumo a um conhecimento transdisciplinar. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

RODRIGUES, Adyr A.Balastrieri. **Turismo desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1997.

RUPPE rg. Naherholungsraum und Naherholungsverkehr: Ein sozial - und wirtschaftsgeographischer Literaturbericht zum Thema Wochenendtourismus. Starnberg : r Tourismus, 1969.

SADALA, M. L. A. **A fenomenologia como método para investigar a experiência vivida**: uma perspectiva do pensamento de Husserl e de Merleau Ponty. FM Botucatu/UNESP, 1995.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Record, Rio de Janeiro: 2008.

SANTOS, Milton. (org). **Novos rumos da geografia brasileira**. Hucitec. São Paulo, 1988.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Tempo**; técnica e tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Milton. SOUZA, Maria Adélia A. SCARLATO, Francisco Capuano, ARROYO. **O novo mapa do mundo**: fim de século e globalização. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Antonio Silveira Ribeiro. **Ecoturismo e Desenvolvimento**. Disponível em: <<http://www.ultimaarcadenoe.com/artigo5.htm>> Acesso em: 28 de Julho de 2013.

SEABRA, Giovani de Farias. As Rotas Culturais do Turismo Sertanejo. **Conceitos**. v. 5, n.7, p. 113-117, João Pessoa, 2002.

SEABRA, Giovani de Farias. **O Turismo Sertanejo como Alternativa Econômica para o Semiárido**. Departamento de Geociências – UFPB (Brasil), 2001.

SOARES JUNIOR. A. T. P. **A espacialidade do vilegiaturista marítimo em Fortaleza-ce**: práticas e transformações recentes. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

SOJA, Edward W. **Geografia pós-moderna**: a reafirmação do espaço na teoria social. Tradução: Vera Ribeiro; revisão técnica, Berth Becker, Lia Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TILAND, Frank. **Le site de la technique**: éclairages théoriques et enjeux pratiques. Ordre biologique, ordre technologique. Paris: Champ Vallon, 1994.

TOMAZZONI, Edegar Luís. **Acesso ao documento primário**: turismo e desenvolvimento regional, modelo APL TUR, Aplicado à Região das Hortênsias (Rio Grande do Sul – Brasil). 385 f. Tese (Doutorado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo) – Universidade de São Paulo – USP/Escola de Comunicação e Artes – ECA, 2007.

TOMAZZONI, Edegar Luís. **Turismo e Desenvolvimento regional**: dimensões, elementos e indicadores. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

UNICINOS, Instituto Humanista Unisinos. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br>>. Acesso: jan. de 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – MBA executivo em gerenciamento de Projetos **Metodologia da Pesquisa aplicada a projetos**. Disponível em: <PT.scribd.com/doc/59865232/6> Acesso em: 2012.

URRY, John. **O olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1999.

VASCONCELOS, F. P. **Gestão integrada da zona costeira**: ocupação antrópica desordenada, erosão, assoreamento e poluição ambiental do litoral. Fortaleza: Premius, 2005.

XAVIER, Herbe. **A percepção geográfica do turismo**. Aleph, São Paulo: 2007.

Yázigi, Eduardo. **Esse estranho amor dos paulistanos**: requalificação urbana, cultura e turismo. São Paulo: Global, 2006.

YI-FU TUAN, Topofilia. **Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

Sites Pesquisados:

www.pousadadosventos.com.br

www.longbeachcanoa.com

<http://www.canoabrasil.com>

<http://www.ocarete.org.br/povos-tradicionais/>

www.portalcanoaquebrada.com.br

www.santuários.com.br

www.ibge.gov.br

www.imagesearch.com

www.jangadabrasil.com

www.revistabrasil.org

www.olharaprendiz.com.br/projetolabirinto

www.turismobrasil.gov.br

<http://diariodonordeste.com.br> . 2008

[Correio brasiliense.com.br](http://Correiobrasiliense.com.br)

[Http//super.abril.com.br](http://super.abril.com.br)

Vivaterra.org.br/crustáceos

<http://portal.iphan.gov.br>

[www.canoabrasil.com/majorlandia/pousadas-majorlandia-ceara brasil-php](http://www.canoabrasil.com/majorlandia/pousadas-majorlandia-ceara-brasil-php)

<http://www.canoabrasil.com/majorlandia/index.php>

www.rotairoceara.uol.com.br

www.seturce.gov.br

www.touristicmachine.com.br

www.terra.com.br/ceara

www.citybrazil.com.br

www.touristicmachine.com.br

APÊNDICE

APÊNDICE A**ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADO**

Para Pesquisa Realizada na Vila do Estevão/Canoa Quebrada

Dirigida à população da Vila do Estevão.

Data da entrevista: ___/___/___ Horário: ___:___

1. Sexo: Masc. () Fem. ()

2. Idade: _____

3. Ocupação:

4. Quanto tempo reside no local: _____

5. Nativo () É da família Estevão Sim () Não ()

Não nativo () De que região _____

6. Porque escolheu a Vila do Estevão para morar?

7. Como era a Vila do Estevão e Canoa Quebrada no passado?

8. Como é a Vila do Estevão e Canoa Quebrada atualmente?

9. Que tipo de relação a comunidade do Estevão mantém com o Núcleo de Canoa Quebrada?

10. Que atividade desenvolve atualmente?

11. O turismo tem sido:

() Bom. Por que?

() Ruim. Por que?

12. O que mais chama atenção em Canoa Quebrada?

13. Quais são os principais problemas de Canoas Quebrada e da vila do Estevão?

14. Meio Ambiente: O que mudou?

15. O que significa Canoa Quebrada para Você?

16. O que identifica Canoa Quebrada?

17. Fale sobre a pesca.

18. Fale sobre o labirinto.

19. Qual a sua avaliação das políticas públicas municipais (Aracati) e estaduais?
Municipais?

Estaduais?

20. Sugestões:
